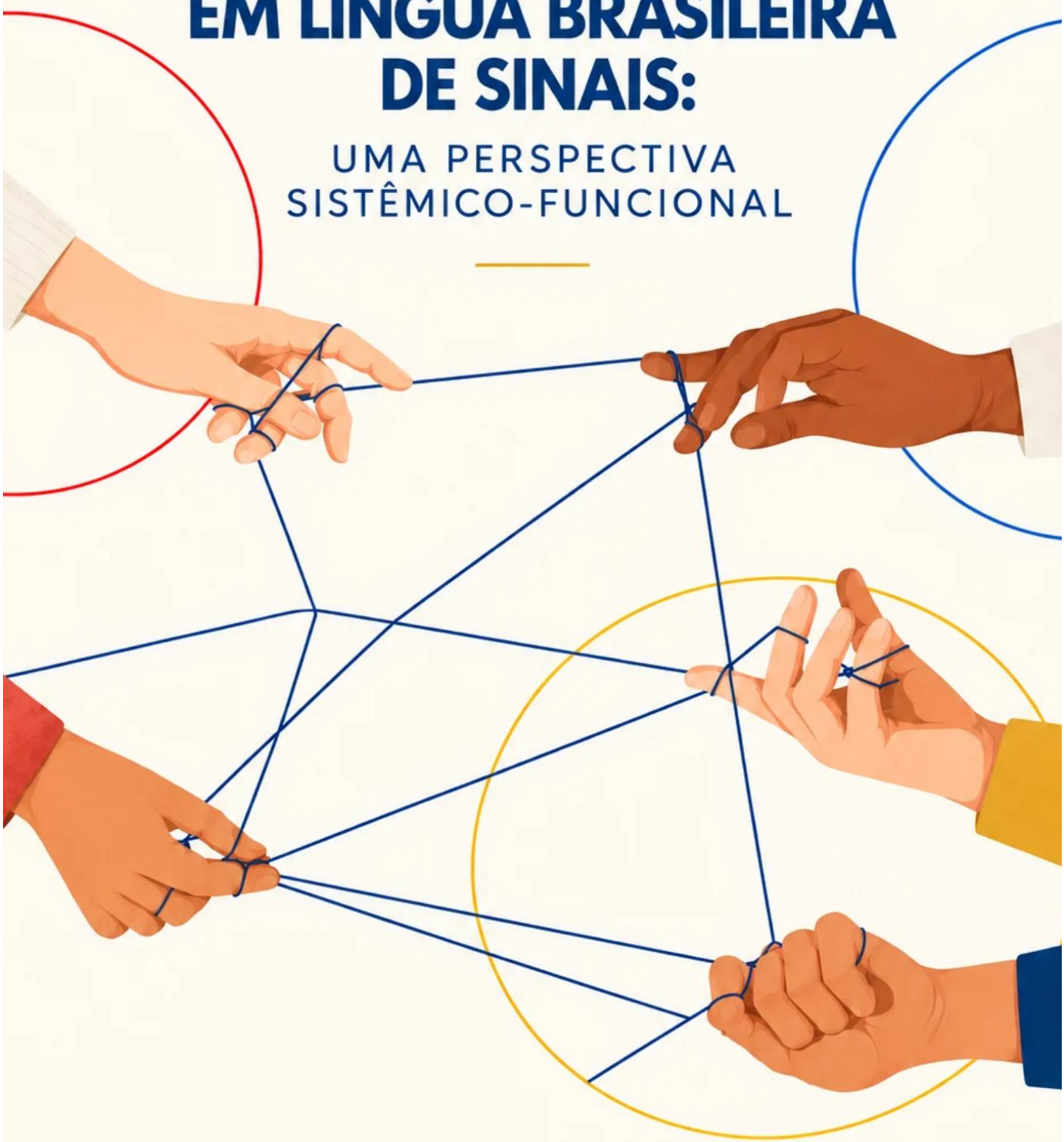
Lucas Eduardo Marques Santos

AFILIAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:

UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL



LetrasdoCerrado
EDITORA UNIVERSITÁRIA

AFILIAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

LUCAS EDUARDO MARQUES SANTOS

CATALÃO

2026

LetrasdoCerrado
EDITORA UNIVERSITÁRIA

PPGEL
Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

Reitora
Roselma Lucchese

Vice-Reitor
Cláudio Lopes Maia

Coordenação da Editora Letras do Cerrado
André Ribeiro Macario
José Luís Solazzi

Editoração
Leonardo Ferreira Prado

Conselho Editorial
Alexandre de Assis Bueno
André Carlos Silva
André Vasconcelos da Silva
Antônio Fernandes Júnior
Domingos Lopes da Silva Júnior
Estevane de Paula Pontes Mendes
Helder Nagai Consolaro
José Luís Solazzi

Copyright © 2026 LETRASDOCERRADO

A imagem da capa foi gerada com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT/OpenAI e edidata/finalizada por Lucas Eduardo Marques Santos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborada pelo bibliotecário-documentalista
Marcio Luiz Fernandes Barbosa (CRB 1/3161)

Santos, Lucas Eduardo Marques
Afiliação em língua brasileira de sinais: [recurso eletrônico] uma perspectiva sistêmico-funcional. / Lucas Eduardo Marques Santos. Catalão (GO) : Editora Letras do Cerrado, 2026.
Recurso online (245 p.) : il.

Bibliografia.
Modo de Acesso: WWW
Publicação digital (e-book) no formato PDF.
ISBN: 978-85-93870-25-5

1. LIBRAS. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Linguística Sistêmico-Funcional. I. Título.

CDU 81'221.24

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	**06**
1.	**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DAS LÍNGUAS DE SINAIS: A VISIBILIDADE SOCIAL DOS SURDOS**.....	**11**
1.1	Reafirmação Cultural: o surgimento da Libras e as políticas linguísticas para Surdos no Brasil.....	**19**
1.2	Desmistificando as Línguas de sinais: estudos linguísticos.....	**23**
2.	**UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL PARA COMPREENSÃO DA LÍNGUA(GEM)**.....	**49**
2.1	A perspectiva sistêmica de estratificação da linguagem.....	**53**
2.2	Instanciação em LSF.....	**56**
2.3	Contexto de situação: registro e suas variáveis.....	**58**
2.4	Contexto de cultura: o que é Estrutura Potencial de Gênero (EPG) e Gênero em LSF.....	**60**
2.5	Metafunção Interpessoal.....	**62**
2.6	Modos oracionais em LSF.....	**65**
2.6.1	Sistema léxico-gramatical de MODO.....	**66**
2.6.2	Elementos interpessoais na oração.....	**68**
2.6.3	O estrato semântico-discursivo e seus sistemas.....	**70**
2.6.3.1	Sistema semântico-discursivo de NEGOCIAÇÃO.....	**71**
3.	**LIBRAS: ASPECTOS SOCIOSSEMIÓTICOS**.....	**76**
3.1	Protolíngua: o início da comunicação humana.....	**79**
3.2	Paralinguagem: outros sistemas sociossemióticos.....	**85**
3.3	Gestos: um sistema sociossemiótico visual.....	**88**
3.4	Língua de Sinais: Sinais e sua formação.....	**92**
3.4.1	Instanciação em Libras.....	**94**
3.4.2	Aspectos da interpessoalidade em LS.....	**99**
4.	**POR QUE ESTUDAR AFILIAÇÃO (AFFILIATION)**.....	**104**
4.1	A AFILIAÇÃO no âmbito da LSF.....	**107**
4.2	Unidade social mínima: vínculos.....	**110**
4.3	Acoplamentos: Domínios sociossemióticos interpessoais.....	**112**
4.4	A AFILIAÇÃO na perspectiva de Knight.....	**117**
4.5	A AFILIAÇÃO na perspectiva de Zappavigna.....	**123**
4.5.1	Ambiente de Afiliação em Línguas de Sinais.....	**129**
5.	**METODOLOGIA**.....	**138**
5.1	Caracterização da pesquisa.....	**138**
5.2	Contexto de situação: o registro e suas variáveis na formação do *corpus* de pesquisa.....	**141**
5.2.1	*Corpus* da pesquisa.....	**142**
5.2.1.1	Libras e Língua Portuguesa: o uso do sistema de Glosas.....	**143**
5.2.1.2	Tradução interlinguística.....	**145**
5.2.2	Tratamento dos dados.....	**146**
5.2.2.1	Termos em LSF e citações teóricas.....	**148**

5.2.2.2 Procedimentos de análise..... **149**
5.3 Contexto de cultura: a entrevista enquanto Estrutura Potencial de Gênero – EPG..... **149**

6. **ANÁLISE DO *CORPUS***..... **155**
6.1 Gerenciamento (*manage*) do diálogo..... **155**
6.2 AFILIAÇÃO por pertencimento (*Communing Affiliation*): convocação (*convoking*)..... **160**
6.2.1 Convocação pronominal (*marshal*)..... **166**
6.2.2 Convocação por designação (*designate*)..... **172**
6.3 AFILIAÇÃO por refinamento (*finessing*)..... **183**
6.4 AFILIAÇÃO por moderação (*promote/tempering*) **190**
6.5 AFILIAÇÃO por riso (*Laughing Affiliation*) …….. **204**
6.6 AFILIAÇÃO por reprovação (*Condemning Affiliation*)…….. **208**

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... **211**

REFERÊNCIAS..... **218**

INTRODUÇÃO

O Círculo Linguístico da Escola de Praga contribuiu significativamente para o avanço de abordagens preocupadas com a noção social ligada à estrutura da língua. Como expõem Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 13), "o que caracterizou suas análises foi a adoção de uma noção teleológica de função. Para eles [linguistas e críticos literários], a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de ser utilizada para determinado fim".

Uma abordagem funcionalista apoiada por uma perspectiva de gramaticalização ajuda a entender a linguagem como um sistema dinâmico, que se adapta às necessidades comunicativas e contextuais, e oferece uma compreensão mais profunda e objetiva de como é operacionalizada para atender às demandas comunicativas em constante mudança.

A Linguística Sistêmico-Funcional – LSF, mais especificamente a metafunção interpessoal, tem marcado minhas publicações e o avanço em meus estudos, desde meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL, para alcançar a titulação de Mestre. Por esse motivo, esta pesquisa será desenvolvida com a intenção de investigar quais elementos léxico-gramaticais da Língua Brasileira de Sinais – Libras[1] e, consequentemente, semântico-discursivos foram/são utilizados pelos interactantes, para construir um diálogo viso-espacial em Língua de Sinais – LS, posto que a Libras é uma língua reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades Surdas no Brasil, pela Lei 10.436/02[2].

Nesse sentido, almejo investigar quais estratégias visuais e espaciais os interlocutores de entrevistas utilizaram para desenvolver o vínculo comunicativo, ou seja, quais estruturas do sistema dialógico de AFILIAÇÃO (*Affliation*), com base em Martin (2009), Zappavigna (2014, 2015), Makki e Zappavigna (2022), Knight (2010a, 2010b) e outros, circundam a troca de significados potenciais instanciados em duas entrevistas realizadas para a formação do "*Corpus* de Libras" (Quadros *et al.*, 2020), disponibilizado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Esta investigação se justifica pela robustez teórica e a visibilidade que a LSF vem ganhando, no Brasil, desde as primeiras ações da professora e linguista Leila Barbara e sua participação no grupo de pesquisa *Systemic Across Language* – SAL. Atualmente, advindos

[1] Foram utilizados outros termos para nomear Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros – LSCB, ou também Língua de Sinais Brasileira – LSB, enquanto padrão de referência internacional. Porém, devido à utilização da mesma sigla para identificar e referenciar a Língua dos Sinais Britânica – LSB, esta sigla ganhou espaço principalmente após a homologação da Lei 10.436/02.

[2] Enquanto pesquisador sistemicista, reconheço a existência de outras LS que coexistem com a Libras no Brasil, mas, como elas não constituirão o recorte desta investigação, sugiro a leitura de Silva (2021) e expresso a necessidade de que, também, sejam investigadas por meio da LSF.

desse grupo, pesquisadores ex-orientandos de Leila elaboraram um novo projeto, que é coordenado pela professora Sara Scotta Cabral e recebe o nome de Sistemas Ambientes e Linguagem, também denominado SAL; por intermédio de minha orientadora, professora Dra. Fabíola Aparecida Dutra Parreira Almeida, também faço parte dele.

Para este livro, observo a necessidade da discussão sobre os conceitos relacionados aos contextos de situação e de cultura (Halliday, 1975; Halliday; Hasan, 1989; Halliday; Matthiessen, 2004; Fuzer; Cabral, 2014), que sustentam teórico-metodologicamente minha hipótese de pesquisa: que a AFILIAÇÃO se constitui como um sistema dialógico ligado à metafunção interpessoal.

Também em caráter propositivo, são desenvolvidas análises situando os 'mecanismos' propostos por Knight (2010a, 2010b) como subsistemas. São eles: AFILIAÇÃO **por pertencimento** (*Communing Affiliation*), **por riso** (*Laughing Affiliation*) e **por reprovação** (*Condemning Affiliation*). Especificamente, apresento o subsistema **por pertencimento** e suas categorias – **convocação** (*convoking*), **refinamento** (*finessing*) e **moderação** (*promoting/ tempering*), conforme as designações de Zappavigna e Martin (2018), Zappavigna (2011, 2014, 2015, 2018), Makki e Zappavinga (2021) e Inwood e Zappavigna (2021).

A minha atuação como Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa – TILSP e minha convivência com a comunidade Surda goiana, atualmente a de Catalão, ao longo de 17 anos, aliadas aos estudos de teóricos da área da surdez, me deram subsídios para analisar, questionar e refletir sobre a estrutura da Libras e os recursos viso-espaciais usados para negociar os significados num Ambiente Afiliativo, ou Ambiente de AFILIAÇÃO (*Ambient Affiliation*).

Para tal empreitada, baseio-me em autores como Stokoe (1960), Battison (1974, 1978), Quadros e Karnopp (2004), Diniz (2010), Viotti (2008), Skliar (1997, 2010, 2015), Ferreira (2010), Ferreira-Brito e Langevin (1995), Perlin (2003, 2005, 2016), Strobel (2007, 2008, 2009), Sá (2003), Gesser, Costa e Viviani (2009), entre outros, para consubstanciar este estudo voltado à descrição semântico-discursiva da interação viso-espacial em Libras.

O intuito principal do presente livro foi investigar como e quais elementos sociossemióticos visuais da léxico-gramática da Libras auxiliam na produção de negociação dos significados interpessoais semântico-discursivos, para a realização da AFILIAÇÃO no discurso, considerando o contexto de situação eleito para a realização deste estudo. Também, especificamente, busco:

(a) Identificar os elementos léxico-gramaticais em LS, para auxiliar na descrição das orações viso-espaciais;

(b) Apresentar a interpessoalidade e como esta se projeta em contextos de interação em que os indivíduos utilizam LS;

(c) Produzir reflexões acerca da AFILIAÇÃO, por meio de análises da interação estabelecida entre entrevistadores e entrevistados, nos diálogos disponibilizados gratuitamente pelo projeto "*Corpus* de Libras", da UFSC.

Retorno ao ano de 2007, quando tive meu primeiro contato com a Libras e um ano depois me tornei TILSP, em uma pequena cidade do estado de Goiás chamada Iporá. No ano de 2010, ingressei na Universidade Federal de Goiás – UFG, em Goiânia, como acadêmico do curso de Licenciatura em Letras: Libras[3], no qual conheci os estudos linguísticos voltados à Libras e por eles me encantei.

Já naquela época, o ato de investigar aspectos formativos e linguísticos dessa LS me causava inúmeras inquietações quanto ao funcionamento da gramática viso-espacial. Após o contato com a LSF, me envolvi em estudos relacionados à interpessoalidade, especialmente em análises voltadas ao sistema de AVALIATIVIDADE. Isso me despertou outras dúvidas teóricas a respeito do uso da Libras, partindo do pressuposto de que essa língua se constitui como um sistema sociossemiótico.

Neste livro, busco, então, aprofundar os estudos dos elementos interpessoais na comunicação em LS. Procuro investigar a formação de vínculos comunicativos em Libras, trazendo um novo olhar sobre o momento de produção dos diálogos viso-espaciais. Além disso, considerando o *corpus* selecionado, procuro responder às seguintes perguntas de pesquisa:

(a) Quais elementos semântico-discursivos possibilitam a AFILIAÇÃO em um diálogo viso-espacial?

(b) Como a interpessoalidade pode ser compreendida na Libras?

(c) Quais recursos interpessoais foram utilizados pelos Surdos para promover a Instanciação desses significados?

Logo, esta pesquisa se faz relevante, por oportunizar uma ampliação de discussões relacionadas às investigações em LS a partir de um viés sistêmico-funcional. Dessa forma, considero importante mencionar que há uma escassez de produção científica voltada para essa área, já que a concatenação de estudos associando a Libras e a LSF são muito recentes.

Esta investigação também pretende fornecer subsídios analíticos que reforcem a necessidade da elaboração de políticas linguísticas brasileiras, para além das que já possuem reconhecimento, como a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, pois apresenta a riqueza não apenas de um ponto de vista especificamente linguístico, mas também traz à tona a

[3] Graficamente, o curso em Licenciatura e Bacharelado ofertado pela UFG é representado pelo acréscimo de dois pontos ":" entre os termos **Letras** e **Libras**, marcando a identidade da universidade e de seu curso quando citado em outros documentos.

complexidade da produção de significados culturais que propiciam a aplicação e o uso desta língua (a Libras) em direção à promoção de uma justificativa educacional bilíngue e intercultural para cidadãos Surdos no Brasil.

Por esse motivo, analisar uma LS com uma lente sistêmica permite que o pesquisador, primeiramente, reveja os conceitos teórico-metodológicos utilizados por outras teorias e, em um segundo momento, promova uma nova reflexão sobre a viso-espacialidade considerando os estratos propostos pela LSF.

A ideia aqui não é questionar outras teorias que analisam as estruturas gramaticais das LS, mas sim observá-las em seu uso, ou seja, como o caráter social implica essas estruturas linguísticas viso-espaciais, em um de seus contextos de situação. E, com tal finalidade, articulo uma sequência de capítulos que me auxiliarão na construção desse conhecimento sistêmico-funcional e que se caracterizam como sustentáculo de elaboração deste livro.

No Capítulo 1, **Aspectos socioculturais das línguas de sinais: a visibilidade social dos Surdos**, discorro sobre o processo histórico-cultural de inclusão social das pessoas com surdez. Apresento o início dos estudos linguístico das LS e alguns modelos fonológicos que permitem a discussão sobre aspectos decomposicionais dessas línguas. Além de destacar o motivo pelo qual são utilizados termos gerais da linguística tradicional, que se pauta em estudos de cunho oral-auditivo como (fono-), para se referir a estratos de um sistema sociossemiótico viso-espacial.

Considero relevante expor, brevemente, os aspectos socioculturais das LS, bem como o início dos estudos linguísticos que auxiliaram na promoção do *status* dessas línguas, os quais anacrônica e diacronicamente possibilitaram a elaboração deste livro. Esse capítulo serve, portanto, ao propósito de que muitos pesquisadores sistemicistas poderão utilizar este estudo preliminar, para compreender os conceitos sistêmico-funcionais aplicados a uma língua de modalidade viso-espacial, mesmo que eles não pertençam a alguma comunidade Surda ou conheçam a Libras ou outra LS.

No Capítulo 2, **Uma abordagem sistêmico-funcional para compreensão da língua(gem)**, apresento os princípios da LSF, bem como sua organização em metafunções, seus estratos e o conceito de Instanciação. Ademais, exploro o conceito de contexto de situação e de cultura e a definição da metafunção interpessoal, que entende a língua a partir das relações e seus sistemas léxico-gramatical, sistema de MODO, e semântico-discursivo, NEGOCIAÇÃO, e como esses podem ser observados em LS.

No Capítulo 3, **Libras: aspectos sociossemióticos**, abordo questões que inserem a Libras em uma perspectiva holística de sua estrutura. Os pontos observados nesse capítulo

delineiam características do desenvolvimento da lingua(gem) humana desde o período protolinguístico, Fase I, até o desenvolvimento de um sistema sociossemiótico complexo, Fase III, sendo perpassado simultaneamente por outros sistemas que se inserem na comunicação como paralinguagem.

No Capítulo 4, **AFILIAÇÃO segundo a LSF**, introduzo a noção teórica de AFILIAÇÃO e mostro como ela é entendida na perspectiva trazida por Knight (2010a, 2010b) e por Zappavigna (2018), entre outros autores, que se preocuparam com a compreensão da interação comunicativa tendo como ponto de partida os vínculos e seus possíveis acoplamentos de significados interpessoais. Nesse sentido, desenvolvo o conceito da estrutura do diálogo em Libras a partir do vínculo e do ambiente de AFILIAÇÃO.

No Capítulo 5, **Metodologia**, exponho os caminhos que me conduziram à caracterização da pesquisa, incluindo o entendimento do contexto de cultura associado ao gênero e do contexto de situação ligado ao registro e suas variáveis. Descrevo o objeto de análise, projeto "*Corpus* de Libras", e o tratamento dos dados que me levaram à seleção do *corpus* da pesquisa. Vale salientar que o projeto eleito para estudo é referenciado enquanto material bibliográfico, o que dispensou a necessidade de submissão da proposta desta pesquisa à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética.

No Capítulo 6, **Análise do *corpus* de pesquisa**, analiso as interações em Libras baseadas na estrutura viso-espacial que os interactantes utilizam para negociar informações. Para tanto, faço uso de 29 excertos das duas entrevistas extraídas do "*Corpus* de Libras", discutindo sobre como os vínculos e os acoplamentos resultam em escolhas de AFILIAÇÃO e como essas podem contribuir para o entendimento da comunicação em LS, no caso a Libras.

Finalizo com as **Considerações finais**, seção na qual compilo os resultados das discussões apresentadas no Capítulo 6, buscando responder às perguntas delimitadas para esta pesquisa. Partindo da disposição de segmentar as entrevistas em excertos, busco argumentar a importância dos estudos em LSF e suas contribuições para as pesquisas que envolvem a Libras como um sistema linguístico, pelo qual uma comunidade Surda utiliza recursos visuais e espaciais para expressar suas experiências, utilizando, no estrato semântico-discursivo, a NEGOCIAÇÃO, a FUNÇÃO DA FALA, a AVALIATIVIDADE. Esse uso visa instanciar e realizar vínculos sociais, por meio de acoplamentos interpessoais viso-espaciais, e produzir uma relação interativa que pode ser verificada por escolhas afiliativas que funcionam como 'pontes' de alinhamento/não-alinhamento social.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DAS LÍNGUAS DE SINAIS: A VISIBILIDADE SOCIAL DOS SURDOS

Ao longo dos anos, por meio de movimentos políticos, o povo surdo[4] vem avançando na conquista de seus direitos civis e deixando, mesmo que vagarosamente, a estigmatização, o capacitismo e o preconceito. Atualmente, os Surdos[5] vêm ampliando a ocupação dos espaços de pertencimento nas camadas sociais; porém, faz-se necessário olhar para o passado dessas comunidades com o intuito de entender o papel social desses indivíduos.

Strobel (2009) aponta que a história do povo surdo se constitui de três períodos (fases), como mostrarei na sequência. No primeiro período, chamado de **Revelação Cultural**, os Surdos não enfrentavam grandes desafios na área educacional, de acordo com a pesquisadora, e as maiores dificuldades estavam relacionadas ao meio social, isto é, as lutas dos Surdos eram direcionadas ao fato de ansiarem ser cidadãos plenos, superando as barreiras sociais. Como destacarei mais à frente, os conceitos filosóficos da Antiguidade clássica e o papel desenvolvido por eles em outras sociedades antigas registram a exclusão histórica e marginal a que foram submetidos.

No segundo período, denominado de **Isolamento Cultural**, como evento principal ocorreu o Congresso de Milão, em 1880, que marcou um retrocesso histórico que culminou no isolamento das comunidades Surdas. A visão clínica da surdez produziu mitos e representações que desqualificavam os indivíduos Surdos enquanto cidadãos. Foi nesse período que as LS foram tidas como inferiores, ocasionando em sua guetificação, assunto que também será abordado com mais atenção adiante.

Já o terceiro período, seria o **Despertar Cultural**, que ocorreu nos anos 1960 subsidiado pela influência de William Stokoe e seus estudos fonético/fonológicos na Língua de Sinais Americana – ASL, que contribuíram para o reconhecimento linguístico das LS.

---

[4] "Quando pronunciamos 'povo surdo', estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços" (Strobel, 2008, p. 31).

[5] Desde a pesquisa de mestrado, utilizo Surdo com a letra (S) maiúscula, assim como Ramos e Costa-Fernandez (2018, p. 234), que defendem que "O uso do S (maiúsculo) é utilizado como forma de destaque, diferenciando-se do termo surdo com s (minúsculo), o que identifica uma cisão entre o Surdo político e adepto de uma cultura, da comunidade, e o surdo que se adequa ao sistema dominante".

Considerando, também, as inúmeras produções científicas voltadas para os estudos tanto da surdez, quanto das LS no mundo todo, proponho a inclusão de um quarto período, chamado de **Reafirmação Cultural**. As LS já possuem um arcabouço científico-metodológico amplo, iniciado por Stokoe (1960) e Battison (1974, 1978), que passou a ser utilizado como fonte principal de conhecimento para a inserção da Libras na educação inclusiva, a criação e a implementação de escolas e salas bilíngues no Brasil, visto que o Bilinguismo para Surdos se tornou uma luta mundial desse povo.

Na Antiguidade, na Idade Média e no Renascimento, além do caráter social, nota-se as primeiras tentativas de instrução aos indivíduos Surdos, o que marca o início da fase de Revelação Cultural, e como a instrução estava, não raras vezes, associada à nobreza e indicando uma disparidade na educação.

Na antiga Pérsia, existem registros de que as pessoas surdas eram alvo de escárnio e zombaria, sendo, muitas vezes, ridicularizadas e expostas como palhaços da corte, utilizadas para proporcionar entretenimento a um sultão, como afirma Berthier[6] (1840, p. 7, tradução minha): "Sem saber o que fazer com os surdos-mudos de seu império, empregou o mais inteligente para jogar pantomimas para entreter os problemas de sua alteza!"[7].

Também, segundo o autor, "Entre os egípcios, pelo contrário, entre os persas acima de tudo, seu destino era o objeto da solicitude religiosa do povo. Olhamos para a sua enfermidade como um sinal visível de favor celestial"[8] (Berthier, 1840, p. 7-8, tradução minha). Naquela época, a existência de um indivíduo com surdez era interpretada de maneira mística, já que, para essa civilização, os deuses haviam confiado aos Surdos algum mistério sagrado. Por esse motivo, eles eram apontados como "pessoas especialmente escolhidas" (Choi *et al.*, 2011, p. 5).

Os Surdos eram frequentemente colocados à margem da sociedade, especialmente no que diz respeito à participação política e ao exercício da cidadania. Berthier (1840, p. 5-6,

---

[6] "Ferdinand Berthier era surdo congênito e nasceu em 1803 na cidade de Louhans, na França. Foi considerado por Laurent Clerc, professor também surdo, o mais brilhante aluno do Instituto para Surdos de Paris. Berthier entrou para o Instituto aos 8 anos, onde formou-se, e trabalhou posteriormente como professor. Foi também uma figura importante na comunidade literária de seu tempo. Berthier escreveu vários livros e numerosos artigos sobre o surdo, sua educação e seus direitos legais. Criou a primeira organização social para o surdo em Paris e foi a primeira pessoa surda a receber o prêmio Legião de Honra. Berthier escreveu a biografia de l'Epée (1712-1789), em um artigo denominado 'O surdo antes e depois do abade l'Epée', a pedido dos membros da Sociedade para as Ciências Morais, Letras e Artes de Seine-et-Oise [...]. Esse artigo seria usado como argumento para oferecer a l'Epée um prêmio dado anualmente a uma pessoa ilustre da sociedade francesa." (Nascimento, 2006, p. 256).

[7] **No original:** *Ne sachant que faire des sourds-muets de son empire, employait les plus intelligents à jouer des pantomimes pour charmer les ennuis de Sa Hautesse!* (Berthier, 1840, p. 7).

[8] **No original:** *Chez les Égyptiens, au contraire, chez les perses surtout, leur destinée était l'objet de la sollicitude religieuse du peuple. On regardait leur infirmité comme un signe visible de la faveur céleste* (Berthier, 1840, p. 7-8).

tradução minha) ressalta que: “Entre alguns povos, na Antiguidade, os pais, tão envergonhados e afligidos com o nascimento de uma criança surda-muda, esquivam-na de todos os olhares”[9]. Isso se devia, em parte, à concepção tradicional de que a capacidade de fala e audição era essencial para o envolvimento político, conforme preconizado pela perspectiva aristotélica e outros filósofos da Antiguidade.

Durante a hegemonia do Império Romano e suas conquistas, que abrangeram um extenso período, desde o estabelecimento da República Romana (509 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.), ocorreram transformações significativas nas estruturas sociais, políticas e culturais. Porém, mesmo cunhando mudanças relativas aos indivíduos Surdos, “Os Romanos privavam os Surdos de direitos legais, eles não se casavam, não herdavam os bens da família” (Silva, 2009, p. 1). E, inclusive, algumas crianças eram excluídas do meio familiar por possuírem “algum defeito” (Choi *et al.*, 2011, p. 6).

Na Idade Média, a compreensão e o tratamento das pessoas surdas variavam, assim como a grande influência da Igreja e o teocentrismo, associado a uma visão de pecado, confinavam os Surdos a uma vida sem direitos sociais, como herança etc. Além disso, o entendimento de que somente por meio do ato de confissão o indivíduo estaria apto a uma vida social tornou os Surdos seres menosprezados, conforme Berthier (1840, p. 4, tradução minha): “até meados do século XVI, sob a fé eu não sei de que leis absurdas, eles estavam quase em todos os lugares renegados à categoria de tolos e alienígenas”[10].

Com a Idade Moderna e o início do período renascentista, observamos avanços notáveis no entendimento da surdez e na educação de pessoas surdas, destacando-se as contribuições de Girolamo Cardano (1501-1576) e Pedro Ponce de Leon (1510-1584). Girolamo Cardano foi um médico e filósofo que reconheceu que a surdez não era uma barreira intransponível para o desenvolvimento das pessoas surdas. Diferentemente de muitas concepções da época, ele argumentou que os Surdos poderiam desenvolver habilidades e competências significativas. Já Pedro Ponce de Leon, monge beneditino espanhol, fundou a primeira escola para Surdos em *Valladolid*, na Espanha, dentro de um mosteiro. Ele, também, desenvolveu métodos educacionais para ensinar Surdos, aproveitando a experiência da ordem beneditina, que fazia votos de silêncio.

Infelizmente, há poucos registros escritos sobre os métodos específicos de Ponce de Leon, mas é conhecido que ele obteve sucesso no ensino e na comunicação dos/com os Surdos.

---

[9] **No original**: *Chez quelques peuples, dans l'antiquité, les parents, aussi honteux qu'affligés de la naissance d`un enfant sourd-muet, le dérobaient à tous les yeux* (Berthier, 1840, p. 5-6).

[10] **No original**: *Jusqu`au milieu du XVI siècle, sur la foi de je ne sais quelles lois absurdes, ils étaient presque partout relégués dans la catégorie des idiots et des aliénes* (Berthier, 1840, p. 4).

Após sua morte, a prática educacional que desenvolveu não foi bem documentada, e suas técnicas caíram no esquecimento. Porém, apesar da falta de registros, a escola para professores de Surdos, criada para ensinar suas técnicas, indica a importância de seu legado e a tentativa de disseminar suas práticas (Strobel, 2009).

Outras célebres figuras na área foram Fray de Melchor Yebra (1526-1586) em Madrid e seu *Refugium Infirmorum*, livro publicado postumamente, em 1613, que efetua e demonstra uma descrição do alfabeto manual daquela região em sua época, e Juan Pablo Bonet (1579-1623), também conhecido como Marquês de Frenzo, que teve um papel crucial na história da educação para Surdos na Espanha durante o início do século XVII, uma vez que aos Surdos oralizados era garantido o direito à herança. Com a criação de um *Abecedário* manual (ver Figura 01), seu trabalho foi marcado por avanços significativos, especialmente na promoção da comunicação oral para pessoas surdas.

Figura 01: *Abecedário* desenvolvido por Juan Pablo Bonet (1579-1623).



Fonte: *História de Aragon*, 2017.

Há, também, as publicações de John Bulwer (1614-1684), em que o médico britânico buscou defender o ensino para surdos por meio da LS, como pode ser observado na Figura 02:

Figura 02: Capa do livro *Chirologia or the Natural Language of the Hand* (1644).



Fonte: *The Public Domain Review* (2016).

Figura 03: Algumas páginas do livro *Chirologia or the Natural Language of the Hand* (1644).



Fonte: *The Public Domain Review* (2016).

Com publicações como essas, a história da educação para Surdos foi marcada por momentos de progresso, seguidos por desafios persistentes, incluindo a disseminação e tentativas de elaboração de métodos eficazes de ensino para Surdos.

No início do Isolamento Cultural, em meados do século XVIII, os métodos de ensino e a representação social das pessoas surdas foram pautados na incapacidade, um "defeito" que precisaria ser consertado para que o Surdo fosse aceito em sociedade. Então, o *status* de inferioridade mostra como a oralização tentou moldar os Surdos sob um ponto de vista ouvinte.

Segundo Strobel (2009), surgiram vários modelos de ensino e pesquisas que formam a base histórica que modelaram os papéis sociais dos Surdos na atualidade. Dentre esses nomes, está o médico suíço Johan Conrad Ammon (1669-1724), que publicou o método pedagógico de leitura labial e fala chamado "*Surdus Laquens*". Esse método envolvia o ensino da leitura labial[11] para que os Surdos pudessem desenvolver a fala. Outro destaque é o professor francês de Surdos Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), que ensinou sua irmã a emitir sons da língua oral, levando-a à oralização. Ele também aplicou esse método em outros surdos.

Conforme Strobel (2009), existiram três vertentes educacionais voltadas para os surdos. A primeira está relacionada à escola francesa para Surdos, fundada em 1755 por Charles Michel de L'Epée (1712-1789), que usava LS e inventou sinais metódicos para o desenvolvimento da linguagem escrita. L'Epée tornou-se uma referência, especialmente no debate entre métodos oralistas e o uso de LS: "em seu trabalho, utilizava os sinais pelos quais os surdos se comunicavam entre si e também inventou outros, que denominava sinais metódicos, utilizados para o desenvolvimento da linguagem escrita" (Rocha, 2008, p. 18). A segunda vertente aparece com a escola para Surdos na Inglaterra, inaugurada no ano de 1760 por Thomas Braidwood (1715-1806), que fazia uso do método orofacial para ensinar significados de palavras e pronúncia aos Surdos. De acordo com Strobel (2009, p. 22), "ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia". Já a terceira vertente associa-se à escola oralista alemã, fundada em 1778 por Samuel Heinicke (1729-1790) em Leipzig. Segundo Rocha (2008, p. 18), "seu método de ensino era oral, embora utilizasse alguns sinais e o alfabeto digital, com o objetivo de desenvolver a fala".

Strobel (2009) também relata as atividades do médico francês Dr. Jean-Marc Gaspard Itard (1774-1838), que ficou conhecido por seus relatórios sobre o menino Victor, encontrado na floresta ao sul da França, com doze anos, apresentando comprometimentos graves. Seus procedimentos com Victor contribuíram para o avanço de pesquisas, sobretudo sobre o autismo.

[11] Leitura labial, também conhecida como leitura orofacial, é a habilidade do receptor na detecção de palavras em línguas orais por meio de pistas articulatórias produzidas pelo emissor.

Nesse cenário da educação de Surdos, outra figura ilustre foi o Reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), que, após tentativas de ensinar uma menina surda, estudou no Instituto dos Surdos de Paris. Retornou aos Estados Unidos da América (EUA) com Laurent Clérc e fundou a primeira escola para Surdos na América, que mais tarde se tornou uma universidade com ASL como língua de instrução conhecida como *Gallaudet University*.

Essa segunda fase destaca a dicotomia entre gestualização e oralização, especialmente no século XVIII, sobretudo com a realização do Congresso Internacional de Surdo-Mudez ocorrido em Milão, em 1880, que se tornou um marco negativo significativo na história de luta das comunidades Surdas no mundo. Nesse evento, houve uma promoção da oralização, estabelecendo uma visão ouvintista normativa em relação aos Surdos. Esse período foi marcado pelo entendimento dos Surdos como "anormais" e pela crença de que precisavam ser "curados" por meio da oralização.

Esse Congresso de Milão influenciou as políticas educacionais em relação ao método de instrução a ser adotado nas escolas para Surdos. As principais questões discutidas no Congresso incluíram a escolha entre três métodos: (a) o Método Oral Puro, que mantinha a ênfase em ensinar os surdos a lerem os lábios e previa a terapia de fala na tentativa de normalizá-los para que fossem inseridos socialmente; (b) o Método dos Sinais, que defendia o uso de LS como um meio legítimo para comunicação e educação de pessoas surdas; e (c) o Método Combinado, que se propunha a aproveitar os dois métodos citados anteriormente, pois reconhecia que havia vantagens em ambos.

Após as deliberações, contando com a influência de Alexander Grahan Bell (1847-1922) e a leitura de uma carta escrita pela Sr.ª Ackers, esposa de um dos membros do Congresso, na qual relatara a experiência exitosa de aplicação do Método Oral em sua única filha, que havia ficado surda aos três meses de idade, os 160 delegados (dos 164 presentes) votaram a favor da promoção do oralismo puro como método de formação formal para surdos. Essa decisão teve um impacto duradouro nas políticas educacionais voltadas a essas pessoas.

A decisão do Congresso gerou controvérsias contínuas ao longo do tempo: de um lado, havia os oralistas; do outro, havia defensores dos métodos de sinais que continuavam a argumentar pela validade e eficácia do uso das LS na educação de surdos. A decisão levou o contexto educacional a uma estagnação de conceitos e de métodos que ocasionaram grandes impasses tanto explicitamente, a exemplo das reformulações dos currículos, pois esses excluíam as LS, quanto implicitamente, pela tentativa de obrigar os Surdos a se encaixarem em um modelo social totalmente ouvinte indicando sua normalização. De acordo com Corrêa e Souza (2023, p. 106),

> O objetivo do emprego do Oralismo, no desenvolvimento do educando, é ensiná-lo a falar e, para isso, a corrente pressupõe o uso de técnicas de ensino da língua oral desconsiderando que esses procedimentos poderiam machucar física e psicologicamente a criança e que outros aprendizados e vivências necessárias a ela eram colocados em segundo plano. Outrossim, a própria percepção do surdo enquanto minoria linguística (em uma perspectiva socioantropológica) foi questionada e ampliou a visibilidade da concepção clínico-terapêutica.

Esse enfoque, muitas vezes, desconsidera(va) as dimensões culturais, linguísticas e identitárias do povo surdo e pode se manifestar de diversas maneiras, incluindo a discriminação e a falta de acessibilidade a oportunidades educacionais e profissionais, bem como na interação social. Essa estereotipificação das pessoas surdas não captura a diversidade e a individualidade desses indivíduos, porque contribui para a disseminação de percepções distorcidas e injustas. O que resulta em um impacto negativo das representações e dos discursos associados à surdez ao longo da história. Strobel (2007, p. 23) afirma que:

> Temos as variações de representações no decorrer de história de surdos e ao lado destas representações, baseadas nos discursos ouvintistas, encontramos os vários estereótipos negativos acerca de surdos, tais como o mudo, deficiente, anormal, doente e outros.

A mudança dessa perspectiva acontece, na contemporaneidade, influenciada pelos estudos do linguista norte-americano Stokoe (1960), que identifica padrões fonológicos na ASL. Foi assim que surgiu um novo olhar sobre as LS, enxergando seu *status* linguístico, o que acabou refutando vários mitos ligados ao uso dos sinais por parte das comunidades Surdas e marca o início da fase de Despertar Cultural, em que:

> As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30).[12]

Esse terceiro período destaca movimentos de resistência, incluindo a resistência das LS, indicando possivelmente um reconhecimento da importância das línguas de sinais na educação de Surdos. Além disso, houve o surgimento da filosofia educacional da comunicação total como um método de ensino que visa envolver a utilização de diferentes modos de comunicação, como

[12] Esta citação foi adequada à nova regra de escrita, segundo o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.

fala, leitura labial, gestos e LS, buscando uma abordagem mais abrangente para atender às necessidades individuais dos Surdos.

Vale reafirmar que o ano de 1960 foi o início de uma nova percepção não somente para as LS, mas para toda a comunidade Surda mundial, que, frente aos avanços sociais, despertou a reflexão sobre a eficácia do oralismo puro e apontou um caminho diferente para a educação de Surdos. Porém, como Strobel (2007, p. 21) enfatiza, o prejuízo causado pelo Congresso de Milão ainda repercute na contemporaneidade, pois

> A sociedade não conhece nada sobre povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como "coitadinhos", "que pena", ou lida como se tivessem "uma doença contagiosa" ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento.

As desigualdades sociais, o preconceito e a inferiorização das LS marcaram um retrocesso da concepção coletiva social que estereotipifica esses cidadãos Surdos como incapazes, aprisionando-os em um silêncio que começa a ser desvelado com a introdução do método de comunicação total apoiado pela perspectiva da educação inclusiva.

1.1 Reafirmação Cultural: o surgimento da Libras e as políticas linguísticas para Surdos no Brasil

Para compreender o desenvolvimento da Libras, será preciso voltar um pouco no tempo: "Em 1855, um professor surdo, E. Huet[13], oriundo do Instituto Surdos de Paris, apresentou um relatório a D. Pedro II, cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil" (Rocha, 2008, p. 19). Então, em 1857, na capital do estado do Rio de Janeiro, foi fundado por Dom Pedro II o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, que atualmente é conhecido como Instituto Nacional da Educação de Surdos – INES. A criação do INES se constituiu como um marco histórico na educação dos Surdos brasileiros que passaram a receber instrução e também pode ser considerado o grande marco da criação da Língua de Sinais no Brasil. O que se tinha anterior a esse período nada mais eram que sinais e gestos caseiros utilizados em comunicações simplórias. O INES se tornou o local ideal para a interação entre Surdos de várias localidades brasileiras, o que proporcionou solo fértil para a língua de sinais. Como assinala

[13] Segundo Rocha (2008, p. 28), E. Huet é um personagem histórico de extrema relevância para a educação de Surdos no Brasil; porém, "todos os documentos por ele assinados, e que constam no acervo do INES, não revelam o seu primeiro nome. [...] Nos documentos internos do INES, [...] o nome do fundador do INES aparece como E. Huet ou simplesmente Huet". Por esse motivo, nesta pesquisa, sempre que precisar mencionar o nome desse pioneiro na proposta de educar os Surdos em nosso país, utilizarei E. Huet.

Rocha (2018, p.174), “Além de suas atribuições regimentais, o INES, em sua trajetória de 160 anos, configura território político, acadêmico e afetivo da comunidade surda brasileira”.

Infelizmente, como resultado do Congresso de Milão ocorrido em 1880, a educação de Surdos no Brasil passou a utilizar a abordagem oralista, o que influenciou negativamente no desenvolvimento da Língua de Sinais no país. Esse período durou quase 100 anos e foi denominado por Skliar (2015) como “holocausto linguístico vivenciado pelos Surdos”. Influenciada pelo fracasso do oralismo nos anos 1980, inicia-se a segunda abordagem de educação de Surdos que é a Comunicação Total; segundo essa abordagem, toda forma de comunicação é válida. Mais ou menos nessa mesma época, a Constituição Nacional definiu: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (Brasil, 1988), ou seja, as pessoas com deficiência, incluindo os Surdos, têm os mesmos direitos que as pessoas sem deficiência. O que é um grande marco histórico-legal para a igualdade social no país.

No ano de 1996, foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB 9.394. Esse documento aborda, pela primeira vez, sobre a Educação Especial ocorrer prioritariamente na rede regular de ensino. Isso trouxe grandes avanços para as pessoas com deficiência, que deixaram de ser inseridas exclusivamente em casas de apoio ou escolas especiais e passaram a ter direito de acesso à educação regular de ensino.

Algum tempo depois, no ano 2000, a Lei da Acessibilidade, Lei 10.098, “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências”. Em seu capítulo VII, essa lei trata da acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização, para “garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer” (Brasil, 2000).

Em 2002, ocorreu um dos principais marcos histórico-legais da comunidade Surda, que é o reconhecimento da Libras enquanto língua, sendo considerada um meio de comunicação e expressão dessa comunidade. Tal conquista se deu a partir de muita luta por parte de militantes Surdos e ouvintes, que não mediram esforços na consolidação da Libras no Brasil. A Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, é conhecida como a Lei da Libras e traz a obrigatoriedade da oferta dessa disciplina nos cursos de Pedagogia, Educação Especial, Fonoaudiologia e demais Licenciaturas.

O Decreto 5.626/2005 veio para regulamentar a Lei 10.436/2002 e o Art. 18 da Lei 10.098/2000. O documento discorre sobre o uso e a difusão da Libras, da formação dos

Tradutores Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa – TILSP, dos professores e dos instrutores de Libras. Nele, também, são apresentados os direitos dos Surdos brasileiros à saúde, à educação, além de apresentar o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão dos serviços públicos, no apoio ao uso e à difusão da Libras.

Em 2010, a Lei 12.319 reconhece a profissão dos TILSP e menciona a formação exigida para exercer a profissão nos mais variados níveis educacionais. A partir desse reconhecimento, concursos públicos foram realizados para preenchimento de vagas desses profissionais, principalmente para atuação nas Instituições de Ensino Superior – IES, garantindo a acessibilidade linguística e a inclusão dos Surdos nessas IES.

A Lei Brasileira de Inclusão – LBI, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei 13.146, foi sancionada em 2015. Esse documento contempla os direitos das pessoas com deficiência – PcD e o Transtorno do Espectro Autista – TEA, incluindo orientações sobre a surdez, pois prevê a "oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas" e representando uma grande conquista para a comunidade Surda no país.

Em 2021, a Lei 14.191 foi sancionada, alterando a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue para Surdos. Segundo essa nova Lei,

> Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (Brasil, 2021).

Esse documento vai ao encontro do que aborda a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que apresenta a necessidade de se "utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital" (MEC, 2017, p. 9), para que o aluno possa atingir as competências gerais da Educação Básica.

Por fim, a Lei 14.704, sancionada pelo governo Lula em 2023, altera a Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras. Essa alteração trouxe grandes ganhos aos profissionais TILSP, o que corrobora melhorias no processo educacional dos Surdos e no uso e na difusão da Libras.

Os documentos elencados até o momento contribuem não somente com o reconhecimento da Libras e o fomento de seu uso, mas também para a formação dos profissionais que atuam com essa língua e com a educação de Surdos. Por esse motivo, esses dispositivos histórico-legais consolidam a admissão da existência da chamada cultura surda e das múltiplas identidades dos indivíduos Surdos. Conforme explica Strobel (2009, p. 24),

> Cultura surda é o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Essa perspectiva constrói, segundo Perlin (2016), a heterogeneidade das identidades desse povo. Na maioria das vezes, os Surdos vivem submersos em cenários colonizadores ouvintistas que reforçam a estereotipificação desses indivíduos na sociedade. A autora classifica essas identidades conforme a situação e a relação linguística das pessoas surdas com o meio em que se encontram inseridas, pois, consoante Witkoski (2017, p. 883), cerca de "90 a 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes", o que impacta negativamente para que elas desenvolvam tardiamente uma identidade Surda completa. Isso ocorre somente quando os Surdos passam a ter contato com seus pares, ou seja, outros Surdos.

Para Perlin (2016), as identidades do povo surdo podem ser classificadas em cinco tipos: Identidade surda, Identidade surda híbrida, Identidade surda de transição, Identidade surda incompleta, Identidade surda flutuante. É oportuno mencionar que a Identidade surda é facilmente identificada nos Surdos que vivenciam o mundo através da visualidade.

Ademais, mesmo após todo percurso histórico traçado anteriormente, a comunicação entre as pessoas surdas por meio das LS persistiu e, sincronicamente, pode-se observar o desenvolvimento de inúmeras pesquisas que se voltam ao estudo dessas línguas. Esse movimento social e acadêmico se deve às inúmeras lutas das comunidades Surdas em todo o planeta, contribuindo para a inserção social e cidadã desses indivíduos.

O respaldo legislativo e a perspectiva internacional voltada para a educação inclusiva despertaram, no contexto brasileiro, a criação dos cursos de Letras-Libras e fomentaram pesquisas voltadas para a área da surdez. Às leis criadas, vale acrescentar a Lei 12.303/2010, que tornou obrigatória e gratuita a implementação e a aplicação do chamado "teste da orelhinha", para a identificação precoce da surdez em recém-nascidos.

A expor essa retomada do processo histórico acerca da percepção sobre as pessoas surdas, bem como o percurso de formação e de consolidação da Libras no Brasil,

indubitavelmente serviu para sustentar a urgência e a relevância de que novas pesquisas sejam realizadas com o intuito de dar visibilidade às comunidades Surdas que vivem em um território nacional de dimensões continentais. Nesse sentido, devido ao uso de uma língua minoritária, observou-se o aparecimento de muitos mitos associados às pessoas surdas (Gesser, 2009), o que pode ser considerado uma tática ouvintista que tende a perpetuar a marginalização desses indivíduos nas sociedades nas quais teoricamente eles se encontram inseridos. No próximo subtítulo, essa temática será vista de forma mais ampliada.

1.2 Desmistificando as Línguas de Sinais: estudos linguísticos

As produções linguísticas das pessoas surdas estão intimamente atreladas à visão social desses indivíduos inseridos em uma comunidade majoritariamente "ouvintecêntrica", que abrange inclusive o contexto educacional (Cruz; Carneiro; Ludwig, 2024, p. 73). A inferiorização desse povo parte de uma perspectiva clínico-patológica pautada na incapacidade. Muitas vezes, a situação de preconceito e a de distanciamento dos Surdos ocasionam discriminações explícitas e implícitas, instalando-se até mesmo de modo estrutural na formação predominantemente ouvinte da cultura e serve como suporte para a perpetuação do capacitismo[14].

Dessa relação histórica surgem os mitos ligados à surdez e às LS. De acordo com Gesser (2009), a interação social dos Surdos e o uso das LS foram, ao longo dos anos, construindo muitos equívocos que se transformaram em preconceitos, devido à falta de informação baseada em uma perspectiva da incapacidade clínico-patológica, de forma que esses mitos frequentemente subestimam a capacidade e a complexidade humanas, contribuindo para a desinformação sobre o papel cultural e linguístico que desempenham os Surdos e suas comunidades. Os mitos, portanto, refletem e perpetuam uma visão colonizadora de preconceitos que dificultam a valorização das LS e limitam o acesso e a inclusão desse povo (Strobel, 2007).

[14] "Capacitismo: ato de discriminação, preconceito ou opressão contra pessoa com deficiência. É barreira atitudinal. Em geral, ocorre quando alguém considera uma pessoa incapaz, por conta de diferenças e impedimentos corporais. O capacitismo está focalizado nas supostas 'capacidades das pessoas sem deficiência' como referência para mostrar as supostas 'limitações das pessoas com deficiência'. No capacitismo, a ênfase é colocada nas supostas 'pessoas capazes', as quais constituem a maioria da população e são supostamente consideradas 'normais'". Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dosdeputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/o-programa/glossario.html. Acesso em: 23 nov. 2024. E de acordo com a Lei 13.146/2015, em seu Art. 88, o ato de "Praticar, induzir ou incitar discriminação de pessoa em razão de sua deficiência" prevê pena de reclusão de um a cinco anos, incluindo multa. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 23 nov. 2024.

Na sociedade contemporânea, a ideia de que as potencialidades das pessoas surdas estão restritas a um "defeito" emerge, como expõe Skliar (2015, p. 39), o sentido histórico construído em uma dada cultura e, também, por uma questão de consciência de classe marcada pela produção de identidades, as quais cabem aos Surdos definir:

> Podemos escolher nos submeter ou podemos escolher não nos submeter. Os surdos submissos seguem a trilha da cura de sua deficiência, da "reabilitação", da assunção da identidade do "colonizador", da mutilação de seus corpos em prol da adaptação ao ideal daquele que coloniza, o ouvinte. Os surdos não submissos reagem. Se auto afirmam como o que são e sempre foram, enaltecem o orgulho e a auto estima por serem o que são e resistem bravamente até o fim, firmes em seus objetivos de serem aceitos e reconhecidos pelo que são (Rezende Junior; Pinto, 2007, p. 208).

Isso implica que os Surdos e pesquisadores de LS têm lutado para o reconhecimento de sua língua, uma vez que ela não se constitui como pantomima (Klima; Bellugi, 1979), não é uma língua universal (Quadros; Karnopp, 2004), possui uma gramática própria (Stokoe, 1960; Ferreira, 2010[15]; Sandler; Lillo-Martin, 2006; Liddell, 2003; entre outros). Além dessas características, a LS possibilita expressar não somente conceitos concretos, mas também abstratos, não sendo uma modalidade linguística atrelada às LOs (Gesser, 2009).

Nesse contexto, a ideia de código secreto foi desmistificada, a partir dos avanços educacionais iniciados por L'Épée e outros, como já discutido, e também corroborado por Ferreira (2010, p. 16): "As línguas de sinais, entretanto, por serem línguas naturais, persistem. Apesar das proibições e preconceitos de que têm sido alvo, elas resistiram heroicamente através dos tempos. Isso demonstra a fortaleza de um sistema consistente".

Retomo, então, os estudos de Stokoe (1960), que teve seu papel fundamental na consolidação de descrições linguísticas contemporâneas das LS. Enquanto linguista, ele desenvolveu um estudo descritivo decomposicional e utilizou sua experiência acadêmica para analisar os elementos visuais da *American Sign Language* (ASL), o que culminou em um esquema analítico de três elementos básicos. Para Stokoe, isoladamente, tais elementos não produziam significação; porém, quando combinados, formavam um 'Sinal', que "[..] corresponde ao signo linguístico na comunicação em línguas de sinais" (Prado, 2014, p. 15).

A descrição inicial realizada por Stokoe (1960) dos elementos visuais foi graficamente representada por: *Tabula* (TAB) "[...] é aquele aspecto do complexo visual não analisado chamado de sinal que pela proximidade de uma parte do corpo do sinalizante, pela posição no

[15] A autora Lucinda Ferreira, ao longo das suas pesquisas em Libras, possui outras formas de referenciação, como: Ferreira-Brito, Ferreira Brito, Brito. Por esse motivo, considerando as reimpressões de sua valiosa obra, considerei tratá-la nesta tese conforme a ficha catalográfica da versão de 2010.

espaço, ou pela configuração dos sinais de mão imóveis [...]" (Stokoe, 1960, n.p.), que se contrapõe ao *Designator* (DEZ), Configuração de Mãos, e à *Signation* (SIG), que seria o Movimento ou a Mudança da DEZ na TAB. Alguns anos depois, as pesquisas de Battison (1974, 1978) adicionaram à proposta de Stokoe elementos como a Direção (Dir) e a Expressão Facial, que mais tarde se tornaram a Orientação da Palma (OP) e as Expressões Não-Manuais (ENM), que também são chamadas, por alguns autores, de Expressões Faciais e Corporais (EFC) ou, simplesmente, Expressões Faciais (EF).

Pensando, também, nesse distanciamento dos estudos de uma língua sonora, Stokoe propôs o termo **Quirologia** (*Cherology*), posto que a raiz (*quiro*-) advém do grego como análogo à fonologia, no qual a unidade mínima seria composta dos Quiremas (*chereme*) e dos (*allochers*[16]), conforme Stokoe, Casterline, Croneberg (1965, p. xxix-xxx).

No Brasil, Barros (2008), ao desenvolver uma proposta grafológica para as LS conhecida como Escrita de Línguas de Sinais (ELiS), propôs a substituição do prefixo (*quir*-) pela prefixação (*viso*-), a partir da qual cunhou os termos **visograma**, "[...] conjunto de símbolos que representam o recorte do continuum visual das LS" (Barros, 2008, p. 25); **visético**, equivalente ao que é **fonético**; **visêmico** em substituição ao termo **fonológico** e a mudança do termo **fone** por **viso**. Além disso, fonemas foram tratados pela autora como **visema** e, quanto à escrita, "neste sistema, podem ser denominados mais tecnicamente como **visografemas**, ou seja, unidades mínimas (-ema) escritas (graf-) dos visemas (vis-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente como letras" (Barros, 2008, p. 25). Tais denominações podem ser conferidas no Quadro 01:

Quadro 01: Comparativo terminológico proposto por Barros (2008).

Campo das LS	Campo das LO
Visema	Fonema
Viso	Fone
Visologia	Fonologia
Visética	Fonética
Visêmico	Fonêmico
Visético	Fonético
Aloviso	Alofone
Visografema	Alfabeto

Fonte: Barros (2008, p.140).

[16] Esse termo ainda possui um caráter obscuro ou muito específico, nos estudos de LS, criado por Stokoe. Parece ter uma relação mais contextual, que implicaria em uma variação/modificação contextual ligada a um *cherema*, que poderia ocorrer tanto no estrato fonológico ou relacionado à coarticulação, ou até mesmo por variações estilísticas ou dialetais. Também não está clarificado se o termo pode ser relacionado à alomorfia ou alofonia das LS. Por esses motivos, considerei não o traduzir em termo equivalente para a Língua Portuguesa e vejo a necessidade de pesquisas que possam desenvolver o conceito.

Torna-se relevante destacar que estudos posteriores a Stokoe se apropriaram dos vocábulos próprios da linguística, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, entre outros, para consolidar e reforçar a característica das línguas de cunho viso-espacial, distanciando-as das estruturas das línguas orais. Autores como Battison (1973, 1974), Battison, Markowicz e Woodward (1975), Friedman (1976), McIntire (1977) e Wilbur (1985) buscaram uma compreensão dos níveis das LS baseados na questão articulatória associada ao caráter restritivo e combinatório.

> [...] Para línguas de sinais, a fonologia separa sistematicamente o conjunto de gestos que podem representar significados em uma dada língua de sinais de toda a gama de gestos que podem ser produzidos pelo corpo. Isso envolve restrições sobre formas subjacentes (condições de estrutura de morfema) e restrições de variação de superfície, expressas por regras fonológicas[17] (Battison; Markowicz; Woodward, 1975, p. 292).

Diferentemente dos fones e dos fonemas das LOs, as partes menores de formação de um Sinal, no léxico das LS, foram e são chamados de parâmetros[18]. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 51), "Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço", o que mostra a relevância dos estudos pioneiros de Stokoe (1960) que, por uma questão de prototipicidade dos elementos visuais observados, desenvolveu a análise já mencionada. Ferreira (2010) infere que, para a realização dos Sinais, é possível perceber a existência de eixos na mão que tornam legítimos a estruturação das Configurações de Mão – CMs. Conforme expressa a autora, "a configuração de mão pode permanecer a mesma durante a realização de um sinal, ou pode ser alterada, passando, neste caso, de uma configuração estática para outra [...]" (Ferreira, 2010, p. 221).

Na Figura 04, podem ser vistos os eixos perpendiculares, iniciados a partir da base carpal (O), os quais apresentam a relação articulatória distintiva entre o polegar (X) e os demais

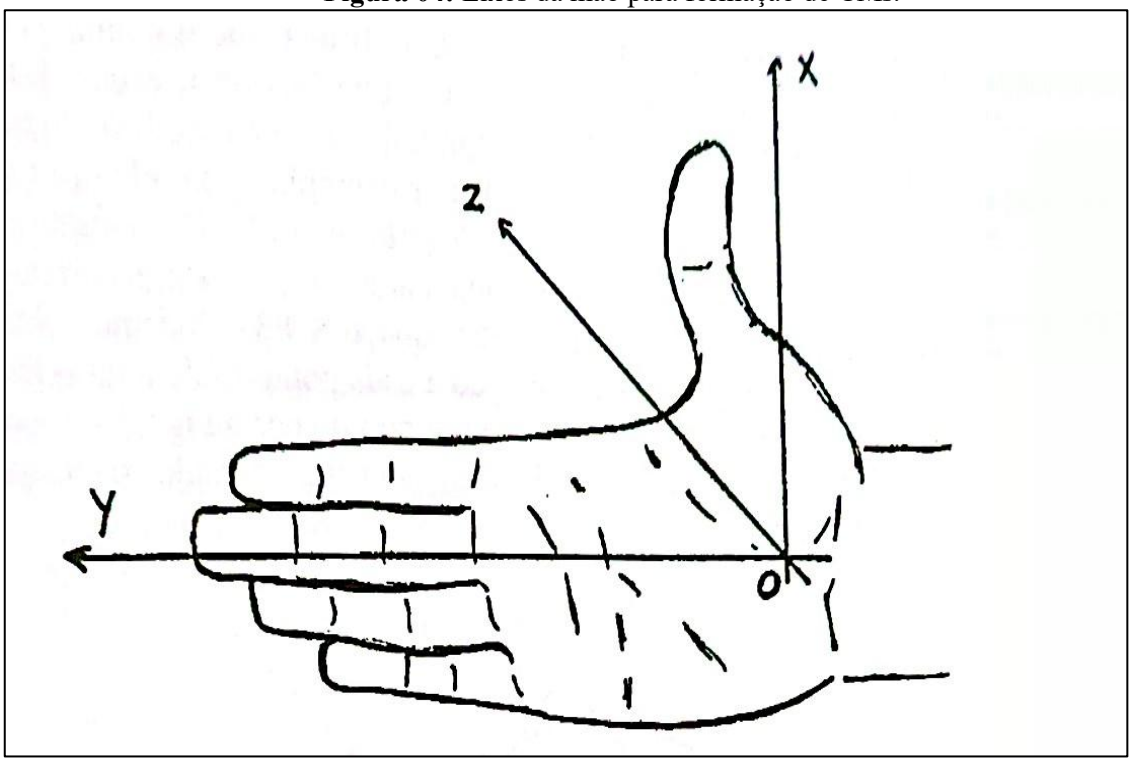
---

[17] **No original:** *[...] For sign languages, the phonology systematically separates the set of gestures which may represent meanings in a given sign language from the entire range of gestures which may be produced by the body. This involves constraints on underlying forms (morpheme structure conditions) and constraints of surface variation, expressed by phonological rules* (Battison; Markowicz; Woodward, 1975, p. 292).

[18] Esse termo alinha-se à linguística gerativa, na qual é entendido como uma espécie de **chaveamento** inerente à Gramática Universal (GU), pois "[...] os Parâmetros são o resultado de um grande conjunto de variáveis linguísticas que são marcadas arbitrariamente no Léxico de uma determinada língua. [...] De uma maneira mais precisa, poderíamos dizer que o conjunto das convenções do Léxico das línguas humanas irá provocar certos *outputs* sintáticos previsíveis, os quais podemos descrever esquematicamente na forma de parâmetros binários" (Kennedy, 2024, p. 106). Nesse sentido, entendo que há a necessidade de que, em estudos posteriores, seja possível rever esse conceito, partindo de princípios sistêmico-funcionais; porém, nesta tese, continuarei utilizando o referido termo, por ser amplamente usado nas literaturas que envolvem as LS.

dedos[19] (Y), e também o eixo diagonal (Z), que se torna flexivelmente um espaço tridimensional em que ocorre a coordenação de X e Y:

Figura 04: Eixos da mão para formação de CMs.

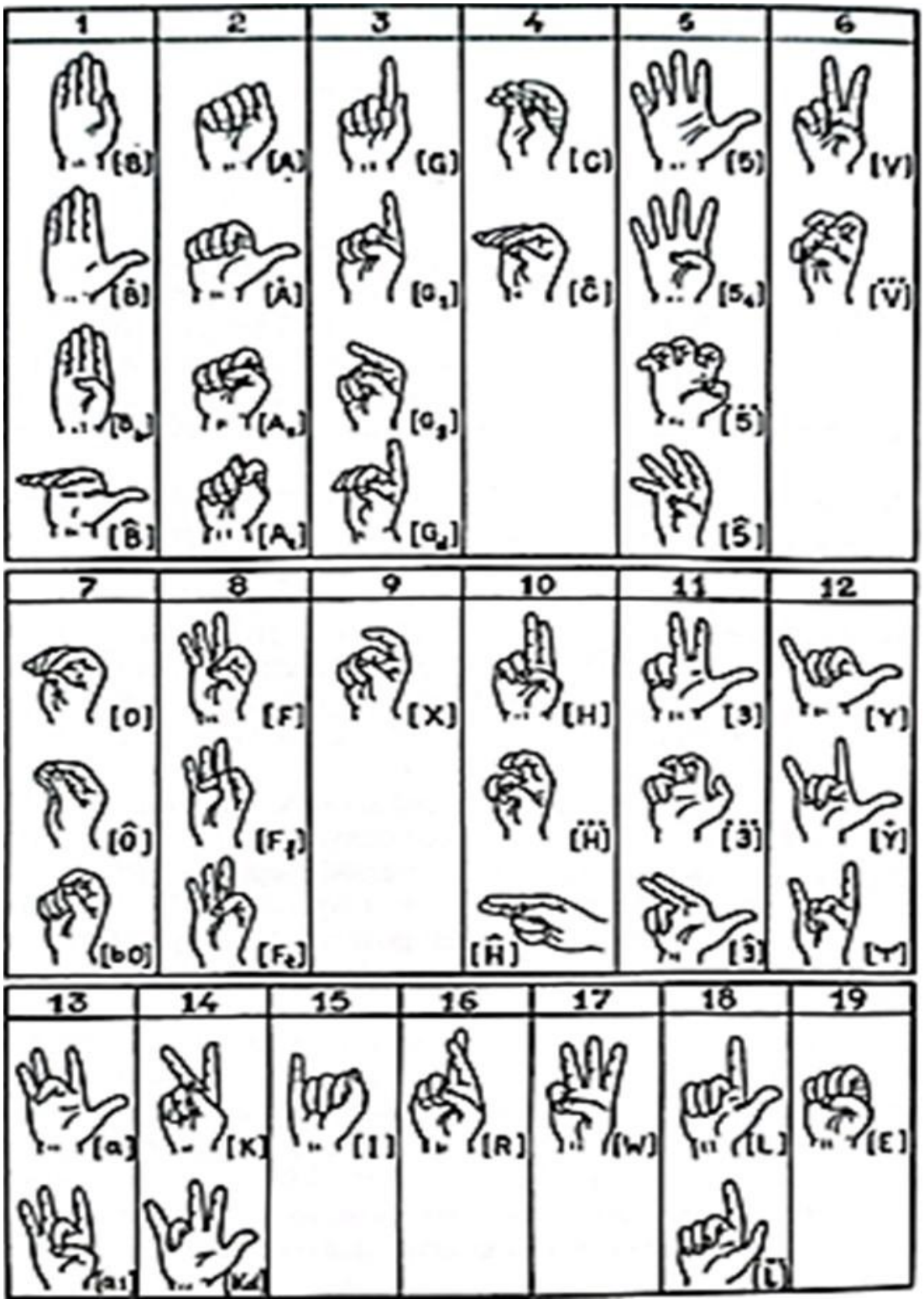


Fonte: Ferreira (2010, p. 221).

Os estudos linguísticos em Libras, como apresentado até agora, possibilitaram uma identificação específica das CMs dessa língua. Ferreira (2010), baseada em Klima e Bellugi (1979), catalogou quarenta e seis (46) articulações possíveis (ver Figura 05). Já Pimenta (s.d.), na produção de um material denominado "LSB – vídeo", aponta um crescimento do número dessas CMs, as quais teriam uma soma total de sessenta e uma (61) CMs (ver Figura 06). Porém, Felipe (2005) amplia essa especificação para sessenta e quatro (64), como pode ser observado na Figura 07. Na sequência, seguem as três figuras mencionadas:

Figura 05: Identificação de 46 CMs em Libras.

[19] Barros (2015, p. 21), em sua proposta para uma escrita de Língua de Sinais (ELiS), apresenta o termo **configuração de dedos** e afirma que a junção de dez (10) visografemas específicos dariam conta da formação de qualquer CM em LS.



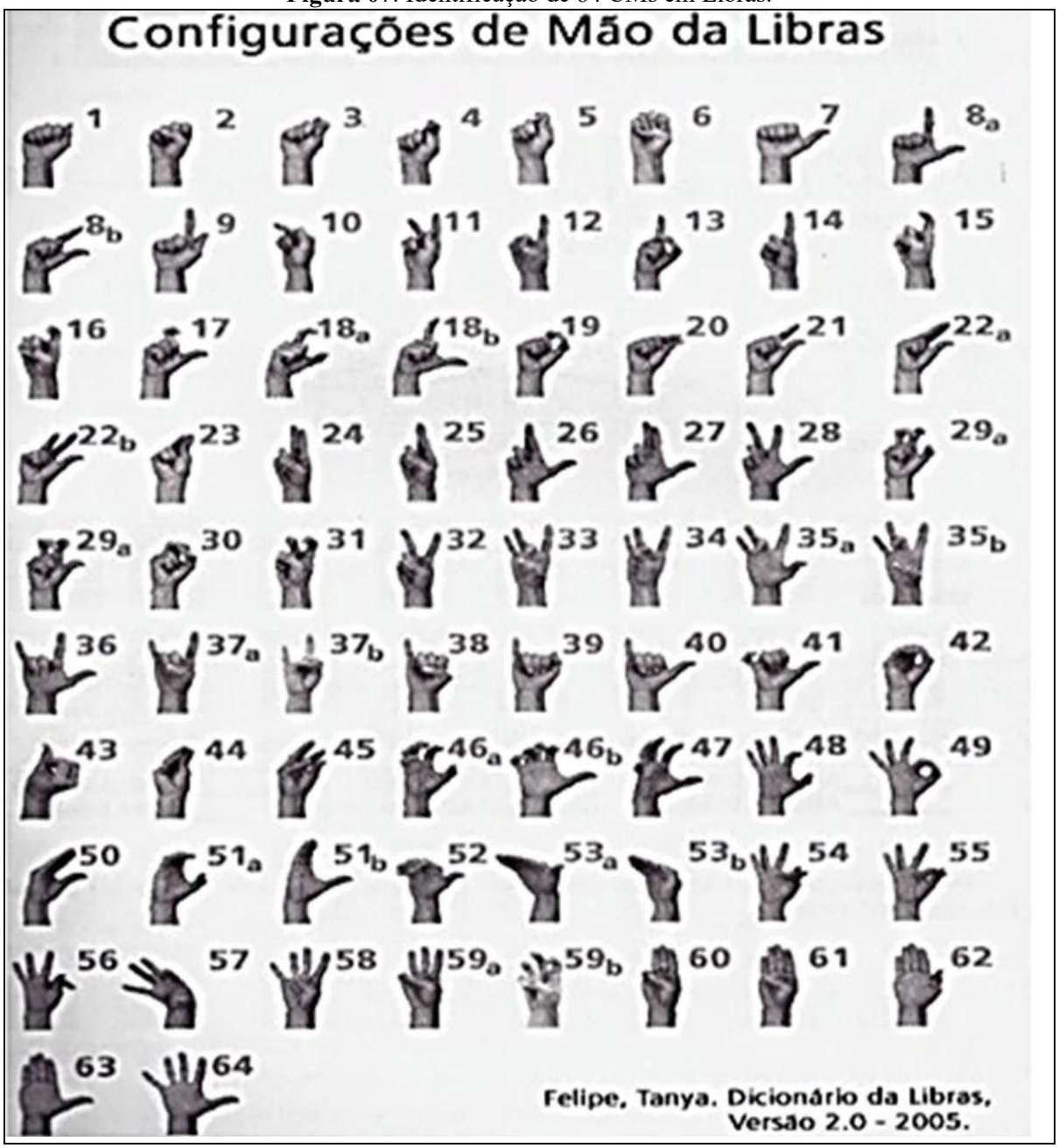
Fonte: Ferreira (2010, p. 220).

Figura 06: Identificação de 61 CMs em Libras.



Fonte: Pimenta (s.d. *apud* Faria Nascimento, 2009, p. 166).

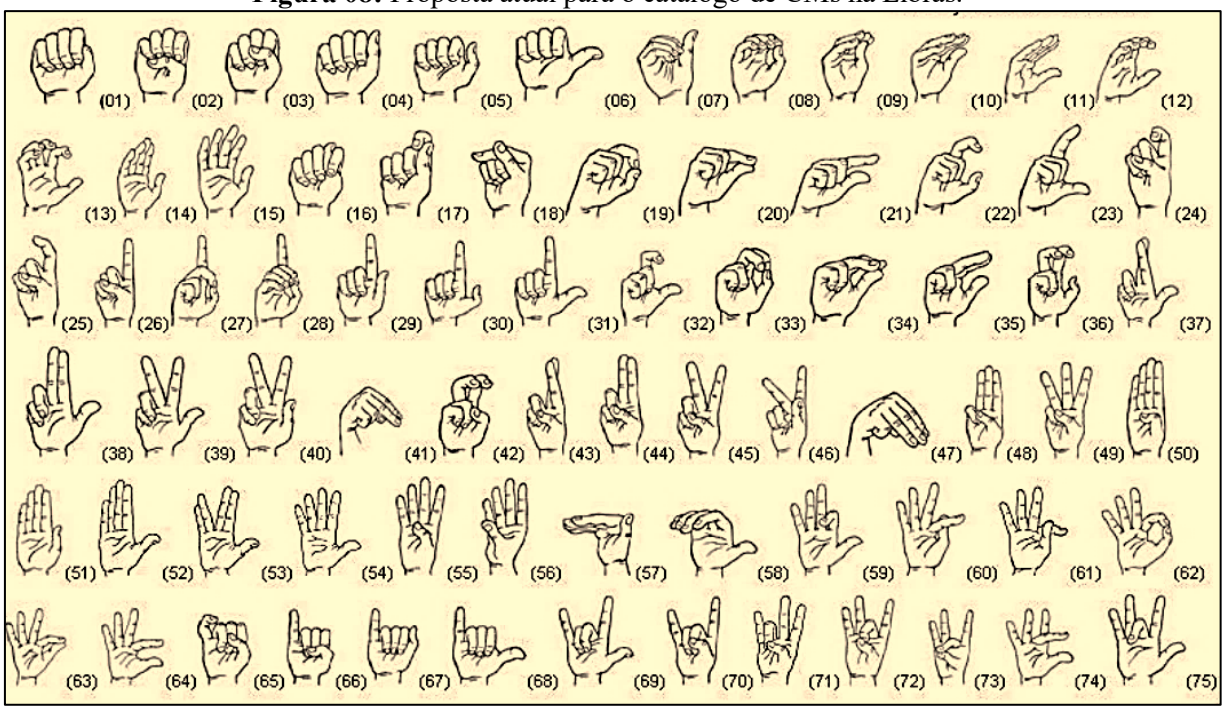
Figura 07: Identificação de 64 CMs em Libras.



Fonte: Felipe (2005, p. 28).

Além desses inventários expostos, Faria Nascimento (2009), em seus estudos lexicográficos baseando-se em uma perspectiva cognitivista, propõe que existiriam cerca de setenta e cinco (75) CMs na Libras, as quais a autora organizou em dez grupos indicando a possibilidade de alomorfia em algumas dessas CMs (ver Figura 08):

Figura 08: Proposta atual para o catálogo de CMs na Libras.

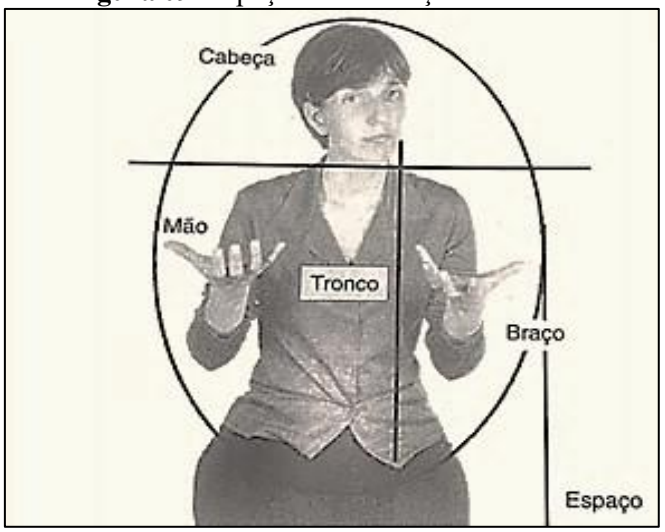


Fonte: Adaptado de Faria Nascimento (2009, p. 117-183) e ilustrado por Fábio Sellani.

Ao observar a evolução da identificação das CMs e considerando a relação sociossemiótica e o acesso que a população surda no Brasil vem conquistando tanto na área política quanto educacional, mantenho o posicionamento que tive em minha dissertação de Mestrado: que esses números apresentados até aqui podem ser ampliados.

Outro ponto que merece destaque está relacionado ao segundo parâmetro proposto por Stokoe (1960), que é a Locação – L. Quadros e Karnopp (2004, p. 48) utilizam o termo **Ponto de Articulação** – PA para se referirem ao mesmo componente. Baseadas em Battison (1978), apresentam uma relação básica para a execução dos Sinais, como pode ser visto na Figura 09:

Figura 09: Espaço de articulação dos Sinais.

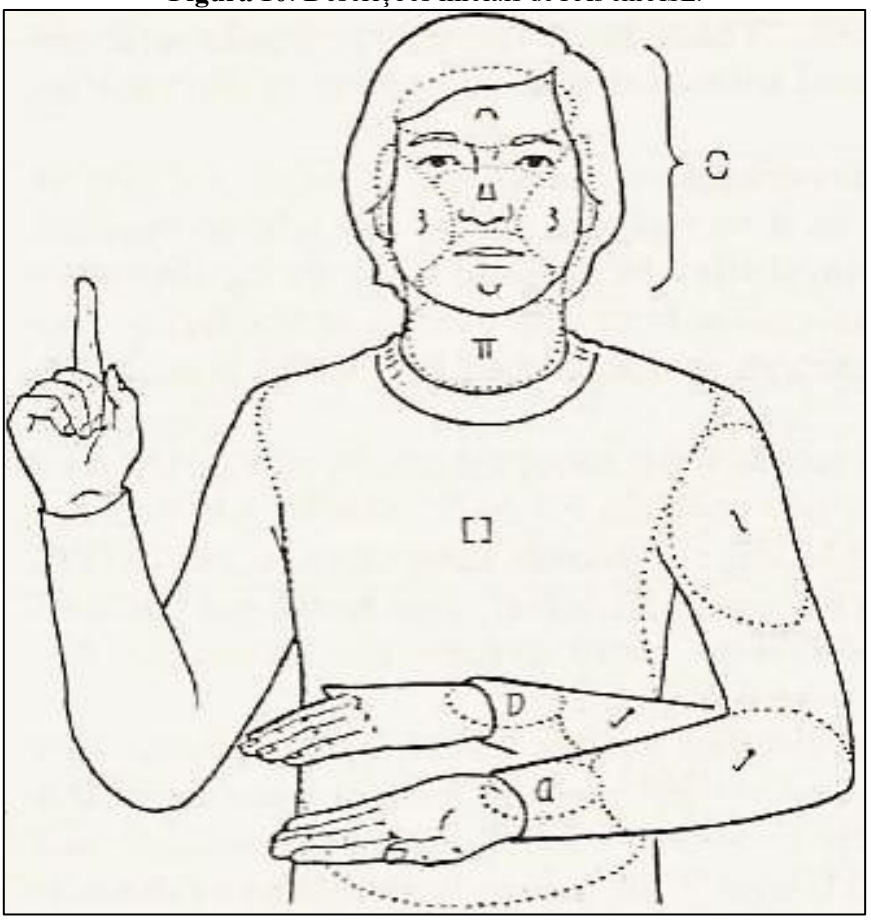


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 57).

O Ponto de Articulação é o lugar em que as mãos se posicionam ou interagem durante a realização de um Sinal. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 57), "dentro desse espaço de enunciação, pode-se determinar um número finito (limitado) de locações, sendo que algumas são mais exatas [...]". Além disso, baseando-se nos estudos desenvolvidos por Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978) e Sandler (1989), as autoras indicam a existência distintiva dada entre espaços principais e subespaços.

Essa distinção tornou possível o mapeamento vinculado a Sinais que seriam ancorados ao corpo, ou seja, Sinais realizados em partes específicas, em um nível macro[20], como cabeça, rosto, tronco, ombros, braços, mão passiva, espaço neutro, entre outros, enquanto que em um nível micro (subespaço) atuaria de forma mais detalhada. A pesquisa realizada por Klima e Bellugi (1979) mostrou uma proposta inicial de identificação dessas locações para a ASL, como pode ser notado na Figura 10:

Figura 10: Descrições iniciais de PAs em ASL.

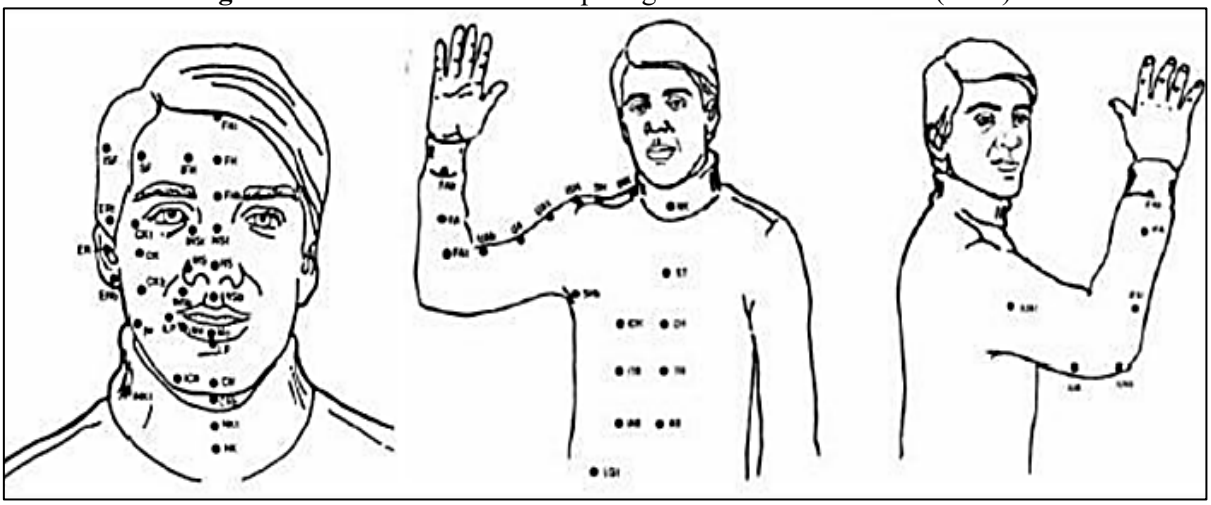


Fonte: Retirado de Klima e Bellugi (1979, p. 52).

[20] Dentro dos estudos observados até o momento de elaboração desta tese, notei, de acordo com a literatura, que os PAs podem ser refletidos em três níveis de detalhamento (*delicacy*), sendo eles: macroespaço, subespaço (intermediário) e microespaço, que podem ser ancorados tanto no corpo quanto no espaço neutro. Porém, será necessário desenvolver essa proposta em estudos posteriores.

A partir dessas descrições foi possível perceber o detalhamento associado aos PAs. A perspectiva segmental advinda de Liddell e Johnson (2000) contribuiu para o avanço do registro desses pontos ancorados ao corpo em ASL, os quais contabilizaram vinte (20) regiões dos cinquenta e quatro (54) PAs identificados pelos autores, como pode ser observado na Figura 11:

Figura 11: PAs ancorados ao corpo segundo Liddell e Johnson (2000).

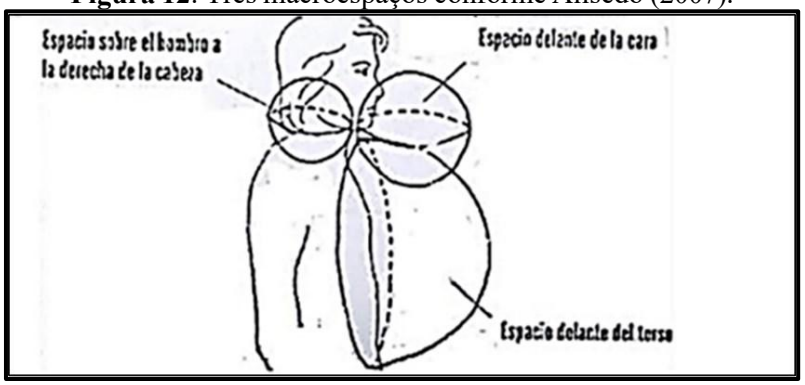


Fonte: Liddell e Johnson (2000, p. 286).

Essa preocupação com a robustez de pesquisas linguísticas voltadas para os aspectos decomposicionais das LS contribuíram e têm contribuído para a elaboração de materiais pedagógicos, dicionários etc. O fato de que o corpo humano não está ligado apenas à comunicação oral permitiu que fonólogos e pesquisadores de línguas viso-espaciais colaborassem para a visibilidade dessas línguas.

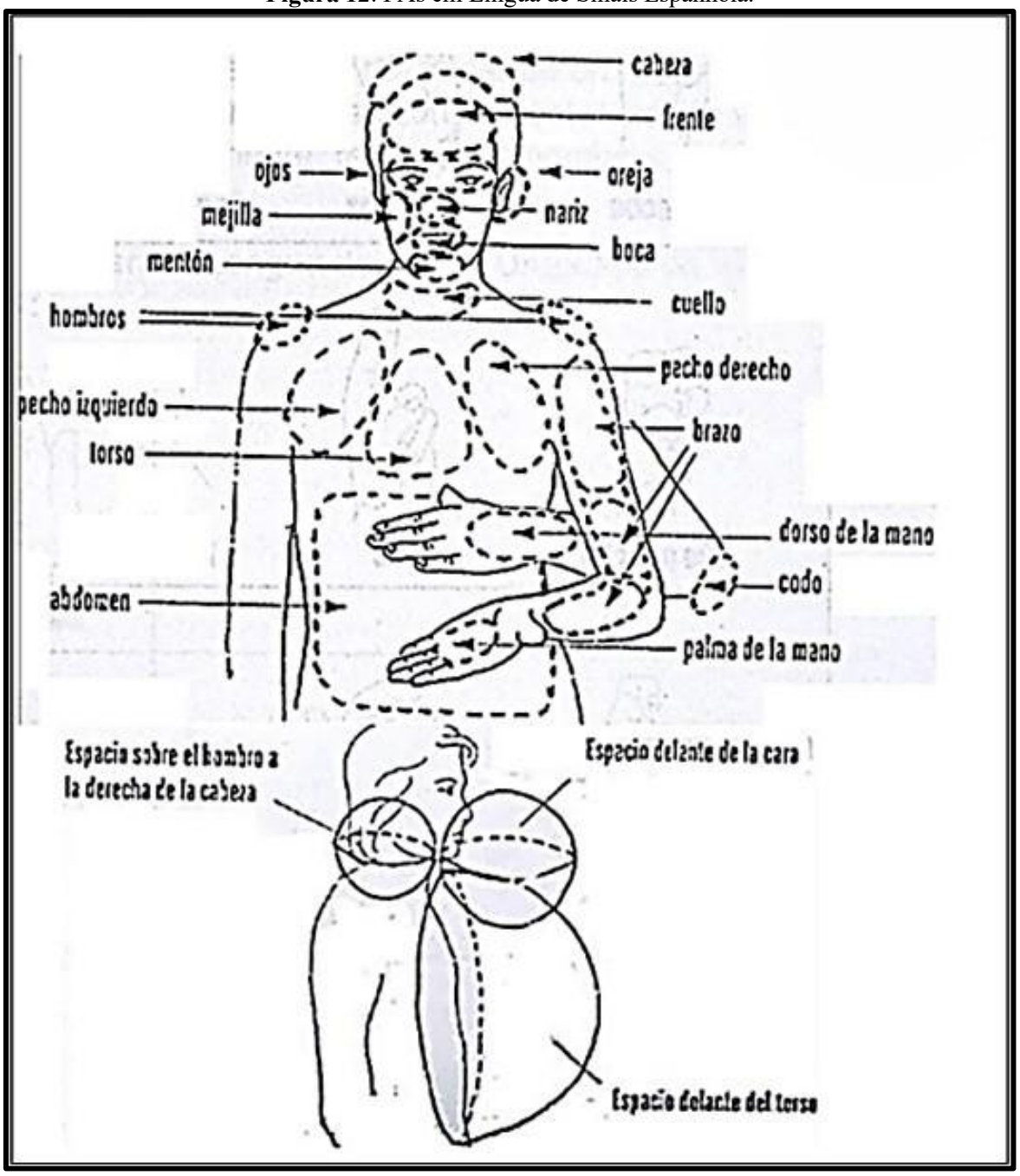
Já, para Alisedo (2007), na Língua de Sinais Espanhola – LSE, existiriam três macroespaços – espaço sobre o ombro, em frente ao rosto e em frente ao tronco – que dariam conta de dezoito (18) subespaços ancorados ao corpo, como exposto na Figura 12-A (um recorte da parte inferior da Figura 12-B) e na Figura 12-B:

Figura 12: Três macroespaços conforme Alisedo (2007).



Fonte: Retirado de Alisedo (2007).

Figura 12: PAs em Língua de Sinais Espanhola.



Fonte: Retirado de Alisedo (2007).

Na figura seguinte, a 13, retirada de um guia disponibilizado pelo Ministério de Educação do Peru sobre Língua de Sinais Peruana – LSP, é possível perceber a descrição de vinte e cinco (25) PAs, divididos nas seguintes categorias: corpo, cabeça, braço esquerdo e mão esquerda. Dentre eles, os subespaços vinculados à cabeça foram decompostos em cantos (*comisuras*), nos quais poderiam ter sinais alocados na parte externa do olho e no centro; o nariz foi subdividido em microespaços debaixo e ao lado e a boca subdividida em lábios e dentes (ver Figura 13):

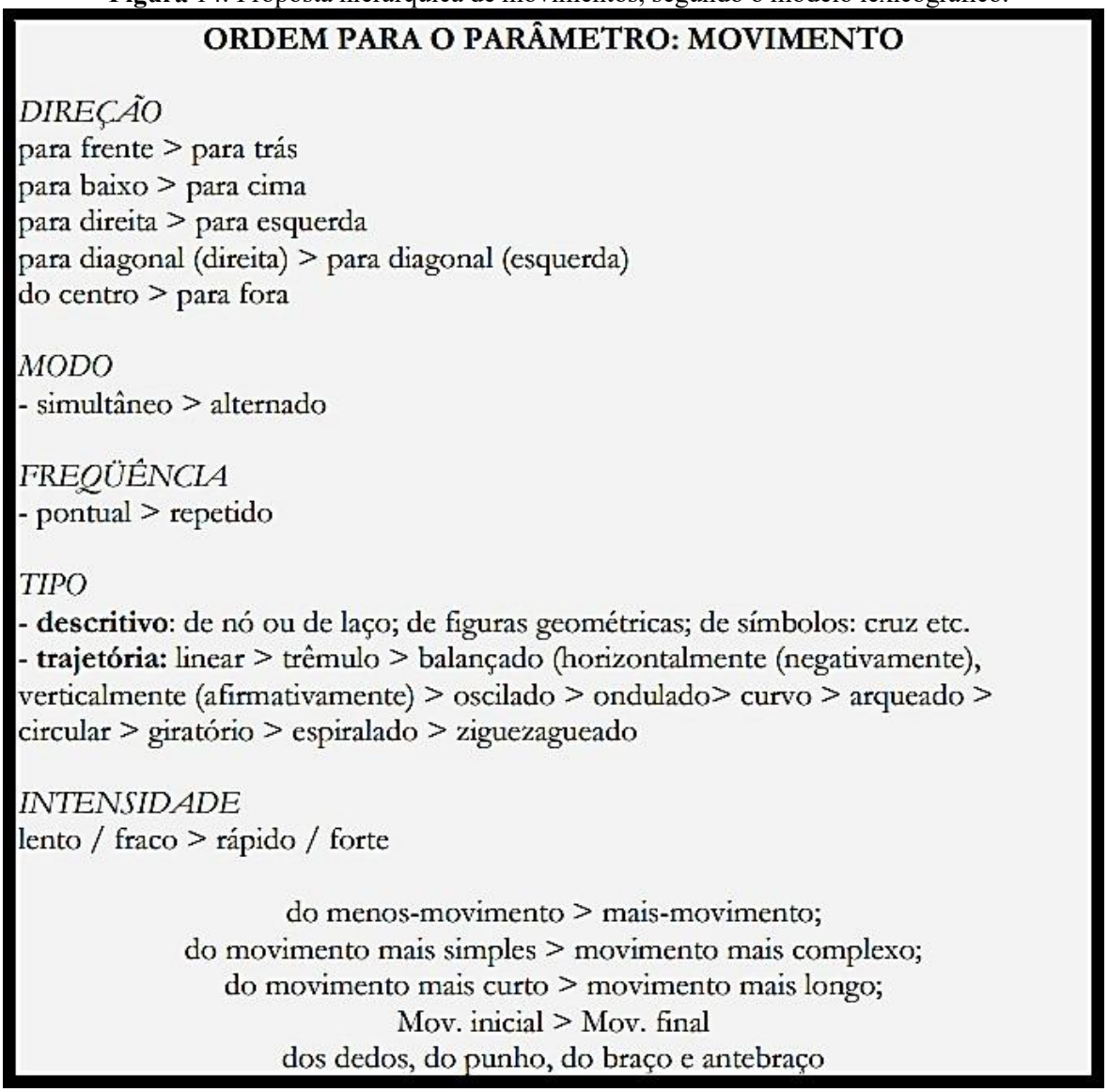
Figura 13: PAs em Língua de Sinais Peruana.



Fonte: Ministério de Educación del Perú (Minedu) – DIGEBE (2015, p. 21).

Outro parâmetro para marcar a divisibilidade dos Sinais em LS, conforme assegurou Stokoe (1960), é o Movimento – M. Segundo Faria Nascimento (2009, p. 202), algumas características desse parâmetro não são tão visíveis para uma perspectiva lexicográfica, sendo elas: direção, modo, frequência, tipo, intensidade, as quais podem ser visualizadas na Figura 14:

Figura 14: Proposta hierárquica de movimentos, segundo o modelo lexicográfico.



ORDEM PARA O PARÂMETRO: MOVIMENTO

DIREÇÃO
para frente > para trás
para baixo > para cima
para direita > para esquerda
para diagonal (direita) > para diagonal (esquerda)
do centro > para fora

MODO
- simultâneo > alternado

FREQÜÊNCIA
- pontual > repetido

TIPO
- **descritivo**: de nó ou de laço; de figuras geométricas; de símbolos: cruz etc.
- **trajetória:** linear > trêmulo > balançado (horizontalmente (negativamente), verticalmente (afirmativamente) > oscilado > ondulado> curvo > arqueado > circular > giratório > espiralado > ziguezagueado

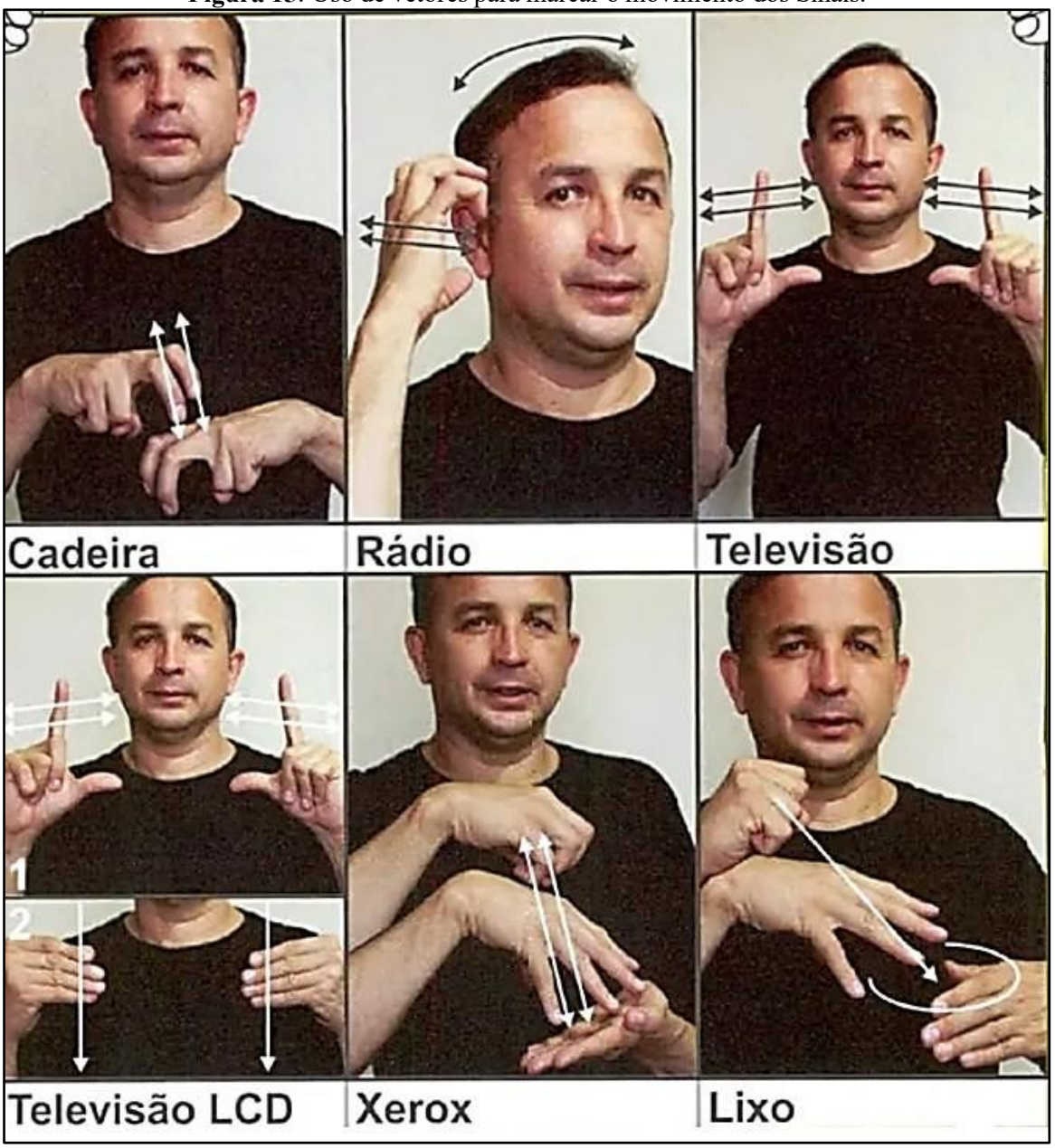
INTENSIDADE
lento / fraco > rápido / forte

do menos-movimento > mais-movimento;
do movimento mais simples > movimento mais complexo;
do movimento mais curto > movimento mais longo;
Mov. inicial > Mov. final
dos dedos, do punho, do braço e antebraço

Fonte: Faria Nascimento (2009, p. 203).

A descrição de tais elementos vem, ao longo tempo, sofrendo variações. Tornou-se muito comum adotar, em representações imagéticas, o uso de vetores, isto é, setas para indicar o tipo de movimento. Na Figura 15, pode ser visto um exemplo da utilização gráfica de símbolos vetoriais, para indicação do tipo de M que é executado, a fim de compor a formação dos Sinais em Libras:

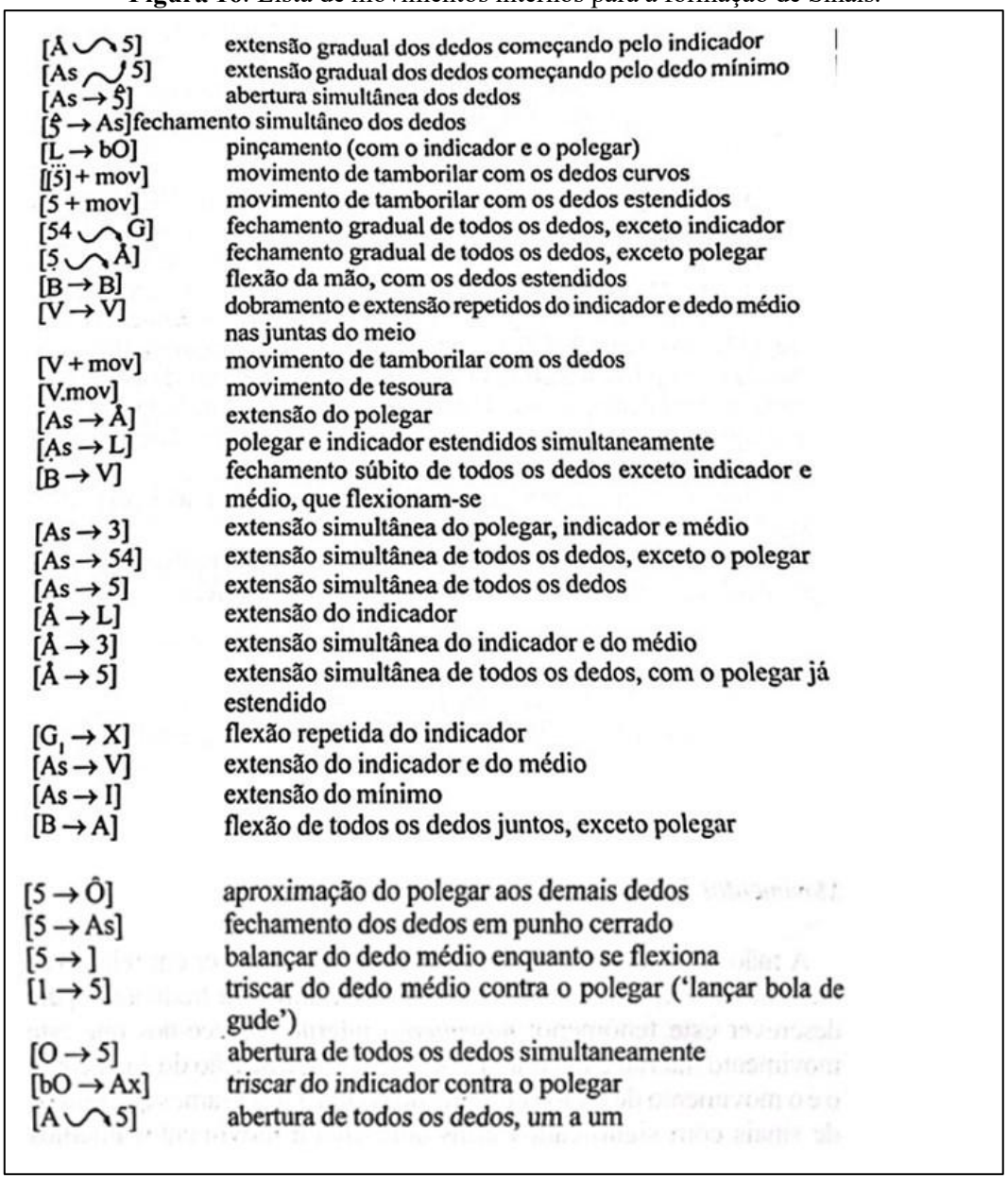
Figura 15: Uso de vetores para marcar o movimento dos Sinais.



Fonte: Retirado de Almeida e Maia Filho (2011, p. 128).

Baseada nessas questões, Ferreira (2010) entendeu que, para a execução dos Sinais, existem CMs que possuem Ms internos, principalmente quando há uso dos dedos. De acordo com a autora, "[...] parece-nos que este movimento interno é tão importante para a significação do sinal como é o movimento de uma Configuração sólida" (Ferreira, 2010, p. 225). Ela, então, propõe a elaboração hierárquica de uma lista de tais movimentos, como pode ser contemplado na Figura 16:

Figura 16: Lista de movimentos internos para a formação de Sinais.

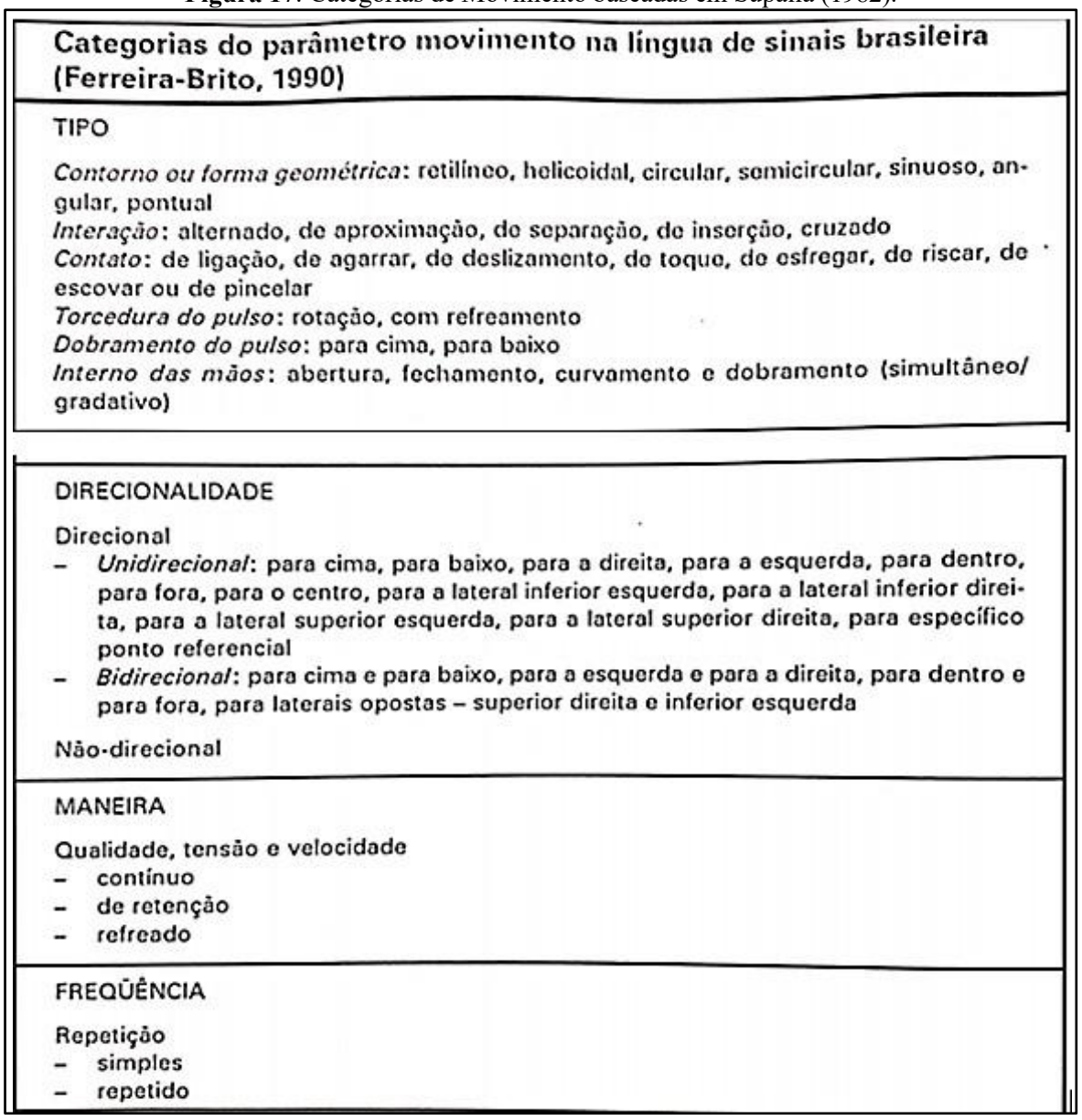


[Å 5]	extensão gradual dos dedos começando pelo indicador
[As 5]	extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo
[As → Ŝ]	abertura simultânea dos dedos
[Ŝ → As]	fechamento simultâneo dos dedos
[L → bO]	pinçamento (com o indicador e o polegar)
[S̈ + mov]	movimento de tamborilar com os dedos curvos
[5 + mov]	movimento de tamborilar com os dedos estendidos
[54 G]	fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador
[5̣ Å]	fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar
[B → B]	flexão da mão, com os dedos estendidos
[V → V]	dobramento e extensão repetidos do indicador e dedo médio nas juntas do meio
[V + mov]	movimento de tamborilar com os dedos
[V.mov]	movimento de tesoura
[As → Å]	extensão do polegar
[Ạs → L]	polegar e indicador estendidos simultaneamente
[B → V]	fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se
[As → 3]	extensão simultânea do polegar, indicador e médio
[As → 54]	extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar
[As → 5]	extensão simultânea de todos os dedos
[Å → L]	extensão do indicador
[Å → 3]	extensão simultânea do indicador e do médio
[Å → 5]	extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido
[G_1 → X]	flexão repetida do indicador
[As → V]	extensão do indicador e do médio
[As → I]	extensão do mínimo
[B → A]	flexão de todos os dedos juntos, exceto polegar
[5 → Ô]	aproximação do polegar aos demais dedos
[5 → As]	fechamento dos dedos em punho cerrado
[5 →]	balançar do dedo médio enquanto se flexiona
[1 → 5]	triscar do dedo médio contra o polegar ('lançar bola de gude')
[O → 5]	abertura de todos os dedos simultaneamente
[bO → Ax]	triscar do indicador contra o polegar
[A 5]	abertura de todos os dedos, um a um

Fonte: Ferreira (2010, p. 225-226).

Tratando desse parâmetro, Supalla (1982, p. 11) realizou uma análise em ASL na qual o Movimento pode ser entendido como morfema. Ele apresentou uma proposta de segmentação que, mais tarde, seria desenvolvida por Liddell e Johnson (2000); e foi por meio de seus estudos que os conceitos de sequencialidade e de simultaneidade vinculados aos Ms puderam ser compreendidos. Ele propôs uma hierarquia para as formas de Ms que poderiam ser considerados afixos em ASL, e tais categorias também foram veiculadas no contexto brasileiro por Ferreira-Brito (1990), conforme pode ser observado no quadro elaborado por Quadros e Karnopp (2004), disponibilizado como a Figura 17.

Figura 17: Categorias de Movimento baseadas em Supalla (1982).



Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito, 1990)

TIPO

Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual
Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado
Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar
Torcedura do pulso: rotação, com refreamento
Dobramento do pulso: para cima, para baixo
Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)

DIRECIONALIDADE

Direcional
- *Unidirecional*: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial
- *Bidirecional*: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda

Não-direcional

MANEIRA

Qualidade, tensão e velocidade
- contínuo
- de retenção
- refreado

FREQÜÊNCIA

Repetição
- simples
- repetido

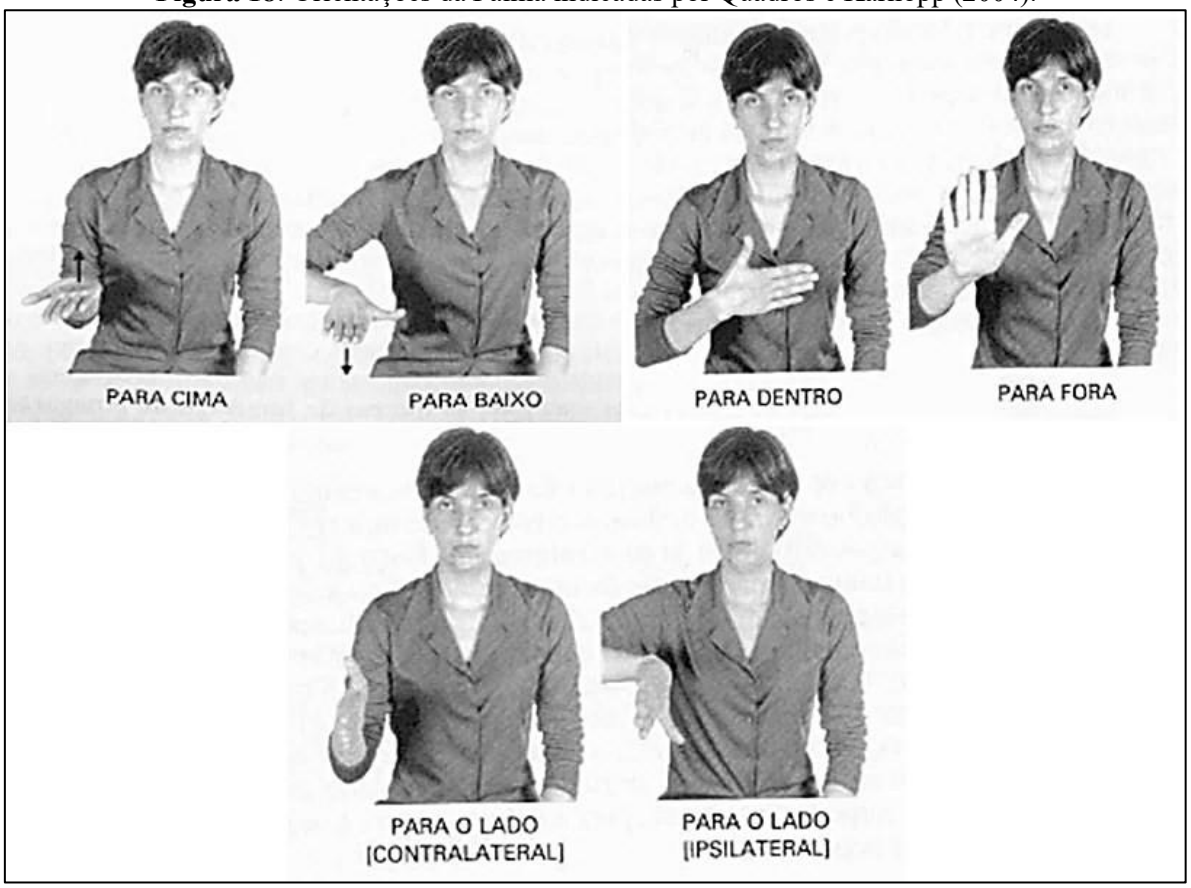
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 56).

Seguindo a ideia de que existem cinco parâmetros, as análises de Battison (1974) identificaram a existência de uma Orientação da mão – Or, também denominada Orientação da Palma – OP. Esse é um conceito que se tornou complexo e até mesmo controverso, nos estudos dedicados à fonologia das LS, dado que algumas propostas de decomposição fonológica dos Sinais não as entendem enquanto partícula formadora, mas como uma espécie de extensão da CMs ou as incorporam enquanto Ponto de Articulação.

Entretanto, como essa investigação constitui-se como uma premissa de meus estudos em LSF, tratarei este parâmetro como distintivo tanto para as LS quanto para a Libras. Marentette (1995, p. 204) descreve que existiriam, em ASL, seis (6) posicionamentos para OPs,

sendo eles: [*up*] para cima, [*down*] para baixo, [*in*] para o corpo, [*out*] para frente, [*contralateral*] para direita e [*ipsilateral*] para a esquerda (ver Figura 18).

Figura 18: Orientações da Palma indicadas por Quadros e Karnopp (2004).



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 59-60).

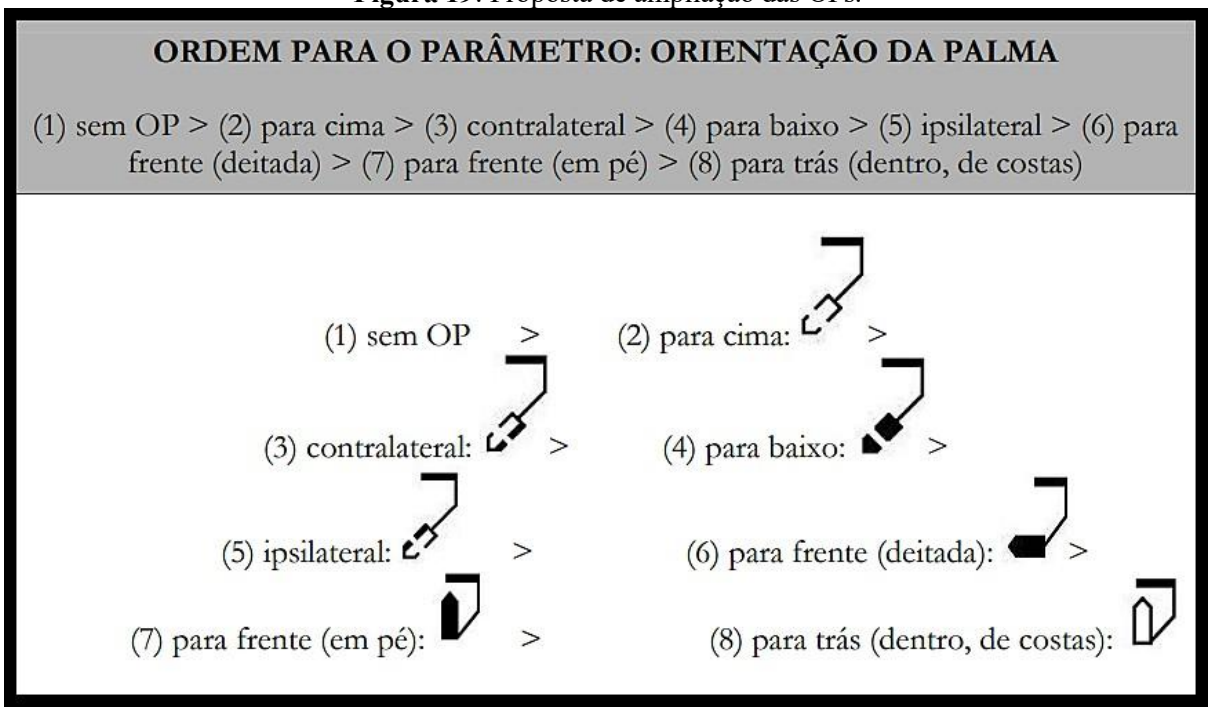
As OPs, segundo Ferreira (2010, p. 40-41), baseada nos estudos de Klima e Bellugi (1979), comporiam um grupo secundário de parâmetros[21] constituído por: (a) **Disposição das mãos**; (b) **Orientação da(s) mão(s)** e (c) **Região de Contato**. Porém, em seu livro, por conta de sua proposta para elaboração de um sistema de transcrição junto ao matemático Remi Langevin, ela tratou as OPs enquanto componentes paramétricos primários.

Faria Nascimento (2009), voltando-se para um maior detalhamento das OPs e considerando a produção lexical da Libras, propõe ampliar o conjunto de posições ligadas a esse parâmetro partindo das postulações de Quadros e Karnopp (2004). Nessa proposição, a autora acrescenta a expressão **sem OP**, levando em conta que, em LS e na Libras, existem Sinais que são formados sem a necessidade do uso das mãos.

[21] Notei que a diferenciação entre parâmetros primários e secundários ainda se apresenta de forma escassa, observando algumas pesquisas encontradas, como a de Marcato, Rocha e Lima (1999), Peixoto (2006), Cruz (2008), Resende (2013), Nóbrega (2016), Benassi e Padilha (2021). Porém, nesse pouco material, verifiquei que há apenas uma menção sobre a questão de secundariedade sem aprofundamento descritivo desse grupo.

Conforme pode ser observado na Figura 19, ao invés de utilizar os termos **para fora** e **para dentro**, a pesquisadora indica o uso de **para frente**, subdividido em duas posições: **deitada** e **em pé**, que se relacionam à orientação dos dedos. Ademais, ela utiliza **para trás** para se referir a uma OP que assume um direcionamento voltado ao eixo do sinalizador, que é para dentro, em oposição ao receptor, que estaria de costas, ou seja, o dorso da mão é que estaria sendo visualizado.

Figura 19: Proposta de ampliação das OPs.



Fonte: Faria Nascimento (2009, p. 198).[22]

Destacando os estudos realizados por Battison (1978) em ASL, nota-se fonologicamente a possibilidade de verificação da existência de um quinto e último parâmetro distintivo que possibilita a formação dos Sinais, que são as Expressões Não-Manuais – ENM. É importante ressaltar que, após esses estudos iniciais, outros pesquisadores voltaram seus esforços para realizar descrições sintáticas tendo como principal foco as ENMs. Autores como Baker (1988), Liddell e Johnson (1989), Reilly, Mcintire e Bellugi (1990), Bahan (1996), Ekman, Matsumoto e Friesen (1997), Wilbur e Patschle (1998), Emmorey (1999), Knapp e Hall (1999), Reilly (2006), dentre muitos outros, lançaram-se ao desafio de investigar estruturas viso-espaciais

[22] Nessa figura, a autora utilizou símbolos do sistema de escrita para LS *SignWriting*, a fim de descrever as OPs. Por esse motivo, sugiro a leitura de: STUMPF, M. R. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting*: língua de sinais no papel e no computador (2005).

associadas ao uso das ENMs, para a formação de orações interrogativas, negativas, topicalização etc.

No Brasil, as ENMs, tanto em seu nível fonológico quanto sintático, vêm sendo pesquisadas por Felipe (1989, 1992, 1993, 1998, 2006, 2013), Quadros e Karnopp (2004), Arrotéia (2005), Correa (2007), Quadros, Pizzio e Resende (2008, 2010), Anater (2009), Vilhalva (2009), Monteiro (2019), entre outros autores, no intuito de contribuir para a descrição da Libras e de outras línguas de sinais brasileiras emergentes.

Os estudos voltados para a Libras têm reforçado que "as expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais" (Quadros; Karnopp, 2004, p. 60). De onde depreendo que as ENMs se constituem como um grupo de elementos visuais altamente flexíveis, que permeiam vários estratos da língua, senão todos.

Sintaticamente, segundo Quadros e Karnopp (2004), esse parâmetro pode ao mesmo tempo marcar dois tipos de oração distintas, como a negativa[23] e a interrogativa. Além disso, as autoras asseveram que as ENMs também podem ser entendidas como componentes lexicais que viabilizam a marcação de "referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau, ou aspecto [...]" (Quadros; Karnopp, 2004, p. 60).

Voltando ao nível fonológico, Felipe (2013) observa que as ENMs seriam componentes, formas de "marcas" fonológicas, que, devido à sua inexistência ou a seu uso incorreto, podem gerar ambiguidades nas LS. Outro destaque que a autora dá está relacionado ao uso das ENMs afetivas que, para ela, seriam "expressões visuais" que podem ser integradas discursivamente, indicando a proeminência de um sistema paralinguístico associado a essas expressões. E, de acordo com Sandler e Lillo-Martin (2006), essas podem se alinhar em LS às questões prosódicas, ou seja, estarem voltadas para a entonação no discurso.

Na Figura 20, trago alguns exemplos de ENMs tratadas como parte integrante da formação fonológica de alguns Sinais em Libras:

[23] Em termos sistêmicos-funcionais, a negação está associada ao sistema de MODO por meio da polaridade, como será discutido mais à frente. Assim, é possível depreender, apoiado em Halliday e Matthiessen (2014) e Fuzer e Cabral (2014), que as ENMs podem estar presentes em todos os Modos oracionais, o que expõe uma necessidade de investigações futuras acerca do uso sintático desse parâmetro.

Figura 20: Exemplos de ENMs como componentes fonológicos.



Fonte: Retirado de Felipe (2013, p. 78).

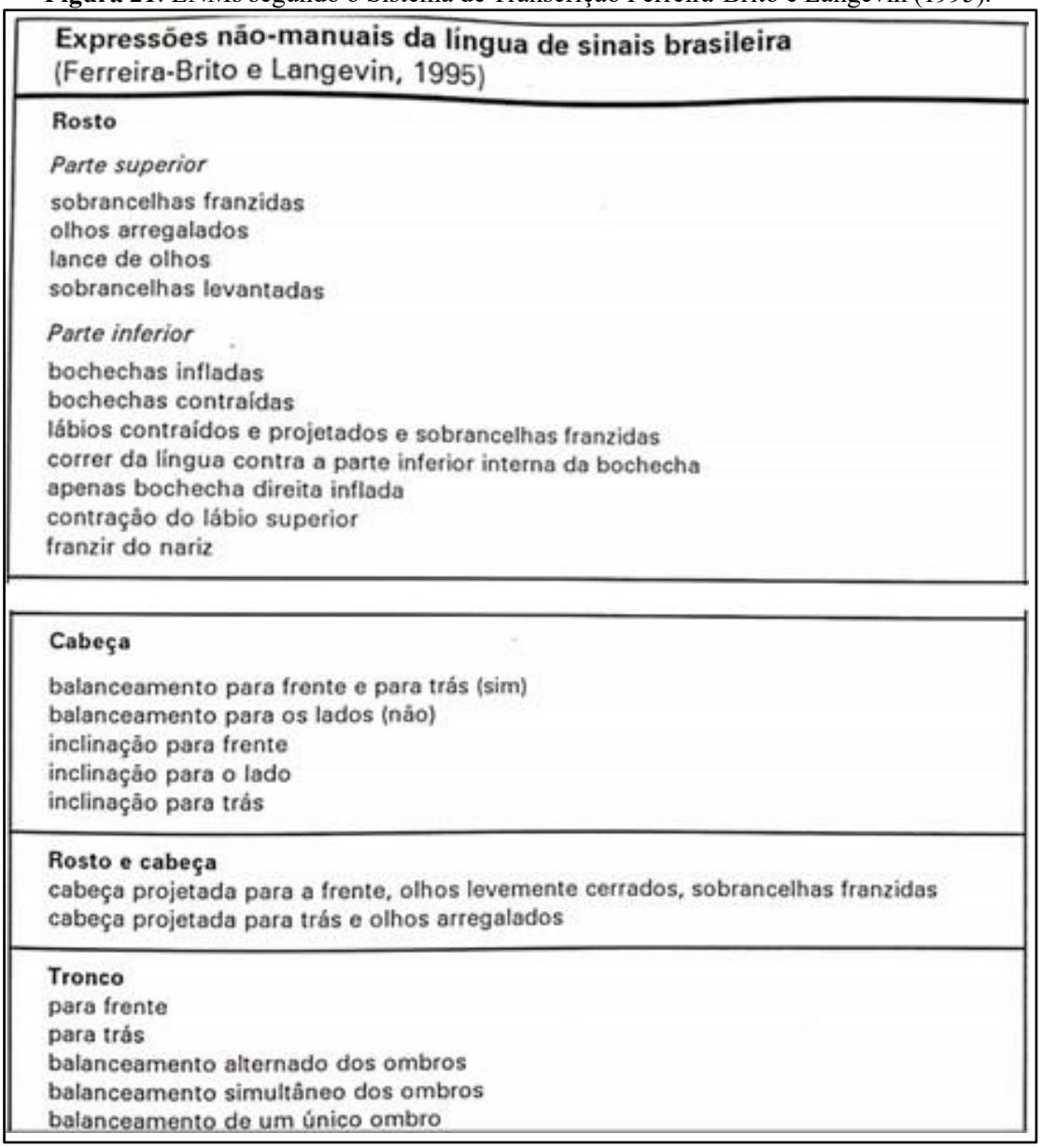
Outro ponto que merece realce é que as LS, por meio das ENMs, possibilitam que haja Sinais criados sem a necessidade de uso das mãos. Isso reforça a complexidade desse parâmetro, que assume um papel importante além do processo articulatório manual. Conforme Diniz (2010, p. 29),

> Nas línguas de sinais, nem todas as informações ou os sinais são transmitidos somente pelos articulatórios primários, ou seja, as mãos, e também o rosto, como já foi mostrado antes. Além de alguns sinais expressos somente no rosto, há as expressões faciais, as posturas corporais e outros gestos não-manuais que fazem parte dos pontos articulatórios secundários pelo qual se expressam as informações gramaticais [...].

Devido ao caráter metamórfico do uso das ENMs nos mais diversos estratos, retomo a tentativa de verificar essa diferenciação fonológica das ENMs. Como já mencionei, Ferreira (2010) iniciou uma proposta de transcrição dessas "marcas" em sua pesquisa junto ao matemático Remi Langevin.

Elas foram divididas em quatro (4) grupos: o rosto, que possui uma divisão interna entre parte superior e parte superior; a cabeça; o rosto e a cabeça; e o tronco, como pode ser observado na Figura 21:

Figura 21: ENMs segundo o Sistema de Transcrição Ferreira-Brito e Langevin (1995).



Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira
(Ferreira-Brito e Langevin, 1995)

Rosto

Parte superior

sobrancelhas franzidas
olhos arregalados
lance de olhos
sobrancelhas levantadas

Parte inferior

bochechas infladas
bochechas contraídas
lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
apenas bochecha direita inflada
contração do lábio superior
franzir do nariz

Cabeça

balanceamento para frente e para trás (sim)
balanceamento para os lados (não)
inclinação para frente
inclinação para o lado
inclinação para trás

Rosto e cabeça

cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas
cabeça projetada para trás e olhos arregalados

Tronco

para frente
para trás
balanceamento alternado dos ombros
balanceamento simultâneo dos ombros
balanceamento de um único ombro

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61).

As propostas de sistemas de escrita[24] para as LS têm criado símbolos grafológicos que auxiliam a visualização dessas ENMs enquanto "marcas" fonológicas nos registros de Sinais. Ainda há muito a ser investigado quanto às estruturas de formação dos Sinais e das organizações estruturais das LS, sobretudo quando o enfoque passa a ser uma relação sociossemiótica dessas línguas, principalmente em relação às ENMs.

[24] Durante toda a pesquisa, trato de reforçar que existem tais sistemas; todavia, para os fins desta tese, não os utilizarei. O objetivo aqui é trazer à luz as suas existências, para fomentar pesquisas posteriores.

Saliento, então, o surgimento de pesquisas preocupadas em desvelar o caráter fonológico[25] das LS, como: o Modelo Quirêmico, o Modelo M-H (*Movement-Hold*), o Modelo HT (*Hand Tier*), o Modelo Moraico, o Modelo da Fonologia da Dependência, o Modelo da Fonologia Visual e o Modelo Prosódico (MP). Neste livro, já apresentei o Modelo Quirêmico criado por Stokoe (1960). Porém, para elucidar o surgimento desses outros modelos de descrição fonológica em LS, trarei de forma sucinta os outros que foram apenas mencionados.

Liddell (1982) propôs discutir fonologicamente a sequencialidade dos Sinais. Para tal, utilizou o termo **segmento**, em uma divisão de movimento (M) ou sustentação (H), em que cada estrutura possuiria uma Configuração de Mão, uma Orientação da Palma e características não manuais. Segundo ele, "[...] dividir os sinais em segmentos de sustentação e movimento é aproximadamente equivalente a dividir o fluxo da fala em consoantes e vogais [...][26]" (Liddell, 2003, p. 12, tradução minha). O método elaborado pelo autor visou tornar possível uma descrição sequencial dos Sinais que simultaneamente não seriam adequadamente descritos:

> Especificamente, dado que os sinais têm estrutura sequencial, essa sequência pode ser mostrada como correspondendo a segmentos fonológicos responsáveis pelo contraste sequencial do tipo encontrado em línguas faladas. A identificação da sequência física no sinal linguístico fornece a evidência necessária para argumentar que os sinais são compostos de segmentos linguísticos abstratos e sequenciados. O suporte para a existência de tais segmentos linguísticos vem, em parte, de uma demonstração de que a ASL, como as línguas faladas, contém pares de sinais distinguidos apenas por diferenças na sequência interna do sinal[27] (Liddell; Johnson, 1989, p. 204, tradução minha).

A partir dessa descrição, a exemplo de outros autores, Brentari (1998, p. 2) e seu Modelo Prosódico de fonologia para LS justificam que "[...] o objetivo de explicar a estrutura fonológica falada e da língua de sinais com um conjunto de construções mentais não significa que os fonólogos de sinais devam pegar unidades de língua falada e encontrar análogos a elas em línguas de sinais[28]" (tradução minha).

---

[25] Nesta tese, são apresentados modelos já existentes, mas vejo que também há a necessidade de que exista uma proposta fonológica baseada em uma perspectiva sociossemiótica, ou que em estudos futuros os sistemicistas busquem associar-se a um modelo de descrição fonológica para LS.

[26] **No original:** *[...] dividing signs into hold and movement segments is roughly equivalent to dividing the speech stream into consonants and vowels [...]* (Liddell, 2003, p. 12).

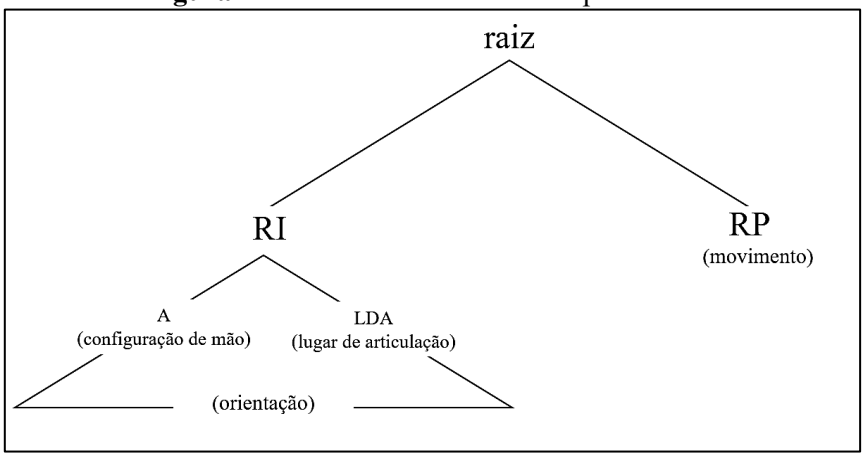
[27] **No original:** *Specifically, given that signs have sequential structure, that sequence can be shown to correspond to phonological segments responsible for sequential contrast of the sort found in spoken languages. The identification of physical sequence in the linguistic signal provides the evidence needed to argue that signs are composed of sequenced, abstract, linguistic segments. Support for the existence of such linguistic segments comes, in part, from a demonstration that ASL, like spoken languages, contains pairs of signs distinguished only by differences in sign-internal sequence* (Liddell; Johnson, 1989, p. 204).

[28] **No original:** *The goal of accounting for spoken and sign language phonological structure with one set of mental constructs does not mean that sign phonologists should take spoken language units and find analogues to them in sign languages* (Brentari, 1999, p. 2).

Os modelos propostos por Liddell (1982) e Brentari (1998), apesar de serem muito conhecidos, não asseguram que ENM e Or sejam reconhecidas como elementos distintivos. As ENMs são compreendidas enquanto partes que se formam em um nível mais elevado, ou seja, na sintaxe e na semântica dessas línguas.

O Modelo Prosódico foca na decomposição de dois parâmetros fundamentais, sendo eles: a Configuração de Mão (CM) e a Locação (L), que são chamados de traços inerentes; já em outro domínio está o Movimento (M) enquanto traço prosódico, os quais podem ser observados na Figura 22:

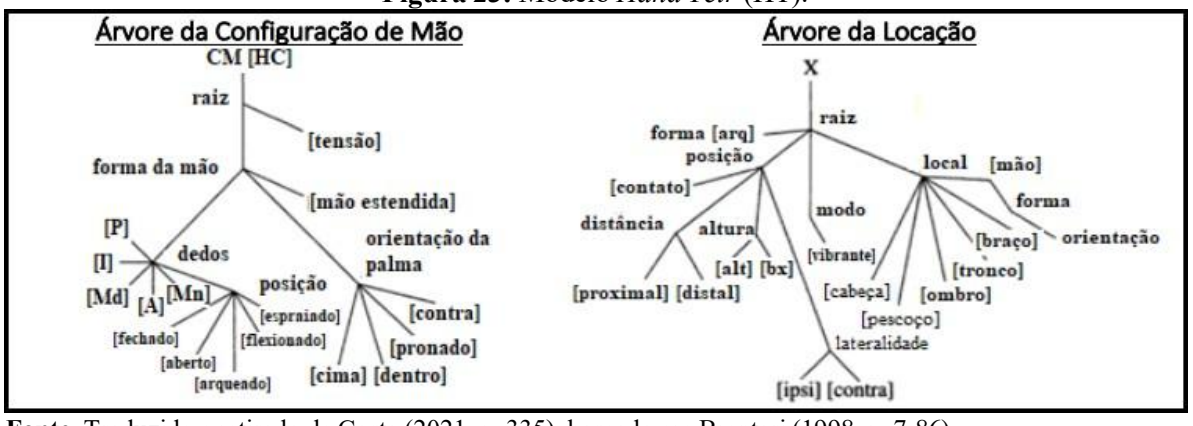
Figura 22: Modelo Prosódico e seus parâmetros.



Fonte: Traduzido de Brentari (1998, p. 26).

Sandler (1986, 1987, 1989, 1990, 1993, 1996) e Sandler e Lillo-Martin (2006) desenvolveram um modelo de análise fonológica baseado nas estruturas autossegmentais das CMs, no qual os Ms e as Ls (PAs) funcionam como camadas que vão se estendendo e ramificando ao longo do procedimento de decomposição de um determinado Sinal. Nesse modelo, a L (Locação) funciona como uma espécie de unidade estática, se comparada à função que ela exerce, como pode ser visto na Figura 23:

Figura 23: Modelo *Hand Teir* (HT).



Fonte: Traduzido e retirado de Costa (2021, p. 335), baseado em Brentari (1998, p. 7-86).

Também existem outros modelos, como o Modelo Moraico, em que a "mora" constitui-se como uma unidade fonológica significativa, conforme apresentam Perlmutter (1990, 1991, 1992, 1993) e Carr (2008). Nele, há a possibilidade do entendimento de que, em LS, existiriam mudanças visuais nas CMs, que se configurariam como sílabas, pois "[...] o Modelo Moraico (μ) preconiza um padrão de estrutura moraica para a representação fonológica, defendendo um protótipo de sílaba que se encontra na instância de uma gama de restrições fonológicas [...]" (Costa, 2012, p. 65).

Outro estudo desenvolvido nessa perspectiva de discussão acerca das estruturas das Ls é o Modelo da Fonologia Visual – FV, no qual Uyechi (1994, 1995[1996], 1998) faz o uso de conceitos matemáticos, no caso a geometria, para elaborar generalizações baseadas nas possibilidades articulatórias fisiológicas do corpo humano.

> [...] As juntas articulatórias são consideradas pontos de articulação dentro de um sistema de coordenadas bidimensional, e o espaço de sinalização é um sistema de quatro cubos tridimensionais: um para a mão, denominado *prisma da mão* (HP); um para sinais simples com um lugar principal do corpo ou espaço neutro, chamado espaço de *sinalização local* (LSS); um para sinais complexos, chamado espaço de *sinalização global* (GSS); e um para constituintes maiores, chamado *espaço de sinalização do discurso* (DSS). Cada um desses cubos contém seis *planos articulatórios* [...][29] (Brentari, 1998, p. 91, grifos da autora, tradução minha).

Outrossim, autores como Anderson e Jones (1974, 1977), Durand (1986), Anderson e Ewen (1987), Dikken e Hulst (1988) e Hulst (1989) produziram investigações, inicialmente, de cunho sintático nas quais notaram a necessidade de uma interpretação assimétrica da fonologia. Surge, então, nesse contexto, a *Dependency Phonology* – DP (Ewen, 1995, p. 583), que está associada a um grupo de programas que contemplam pesquisas não-lineares da fonologia.

Ao pensar as características que envolvem as descrições das LS, foi possível verificar o desenvolvimento de uma perspectiva fonológica fundamentada num modelo construído por uma relação de compartimentação binária de elementos. Hulst (1993, 1995), na busca por compreender a sequencialidade em LS, tendo por base os estudos de Stokoe (1960), identifica o elemento regente enquanto núcleo (a cabeça), enquanto assimetricamente pode haver outro que é dependente. De acordo com Brentari (1998, p. 90),

---

[29] **No original:** *[...] The articulatory joints are considered pivot points within a two-dimensional coordinate system, and signing space is a system of four three-dimensional cubes: one for the hand, called the hand prism (HP); one for simple signs with one major body place or neutral space, called local signing space (LSS); one for complex signs, called global signing space (GSS); and one for larger constituents, called discourse signing space (DSS). Each of these cubes contains six articulatory planes [...]* (Brentari, 1998, p. 91).

> [...] Ele não propôs uma unidade silábica para este Modelo de Fonologia da Dependência (DP), argumentando que, como o sinal não tem distinção de tempo de início, sua unidade prosódica básica não deve ser chamada de sílaba [...]; em vez disso, a unidade prosódica fundamental é simplesmente o segmento [...][30].

O modelo proposto por Hulst abre a possibilidade de que haja unidades estáticas (núcleos) que se desdobram em nós, os quais produzem um relacionamento que pode ser ramificado, isto é, dependente dessas primeiras unidades. Karnopp (1999, p. 20) destaca que, seguindo uma lógica dada pela Gramática Universal – GU para esse modelo, as CMs, os PAs ou Ls são formadores nucleares, enquanto que "o parâmetro movimento não é considerado um primitivo, mas o resultado da especificação de locações, configurações e orientações de mão".

Logo, ao estudar sobre o caráter fonológico das LS, observo que há muitos caminhos trilhados em consideração à fonologia dessas línguas. O livro, contudo, considero prudente utilizar termos mais gerais, tanto da linguística como da LSF, para tratar os elementos visuais da Libras. Noto que as propostas vistas até o presente momento têm sido desenvolvidas de forma tímida nos estudos que envolvem a decomposição dos Sinais em Libras.

Saliento, também, que não pretendo propor aqui um modelo estático, fechado, inflexível para os estudos de LS à luz da LSF, mas sim, ao longo desta pesquisa, abrir novas discussões sobre a necessidade de revisão das bases teórico-metodológicas das estruturas viso-espaciais, tendo como ponto de partida o pressuposto sociossemiótico metafuncional de Halliday com foco na interpessoalidade. Vislumbro, em estudos futuros, desenvolver esse novo olhar sistêmico-funcional sobre as LS, sobretudo para a Libras; começo, portanto, no próximo Capítulo, no qual discorro sobre noções teóricas voltadas para a LSF e sua visão sobre a língua e a linguagem.

---

[30] **No original:** *[...] He has not proposed a syllable unit for this Dependency Phonology (DP) Model, arguing that because sign has no onset-time distinction, its basic prosodic unit should not be called a syllable [...]; instead, the fundamental prosodic unit is simply the segment [...]* (Brentari, 1998, p. 90).

CAPÍTULO 2

UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL PARA COMPREENSÃO DA LÍNGUA(GEM)

"A gramática funcional [...] difere da gramática formal e estrutural, pois não pretende modelar, mas explicar; e a explicação é baseada na situação comunicativa[31]" (Nichols, 1984, p. 97, tradução minha). A teoria funcionalista da linguagem, por sua vez, concentra-se em entender como as estruturas linguísticas emergem para cumprir funções comunicativas específicas, já que, para a autora, o termo **função** possui uma característica polissêmica e não homônima.

Essa vertente teórico-metodológica baseia-se na intrínseca investigação da relação forma-função, ou seja, o ponto de partida está ligado às análises das relações entre formas linguísticas e funções comunicativas, bem como a consideração do contexto social e cultural em que a linguagem é usada.

Em razão disso, nas relações humanas, a gramaticalização pode ser observada através da mudança de palavras ou expressões usadas inicialmente para descrever conceitos específicos, tornando-se parte das estruturas gramaticais que comunicam nuances de atitude[32], evidencialidade, modulação de discurso etc.

A LSF é uma abordagem linguística que se concentra em identificar e analisar os significados fundamentais que são expressos em uma língua. Ela destaca a importância dos significados em contextos comunicativos e ajuda a entender como a linguagem é usada para transmitir informações complexas.

De acordo com Halliday (1994), a linguagem pode ser simultaneamente observada a partir de três manifestações, as quais ele chamou de metafunções, que são implícitas ao uso social de um determinado sistema linguístico. Nesta investigação, proponho-me a refletir sobre a linguagem enquanto troca, a metafunção interpessoal. Isso quer dizer que o foco da construção da mensagem está na construção dos diálogos, considerando, para a constituição dos significados, que os participantes assumem determinados papéis de fala voltando-se às relações como uma atividade de organização do convívio interativo humano.

---

[31] **No original:** *Functional grammar, then, differs from formal and structural grammar in that it purports not to model but to explain; and the explanation is grounded in the comunicative situation* (Nichols, 1984, p. 97).

[32] Conceito geral que se liga aos procedimentos comportamentais humanos. Em LSF, a Atitude é compreendida como um subsistema, pelo qual é possível analisar avaliações linguísticas semântico-discursivas.

É na interpessoalidade, segundo Halliday e Matthiessen (2014), que os participantes assumem a língua ou a linguagem como um tipo de mercadoria, na qual atribuem a função de "dar", quando expressam a necessidade voltada à permuta de bens e serviços, e de "solicitar", que envolve a obtenção de informações. O princípio da interpessoalidade ainda está baseado na cooperação, segundo Rudge (2022, p. 39), uma vez que a

> [...] "cooperação", tal como aqui se pretende, vai além de noções genéricas como concordando entre si para evitar uma discussão. Em vez disso, a cooperação é usada no sentido de negociações ativas e contínuas entre as partes das trocas comunicativas, permitindo fenômenos como solicitações, demandas e apresentações de informações (e quaisquer respostas resultantes) em um contexto. Esta cooperação em trocas de significados também nos permite apresentar posturas diferenciadas em relação a aspectos que são comunicados (por exemplo, a validade das proposições) ou em relação a pessoa ou pessoas com quem estamos falando ou sobre quem estamos falando (por exemplo, indicando social proximidade ou distância)[33] (tradução minha).

Isso significa que a linguagem apresenta uma certa plasticidade, não é uma estrutura rígida e fixa, mas sim algo que pode ser flexível, adaptativo e que propicia a evolução dependendo do contexto e da intenção na interação comunicativa dos falantes. Ademais, a linguagem, muitas vezes, opera de maneira imprevisível, o que significa que as escolhas linguísticas não são predefinidas, mas dependem de outros fatores, como contexto, intencionalidade e preferências individuais.

A LSF surge como um modelo de múltiplas perspectivas, multifacetado, que pode contribuir significativamente para a análise e a compreensão da linguagem em seu uso cotidiano. Ela reconhece que a linguagem é usada de diferentes formas, pois depende das necessidades comunicativas e dos contextos sociais e culturais dos interactantes, possibilitando uma compreensão mais abrangente das interações linguísticas. Vale salientar que essa é uma perspectiva que não está preocupada somente com a gramática em seu próprio nível oracional, mas procura entendê-la em sua constituição **abaixo** e **acima da oração.**

Segundo Gouveia (2009), para a LSF, a produção de textos em um contexto específico pauta-se em uma perspectiva topo-base (*top-down*), que está comprometida com a descrição e a análise da oração, visto que

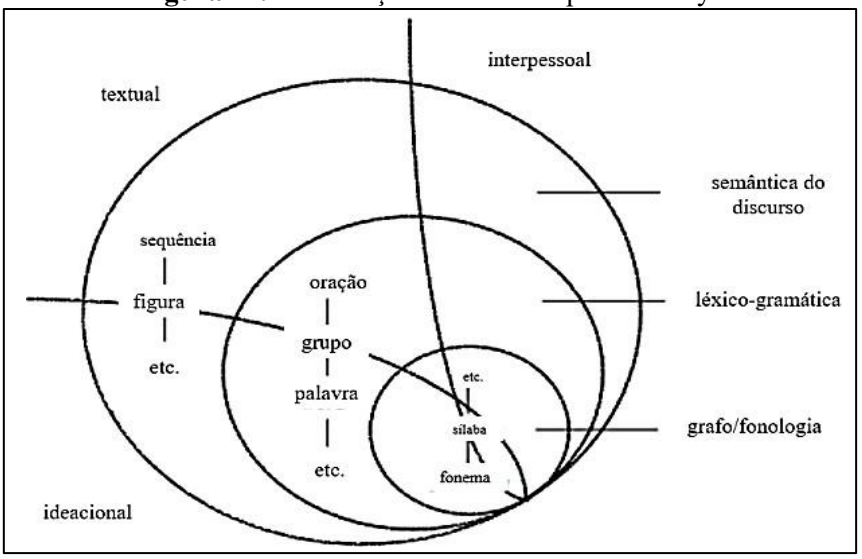
---

[33] **No original:** *[...] 'cooperation', such as it is intended here, goes beyond generic notions such as agreeing with one another to avoid an argument. Rather, cooperation is used in the sense of active and ongoing negotiations between parties in communicative exchanges, allowing phenomena such as requests, demands and presentations of information (and any resultant responses) in a context. This cooperation in exchanges of meaning also permits us to present nuanced stances in relation to aspects that are communicated (e.g. the validity of propositions) or in relation to the person or people we are speaking to or speaking about (e.g. indicating social proximity or distance)* (Rudge, 2022, p. 39).

> De facto, enquanto instanciação do sistema, o texto é a nossa unidade de descrição, mas é a oração que é a unidade principal de processamento da gramática, já que tudo se processa à volta da oração: acima de, abaixo de, para além de. A centralidade da oração e o facto de o texto, enquanto forma linguística de interacção social, ser a unidade de descrição que nos dá o acesso ao sistema fazem com que esta abordagem descritiva seja feita de cima para baixo, isto é, da unidade maior para a unidade menor (Gouveia, 2009, p. 20).

Em LSF, esses aspectos estão intrinsecamente relacionados ao contexto em que a fala ocorre, em situações comunicativas específicas. Esse modelo hallidayano compreende a linguagem por meio de três componentes, denominados Metafunções (ver Figura 24), que atuam nos campos da significação, coexistem e se entrelaçam harmonicamente dentro dos sistemas linguísticos, permitindo a construção da linguagem e a expressão eficaz de significados complexos em diferentes contextos comunicativos.

Figura 24: Metafunções elaboradas por Halliday.



Fonte: Retirado e traduzido de Martin (2009, p. 556, tradução minha).

O conceito associado à **metafunção ideacional** refere-se à expressão de ideias, informações e representações do mundo; envolve como a linguagem é usada para descrever a realidade, transmitir fatos, conceitos e representações objetivas. Já a **metafunção interpessoal** vincula-se às relações sociais e interações entre falantes; engloba como a linguagem é utilizada para expressar atitudes, emoções, julgamentos, solicitações, entre outros elementos relacionados à comunicação interpessoal. Enquanto a **metafunção textual** está relacionada à organização e estruturação do discurso e do texto; implica como a linguagem é empregada para criar coesão e coerência textuais, garantindo que a informação seja apresentada de forma clara e lógica.

Como foi possível notar na Figura 24, para identificar as Metafunções inerentes à LSF, é preciso entender a organização das estruturas da língua desde a produção de seus fonemas até

a formação das figuras, ou outros mecanismos que possibilitam a essa vertente teórico-metodológica explorar a geração linguística de significados.

Isso abrange examinar as formas linguísticas presentes no *corpus* selecionado e a própria linguagem utilizada, pois o objetivo é descobrir o que o texto revela por meio de suas estruturas e das escolhas linguísticas do indivíduo que o produziu. Para Halliday e Matthiessen (2014), uma análise necessita incluir uma gramática coerente, abrangente e ricamente direcionada, já que "Talvez a dimensão mais notável da linguagem seja a sua estrutura composicional, conhecida como 'constituinte'"[34] (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 5, tradução minha), porque essas contribuem para a construção do significado em um determinado texto.

Ademais, outros estratos que estão associados a uma análise interpretativa e que ultrapassam os níveis da oração estão ligados aos contextos de cultura e de situação, e, também, à ideologia, permitindo uma compreensão mais profunda do significado e das intenções de um determinado indivíduo na produção e expressão de seu texto. Essa análise pode contemplar considerações sobre normas sociais, valores, crenças, influências históricas e culturais que moldaram a produção do texto.

Este estudo considera a arquitetura da linguagem apresentada por Halliday e Matthiessen (2014), na qual o texto é uma Instanciação multifacetada da linguagem produzida com o intuito de promover a interação e a comunicação, seja por meio da escrita ou da fala. Nesse sentido, é por meio da linguagem que os seres humanos procuram recursos para expressar suas mais diversas experiências, levando em conta o ambiente em que eles se inserem. Para os autores, a linguagem constitui-se como "um recurso para construir sentido; então o texto é um processo de construção de significado no contexto[35]" (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 3, tradução minha).

Neste Capítulo, entendendo as produções viso-espaciais das LS enquanto texto, busco compreender, à luz da base sistêmico-funcional, como a Libras pode ser descrita, explicando os recursos semióticos utilizados para a construção de significados nessa língua. Vejo, portanto, os excertos selecionados tanto como "espécimes" quanto "artefatos", que podem ser analisados segundo os estratos e os sistemas a que LSF se propõe.

Em ambos os níveis de análise, espécime e artefato são importantes para obter uma compreensão completa e profunda de um objeto investigativo, já que tornam factíveis explorar

---

[34] **No original:** *Perhaps the most noticeable dimension of language is its compositional structure, known as 'constituency' […]* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 5).

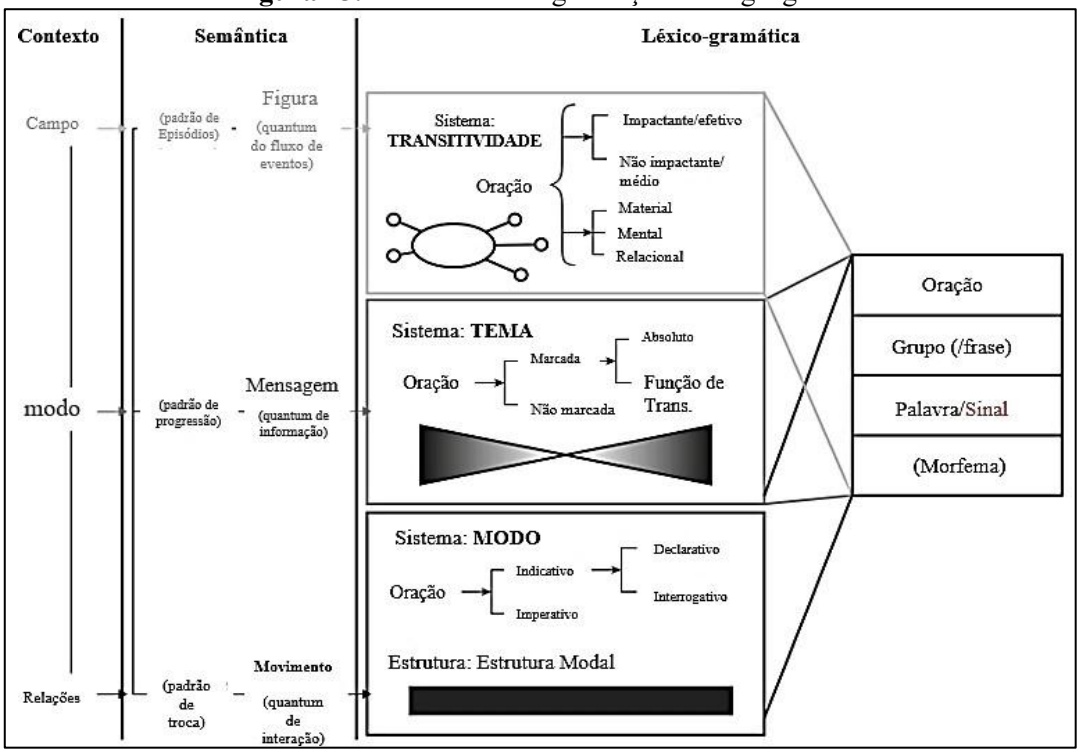
[35] **No original:** *a resource for making meaning; so text is a process of making meaning in context* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 3).

tanto as características intrínsecas do texto quanto as influências externas que o moldaram, o que resulta em uma visão holística do significado e de seu impacto dentro do cenário em que o objeto foi produzido. Contudo, para esta pesquisa, as análises se darão no estrato semântico-discursivo, o que quer dizer que a materialidade linguística me proporcionará explorar elementos intrínsecos às orações produzidas em LS.

2.1 A perspectiva sistêmica de estratificação da linguagem

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), a linguagem pode ser discutida em vários aspectos: enquanto texto, sistema, som, escrita, fraseado, estrutura e recursos, aos quais adiciono as formas viso-espaciais conhecidas como "Sinais" que formam as LS (ver Figura 25):

Figura 25: Dimensões e organização da linguagem.[36]



Fonte: Retirado, traduzido e adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 21).

É possível, por meio de uma reflexão sistêmico-funcional, investigar essa modalidade linguística desprendida da significação sonora. Segundo os autores, a visão sistêmica é em si abrangente e tem seu alicerce nas construções semióticas como uma produção natural humana. Por conseguinte, os estudos de LS também são um objeto intrínseco à abordagem sistêmico-

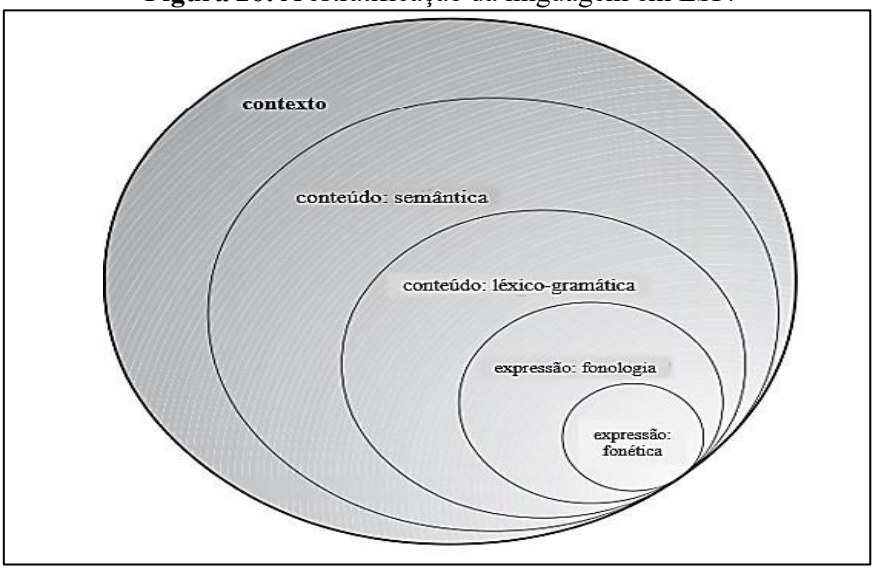
[36] Nessa figura, o termo **word** (palavra) torna-se equivalente ao termo **Sinal**. Resolvi acrescentá-lo, considerando que outros termos cunhados por Halliday e Matthiessen (2014) se manteriam quando, como nesta tese, forem realizadas pesquisas em LS.

funcional. No que tange à teoria linguística, o conceito "constituinte" em LSF está associado ao aspecto composicional de uma determinada língua, e o princípio da ordenação sistêmica pode ser compreendido por sua organização em camadas, no qual verifica-se a classificação.

Voltando, portanto, ao eixo sintagmático direcionado às LS, percebe-se que há uma hierarquia composicional que serve a um único propósito, que é a estruturação gramatical, pois, como afirmam Halliday e Matthiessen (2014, p. 22, tradução minha), a "gramática é a unidade central de processamento da linguagem, a usina onde os significados são criados; isso é natural que os sistemas de som e de escrita através dos quais esses significados são expressos deve refletir o arranjo estrutural da gramática[37]".

Além disso, Gouveia (2009) indica que a LSF se diferencia de outras correntes linguísticas pelo fato de conceber um modelo de descrição gramatical baseada no eixo paradigmático, voltada a uma natureza que une a escolha de significados à realidade social, o que torna mais abrangente a noção de texto. Nesse eixo, o que se tem é uma rede de sistemas semióticos que atuam não como uma espécie de inventário de estruturas, mas como uma produção ampla de significados que se entrelaçam por meio de escolhas individuais em uma escala de estratificação (ver Figura 26). O indivíduo, inserido em um determinado contexto, seleciona e utiliza elementos linguísticos para formar textos, conforme esquematizado a seguir:

Figura 26: A estratificação da linguagem em LSF.



Fonte: Retirado e traduzido de Halliday e Matthiessen (2014, p. 26).

[37] **No original:** *Grammar is the central processing unit of language, the powerhouse where meanings are created; it is natural that the systems of sound and of writing through which these meanings are expressed should reflect the structural arrangement of the grammar* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 22).

Ao voltar, então, aos estudos sistêmicos relacionados às LS, vê-se que este se constitui um desafio, já que, como os autores esclarecem, "O termo 'texto' inclui instâncias faladas e escritas do sistema linguístico [...]"[38] (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 46, tradução minha). Isso significa que a teoria foi pensada com base em padrões de línguas orais, inicialmente a língua inglesa, mas, ao chegar a outras partes do mundo, os pesquisadores têm se lançado a entender outras línguas à luz dessa perspectiva, mostrando a versatilidade da LSF.

Porém, apesar de nova em muitos países, o foco dos estudos em LSF ainda se manteve em entender os sistemas semióticos de outras línguas igualmente orais. Por essa razão, há a necessidade de que pesquisadores de LS, também, se proponham a investigar essas línguas sob o prisma sistêmico-funcional. Os autores, mesmo utilizando termos como **gesto**, **corpo**, **expressões faciais**, **textos visuais**, **sistemas semióticos visuais**, se remetem a outros sistemas semióticos ligados à oralidade e não à viso-espacialidade. Por esse motivo, entendo que há a necessidade de explorar as LS por meio da LSF, como alguns pesquisadores têm começado a investigá-las[39].

Ainda acerca da organização de uma língua, Halliday e Matthiessen (2014) exploram a relação de critérios externos, voltados ao contexto, o que chamaram de dimensões semióticas globais e a de critérios internos, também conhecidas como dimensões locais que se voltam à léxico-gramática. Essas estão ligadas a uma estrutura ordenativa interna da linguagem, ou seja, a seus sistemas e subsistemas. Tais dimensões são apresentadas na Figura 27:

Figura 27: Dimensões semióticas globais e locais da linguagem no contexto.

Escopo da dimensão	Dimensão	Ordens
global	estratificação	Contexto – linguagem [conteúdo [semântica – léxico-gramática] – expressão [fonologia – fonética]]
	instanciação	potencial – subpotêncial/ tipo de instância
	metafunção	Ideacional [lógica – experiencial] – Interpessoal - Textual
local	eixos	Paradigmático - sintagmático
	nível	(para léxico-gramática:) oração – grupo/frase – palavra/sinal - morfema
	detalhamento	(para léxico-gramática:) o *continuum* da gramática ao léxico

Fonte: Retirado, traduzido e adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 32).

[38] **No original:** *The term 'text' includes both spoken and written instances of the linguistic system […]* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 46).

[39] No próximo Capítulo, discorrerei de forma mais detalhada sobre as investigações em LSF que envolvem as LS e, mais especificamente, a Libras.

Considerando o quadro acima, conforme apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 32, tradução minha), essas dimensões constroem um cenário "no qual a linguagem é sempre teorizada, descrita e analisada dentro de um ambiente de significados; uma dada linguagem é, portanto, interpretada por referência ao seu habitat semiótico[40]".

Como observado na Figura 27, o termo **Sinal**, grifado em vermelho, refere-se à nomenclatura utilizada para definir o léxico viso-espacial das LS em detrimento do termo **palavra**. Disto se abstrai que as mesmas dimensões sistêmicas, global e local, podem ser aplicadas tanto ao analisar uma LS quanto uma LO, o que reforça o *status* linguístico das LS. Essas semioses estruturais de uma língua, de acordo com Halliday, são indicadas pelo potencial de significados que são materializados a partir do conceito de Instanciação, o qual será desenvolvido no subtítulo a seguir. Isso possibilita ao sistemicista entender como a linguagem, em uma perspectiva sistêmico-funcional, concebe o surgimento dos textos que formam e constituem a expressão humana.

2.2 Instanciação em LSF

Como os próprios autores afirmam, há uma certa dificuldade relacionada à compreensão da teoria, visto que "[...] queremos explicar como a língua é organizada e como sua organização se relaciona com a função que desempenha na vida humana, muitas vezes temos dificuldade em esclarecer as coisas[41]" (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 27, tradução minha). Quando utilizamos o arcabouço teórico-metodológico da LSF, há uma dupla perspectiva que consiste no conceito de **sistema** e envolve a preocupação com a organização da linguagem, ou seja, a estruturação de um determinado sistema linguístico, pois, para esses autores, o sistema envolve a produção potencial de significados.

Simultânea e paralelamente, para a efetivação de uma abordagem sistêmico-funcional, busca-se entender a linguagem como **texto**, e ela desempenha uma função nas interações sócio semióticas que se dão em um determinado contexto de situação. Logo,

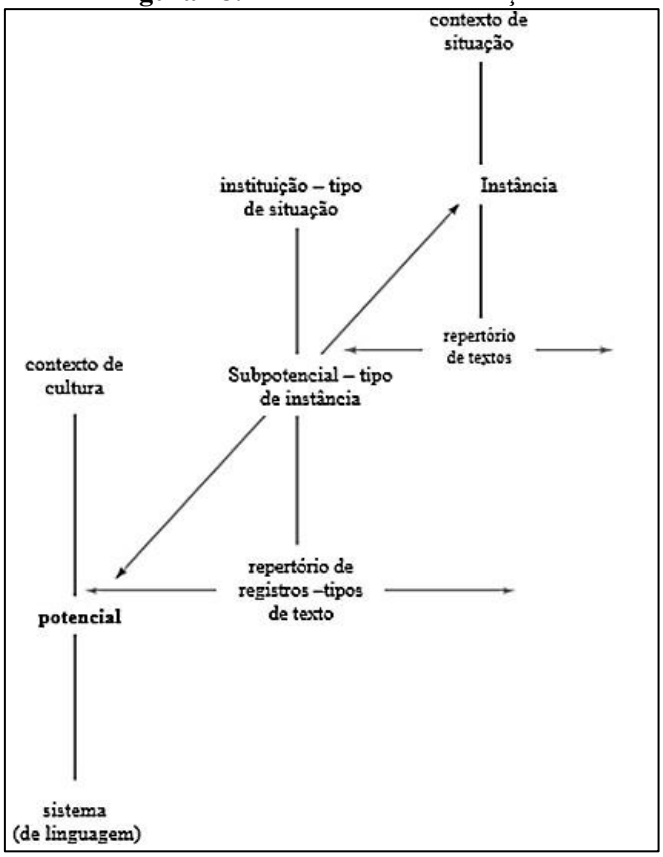
> [...] a instanciação é a manifestação do sistema linguístico no texto, o que deve, da mesma forma, ser interpretado como um processo dialético, dado ao fato de que a instanciação se manifesta, constrói e reconstrói os potenciais de significado de determinada cultura (Vian Jr., 2009, p. 109).

[40] **No original:** *one in which language is always theorized, described and analysed within an environment of meanings; a given language is thus interpreted by reference to its semiotic habitat* (Halliday; Matthiessen, 2014, 32).

[41] **No original:** *we want to explain how language is organized, and how its organization relates to the function it fulfils in human life* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 32).

O conceito de Instanciação possibilita a concepção de que um sistema é instanciado por um texto ou um conjunto de textos, gerando uma relação mutualística forjada a partir da relação experiencial e lógica do indivíduo, em um ambiente social específico no qual encontra-se inserido. Para Halliday e Matthiessen (2014), a Instanciação está ligada a um contínuo (*cline*) que se dá entre dois polos: o potencial geral (sistema) e a instância específica (texto). Segundo os autores, é possível investigar os significados produzidos em um determinado ambiente partindo desse potencial que está vinculado ao sistema, como pode ser observado na Figura 28:

Figura 28: Contínuo de Instanciação.



Fonte: Retirado, traduzido e adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 28, tradução minha).

Sobre a Instanciação, pode-se inferir que "O texto tem o poder de criar o seu próprio ambiente, mas tem esse poder devido à forma como o sistema evoluiu, ao dar sentido ao ambiente tal como foi dado[42]" (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 29, tradução minha). Ao pensar a ideia de associar a linguagem ao contexto, Halliday (1994) articulou a noção de **potencial** ligada ao contexto de cultura, no qual o sistema da língua é permeado pelo subpotencial criado

[42] **No original:** *The text has the power to create its own environment; but it has this power because of the way the system has evolved, by making meaning out of the environment as it was given* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 29).

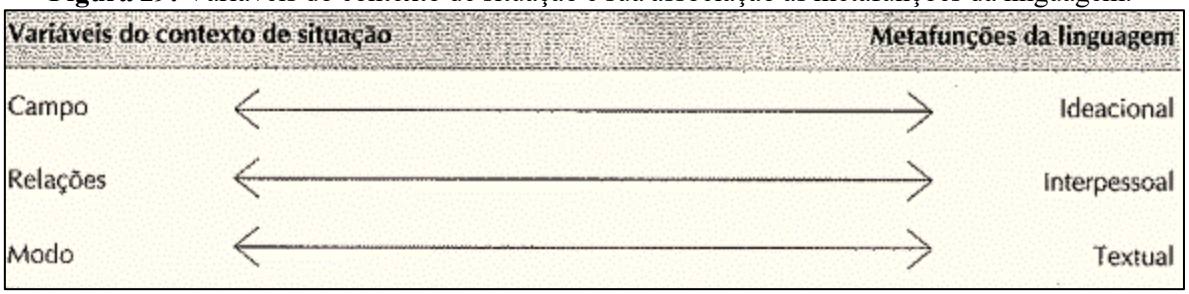
por um tipo de instância que traz à superfície o significado, isto é, a própria instância, o que permite a produção das orações. No subtítulo seguinte, em uma perspectiva de baixo para cima, apresento o conceito associado ao contexto de situação e suas variáveis de registro, a fim de corroborar teórico-metodologicamente as definições que contribuíram para a seleção do *corpus* de análise desta tese.

2.3 Contexto de situação[43]: registro e suas variáveis

A principal ideia que diferencia a LSF das demais correntes teórico-filosóficas da linguagem está justamente vinculada ao ideal de que todo elemento cultural deve ser estudado/ analisado a partir de seu **contexto de situação**, cunhado pelo antropólogo Bronislaw Malinowski e apresentado a Halliday por seu professor J. R. Firth. Halliday (1989) se apropria da noção de contexto de situação da Antropologia de Malinowski, trazendo-o para a Linguística e desenvolvendo o conceito de **registro**, associado às suas variáveis: **campo**, **relações** e **modo**[44].

Segundo o autor, essas variáveis possibilitam a identificação das metafunções propostas por ele, pois é por meio delas que os significados surgem no texto. Nas metafunções, o **campo** se associa à ideacional, as **relações** à interpessoal e o **modo** à textual, como pode ser detectado na Figura 29:

Figura 29: Variáveis do contexto de situação e sua associação às metafunções da linguagem.



Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 32).

Conforme se observa, o **campo** está vinculado às atividades exercidas pelos participantes e volta-se para as experiências do indivíduo no ambiente em que está inserido, possibilitando a produção do que será expresso.

---

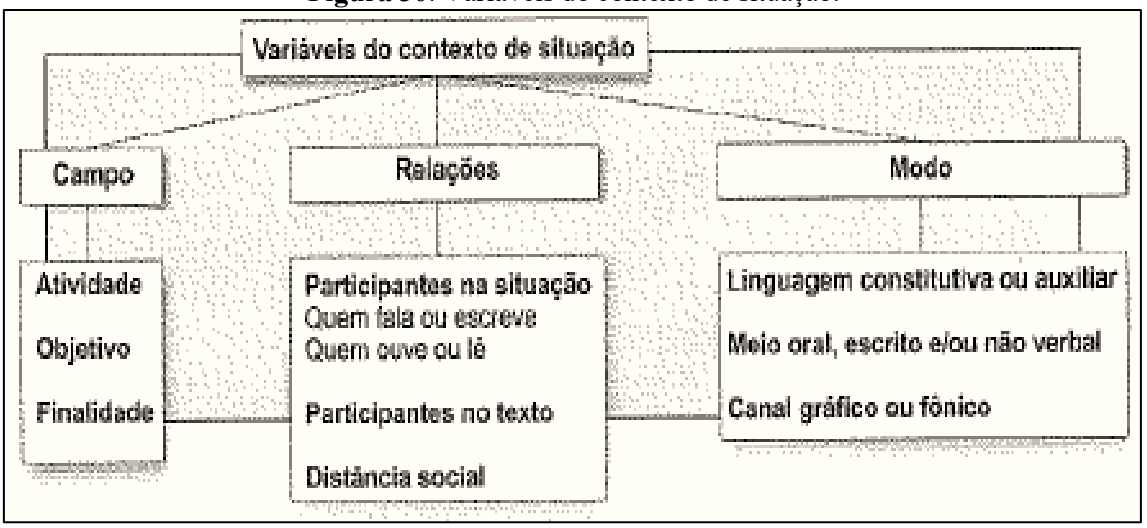
[43] Segundo o conceito linguístico elaborado por Halliday e Matthiessen (2014) de que há um escalonamento da realização, inicio a apresentação dos contextos pelo de situação que, de forma ascendente, realiza o contexto de cultura.

[44] Em LSF, o termo "modo" iniciado com "m" minúsculo se vincula às variáveis de registro. Quando escrito em caixa alta, "MODO", está associado ao sistema léxico-gramatical da metafunção interpessoal; e, quando aparece com "M" inicial maiúscula e demais letras minúsculas, se volta para a modalidade da linguagem que também se vincula à interpessoalidade e ao sistema de MODO mencionado anteriormente.

Já as **relações** requerem certo vínculo entre os participantes e estão conectadas, como apontam Fuzer e Cabral (2014, p. 30), "[...] à natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierárquica ou não) e a distância social ou o grau de formalidade (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem)".

E o **modo** se volta para a mensagem propriamente dita, porque "[...] refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 30). A Figura 30 resume os elementos inerentes à constituição de um contexto de situação e, consequentemente, do registro:

Figura 30: Variáveis do contexto de situação.



Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 30).

Essas variáveis, por sua vez, impactam o registro, pois este é "[...] um conceito semântico. Pode ser definido como uma configuração de significados que estão tipicamente associados a uma configuração situacional particular de campo, relações e modo[45]" (Halliday, 1989, n.p.). Ainda segundo o autor, o registro pode ser aberto, considerando os significados quando há margem para explorar a individualidade dos participantes envolvidos, enquanto que o fechado, por ser de significação restrita, impõe limites ao que está sendo expresso.

Portanto, como será possível constatar no Capítulo de metodologia, a entrevista possui uma Estrutura Potencial de Gênero – EPG. Ela compreende uma característica de registro tanto fechado quanto aberto, porque quem assume a função interrogativa parte de um roteiro determinado; porém, ao entrevistado é possibilitado explorar os significados quando traz

[45] **No original:** *[...] is a semantic concept. It can be defined as a configuration of meanings that are typically associated with a particular situational configuration of field, mode, and tenor* (Halliday, 1989, n.p.).

respostas de solidariedade aos questionamentos. Além disso, as variáveis desta pesquisa também serão apresentadas no referido Capítulo.

2.4 Contexto de cultura: o que é Estrutura Potencial de Gênero (EPG) e Gênero em LSF

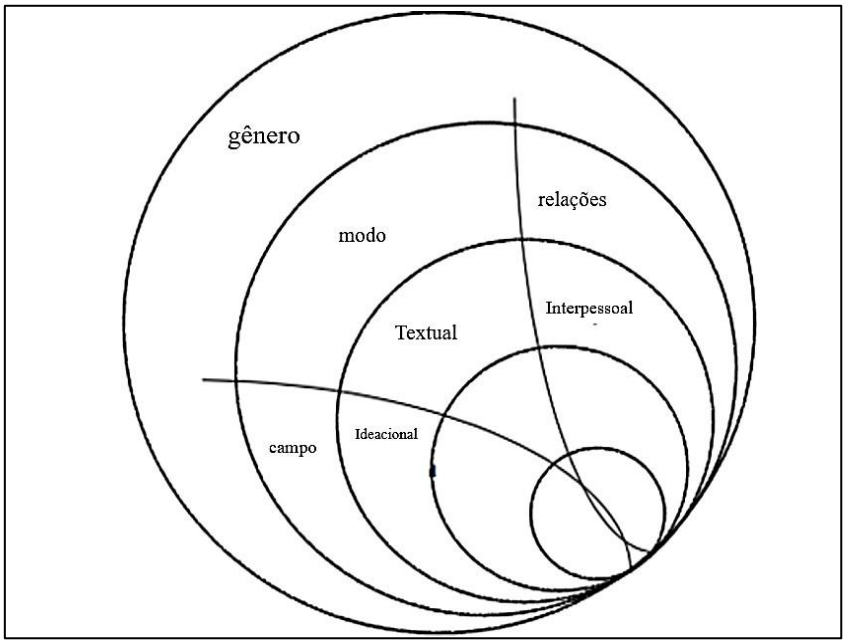
De acordo com Halliday e Hasan (1989), existe um pano de fundo que influencia na elaboração de um determinado texto, posto que este não se configura como um amontoado aleatório de características, sendo factível identificar as variáveis de registro nas quais o texto atua como uma espécie de interface entre o contexto de cultura e o de situação.

> O **contexto de cultura** refere-se não só a práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a igreja, a justiça, etc. O contexto de cultura relaciona-se, assim, ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições (Fuzer; Cabral, 2014, p. 28, grifo das autoras).

Logo, considerando o exposto, o contexto de cultura pode ser encarado como finalidade social, pois um grupo específico de pessoas desenvolve, em um espaço temporal, textos com características comuns que servem a um propósito particular, no qual pode-se notar o surgimento de regras de construção textual habituais em sua formulação, o que, segundo as autoras, é chamado de **Gênero**.

A realização do Gênero, por sua vez, está intrinsecamente ligada à cultura e possui um caráter dinâmico, já que com o passar dos anos pode sofrer alterações de acordo com a necessidade e o propósito do grupo que o utiliza. Em concordância com um dos conceitos bakhtinianos, pode-se entender o gênero como “relativamente estável”, porque o contexto de cultura pode ser compreendido como macrotexto, devido a sua estabilidade, se comparado ao contexto de situação, que neste caso possuiria uma qualidade de microtexto, por apresentar um caráter mais instantâneo devido às suas variáveis. Na Figura 31, vê-se o estrato de realização do gênero em relação às variáveis de registro e a quais metafunções essas variáveis se associam:

Figura 31: Realização da linguagem, do registro e do gênero em LSF.



Fonte: Retirado e traduzido de Martin (2009, p. 557).

Ao observar a Figura 31, ainda é possível identificar que um texto, em LSF, pode ser analisado em diferentes estratos, tanto em níveis abaixo quanto acima da oração. Retomando a questão do contexto de cultura associado ao gênero e sua parcial estabilidade, conforme aponta Hasan (1989), existem elementos que são obrigatórios e opcionais na composição da estrutura potencial que só são possíveis a partir da experiência social do indivíduo.

Como visto, a aplicação de um método sistêmico-funcional me possibilitou inferir que a prática vinculada à entrevista possui grande potencial para ser considerada um gênero seguindo uma base sistêmica. Em LSF, o termo **gênero** é vinculado ao contexto de cultura. Hasan (1985, 1995, 1999, 2009) postulou sobre a existência de uma **Estrutura Potencial do Gênero** – EPG. Segundo a autora, o contexto de cultura fornece pistas para a formação organizacional do texto, sendo esta composta por três elementos: campo do discurso, relações do discurso e modo do discurso.

Já Martin (1992) explora esse potencial baseado nas variáveis que formam o registro no estrato semântico ligado ao contexto de situação, uma vez que nele ocorrem as escolhas reais (Silva; 2018, p. 309). Seguindo a perspectiva indicada por Martin (1992), "Os gêneros passaram a ser descritos em termos de sua estrutura esquemática e características léxico-gramaticais e caracterizados como processos sociais orientados por um propósito e estruturados em etapas" (Silva; 2018, p. 312). Essa proposta apresentada por Martin (1992) modela o gênero a partir de uma estrutura esquemática (EE) evidenciada por meio das variáveis de registro, as quais possibilitam prototipicamente a organização de um determinado texto.

Portanto, em LSF, gêneros são padrões que se repetem e organizam os significados potenciais de maneira previsível em diferentes contextos. Eles também apresentam estruturas e características específicas que atendem a propósitos comunicativos particulares, pois emergem das interações humanas refletindo valores, normas e formas de organização de uma sociedade. A linguagem, portanto, é modelada para realizar funções específicas (Martin; Rose, 2008).

Usar um *corpus* viso-espacial aliada à LSF concatena em desafio para mim, enquanto pesquisador, visto que a EPG de um texto em LS está vinculada às experiências visuais dos Surdos na construção de significação imagética do mundo que os cerca. Esse assunto será mais detalhado no Capítulo voltado à metodologia, no qual indico o contexto de situação e o gênero utilizados para efetivar a seleção do objeto de estudo desta investigação.

2.5 Metafunção Interpessoal

A perspectiva de interação, consoante a gramática desenvolvida por Halliday, se relaciona com os papéis dos interlocutores na comunicação, observando-se a relação interativa que os indivíduos produzem como uma forma de troca dos significados exercida a partir da Instanciação oracional.

> No ato de falar, o locutor adota para si um papel discursivo particular e, ao fazê-lo, atribui ao ouvinte um papel complementar que ele deseja que ele adote por sua vez [...]. Por exemplo, ao fazer uma pergunta, um falante está assumindo o papel de buscador de informações e exigindo que o ouvinte assuma o papel de fornecedor da informação demandada[46] (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 134, tradução minha).

De acordo com a LSF e considerando a interação, os participantes em seus atos de fala desempenham dois papéis principais relacionados à função do ato comunicativo: eles são conhecidos como "Dar" e "Solicitar". Isso quer dizer que o sujeito que emite a mensagem desempenha um papel social, em que participantes envolvidos em um ato de comunicação têm papéis específicos e realizam ações que visam gerar uma resposta. Para os autores, esse processo busca criar, a partir dessa estrutura dialética, uma relação de **solidariedade** que se dá entre os interlocutores.

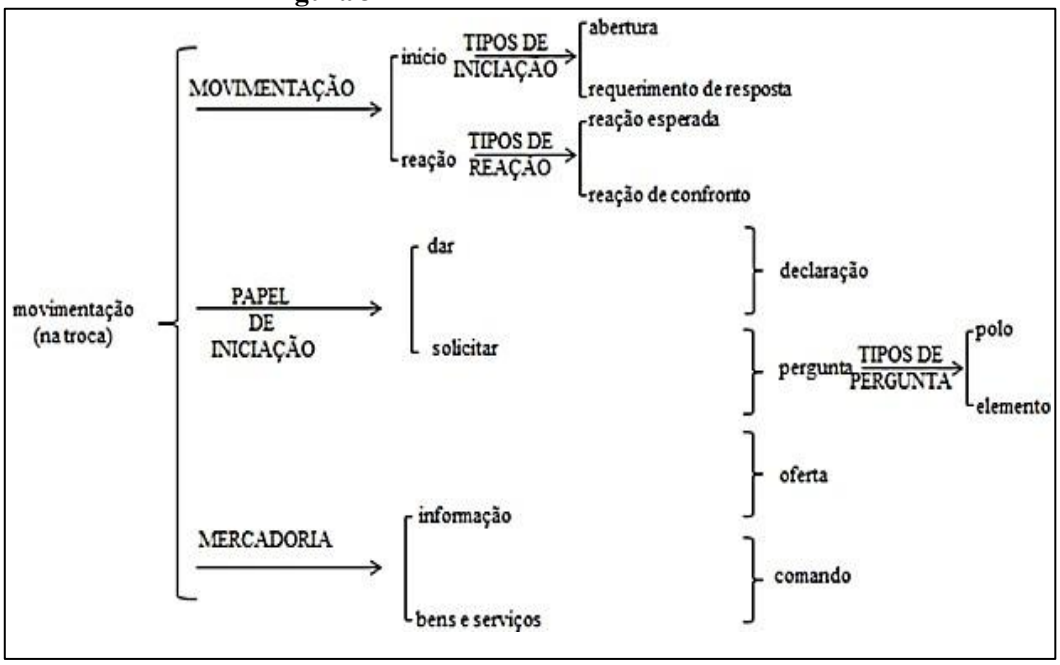
As ações associadas ao "Dar" envolvem a ideia de oferecer, convidar ou conceder algo. Elas indicam a disposição de um interlocutor em compartilhar informações, opiniões,

[46] **No original:** *In the act of speaking, the speaker adopts for himself a particular speech role, and in so doing assigns to the listener a complementary role that he wishes him to adopt in his turn […]. For example, in asking a question, a speaker is taking on the role of seeker of information and requiring the listener to take on the role of supplier of the information demanded* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 134).

solicitações ou até mesmo bens tangíveis. Essa ação está relacionada à ideia de transmitir algo a outra pessoa, seja em um nível concreto ou abstrato. Por outro lado, as ações de "Solicitar" estão ligadas aos princípios de solidariedade e envolvem convidar o interlocutor a dar uma resposta. Isso significa que, quando alguém "solicita" algo, está convidando o interlocutor a participar da interação, a responder, a compartilhar uma opinião ou a tomar uma atitude, ou seja, essa ação se volta à obtenção de uma resposta ou engajamento do outro envolvido no ato comunicativo.

Esses dois papéis, "Dar" e "Solicitar", ajudam a construir a dinâmica comunicativa entre os interlocutores. Eles representam estratégias que moldam a troca de informações, opiniões e atitudes durante a comunicação (ver Figura 32). Nesse sentido, ao analisar a linguagem sob uma perspectiva sistêmica e funcional, torna possível entender como ela desempenha um papel fundamental na construção e na manutenção das relações sociais, realizando, segundo Halliday e Matthiessen (2014), quatro funções de fala principais, sendo elas: a oferta, o comando, a declaração e a pergunta.

Figura 32: Sistema semântico do ato de fala.



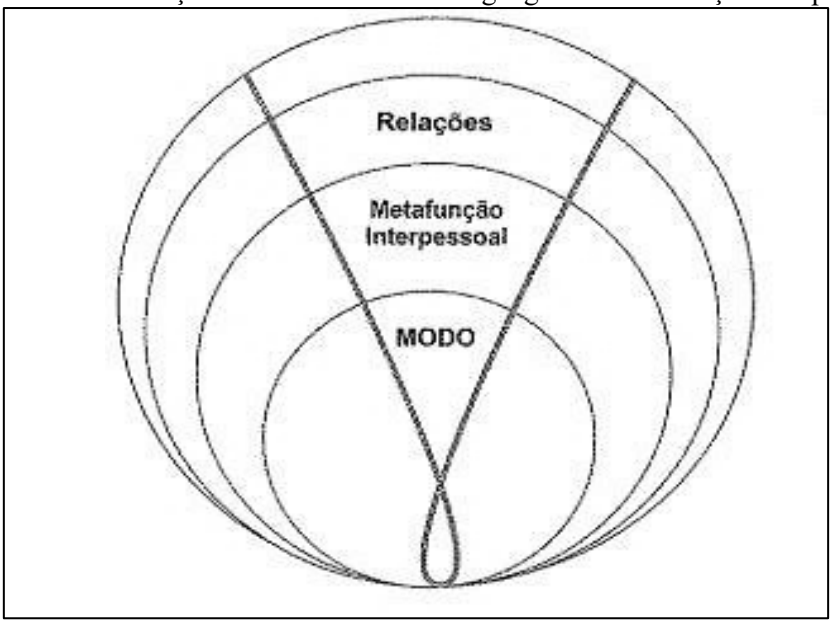
Fonte: Adaptado e traduzido de Halliday e Matthiessen (2014, p. 136).

A linguagem, no processo de interação, passa a ser uma espécie de mercadoria, já que "pela linguagem, podemos negociar relações e expressar opiniões e atitudes, produzindo significados em textos" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 103). O falante/sinalizante estabelece uma movimentação dos significados para atender às suas necessidades e/ou a partir do contato com o(a) interlocutor(a) ele(ela) busca receber informações. Para tal, o ato de fala/sinalização,

primariamente, advém do pressuposto de abertura para a comunicação ou do requerimento de respostas.

Após o início da interação, o que se nota é a capacidade reativa de quem recebe a mensagem, na qual o(a) recebedor(a) expressa uma reação esperada ou de confronto, negando ou ignorando o que está sendo colocado em voga, isto é, o significado que está sendo trocado. O papel da iniciação recai sobre o que foi explicado anteriormente sobre "Dar" e "Solicitar", que vão se entrelaçando por meio dos modos oracionais e assumindo uma determinada função da linguagem, para que se estabeleça a NEGOCIAÇÃO dos significados que se volta à **informação** ou aos **bens e serviços**. Essa inter-relação atua entre os estratos, como pode ser visto na Figura 33:

Figura 33: Inter-relação entre os estratos da linguagem na metafunção interpessoal.



Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 104).

Isto posto, é oportuno pontuar que os estratos da linguagem não se encontram isolados entre si. Para a LSF, os estratos, assim como as metafunções, assumem uma característica de entrelaçamento e são produzidos de forma simultânea, com o objetivo de atingir um resultado final pretendido pelo(a) falante/sinalizante que inicia o ato de fala ou de sinalização, gerando alguma expectativa alocada à ideia de resposta esperada.

Por esses motivos, no próximo subtítulo, apresento a classificação dos modos oracionais em LSF, uma vez que, ao entendê-los, busco concretizar um movimento não paradoxal dado entre a experiência e a lógica da linguagem (metafunção ideacional), ou seja, o campo e as relações que formam a estrutura, como já mencionado sobre os atos de fala. Tal movimento pode ser encontrado nas organizações dos diálogos.

2.6 Modos oracionais em LSF

Em LSF, os modos oracionais se organizam em três estruturas básicas, pois estas se desenvolvem dependendo do tipo de interação que está ocorrendo e da função que o falante/ sinalizante ou escritor pretende atingir com a expressão da oração.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 143), ao levar em conta a troca de informações entre os interactantes, evidenciam que a categoria gramatical é "caracteristicamente" realizada em modo indicativo, na qual assume a forma de declaração. No Brasil, Fuzer e Cabral (2014) reiteram que essa estrutura oracional pode também ser subdividida entre exclamativa e não exclamativa:

> Exemplo 01:
> O vereador é integrante do Poder Legislativo e atua na Câmara Municipal.[47]
>
> Exemplo 02:
> a) Até que enfim![48]
> b) Não acredito!

Quanto ao modo interrogativo, as autoras observam que a interação (a troca) pode ser organizada a partir da produção de perguntas visando algum tipo de resposta, sendo elas marcadas pelo uso da polaridade sim/não ou iniciadas pelo uso da partícula QU-, pois "realizam, tipicamente, perguntas e ofertas" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 107). Vejamos:

> Exemplo 03:
> **Até que horas pode votar nas Eleições 2024?** Veja horários de votação[49] (grifo meu).
>
> Exemplo 04:
> **Qual a função de um vereador?**[50] (grifo meu).

Além disso, o terceiro modo, conhecido como imperativo, é marcado pelo uso de verbos que exprimem algum tipo de ordem e exercem a função de comandos. Conforme asseguram

[47] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/10/04/o-que-faz-o-vereador-entenda-funcoes-e-quem-pode-concorrer-ao-cargo.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 06 out. 2024.
[48] Disponível em: https://www.todamateria.com.br/tipos-de-frase-e-pontuacao/. Acesso em: 06 out. 2024.
[49] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/10/06/ate-que-horas-pode-votar-nas-eleicoes-2024-veja-horarios-de-votacao.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 06 out. 2024.
[50] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/10/04/o-que-faz-o-vereador-entenda-funcoes-e-quem-pode-concorrer-ao-cargo.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 06 out. 2024.

Halliday e Matthiessen (2014), esse é o único tipo de oração em que o predicador é regularmente tratado como Tema[51], porque nos outros modos esse tipo de realização não seria possível.

> Exemplo 5:
> Até que horas pode votar nas Eleições 2024? **Veja horários de votação**[52] (grifo meu).
>
> Exemplo 6:
> O que faz o vereador? **Entenda funções e quem pode concorrer ao cargo**[53] (grifo meu).

Com base no exposto nos exemplos, os modos oracionais são, portanto, mecanismos gramaticais através dos quais os falantes negociam interações: eles perguntam, afirmam, ordenam, ou sugerem, moldando o tipo de relação interpessoal entre os participantes do discurso. Logo, na busca por compreender as relações por meio das trocas, abordarei, a seguir, a construção da interpessoalidade aprofundando no entendimento do sistema de MODO.

2.6.1 Sistema léxico-gramatical de MODO

Como já vimos, a LSF compreende a oração a partir da produção de significados. Estes, por sua vez, estão ligados às metafunções e se vinculam à produção humana, o que possibilitou e/ou possibilita a organização das estruturas sociais e a inserção (ou não) do indivíduo em uma determinada comunidade, considerando o papel exercido por ele de acordo com sua expressão em um contexto de situação.

Essa expressão de significados só se torna possível por meio da instanciação, que está relacionada à elaboração de orações e estruturas baseadas na representação (metafunção ideacional), na troca (metafunção interpessoal) e na mensagem (metafunção textual) (Halliday; Matthiessen, 2014). Refletindo, portanto, acerca do desempenho da oração enquanto troca, é possível presenciar no estrato léxico-gramatical, segundo os autores citados, a organização de um sistema denominado MODO. Esse, por seu turno, "[...] é o recurso gramatical para se

[51] Aqui o conceito a que me refiro está associado ao Tema enquanto sistema léxico-gramatical da metafunção textual. Porém, como o foco desta investigação é voltado ao estudo da metafunção interpessoal, não me aprofundarei nessa questão.

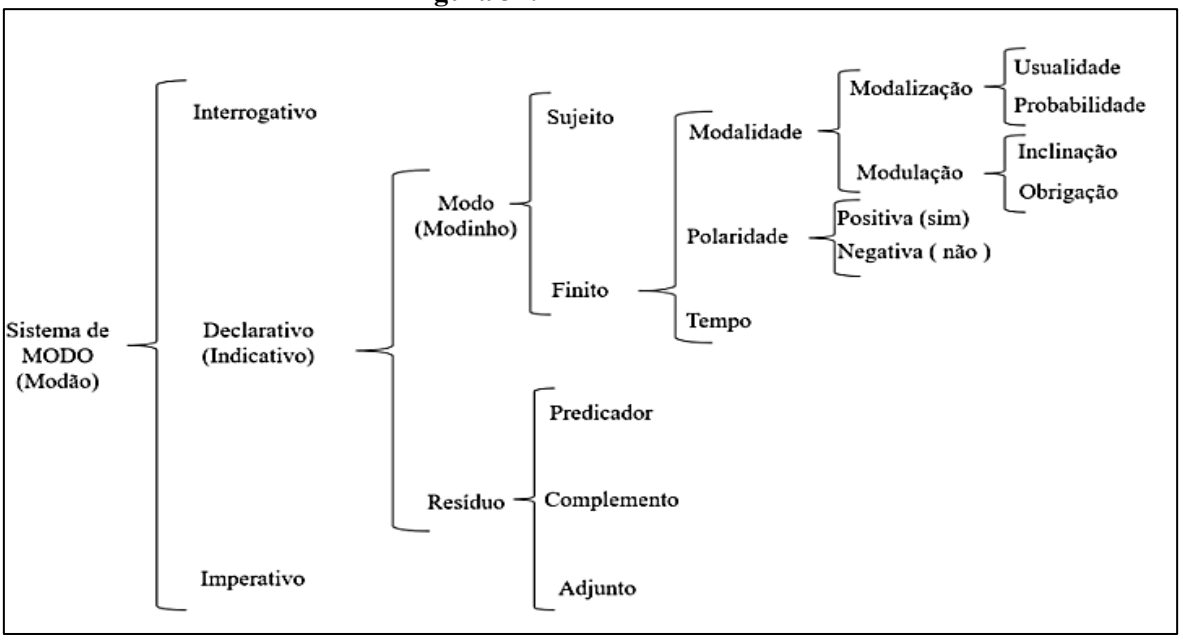
[52] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/10/06/ate-que-horas-pode-votar-nas-eleicoes-2024-veja-horarios-de-votacao.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 06 out. 2024.

[53] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/10/04/o-que-faz-o-vereador-entenda-funcoes-e-quem-pode-concorrer-ao-cargo.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 06 out. 2024.

realizarem movimentos interativos no diálogo [...]"[54] (Martin; Matthiessen; Painter, 1997, p. 57, tradução minha).

O sistema de MODO apresenta diversas possibilidades para que a interação aconteça, baseadas na NEGOCIAÇÃO de significados que os participantes do diálogo expressam (ver Figura 34). Os participantes utilizam as **proposições** e as **propostas**, visando a solidariedade de acordo com a função da fala que o proponente do diálogo executa.

Figura 34: Sistema de MODO.



Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 103-121) e atualizado a partir de Marques-Santos (2019, p. 44).

Halliday e Matthiessen (2014) ponderam que, nas interações humanas, ocorrem trocas de informações e trocas relacionadas a bens e serviços, que se realizam linguisticamente, por meio de **proposições**, que são expressões de fala, e promovem inferências sobre o que está sendo dito e isso inclui afirmações, negações, dúvidas e outros tipos de declarações. As proposições, portanto, são usadas para comunicar informações, expressar pontos de vista e/ou questionar questões e se relacionam ao aspecto informativo das trocas linguísticas.

Por outro lado, as p**ropostas** têm a função de oferecer uma afirmação ou negação sobre o que está sendo falado. Elas são usadas para influenciar o comportamento dos interlocutores em relação a bens e serviços. Por exemplo, ao ofertar ajuda ou pedir algo emprestado, o falante está fazendo uma proposta que envolve uma ação ou uma conduta. Esses dois papéis auxiliam o pesquisador quanto à compreensão da utilização da linguagem e como ela pode atingir diferentes objetivos comunicativos em diversos contextos sociais.

[54] **No original:** *[...] is the grammatical resource for realizing an interactive move in dialogue [...]* (Martin; Matthiessen; Painter, 1997, p. 57).

Conforme notado na Figura 34, reitero que o sistema de MODO apresenta, por meio da léxico-gramática, a complexidade envolvida nas relações interativas humanas. De acordo com a LSF, ele funciona como o responsável por garantir que os participantes no diálogo assumam um papel social baseado nas trocas de informações e/ou bens e serviços. Tendo isso em mente, no subtítulo a seguir, detenho-me na exposição dos elementos interpessoais que podem ser encontrados nas orações e que podem, também, ser negociados.

2.6.2 Elementos interpessoais na oração

No estrato da léxico-gramática, também se observa que há uma organização dos componentes oracionais, porque, em língua inglesa, ocorre uma variação gramatical particular que atua em partes da oração, enquanto outros elementos permanecem inalterados (Halliday e Matthiessen, 2014, p. 139). Mas quais seriam esses componentes?

Como pôde ser percebido pela Figura 34, essa estrutura foi denominada Modo e encontra-se dividida em: Sujeito e Finito; "[...] ambos os elementos têm uma motivação semântica, mas devem ser considerados separadamente porque não contribuem da mesma forma para a oração"[55] (Ghio; Fernández, 2008, p. 125). E, ao apreciar a oração como troca, o Sujeito a que estou me referindo é o gramatical. A esse respeito, Fuzer e Cabral (2014, p. 108-109) explicam que

> O Sujeito é tipicamente um grupo nominal, que pode ser reiterado no texto por pronomes pessoais ou demonstrativos. Em língua portuguesa, pode também ser omitido, quando a desinência do verbo estiver indicando a pessoa do discurso, ou ficar em elipse quando o Sujeito da oração for o mesmo da oração anterior.

Já o Finito é formado por partes do grupo verbal que servem para explicitar: (a) o **tempo**, que, enquanto categoria gramatical, está associado aos verbos e tem como função situar uma ação, um estado ou um acontecimento no eixo temporal, indicando quando ocorre a ação descrita pelo verbo em relação ao momento da fala; (b) a **modalidade**, que objetiva expressar as impressões do falante em vários graus, porque "[...] com a modalidade, a dimensão é a da avaliação: a modalidade constrói uma região de incerteza onde eu posso expressar, ou pedir que você expresse, uma avaliação da validade do que está sendo dito[56]" (Halliday; Matthiessen,

[55] **No original:** *[...] ambos elementos tienen una motivación semántica, pero deben considerarse separadamente porque no contribuyen del mismo modo a la cláusula* (Ghio; Fernández, 2008, p. 125).

[56] **No original:** *[...] With modality the dimension is that of assessment: modality construes a region of uncertainty where I can express, or ask you to express, an assessment of the validity of what is being said* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 144).

2014, p. 144, tradução minha); e (c) a **polaridade**, relacionada ao ‘sim’ e ao ‘não’, marcando a afirmação ou a negação da oração. Tais aspectos estão exemplificados na Figura 35:

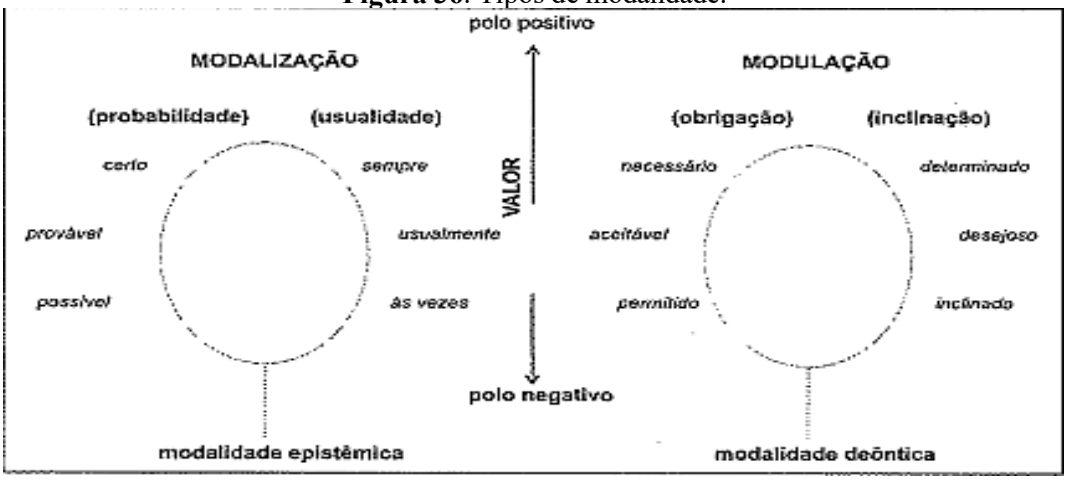
Figura 35: Exemplo de análise dos componentes interpessoais do Modo.

Isabella Nardoni	ca...	...l do sexto andar sobre o gramado em frente ao prédio.
Sujeito	Finito (pres. ind.)	Resíduo
Modo		

Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 110).

Retomando o item (b) indicado anteriormente (a **modalidade**), em LSF, ela pode ser dividida em: **modulação** e **modalização**. A **modulação** está relacionada à **modalidade deôntica** e se refere à imposição ou expressão de obrigações, permissões ou vontades, ou seja, é quando ocorrem as propostas, que se subdividem em duas categorias: a **obrigação** e a **inclinação**. Já a **modalização**, está associada à **modalidade epistêmica**, que se refere ao grau de certeza ou incerteza, **probabilidade** ou **usualidade** de uma **proposição**, isso quer dizer que está ligada às trocas de informações e de conhecimentos. Dessa forma, a modalidade se situa entre os polos negativo e positivo, como pode ser constatado na Figura 36:

Figura 36: Tipos de modalidade.



Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 116).

Outrossim, na construção da oração, os elementos funcionais recebem o nome de Resíduo, que é composto pelo: **predicador**, que “é realizado por um grupo verbal menos o operador modal ou temporal” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 110) e não aparece quando há elipse na oração; **complemento**, que é realizado por um grupo nominal e possui potencialidade para ser sujeito, mas não o exerce; **adjunto**, que não tem potencial para ser Sujeito e “[...] é realizado por um grupo adverbial ou por um grupo preposicional, que indicam tempo, causa, finalidade,

modo, espaço, dentre outros" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 112). Esses elementos podem ser observados na Figura 37:

Figura 37: Exemplo de análise dos elementos funcionais em língua portuguesa.

Os dois	s...	...ão	amigos de infância	em São Luís.
Sujeito	Finito	Predicador	Complemento	Adjunto
Modo		Resíduo		

Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 112).

Além disso, a interpessoalidade lança mão de recursos linguísticos para evidenciar as marcas que indicam a variável de registro "relação" e são esses "que contribuem para explicitar a metafunção Interpessoal da linguagem" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 116). Os recursos, segundo as autoras, podem ser classificados em: (a) vocativos; (b) expletivos; (c) verbos modais; (d) adjuntos modais; (e) adjuntos de comentário e (f) expressões modalizadoras.

Em suma, os elementos apresentados acima contribuem na léxico-gramática para que se possa identificar a interpessoalidade nos textos. Porém, a mensagem como troca vai além desse estrato. A seguir, especifico o estrato semântico-discurso, o próximo nível da linguagem em LSF, e seus sistemas alinhados às metafunções hallidayanas.

2.6.3 O estrato semântico-discursivo e seus sistemas

A LSF contém, no estrato semântico-discursivo, seis (6) sistemas que se vinculam teórico-metodologicamente às metafunções hallidayanas, são eles: AVALIATIVIDADE; NEGOCIAÇÃO; IDEAÇÃO; CONJUNÇÃO; IDENTIFICAÇÃO e PERIODICIDADE.

O Sistema de AVALIATIVIDADE auxilia na verificação e na análise de como o indivíduo expressa o ponto de vista pessoal acerca do que está sendo comunicado. O sistema de NEGOCIAÇÃO trata da dinâmica de como os interlocutores coordenam e trocam turnos de fala. Ele está relacionado à regulação dos fluxos de comunicação, mantendo a fluidez e a cooperação na interação, e é sobre ele que mais me deterei. O sistema de IDEAÇÃO envolve a expressão de conceitos, ideias e informações no discurso utilizando uma variedade de recursos linguísticos.

Já o sistema de CONJUNÇÃO aborda como as partes do discurso são conectadas e organizadas para criar um fluxo coeso e coerente. Ele contempla o uso de conectores, conjunções e outros marcadores discursivos, para estabelecer relações lógicas e sequenciais entre as ideias e as sentenças. Enquanto o sistema de IDENTIFICAÇÃO trata da maneira como as

pessoas, os lugares, os objetos e os conceitos são identificados e referenciados no discurso. Ele envolve o uso de pronomes, nomes próprios, descrições e outras formas linguísticas para indicar a identidade dos referentes no contexto da comunicação. E o sistema de PERIODICIDADE está relacionado à organização temporal e sequencial das informações no discurso.

Esses sistemas semântico-discursivos são fundamentais para entender como a linguagem é usada para construir os significados e cada sistema desempenha um papel específico na construção da coerência, da coesão e do significado nas interações linguísticas.

Na análise linguística, o sistema de NEGOCIAÇÃO está associado ao papel que um indivíduo desempenha na construção do processo comunicativo, especialmente em relação à tomada e (re)tomada de turnos de fala. Ele refere-se a uma dinâmica ligada à interação que se dá entre os participantes de uma conversa, na qual eles se revezam na expressão e na compreensão das mensagens.

Na troca de turnos, em um determinado diálogo, os interactantes negociam a vez de falar, determinando quem está falando em um determinado momento e quando é apropriado para outro interlocutor responder ou contribuir. Essa NEGOCIAÇÃO pode ser sutil e envolve uma série de pistas verbais e/ou não verbais, como pausas, entonações, gestos e olhares.

A NEGOCIAÇÃO de turnos também está relacionada à gestão de tópicos e ao direcionamento da conversa. Quando um participante assume a vez de fala, ele pode introduzir um novo tópico, concordar ou discordar do que foi dito, fazer perguntas ou desenvolver ideias. Além disso, a NEGOCIAÇÃO pode envolver processos de *feedback*, onde um interlocutor confirma que entendeu (ou não) a mensagem, expressando concordância ou discordância. Isso ajuda a regular o fluxo da conversa e a manter a compreensão mútua.

Em resumo, o sistema de NEGOCIAÇÃO é fundamental para a dinâmica comunicativa em uma conversa, permitindo que os interlocutores coordenem seus turnos de fala, expressem seus pontos de vista, compartilhem informações e construam um entendimento compartilhado. No próximo item, esse sistema será compreendido de forma detalhada.

2.6.3.1 Sistema semântico-discursivo de NEGOCIAÇÃO

Segundo Martin e Rose (2007, p. 219), o sistema semântico-discursivo de NEGOCIAÇÃO está centrado na interação entre os falantes de uma determinada língua, em que os interactantes "[...] adotam e atribuem papéis uns aos outros no diálogo, e como estes se movem e se

organizam em relação uns aos outros [...][57]" (tradução minha). Por essas razões, ele está vinculado à metafunção interpessoal e é associado às trocas de significados, indicando as tomadas e (re)tomadas de turnos de fala, conforme esquematizado no Quadro 02:

Quadro 02: Funções básicas de uma conversa.

	Iniciando	**Respondendo**
Dando informações	Declaração	Reconhecimento
Solicitando informações	Pergunta	Resposta
Dando bens e serviços	Oferta	Aceitação
Solicitando bens e serviços	Comando	Conformidade

Fonte: Adaptado de Martin e Rose (2007, p. 223, tradução minha).

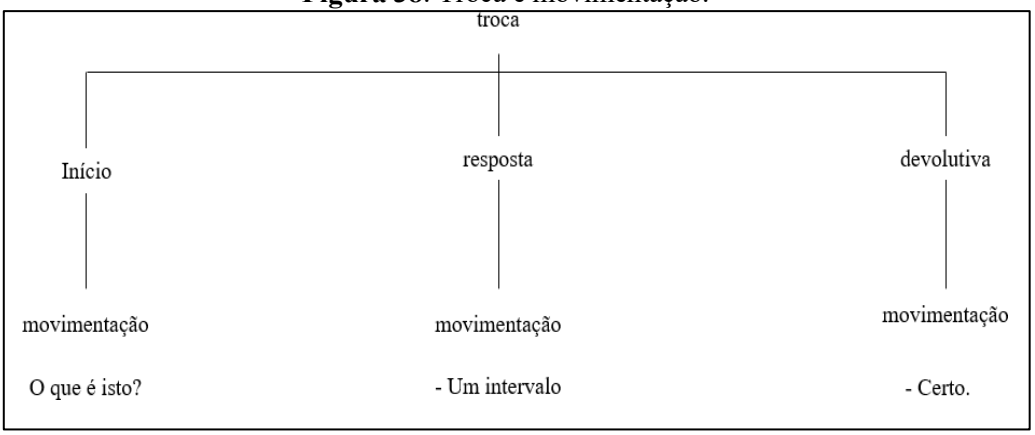
Por meio do sistema de MODO, ao utilizar as proposições e as propostas no estrato léxico-gramatical, que está ligado à modalidade e à polaridade, é possível compreender as bases dialógicas de um determinado discurso, sobretudo quando é observado por meio do Sistema de AVALIATIVIDADE, no subsistema semântico-discursivo de engajamento. A relação heteroglóssica presente nos discursos ocorre a partir da contração ou expansão dialógica, como apresentam Ninin e Barbara (2013, p. 134): "[...] o uso da expansão dialógica sinaliza pouca responsabilidade assumida pela voz autoral sobre o que é apresentado no texto, abrindo possibilidades de NEGOCIAÇÃO dos significados [...]".

De acordo com Martin (1992, p. 31), o MODO pode ser interpretado como um "recurso para negociar significados no diálogo", considerando a estrutura sintática uma abertura para o detalhamento estabelecido nas relações de "dar" e "solicitar" baseadas na semântica. Esses recursos interpessoais semanticamente orientados, como pontua o autor, encontram-se infundidos nos estratos, o que torna a gramática e a semântica sistematicamente difusas.

No estrato, então, é possível perceber que há o surgimento de **níveis** promovendo um escalonamento estrutural dos significados instanciados e que serão, na interpessoalidade, negociados. São eles: a troca e a movimentação, como pode ser notado na Figura 38:

[57] **No original:** *[...] adopt and assign roles to each other in dialogue, and how to move are organized in relation to one another [...]* (Martin; Rose, 2007, p. 219).

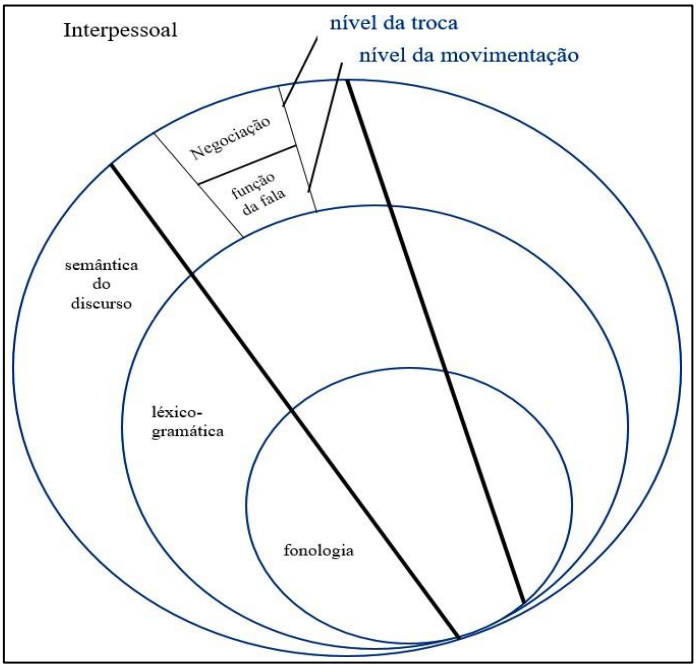
Figura 38: Troca e movimentação.



Fonte: Retirado, traduzido e adaptado de Martin (1992, p. 46).

Nesse viés, em um modelo de estrutura conversacional, é admissível que sejam observadas três redes, sendo duas no estrato semântico-discursivo, onde se têm a NEGOCIAÇÃO como troca e a FUNÇÃO DA FALA como movimentação; e uma no estrato léxico-gramatical no nível oracional, que é o MODO, como exposto na Figura 39.

Figura 39: Níveis e seus sistemas no estrato sistema semântico-discursivo do modelo conversacional.



Fonte: Adaptado e traduzido de Knight (2010b, p. 88).

O nível de NEGOCIAÇÃO está baseado na estrutura de troca e se organiza por meio de uma sequência de movimentos construindo os chamados "atos de fala". Segundo Cocco e Fuzer (2013, p. 139), "Esse sistema focaliza a interação como uma permuta entre os falantes, os quais não só adotam papéis como também os atribuem uns aos outros nas interações, além de enfocar como os movimentos são organizados em relação aos interlocutores". Nele, os interactantes

assumem um papel primário, secundário ou que também pode ser antecipado, na garantia de disponibilizar oferta ou prestação de bens e serviços (Cocco; Fuzer, 2023). Ainda de acordo com as autoras, sustentadas por Martin e Rose (2007), existem três sistemas que se entrelaçam para formar uma rede de possibilidades, ou seja, de escolhas. São elas:

> 1) a forma como a troca é iniciada – se pelo ator / conhecedor primário ou secundário; 2) a distinção entre trocas de ação e conhecimento (nas trocas de ação, os bens podem ser oferecidos ou os serviços executados imediatamente); 3) os movimentos de acompanhamento, primeiro para o ator / conhecedor secundário e, em seguida, se adicionarem um movimento, para o ator / conhecedor primário (Cocco; Fuzer, 2023, p. 149-150).

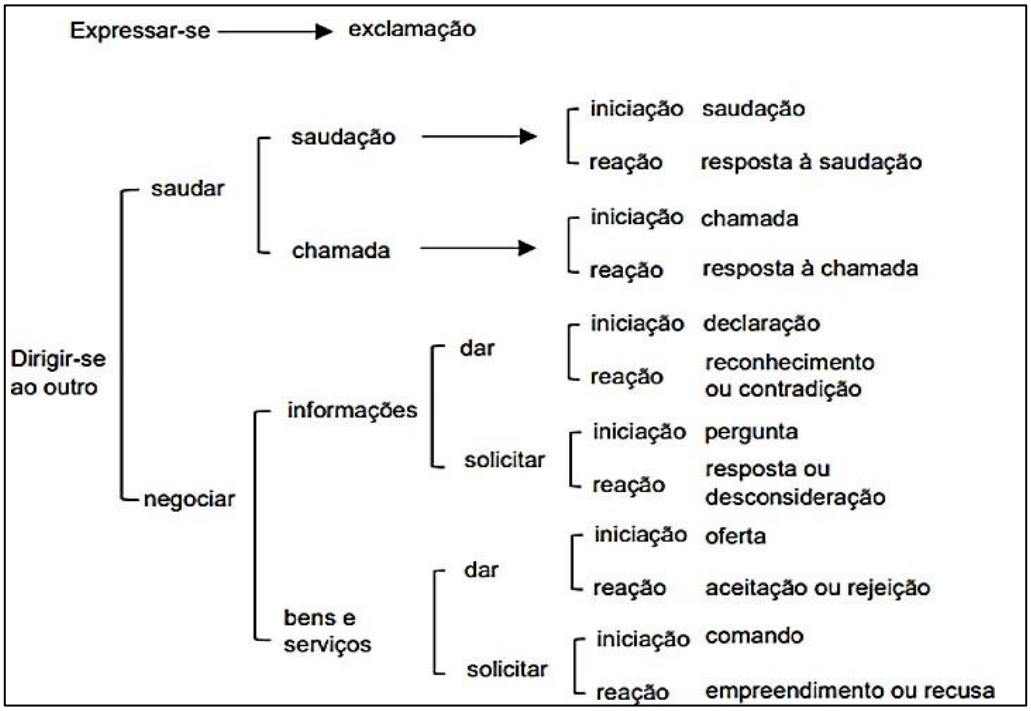
Desse modo, é importante entender a constituição dos dois níveis até aqui explicitados: "troca" e "movimentação", uma vez que o *corpus* selecionado, como será apresentado no capítulo de metodologia, preocupa-se em descrever e analisar como a conversação e/ou a interação em Libras pode ser operacionalizada. Vale destacar que a noção ligada à constituição das entrevistas parte do princípio de que a sinalização, procedimento linguístico de expressão viso-espacial, equivale-se à estratégia comunicativa de produção de significados na modalidade oral-auditiva.

A NEGOCIAÇÃO, portanto, é sustentada por três parâmetros: "[...] o que está sendo negociado (informações ou bens e serviços), que movimento está sendo executado (de iniciação ou de reação) e que papel de fala está sendo exercido (oferecimento ou solicitação) [...]" (Cocco; Fuzer, 2023, p. 140). No primeiro, é prevista uma reação verbal ou gestual[58] quando solicitada alguma informação, enquanto uma ação é presumida para manter a relação de oferta de bens e serviços. Já o segundo, "baseia-se em averiguar a complementaridade entre os movimentos de iniciar e responder no diálogo [...]" (Cocco; Fuzer, 2023, p. 140), no qual a movimentação inicial facilmente recupera o conteúdo, podendo inclusive ser realizada por elipse. E o terceiro está em averiguar as informações ou os bens e serviços oferecidos por meio de um movimento opositivo ao que estava sendo negociado.

Essas noções de troca e de movimentação podem ser conferidas na Figura 40:

Figura 40: Nível da troca e função da fala.

[58] Neste caso, o termo **gesto** não está ligado ao conceito de língua, mas a outro sistema semiótico que atua simultaneamente junto à fala.



Fonte: Retirado de Cocco e Fuzer (2023, p. 143), traduzido e adaptado de Martin e Rose (2007, p. 226).

Nota-se que a mesma relação de se dirigir ao(s) outro(s) ocorre, no espaço de sinalização das línguas de sinais, com o intuito de realizar uma movimentação inicial para saudá-lo, visando consequentemente uma NEGOCIAÇÃO a partir da troca de significados interpessoais, demonstrando e comprovando, como apontam Fuzer e Cabral (2023, p. 13), "[...] a multifuncionalidade da língua no estrato da semântica [...]", que será discutido por meio da AFILIAÇÃO no Capítulo de análise. No próximo Capítulo, darei início às discussões voltadas à estrutura linguística da Libras partindo de uma visão sistêmico-funcional.

CAPÍTULO 3

LIBRAS: ASPECTOS SOCIOSSEMIÓTICOS

A realidade de pesquisas que envolvem a área dos estudos em LS e a surdez à luz de uma visão sistêmico-funcional é ainda nova, no que concerne ao desenvolvimento dessa teoria e sua aplicação. Destaco investigações capitulares internacionais, como as de Rudge (2015, 2018, 2022), que realizaram análises na Língua Britânica de Sinais – BSL e, no contexto brasileiro, fomentadas por pesquisas como: a de Cruz e Alves (2016), que trouxeram à tona a discussão sobre literatura Surda como agente de ensino de língua portuguesa; a de Oliveira (2017) e sua investigação sobre AVALIATIVIDADE em comentários de *blogs* referentes ao mundo dos Surdos e da Libras; a de Oliveira e Almeida (2017), que analisaram postagens escritas por surdos no *Facebook*; a de Cruz e Romanhol (2018), que trataram da avaliação presente nos discursos dos professores de nível superior e o ensino de Libras; Neigrames, Marques-Santos e Almeida (2018), que apresentaram a Linguística Aplicada – LA e a LSF como partícipes dessa área de estudos no Brasil.

Além dos estudos de Araújo e Prado (2018)[59], que se propuseram a analisar redações do Exame Nacional do Ensino Médio escritas no ano de 2017, em que a LSF serviria como suporte para a aquisição de conhecimento acerca da existência da Libras por meio de práticas de leitura, porém as autoras não divulgaram tais análises; Dias e Schmidt (2019), que trabalharam a questão do inglês como língua adicional para Surdos e a produção de materiais didáticos; Mendonça, Martins e Cruz (2019), que realizaram uma análise sistêmico-funcional da carta de Huet para a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Também verifiquei que a LSF tem servido, como recurso metodológico, para análises críticas do discurso – ACD que têm usado termos do sistema de TRANSITIVIDADE e de AVALIATIVIDADE, a exemplo dos estudos de: Gontijo, Barros e Batista (2020) e Carvalho (2020), que investigaram a relação de imagens de Sinais sob a ótica das variáveis do contexto de situação, e Morais e Cruz (2020a), que analisaram representações de 1930 dedicadas ao INES baseadas no sistema de TRANSITIVIDADE.

Além da aplicação dessa teoria, a LSF, em outros contextos de situação, como verificado nos estudos de Morais e Cruz (2020b), que discutiram sobre o desenvolvimento dos sentidos em Libras e LP em planos de atividades e unidades didáticas, Morais e Brito (2020) debateram

[59] Apesar de ser publicado como artigo, parece ser uma espécie de resumo que não possui análises factuais.

o tema de organização da mensagem elaborada por Surdos tendo o português como segunda língua – L2, enquanto Marques-Santos e Almeida (2020) abordaram a questão dos autojulgamentos de Surdos matriculados no Ensino Médio à luz do sistema de AVALIATIVIDADE.

Nessa mesma esteira, Miranda (2021) explorou a multimodalidade em livro didático adaptado em Libras; Cinti e Rodrigues-Pereira (2021) refletiram sobre a multimodalidade utilizando dicionários de Libras; em contrapartida, Nascimento (2022) se empenhou em estudar as legendas para Surdos e ensurdecidos utilizando a LSF e a linguística de *corpus*; Santos Brito, Cruz e Ribeiro (2022) analisaram o posicionamento de graduandos Surdos sobre o ensino de português na pandemia; Marques-Santos *et al.* (2022) evidenciaram, por meio do sistema de AVALIATIVIDADE, o posicionamento de Surdos sobre a atuação de tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa – TILSP; Neves (2022) também observou as narrativas de Surdos por meio do sistema de transitividade; ademais, Ferreira *et al.* (2023) examinaram os relatos de surdos em aulas remotas no período de pandemia, bem como Cunha e Mendes (2023) fizeram uma revisão da literatura sobre educação de Surdos à luz da LSF; e Nascimento e Oliveira (2023) analisaram um discurso em entrevista em Libras por meio da teoria da polidez, partindo de uma base teórica sistêmico-funcional.

Por sua vez, Nascimento *et al*. (2024) observaram o letramento acadêmico de Surdos sobre a escrita de sinais *SingWrinting*; já Pêssoa e Morais (2024) se voltaram à questão do ensino de eufemismos para surdos; enquanto Santana (2024) analisou os posicionamentos polarizados das vozes presentes nos discursos de professores de Libras (Surdos e não-surdos) que atuam como docentes de Libras em instituições de ensino públicas.

Em minhas buscas, apareceram publicados em cadernos de resumos textos como o de Alves e Pedrosa (2023a) sobre ACD e AVALIATIVIDADE ligadas à reconstrução das identidades surdas; e no mesmo ano Alves e Pedrosa (2023b) realizaram uma análise das narrativas de alunos Surdos do curso de Letras: Libras da Universidade Federal de Sergipe – UFS. De modo que, mesmo resumidamente, é possível perceber a diligência dos pesquisadores brasileiros em desenvolver conhecimento científico utilizando a LSF e outras teorias que se beneficiam de seus pressupostos teórico-metodológicos.

As pesquisas listadas corroboram a complexidade das possibilidades de expressão e de inclusão social dos Surdos. O *status* linguístico das LS enquanto línguas naturais promoveu um avanço no âmbito da linguística. Antes dos estudos de Stokoe (1960), elas eram tidas como um tipo de linguagem impassível de articulação e meramente associada à produção sonora, linguagem essa "considerada fonologicamente sem importância, basicamente porque não podia ser 'lida'" (Sacks, 1998, p. 45). De acordo com Ramos (2004, p. 1),

> O homem em seu estado primitivo estaria associado às dêixis, aos gritos e aos gestos. Essa visão, compartilhada durante muito tempo pela comunidade científica trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva e portanto à inferioridade.

Ao verificar o exposto, noto a primeira grande diferença aliada à constituição do conceito hallidayano baseado em uma visão sociossemiótica, que entende os gestos ligados à língua oral como um sistema multimodal constitutivo da produção humana, que contribui para a efetivação da comunicação e, por conseguinte, os gestos não podem ser entendidos como inferiores.

Ao apoiar-se em um princípio sistêmico-funcional, infiro que as pessoas produzem textos que podem ser lidos, escritos e/ou interpretados. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 3, tradução minha), "[...] a linguagem é, em primeira instância, um recurso para criar significado; então o texto é um processo de criar significado em contexto"[60]. Essa explicação promove o entendimento de que o texto pode ser explorado e analisado enquanto semântica de um contexto social, podendo ser descrito como "[...] 'um conceito semântico', 'um evento sociológico, um encontro semiótico'; é 'o meio de troca', 'o canal primário de transmissão da cultura', 'o processo semântico da dinâmica social' [...]"[61] (Webster, 2002, p. 3, tradução minha).

Isso marca a relevância e a imprescindibilidade de que essa modalidade linguística, a LS, seja investigada sob a ótica da LSF, já que o canal comunicativo visual produz e se intersecciona a outros sistemas sociossemióticos de forma simultânea, como a paralinguagem, os gestos, a prosódia por meio das ENMs e o ritmos.

Ao utilizar o projeto "*Corpus* de Libras", realizo metodologicamente uma seleção de dados baseada, primeiramente, na seleção dos textos em Libras que foram filmados para compreender seus aspectos linguísticos segundo a LSF e, consequentemente, busco identificar esses padrões e como eles se manifestam nessa língua, ou seja, estou a caminho da identificação da AFILIAÇÃO enquanto estratégia discursiva vinculada ao sistema de NEGOCIAÇÃO.

Para Halliday e Matthiessen (2014), o estrato semântico é entendido como uma interface da linguagem com o ambiente. O que significa que o nível semântico-discursivo atua como uma

---

[60] **No original:** *[...] Language is, in the first instance, a resource for making meaning; so text is a process of making meaning in context [...]* (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 3).

[61] **No original:** *[...] 'a semantic concept', 'a sociological event, a semiotic encounter'; it is 'the of exchange', 'the primary channel of the transmission of culture', 'the semantic process of social dynamics' [...]* (Webster, 2002, p. 3).

espécie de elo entre o léxico-gramatical e o estrato dos contextos, a saber: contexto de situação e de cultura.

Por esse motivo, considero relevante aprofundar, na sequência, em questões voltadas ao entendimento dessas estruturas linguísticas, partindo do princípio de multimodalidade linguística desenvolvido por Matthiessen (2007a) e voltando-me aos conceitos basilares relacionados à protolinguagem, aos gestos, aos Sinais e aos mecanismos viso-espaciais formativos inerentes às LS.

3.1 Protolíngua: o início da comunicação humana

Uma das contribuições desta investigação está na necessidade de diferenciação dos conceitos ligados aos gestos e à paralinguagem do que se tem desenvolvido quanto aos estudos de LS, ou seja, enquanto línguas propriamente ditas, e da formação dos Sinais e o seu uso. Seguindo essa linha de raciocínio, o cerne do conhecimento está voltado à combinação de vários elementos que formam estruturas que se aproximam da linguagem, como no caso das crianças. De acordo com Rose (2006), uma aquisição da linguagem forjada em uma sequenciação ontogenética possibilita uma interpretação da evolução dos sistemas linguísticos, pois, como assinala Greenhill (2015 p. 375, tradução minha), "[...] Filogenias linguísticas têm sido frequentemente controversas [...]"[62].

Ainda pensando em uma sociossemiótica, a LSF considera, segundo Matthiessen (2004), que essa é uma vertente teórica fundamentada em uma perspectiva triestratal (dos próprios estratos, das metafunções e das semióticas que as envolvem) e que por isso se diferencia quanto à sua visão da evolução da linguagem.

> Em termos de função, a linguagem evoluiu além da organização microfuncional da protolinguagem, onde as funções são complementares, mas mutuamente exclusivas (tornando possível significar apenas uma coisa de cada vez) para um sistema metafuncional onde as funções são complementares e simultâneas (tornando possível significar mais de uma coisa ao mesmo tempo) [...][63] (Matthiessen, 2004, p. 10, tradução minha).

O autor indica que a experiência humana de mudança é formada contrastivamente entre o desdobramento da consciência e a experiência externa de mudança, que poderia ser

[62] **No original:** *[...] Language phylogenies have often been controversial [...]* (Greenhill, 2015 p. 375).

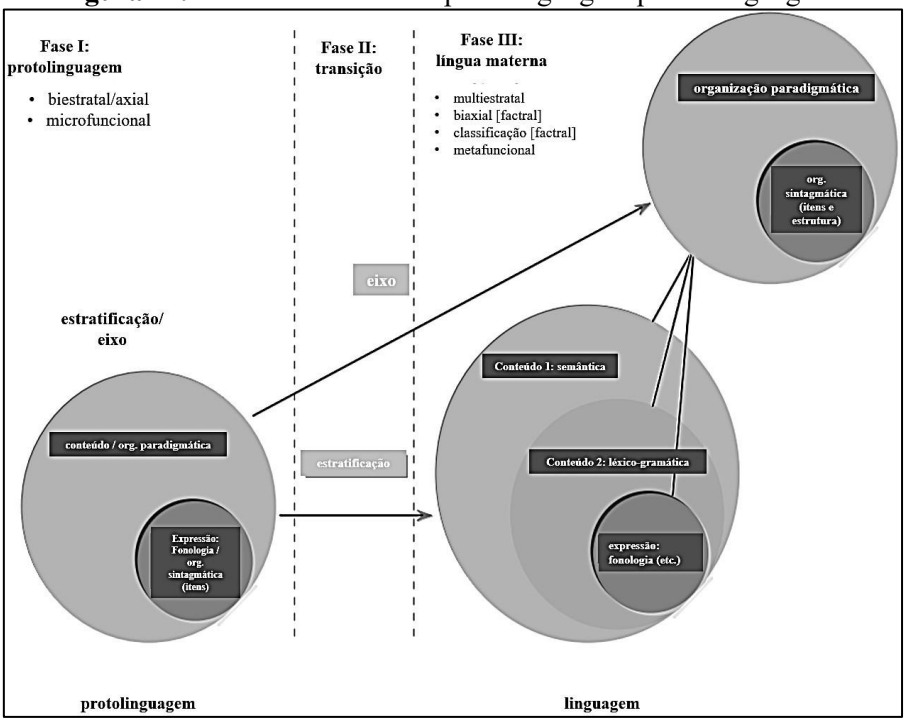
[63] **No original:** *In terms of function, language has evolved beyond the microfunctional organization of protolanguage, where functions are complementary but mutually exclusive (making it possible to mean only one thing at a time) into a metafunctional system where functions are complementary and simultaneous (making it possible to mean more than one thing at the same time) [...]* (Matthiessen, 2004, p. 10).

classificada no estágio protolinguístico. Para ele, é nesse nível que a ontogênese do diálogo acontece e, posteriormente, dá lugar ao surgimento de uma gramática baseada no diálogo, também conhecida como sistema de MODO.

A linguagem, então, torna-se um recurso que permite contextualmente as trocas linguísticas dos bens e serviços (que podem ser não linguísticos) e das informações (que vão se constituindo como experiências vicárias), pois "[...] o caminho ontogenético para a criança pequena é através da troca de informações que diz respeito à experiência compartilhada [...]"[64] (Matthiessen, 2004, p. 610, tradução minha). A partir do momento em que as crianças começam a interagir utilizando a comunicação, elas passam para uma fase de transição da protolíngua para a língua adulta, o que o autor também entende ser plausível para explicar a incógnita que envolve a evolução da linguagem humana.

Segundo a LSF, a criança passaria por dois estágios (Fase I e Fase II) até chegar às construções da linguagem adulta (Fase III), conforme pode ser observado na Figura 41:

Figura 41: Desenvolvimento da protolinguagem para a linguagem.



Fonte: Retirado e traduzido de Matthiessen (2007b, p. 519).

A Fase I é aquela em que a criança concentra seus esforços em estabelecer uma linha num sistema de dois níveis, que são o conteúdo e a expressão; em outras palavras, som e significado. Nessa fase, ainda não há a construção do estrato léxico-gramatical, posto que esse

[64] **No original:** *[...] The ontogenetic path for the young child is through the exchange of information that concerns shared experience [...]* (Matthiessen, 2004, p. 610).

atua como uma ponte entre os sons e os significados, o que constitui, segundo Halliday (1977), o estágio da linguagem adulta.

Nesse estágio inicial, a criança realiza um sistema de posturas vocais dado entre a articulação e a entonação, sendo essas configurações mais gerais ao invés de feixes específicos, com valor fonético. De acordo com Matthiessen (2007b), ao efetivar uma descrição do "par conteúdo-expressão", esse não está vinculado à caracterização da aquisição da linguagem, por não possuir um "nível de forma". O sistema organizado por crianças mostra a potencialidade e a complexidade da elaboração voltada à comunicação humana, já que é possível ver uma linguagem em formação baseada na funcionalidade.

Partindo de um princípio funcional, Halliday (1977) busca em Bernstien o conceito de "contextos críticos de socialização", para justificar, em uma teoria sociológica, o papel da linguagem em quatro (4) contextos de situação, os quais abrem as portas para a transmissão da cultura à criança, sendo eles: o regulador, o instrucional, o imaginativo ou inovador e o interpessoal. "O fato de que na obra de Bernstein a linguagem é o fator central na transmissão cultural torna provável que os contextos que Bernstein reconhece como críticos para a transmissão cultural também sejam críticos no processo de aprendizagem da linguagem [...]"[65] (Halliday, 1977, p. 18, tradução minha).

Na Fase I, Halliday levanta a hipótese de que o desenvolvimento da linguagem, firmado em uma função de cunho sociológico, seria composto por seis microfunções: (a) Instrumental, serviria aos propósitos materiais da criança, capacitando-a para a obtenção de bens e serviços e satisfazendo suas necessidades; (b) Regulatória, responsável pelo controle do comportamento – tanto o da própria criança quanto para manipular e controlar o dos outros; (c) Interacional, pois a linguagem é utilizada para interagir com os que estão ao redor da criança; (d) Pessoal, pelo qual a criança expressa a consciência sobre si mesma, ou seja, por meio da linguagem ela expõe sua personalidade; (e) Heurística, em que a criança explora o ambiente nomeando os objetos à sua volta e expande a significação, que se torna cada vez mais específica através de perguntas como "Por que isso? Por que aquilo?"; e (f) Imaginativa, pela qual a criança cria um ambiente próprio explorando o universo a sua volta que, gradativamente, vai se transformando em histórias, faz de conta etc. até chegar à construção de poesias e escrita imaginativa.

> [...] Halliday sugeriu que o mundo social limitado da criança pode ser visto como compreendendo um número muito limitado de maneiras de se comportar que são expressas simbolicamente. Essas maneiras de se comportar são os usos

[65] **No original:** *[...] The fact that in Bernstein's work language is the central factor in cultural transmission makes it likely that contexts which Bernstein recognizes as critical for cultural transmission will also be critical in the language learning process[...]* (Halliday, 1977, p. 18).

> que a criança faz de sua linguagem, sendo este último o conjunto de símbolos vocais que ela inventou. O conteúdo ou significado de qualquer expressão protolinguística deve, portanto, ser derivado de uma das seis microfunções descritas anteriormente [...][66] (Painter, 1984, p. 47-48, tradução minha).

Já na Fase transicional, também denominada Fase II, a criança atua como observador e intruso na comunicação, reconhecendo um número avançado de expressões ligadas à linguagem adulta (Halliday, 1977). Aqui a estrutura é compreendida pelo autor do ponto de vista sistêmico, e isso implica que essas estruturas são observadas enquanto mecanismos que possibilitam a expressão dos significados, marcando assim o reconhecimento das palavras e o início das trocas na comunicação.

Em termos de produção dos enunciados, esses ainda não se constituíram com uma função pragmática; porém, partindo de um potencial semiótico, há o exercício de uma função baseada na aprendizagem, pela qual a linguagem pode ser codificada como *mathetic*. "[...] Nesta fase, portanto, podemos ver um processo de generalização funcional ocorrendo por meio do qual as palavras e estruturas recém-adquiridas são colocadas em uso em um contexto que estamos rotulando de pragmático[...]"[67] (Halliday, 1977, p. 28-29).

Painter (2004, p. 138, tradução minha) argumenta que, no desenvolvimento da linguagem, a interpessoalidade assume um papel primário por meio das trocas que marcam as produções de diálogos. Para a autora, a "[...] linguagem emergem de três fontes interpessoais: o envolvimento emocional da criança na experiência, a NEGOCIAÇÃO verbal do comportamento e a utilização de texto produzido de forma interactiva como fonte de mudança no sistema linguístico em desenvolvimento [...]"[68].

As relações contextuais do indivíduo que passa a interagir com o ambiente expõe o fato de que os seres humanos vão construindo suas experiências fundamentadas na evolução de sua percepção e no amadurecimento da linguagem, pela qual também produzem ou reproduzem a cultura baseada nos contextos de situação que lhes são oferecidos.

> [...] Presume-se que essas funções sejam universais da cultura humana, e não é irracional pensar nelas como o ponto de partida não apenas para a ontogenia

---

[66] **No original:** *[...] Halliday has suggested that the child's limited social world can be viewed as comprising a very limited number of ways of behaving that are expressed symbolically. These ways of behaving are the uses to which the child puts his language, the latter being the set of vocal symbols he has invented. The content or meaning of any protolinguistic expression is thus to be derived from one of the six microfunctions described earlier [...]* (Painter, 1984, p. 47-48).

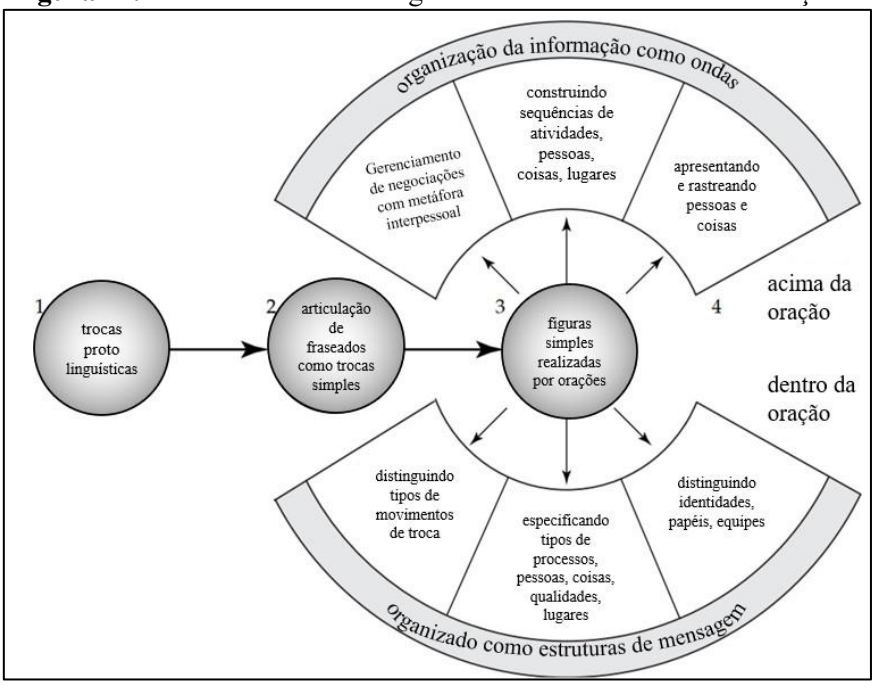
[67] **No original:** *[...] At this stage, therefore, we can see a process of functional generalization taking place whereby the newly acquired words and structures are put to use either in a context which we are labelling pragmatic [...]* (Halliday, 1977, p. 28-29).

[68] **No original:** *[...] language development emerge form three interpersonal sources: the child's emotional engagement in experience, the verbal negotiation of behaviour and the use of interactively produced text as a source of change in the developing linguistic system [...]* (Painter, 2004, p. 138).

> linguística, mas também para a evolução do sistema linguístico. Dentro de cada função, a criança desenvolve um conjunto de opções, uma gama de alternativas cujos significados são derivados da função em questão. A linguagem que a criança desenvolve dessa forma é um sistema simples de expressão de conteúdo. Ela não contém gramática e nenhum vocabulário; ou seja, nenhum nível de codificação intermediário entre a semântica e a fonologia. Ela representa um significado potencial, o que a criança muito pequena pode fazer com essa linguagem, junto com os recursos para expressar os significados em questão. O que a criança pode fazer nesse estágio não é grande coisa, mas é significativo em termos de suas próprias necessidades [...] (Halliday, 1977, p. 33, tradução minha).

Para a LSF, seguindo as postulações de Halliday (1975, p. 30), as crianças produzem dois tipos de estrutura, uma que tenta se aproximar das formas da língua utilizada pelos adultos e outra que seria independente, "*sui generis*". Matthiessen (2007a) afirma que a protolinguagem é inerente à linguagem e faz parte da evolução humana, uma vez que também pode ser entendida como multimodal, no sentido de que elas emergem de atividades atreladas à necessidade de se relacionar com um contexto primariamente material (Halliday, 1978). Considerando, portanto, a plasticidade cognitiva e física dos seres humanos, Rose (2006) observa como os significados podem, por desdobramento, proliferar e se tornar cada vez mais complexos. As formulações e as organizações das orações vão, segundo o autor, se processando em níveis acima da oração e dentro dela, como apresentado na Figura 42:

Figura 42: Desdobramento dos significados dentro e acima das orações.



Fonte: Retirado e traduzido de Rose (2006, p. 91).

Porém, a partir do desenvolvimento dado por exposição a vários contextos de situação que primam por manter uma comunicação baseada na sonoridade, os ouvintes passam a utilizar

esse sistema sociossemiótico de sinalização, como uma espécie de complementação da língua oral, evidenciando a multimodalidade desses sistemas linguísticos em que as relações vão se tornando cada vez mais complexas. Já, para os Surdos, essa realidade se torna outra, pois é por meio da viso-espacialidade que uma LS é adquirida ou aprendida[69] e torna-se o principal meio de comunicação desses indivíduos.

> [...] as crianças surdas adquirem a língua de sinais que está à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento linguístico das línguas naturais [...][70] (Karnopp, 2005, p. 8).

Ao analisar o período de desenvolvimento linguístico de bebês, Petitto e Marentette (1991) pontuam que foram observadas as mesmas produções gestuais no período de início das comunicações, sendo bebês ouvintes e surdos. Em sua análise, as autoras também inferiram a existência de balbucio manual silábico e gestos.

As crianças surdas, quando comparadas às ouvintes, mostraram que, devido ao contato com a LS, já produziam em sua maioria CMs que poderiam ser encontradas fonético/ fonologicamente também em ASL, evidenciando assim a produtividade das línguas viso-espaciais. Além disso, "[...] por contraste, os gestos não foram construídos a partir de um conjunto restrito de unidades combinatórias, não tinham nenhuma organização interna baseada em princípios e foram usados referencialmente [...]"[71] (Petitto; Marentette, 1991, p. 1494, tradução minha).

Pesquisas como as de Coppola e Newport (2005), Brentari *et al.* (2012) e Coppola (2020) demostram que, na busca por interação com o mundo que as cerca, muitas vezes as pessoas surdas vão criando estratégias comunicativas primárias, também conhecidas como sinais caseiros (*homesings*), que acabam servindo ao propósito da interpessoalidade, assunto que será discutido de forma mais detalhada a seguir.

Ao destacar as referidas pesquisas, pondero que são necessárias mais investigações sobre a protolíngua produzida por crianças surdas em seus mais variados contextos de situação. Entendo que os trabalhos de Karnopp (1994, 1999) e Quadros (2009), dentre outros

---

[69] Conforme já observado em famílias formadas por Surdos(as) sinalizantes, o desenvolvimento da linguagem ocorre de forma autóctone. Porém, devido a uma visão clínico-patológica e considerando que a maioria das pessoas surdas possuem famílias ouvintes, nota-se, também, o atraso na aquisição ou aprendizado dessa língua.

[70] Esta citação foi adequada ao novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.

[71] **No original:** *[...] By contrast, gestures were not constructed from a restricted set of combinatorial units, had no principled internal organization, and were used referentially [...]* (Petitto; Marentette, 1991, p. 1494).

pesquisadores brasileiros que se voltam ao entendimento da aquisição da linguagem baseada em Libras, podem contribuir para reflexões acerca da comunicação protolinguística de base sistêmico-funcional.

A ideia, nesse subitem, foi compreender como a LSF pode dar subsídios a assuntos que abrangem a área dos estudos voltados para a surdez e as LS do ponto de vista sociossemiótico da linguagem, e como esses sistemas estão presentes não somente nos estudos que contemplam as LOs. O ponto central, aqui, foi ver como a multimodalidade envolve a comunicação humana e as diferenças trazidas por uma visão sistêmica que se volta ao entendimento de que, socialmente, já existe uma espécie de comunicação formada pela necessidade de interação e troca de significados por meio de microfunções, ao invés de um *status* pré linguístico. Há, portanto, uma mudança paradigmática na conceituação sobre como a comunicação humana pode ser observada.

Ao apoiar-me em uma perspectiva que considera a organização sistêmica de características multimodais da linguagem, este livro favorece estudos futuros sobre a simultaneidade e a sequencialidade desses sistemas, como, por exemplo, os gestos e a paralinguagem, que será melhor discutida no próximo subtítulo. Nesse item, embasado na LSF e seus autores, apresentei – ainda que de modo sucinto – um caminho que possa orientar os pesquisadores de LS em pesquisas sobre a aquisição da linguagem envolvendo a surdez.

3.2 Paralinguagem: outros sistemas sociossemióticos

Partindo do pressuposto da diferença, remonto a Skliar (2010) e ao processo distinto de aquisição de linguagem das pessoas surdas em relação às ouvintes, uma vez que iniciam uma protolíngua idêntica e utilizam, para tal, recursos de linguagem corporal evidenciados por Matthiessen (2007a, p. 6-7), pois

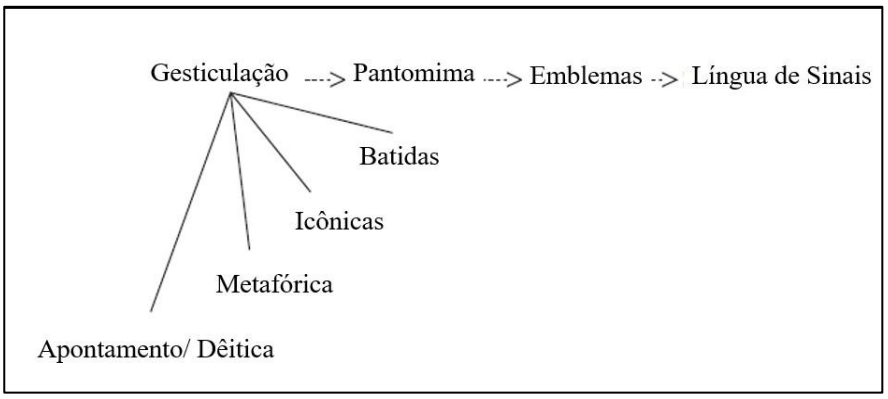
> [...] gestos e expressões faciais passam a fazer parte dos recursos expressivos do que tem sido chamado de "linguagem corporal" [...] mas a linguagem envolve um grau mais elevado de sistematização do seu potencial de significado – sendo o mais alto grau de sistematização a gramaticalização. A linguagem corporal e a paralinguagem emergem assim como conjuntos de sistemas semióticos distintos quando a protolinguagem é transformada em linguagem. Mas isso não significa que a linguagem se torne monomodal. Pelo contrário, mantém o seu potencial de expressão multimodal, como demonstra a existência de línguas gestuais das comunidades surdas[72] (tradução minha).

[72] **No original:** *[...] gesture and facial expressions become part of the expressive recourses of what has been referred to as 'body language' [...] but language involves a higher degree of sistematizacion of its meaning potential – the highest degree of systemicization being grammaticalization. Body language and paralanguage*

Desse modo, a paralinguagem funciona como um dos vários sistemas sociossemióticos que são expressos pelo corpo humano e que resultam em um sistema de significados que geram um ambiente de termos culturalmente compartilhados (Halliday; Matthiessen, 2014). Considerando a LO inglesa, Ngo *et al*. (2022) incluem como pertencentes à paralinguagem os gestos (McNeill, 1992), a expressão facial, o movimento do corpo e as posturas, além das vocalizações (Van Leeuwen, 1999), que não se constituem objetos de investigação da linguística, seja pela prosódia ou por análises fonológicas segmentais.

Sekine *et al*. (2013), apoiados nas pesquisas de McNeill (2000) e Kendon (1980), apresentam um contínuo voltado à paralinguagem que inicia com a gesticulação, que pode ser instanciada por batidas, realizações icônicas e metafóricas, além do uso de apontamentos, auxiliando a construção de pantomimas e possibilitando o desenvolvimento de emblemas. Esses são um conjunto de gestos estabilizados pelo convívio em uma comunidade específica, resultando em um último nível de complexidade na formação de um sistema sociossemiótico visual, isto é, as LS, conforme esquematizado na Figura 43.

Figura 43: Contínuo de paralinguagem.



Fonte: Retirado e traduzido de Sekine *et al.* (2013), adaptado de McNeill (2000).

A paralinguagem, como afirmam Halliday e Matthiessen (2014), funciona como complementos multimodais ligados ao canal fônico de comunicação humana. Outro destaque, ao refletir sobre a paralinguagem, é referente ao conceito elaborado por Kress e Van Leeuwen (2006) de que diferentes modalidades podem conceber relações semânticas semelhantes. Isso revela que os **códigos semióticos** podem ser realizados considerando as diferenças do contexto de situação e do contexto de cultura.

thus emerge as sets of distinct semiotic systems when protolanguage is transformed into language. But this does not mean that language becomes monomodal. On the contrary, it retains its potential for multimodal expression, as the existence of sign languages of deaf communities demonstrates […] (Matthiessen, 2007a, p. 6-7).

Os estudos de Martin (2008), Painter e Martin (2012) e Painter *et al.* (2013) modelaram a paralinguagem em graus de convergência entre a verbiagem e a imagem. Ao aprofundar sobre esse assunto à luz da LSF, Painter *et al.* (2013) indicaram que há uma gradabilidade paralinguística quando a relacionam à metafunção ideacional, em que seriam observados os graus de concordância; na metafunção interpessoal, haveria os graus de ressonância e na metafunção textual se vinculariam os graus de sincronicidade.

Ngo *et al.* (2020) propõem, portanto, uma distinção conceitual em que a paralinguagem seria sonovergente (*sonovergent*), quando associada ao estrato fonológico e semovergente (*semovergent*) ao relacionar-se ao estrato semântico. Consoante ao que sugerem os autores, a forma sonovergente paralinguística advém

> [...] de uma perspectiva interpessoal, ela ressoa com o tom e envolve uma parte do corpo (por exemplo, sobrancelhas ou braços) movendo-se para cima e para baixo em sintonia com o movimento do tom em um grupo de tons (TOM e saliência marcada). De uma perspectiva textual, ela envolve uma parte do corpo (por exemplo, mãos, cabeça) movendo-se em sincronia com a PERIODICIDADE da fala – o que pode envolver batidas alinhadas com uma sílaba saliente de um pé (que também pode ser a sílaba tônica de um grupo de tons) ou um gesto coextensivo com um grupo de tons (ou seja, em sincronia com os sistemas TONALIDADE, TONICIDADE ou RÍTMO) [...][73] (Ngo *et al.*, 2020, p. 23, tradução minha).

Já a paralinguagem semovergente, para Ngo *et al.* (2020), alinha-se à léxico-gramática e à semântica do discurso[74] da fala, para se posicionar ideacionalmente ao uso da IDEAÇÃO, interpessoalmente à AVALIATIVIDADE e textualmente aos sistemas de IDENTIFICAÇÃO e PERIODICIDADE.

Isso posto, reitero que nesta subseção a paralinguagem foi vista de forma concisa para situar a gestualidade como forma de comunicação humana. Contudo, é preciso que mais pesquisas sejam organizadas para aprofundar os conhecimentos acerca do uso de gestos como um sistema sociossemiótico que permite as trocas de experiências individuais e sociais. No próximo subtítulo, abordarei a temática dos gestos para diferenciá-los dos Sinais linguísticos que compõem as LS.

---

[73] **No original**: *[...] From an interpersonal perspective, it resonates with tone and involves a body part (e.g. eyebrows or arms) moving up and down in tune with pitch movement in a tone group (TONE and marked salience). From a textual perspective, it involves a body part 23 (e.g. hands, head) moving in sync with the periodicity of speech24 – which might involve beats aligned with a salient syllable of a foot (which might also be the tonic syllable of a tone group) or a gesture coextensive with a tone group (i.e. in sync with TONALITy, TONICITy or RHyTHM systems) [...]* (Ngo *et al*., 2020, p. 23).

[74] Para melhor compreensão dos sistemas semântico-discursivos, sugiro como material de leitura os livros *Working with discourse meaning beyond the clause* (2007), de Martin e Rose, e *Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional* (2023), de Fuzer e Cabral.

3.3 Gestos: um sistema sociossemiótico visual

As pesquisas em LSF vêm se desdobrando na tentativa de explorar o desenvolvimento de outras sociossemioses que se vinculam à língua ou à linguagem, quando se tratam de aspectos que envolvem uma comunicação física corporal. Essa utiliza o corpo como um canal comunicativo pelo qual os sistemas experienciais, a lógica, a interpessoalidade e a textualidade possibilitam em seus estratos representar, trocar/dar informações e/ou bens e serviços, bem como verificar a organização textual desses significados. Vem-se desenvolvendo, então, uma espécie de "nó teórico", porque os dados ainda são muito preliminares, como pode ser constatado ao longo deste livro.

Ademais, a noção sistêmica de gestos associados à estrutura de desenvolvimento de uma língua, enquanto sistema sociossemiótico distinto, pode contribuir também para os estudos em LS, uma vez que há a possibilidade de que os gestos assumam um estado interseccional simultâneo que pode ser mesclado à própria estrutura comunicativa das LS. Eles ou contribuem para a formação viso-espacial de uma protolíngua, ou servem de sustentação para estruturas associadas à paralinguagem.

O termo **gesto** e a necessidade de afirmação teórica têm levado muitos pesquisadores brasileiros de LS a se apropriarem equivocadamente de postulações realizadas para explicar, por exemplo, a fonologia articulatória proposta por Browman e Goldstein (1989). Eles o utilizam para nomear a identificação de movimentos articulatórios do trato vocal, no qual esses seriam um tipo de átomo (*atom*), isto é, uma estrutura básica da fonologia que formaria as "constelações", por serem formações primitivas. Lembro que, "[...] informalmente, gesto é identificado com a formação (e liberação) de uma constrição característica dentro de um dos subsistemas articulatórios relativamente independentes do trato vocal (ou seja, oral, laríngeo, vélico) [...][75]" (Browman; Goldstein, 1989, p. 201, tradução minha), sendo formado dentro de um subsistema oral que possui uma ação independente de três articuladores, sendo eles: os lábios, a língua/lâmina e o corpo da língua.

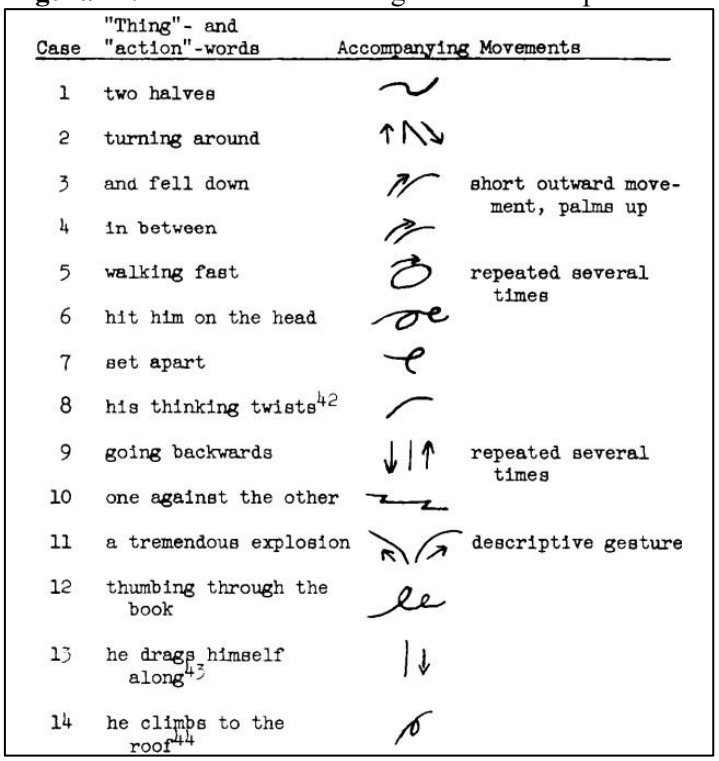
Pensando nisso, segundo Thibault (2004, p. 59), as articulações que produzem os gestos do trato vocal se acoplam, de forma multimodal, às experiências das crianças que são expostas a eventos visuais e/ou interagem com outros participantes do discurso, permitindo um

[75] **No original**: *[...] Informally, a gesture is identified with the formation (and release) of a characteristic constriction within one of the relatively independent articulatory subsystems of the vocal tract (i.e. oral, laryngeal, velic) [...]* (Browman; Goldstein, 1989, p. 201).

mapeamento que pode incluir gestos corporais em primeira instância, por meio do que chamou de *perceptions-cum-actions*.

A noção de gestos associados à fala também apareceu na pesquisa de Efron (1972), ao estudar o comportamento de judeus e italianos que viviam na cidade de Nova York. Em sua pesquisa, o autor descreveu aspectos linguísticos e marcadores espaço-temporais criando uma notação para tais elementos, como pode ser visto na Figura 44.

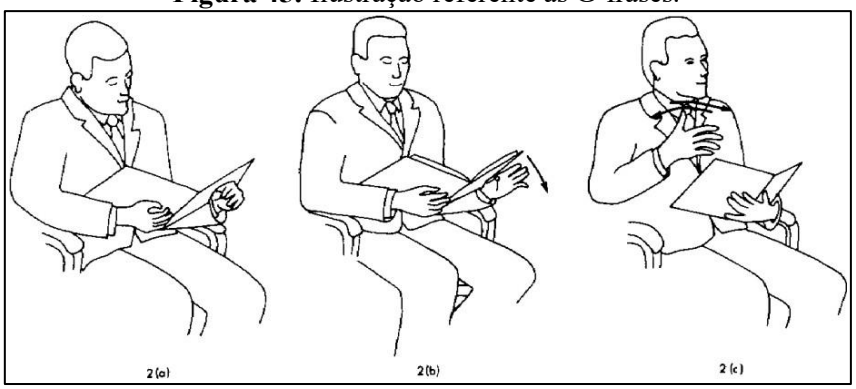
Figura 44: Escrita simbólica de gestos realizada por Efron.



Fonte: Retirado de Efron (1972. p. 72).

Estudos como os de Condon e Ogston (1966, 1967) e Kendon (1972, 1980) apontaram que haveria uma sincronia entre o que está sendo falado e o movimento do corpo, que na comunicação movimentos da cabeça, dos braços e das mãos operariam como frase gesticulares (G-frases) sustentadas em agrupamentos silábicos. As G-frases também funcionariam como uma unidade tonal que, por sua vez, vai se distanciando do corpo, devido à complexidade de execução dos movimentos que tendem a finalizar em posições de repouso, formando, assim, unidades de ideias (Kendon, 1980). Para convalidar os dados articulados à proposta das G-frases, Kendon ilustra o relato de um psiquiatra sobre um de seus atendimentos, como pode ser observado na Figura 45:

Figura 45: Ilustração referente às G-frases.



Fonte: Retirado de Kendon (1980, p. 2015).

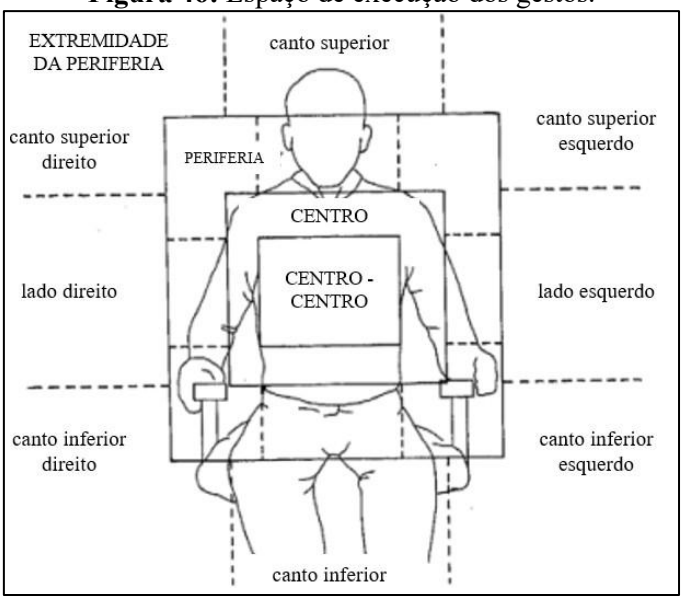
Em virtude disso, vale destacar que os gestos, para o povo surdo, não são componentes articulatórios adicionais à língua, como no caso das que são produzidas por sons e que possuem uma condição oral-auditiva. Ao contrário, os gestos assumem um caráter protolinguístico e/ou paralinguístico, ao longo das etapas de aquisição de linguagem, em virtude do contato com a comunidade Surda. E, ao longo do tempo, os *gesture* vão sendo substituídos pelos Sinais.

> O sentido de *gesture* é tão negativamente carregado, que fez com que surdos militantes e alguns pesquisadores de línguas de sinais inicialmente expurgassem a palavra "gesto" de seus problemas teóricos. Por causa da negatividade imanente ao vocábulo, os gestos não teriam nada a ver com as línguas de sinais (Godoy, 2020, p. 213).

Ao atentar-se para o espaço de produção de gestos por pessoas que sofreram Acidente Vascular Cerebral – AVC, McNeill (1992) assinala que há uma distinção de significação do local em que esses pacientes expressavam os gestos para produzir suas narrativas. De modo que o autor agrupou os gestos em quatro categorias, sendo elas: (a) icônicos, no qual os gestos são realizados considerando a semântica em que o indivíduo expressa significados de um evento ou objeto concretos formando uma cena, ou seja, possuem uma relação com o ato de fala; (b) metafóricos, que se tornam mais complexos por apresentarem imagens de conceitos abstratos, no qual o falante realiza uma dupla estrutura por meio de associação entre uma base e um referente; (c) dêiticos (apontação), que são estruturas prototípicas formadas a partir do ato de apontar, e no caso podem ser realizadas não somente com o uso do indicador, mas por outras extremidades como nariz, cabeça e outros; e (d) batidas, as quais não denotam um significado discernível, contudo, são bifásicos e efetuados com movimentos curtos, de baixa energia, com estalo de dedos ou mão e precisam ser executados em locais específicos.

Acerca da Locação, para a operacionalização dos gestos, o autor propôs um esquema que será apresentado na Figura 46:

Figura 46: Espaço de execução dos gestos.



Fonte: Retirado de McNeill (1992, p. 89).

Seguindo essa linha de raciocínio, conforme explica Felipe (2002, p. 8), existem verbos[76] que possuem uma "raiz mimética" e, "em sua realização fono-morfo-sintática, imitam iconicamente uma ação verbal". Posto isso, é preciso reconhecer o papel e a influência da iconicidade e da arbitrariedade na representação viso-espacial de pessoas surdas.

Voltando, portanto, o olhar para a iconicidade, Taub (1997, p. 13, tradução minha) destaca que os "itens linguísticos icônicos estão relacionados aos seus significados por meio da semelhança física[77]", os quais podem ser representados em diferentes perspectivas e escalas, o que faz com que as formas sejam motivadas e não arbitrárias ou previsíveis. Isso implica, segundo a autora, que há primeiramente uma regra implícita e que esta é atribuída por alguma razão:

> [...] a linguagem está profundamente entrelaçada com nossas experiências do mundo: nossas interações sociais, nossas instituições culturais, até mesmo nossos pensamentos, são frequentemente enquadrados e mediados pela linguagem. A estrutura da linguagem não é fácil de discernir; há padrões em muitos níveis, e os limites entre os níveis não são claros[78] [...] (Taub, 1997, p. 17, tradução minha).

[76] Nesta tese, devido à larga utilização do termo 'verbo' por outros pesquisadores mantenho o termo nas discussões teóricas entendendo que, em LSF, estes seriam considerados 'processos' segundo o sistema de TRANSITIVIDADE e que no sistema de MODO estes são instanciados na língua, léxico-gramaticalmente, como 'verbos'. Já nas análises optei por usar a seguinte forma "processos (verbo)".

[77] **No original:** *[...] iconic linguistic items are related to their meanings through physical resemblance [...]* (Taub, 1997, p. 13).

[78] **No original:** *[...] Language is deeply interwoven with our experiences of the world: our social interactions, our cultural institutions, even our thoughts, are often framed and mediated by language. The structure of language is not easy to discern; there are patterns at many levels, and the boundaries between levels are not clear [...]* (Taub, 1997, p.17).

Outro recurso primário para a comunicação humana está ligado às Expressões Não-Manuais emocionais, ou seja, afetivas. Felipe (2013) revela que, em um discurso, as ENMs podem funcionar também como Marcadores Não-Manuais – MNMs e esses encontram-se presentes no diálogo cara a cara, sendo fundamentais para que o enunciado sinalizado seja plenamente compreendido pelo interlocutor. Essas MNMs que se manifestam também são utilizadas em línguas de modalidade oral-auditiva, como paralinguagem, e são raramente objeto de investigação linguística.

No próximo subtítulo, serão expostos os princípios de formação das LS subsidiados por pesquisas que discutem a viso-espacialidade por um viés de *status* linguístico.

3.4 Língua de Sinais: Sinais e sua formação

De acordo com Silva (2021, p. 36), "[...] as línguas de sinais apresentaram fenômenos interessantes não atestados nas línguas faladas". Assim sendo, em LS, considerando o eixo sintagmático, existem dois princípios norteadores que permeiam sua formação, são eles a **simultaneidade** e a **sequencialidade**.

Quanto à simultaneidade das LS, é preciso observar que "[...] vários elementos se combinam simultaneamente: as mãos apresentam configurações associadas à locação, à orientação, aos movimentos e às marcações não manuais de forma simultânea ao produzirem sinais e, até mesmo, orações [...]" (Silva; Quadros, 2023, p. 58).

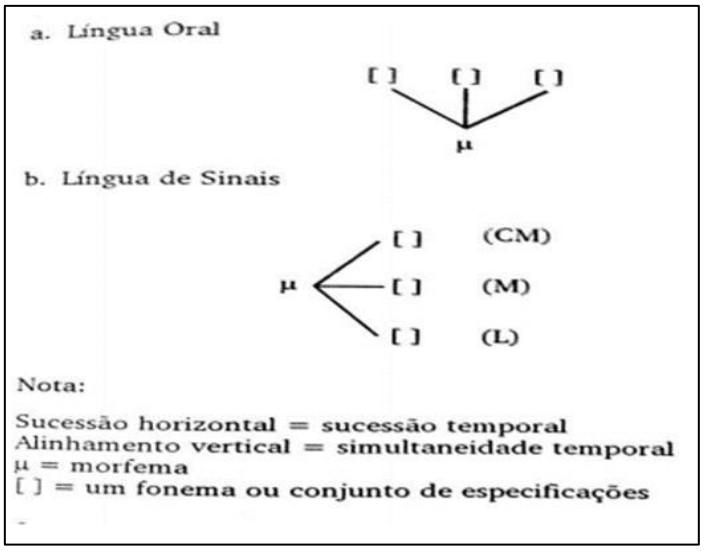
Wilbur (2003, p. 215), ao levar em conta aspectos de separação entre informações fonológicas e morfológicas da ASL, apresenta o conceito de "Camadas" (*Layering*) associado à articulação de distribuição coesa de componentes que são produzidos simultaneamente sem que haja interferência entre os significados, possibilitando que estes sejam expressos de forma eficiente. Lourenço (2018, p. 1) também pondera que esse recurso não é exclusivo das LS e que, como aponta Battison (1978), é possível verificar o encadeamento dessas informações pelo uso de dois articuladores, ou seja, duas mãos. O autor então reitera que "[...] o fato de as línguas de sinais fazerem uso linguístico e gramatical de expressões faciais, movimentos de cabeça e demais movimentos corporais contribui para uma maior possibilidade de coarticulação de informações [...]" (Lourenço, 2018, p. 2).

Baseado em Klima e Bellugi (1979), Xavier (2006, p. 6) destaca que há uma diferença conceitual relacionada à produção de mímicas e pantomimas em relação às estruturas comunicativas em LS, pois

> [...] mímicas e pantomimas são produzidas sem uma aparente restrição quanto ao espaço de realização, quanto ao uso do corpo e quanto às formas, localizações e movimentos das mãos. Diferentemente os sinais são realizados em um espaço mais limitado, produzidos fundamentalmente pelas mãos, e articulados apenas com configurações, localizações e movimentos permitidos pela língua.

Ao focar esta investigação na estrutura da Libras, não procuro compará-la à organização de uma LO, já que, como uma língua natural em sua viso-espacialidade (Quadros; Karnopp, 2004), a Libras traz elementos e informações linguísticas instanciadas de forma simultânea e sequencial (ver Figura 47) que possibilitam seu **registro**.

Figura 47: Diferentes formas de registro: Sequencialidade e Simultaneidade.



Fonte: Retirado de Quadros e Karnopp (2004, p. 49).

Como visto na Figura, as autoras destacam a característica da simultaneidade como a principal diferença na formação dos sinais nas LS, o que significa que vários elementos linguísticos podem ser executados ao mesmo tempo para transmitir significados complexos. Isso contrasta com a linearidade das LOs, onde as palavras são geralmente formadas sequencialmente:

> [...] o desenvolvimento de modelos fonológicos a partir do trabalho de Stokoe apresenta, por um lado, a introdução da ordem linear, mostrando sequencialidade das unidades que constituem os sinais, e, por outro lado, um aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades (simultaneidade) na descrição dos sinais (Quadros; Karnopp, 2004, p. 49).

Ao olhar a produção de um determinado texto considerando os significados que ele produz, Halliday e Matthiessen (2014) indicam que o texto está vinculado a uma estrutura composicional também chamada de constituinte, pois as unidades maiores de uma determinada

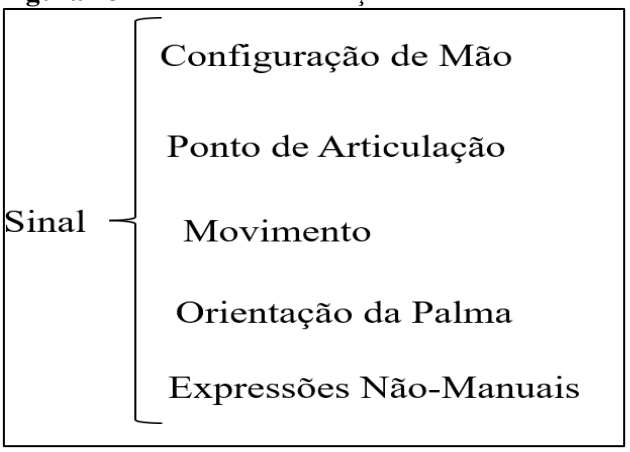
língua se formam por unidades menores, sendo elas: (a) fonológica, (b) grafológica e (c) léxico-gramatical.

3.4.1 Instanciação em Libras

Apresento, neste subtítulo, uma reflexão sobre como se dá a Instanciação em LS, já que esta possui elementos visuais em sua constituição. Segundo Liddell e Johnson (1989, p. 195, tradução minha), "[...] o fato de todas as línguas faladas combinarem elementos sem sentido para formar símbolos significativos é considerada uma das características definidoras de linguagem humana [...]"[79]. Os autores ponderam ainda que foi a partir dos estudos de Stokoe (1960) sobre a ASL que as LS passaram a não serem vistas como meros sistemas de gestos.

Ao longo do tempo, estudiosos como Battison (1974, 1978) e Klima e Bellugi (1979) trouxeram à tona a discussão sobre a complexidade da comunicação constituída por uma língua viso-espacial. Essa complexidade se dá pelos aspectos de simultaneidade e de sequencialidade associados à iconicidade e à arbitrariedade da composição do Sinal, que é instanciado por um sistema paramétrico de combinações fonológicas, como apresentado na Figura 48.

Figura 48: Estrutura de formação dos léxicos em LS.

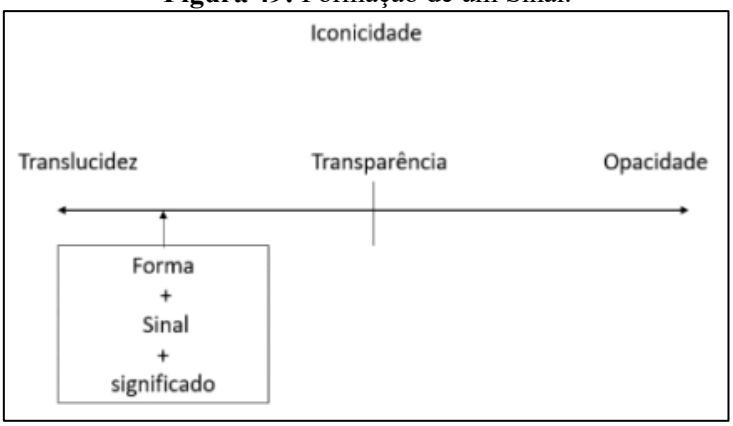


Fonte: Elaborada pelo autor.

Sobre as características do Sinal, Klima e Bellugi (1979) desenvolveram os conceitos de translucidez e opacidade vinculados à ideia de que, quanto mais translúcido (mais próximo à forma do objeto ou da ação) o Sinal seria icônico e, quanto mais se distancia dessas experiências anacronicamente, ele se tornaria arbitrário, como pode ser notado na Figura 49.

[79] **No original:** *[...] The fact that all spoken languages combine meaningless elements to form meaningful symbols is regarded as one of the defining features of human language [...]* (Liddell; Johnson, 1989, p. 195).

Figura 49: Formação de um Sinal.



Fonte: Elaborado por Marques-Santos (2019), baseado em Klima e Bellugi (1979).

No Brasil, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a estrutura da Libras é complexa, porque as LS possuem propriedades que são distintas das LOs. Na Figura 50, as autoras elaboraram um modelo que consegue representar como um Sinal/léxico pode ser formado em LS:

Figura 50: Formação lexical em LS.



Fonte: Retirado de Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

Seguindo o que as autoras apontam, um sinal nativo possui um núcleo baseado na visualidade e a experiência cultural dos indivíduos faz com que surjam léxicos de características icônicas que são denominados classificadores, sendo esses **nativos**. Já quando há contato com a língua falada, sendo esta majoritária, ocorre a sua influência na LS, minoritária, por meio da soletração do alfabeto manual que seria formado pelos Sinais **não-nativos**. Brentari e Padden, 2001 (p. ix, tradução minha) ressaltam que:

> Cada comunidade de língua gestual tem a sua própria história cultural incorporada por valores e práticas que influenciam a mudança linguística e inovação, mas cada língua é também utilizada por uma comunidade linguística minoritária que está integrada numa comunidade linguística falada vizinha[80].

[80] **No original:** *[...] each sign language community has its own cultural history embodied by values and practices that influence language change and innovation, but each language is also used by a minority linguistic community that is integrated within a neighboring spoken language community [...]* (Brentari; Padden, 2001, p. ix).

Refletindo também sobre o exposto, ao observar o conceito de Instanciação cunhado por Halliday e Matthiessen (2014), aponto que, devido ao uso da visualidade na produção das LS, a Instanciação lexical nessas línguas pode ser organizada por esses dois macrogrupos de elementos viso-espaciais.

Esses aspectos linguísticos que influenciam a variação lexical estão ligados às particularidades experienciais ligadas ao contexto de situação e de cultura nos quais os indivíduos se encontram inseridos. Em um nível macrocontextual, os fatores sociais que afetam a variação podem incluir a região, a idade, o gênero, a classe socioeconômica e a etnia, porém há outros elementos que parecem ser exclusivos às LS e que perpassam elaborações protolinguísticas (Fase I), paralinguísticas (outros sistemas sociossemióticos) até estabilizar-se linguisticamente (Fase III), como discutido nos subtítulos anteriores.

Como já apresentado, crianças surdas ou ouvintes desenvolvem um sistema de comunicação primário, a protolíngua, e as que possuem surdez iniciam uma comunicação gestual baseada em suas experiências individuais e comunitárias com os chamados "sinais caseiros" (*homesings*). Goldin-Meadow (2003) percebeu que esses sistemas exibem padrões estruturais típicos das primeiras manifestações gestuais em crianças, que, de modo geral, apresentaram a utilização consistente de um gesto (Instanciação da experiência) aliados à aplicação de estruturas recursivas, como estruturas subordinadas ou sentenças coordenadas, que possuíam uma espécie de morfologia interna.

Como afirma Isquerdo (2003), o regionalismo é uma marca dialetal que é evidenciada no vocabulário de um determinado grupo social, que compartilha uma língua e uma cultura. "No caso da Libras, o regionalismo ocorre com sinais diferentes, mas que conservam o mesmo significado" (Nascimento, 2021, p. 1311). Isso mostra como as experiências sociais de inserção e interação propiciam o desenvolvimento identitário-linguístico das expressões surdas surgindo em diferentes localidades, formas viso-espaciais distintas de nomeação para representar um mesmo elemento e instanciá-lo para fins comunicativos.

Ainda observei que a produção de gírias também deve ser considerada como um grupo lexical nativo, pelo qual os indivíduos compartilham não somente aspectos inerentes à cultura de um grupo específico. Essas se inserem como formas de pertencimento que criam vínculos e produzem uma relação de PROXIMIDADE SOCIAL:

> [...] a utilização de gírias como forma de comunicação entre os indivíduos varia de acordo com o contexto em que se está inserido. Além disso é importante salientar que uma determinada gíria pode ter seu sentido alterado de acordo com o grupo de pessoas que a utiliza [...], se utilizadas de maneira coerente com o contexto em que estão inseridas, podem se tornar um

> importante elemento de construção de opiniões e expressão de sentimentos do indivíduo [...] (Souza, 2021, p. 15).

Continuando a descrição do grupo de Sinais nativos, pode-se notar a Instanciação de Classificadores. Quadros e Karnopp (2004) indicam que desempenham um papel significativo no processo morfológico de formação de palavras. Por exemplo, nas LOs, quando palavras que possuem múltiplos morfemas se tornam monomorfêmicas, ocorre uma alteração tanto na semântica quanto na morfologia. Um processo similar acontece com os Classificadores quando estes são lexicalizados, pois há uma modificação nuclear do Sinal (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

Outra forma lexical nativa, nas línguas de modalidade visual-espacial, são os Sinais não-manuais. Nas LS, esses Sinais são realizados concomitantemente com o Sinal ou são diluídos na oração, podendo ser observados tanto no estrato fonológico, como no léxico-gramatical e no semântico-discursivo delas. Por isso, caso elas não sejam instanciadas, o Sinal ou o enunciado pode não ser compreendido, causando ambiguidade.

Já o grupo dos sinais não-nativos envolve o contato linguístico por meio de outras LS ou LOs. Adam (2012) indica que os empréstimos, em LS, podem ocorrer pela LO, pela oralidade e pela escrita. Também, segundo o autor, há a possibilidade de que o contato entre as LS fomente a produtividade desse recurso linguístico. Como primeiro subgrupo desse conjunto, considerei a relação de aproximação entre as LS devido à viso-espacialidade. Ao abordar esse assunto, Machado e Quadros (2020, p. 4) inferem que "[...] os estudos sobre o fenômeno dos empréstimos linguísticos entre línguas de sinais são ainda quase inexistentes [...]".

E em virtude de a interação linguística humana ocorrer majoritariamente pelo empréstimo linguístico total de LO, como informam Quadros e Karnopp (2204, p. 88), a "[...] soletração manual não é uma representação direta do português [...]" (Kane; Brentari; Riggle, (2012, n.p., tradução minha). Nas datilologias em ASL, a extensão do dedo mínimo abriu as portas para que a coarticulação pudesse ser explorada: "A datilologia também não é usada igualmente em todas as categorias de palavras. A datilologia é geralmente restrita a nomes, substantivos e, em menor extensão, adjetivos"[81].

Mais um subgrupo não-nativo que possibilita a Instanciação em LS e que se volta ao contato com LO, seja ela em sua forma sonora ou escrita, é o empréstimo linguístico parcial de LO. Por meio dele, devido ao contato com evento, objeto, pessoa etc., é produzido um Sinal

[81] **No original:** *[...] Fingerspelling is also not used equally across all word categories. Fingerspelling is generally restricted to names, nouns, and to a smaller extent adjectives[...]* (Kane; Brentari; Riggle, 2012, n.p.).

que está vinculado à inicialização da palavra ou a mais de uma letra, como aponta Barros (2018) em sua pesquisa catalográfica de Sinais-nomes.

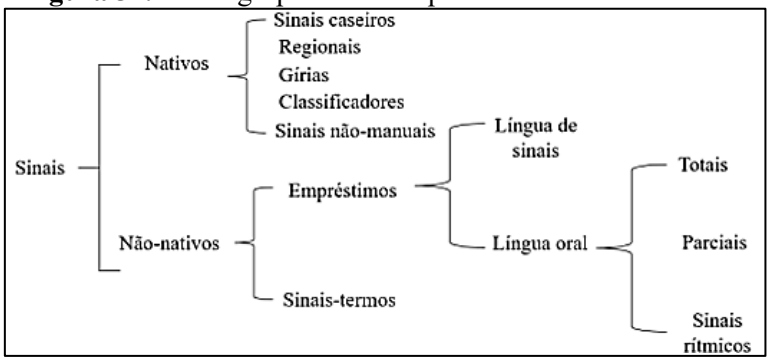
O penúltimo grupo não-nativo refere-se aos Sinais rítmicos, que apresentam uma relação intermediária de organização. Eles utilizam empréstimos linguísticos de LO, totais ou parciais, e os mesclam a uma combinação de elementos viso-espaciais, parâmetros. Há uma simbiose, um encontro de dois sistemas linguísticos naturalmente distintos por meio da regra de "boa-formação" ou uma "violação" desta, conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 90).

O último subgrupo não-nativo que proponho está relacionado à criação de Sinais específicos de áreas que passaram a ter inclusão de Surdos, seja ela acadêmica, laboral, religiosa, entre outras. E que foi denominado por Faulstich (2012) como "Sinal-termo", o que impele que esse tipo de Sinal seja instanciado a partir de uma necessidade muito particular de nomeação. Conforme expressa Tuxi (2017, p. 20),

> [...] a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB[82] tem base na abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante [...]. Portanto, o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas [...].

Ao observar essa relação sistêmica entre os macrogrupos de Sinais nativos e de Sinais não-nativos, foi possível verificar de forma preliminar a organização de subgrupos lexicais em LS, tendo como referência autores como Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2001, 2013), dentre outros que estudam a Libras. Essa é uma proposta que pode e deve ser discutida, buscando o detalhamento dessas estruturas viso-espaciais à luz da LSF, conforme sintetizado na Figura 51:

Figura 51: Macrogrupos lexicais que são instanciados em LS.



Fonte: Elaborada pelo autor.

[82] LSB é um termo que foi usado para referir-se internacionalmente à Língua de Sinais Brasileira. Porém, optei por utilizar o termo Libras em toda a tese, por ser este o nome legitimado, tanto em vias legislativas pela 10.436/02, quanto pelas diferentes comunidades Surdas no Brasil.

Em suma, essa noção de Instanciação é importante para que os pesquisadores de línguas viso-espaciais, como eu, concebam a relação social existente entre sistema e texto, e como sua produção evidencia o que se caracteriza como cultura, no caso a cultura surda.

3.4.2 Aspectos da interpessoalidade em LS

Academicamente, as LS passaram por momentos de puro ceticismo quanto ao seu *status* de sistema linguístico. Segundo Bolgueroni e Viotti (2013, p. 18), "as línguas de sinais entraram na agenda de pesquisa linguística apenas há pouco mais de cinquenta anos". Considerando que o estudo foi publicado há uma década, é possível afirmar que esse movimento ultrapassa os 60 anos. Portanto, são, quantitativamente, mais escassos os conhecimentos sobre as LS em relação ao que se sabe sobre as LOs.

Esse tipo de atividade ocorre quando pesquisadores tendem a utilizar critérios tradicionais imputados às LOs, como pode ser observado no artigo publicado por Crystal e Craig (1978). Diante disso, Padden (1981) refuta a ideia desses autores de que haveria pouca evidência da formação de estruturas sintáticas, uma vez que, em sua investigação, a autora evidencia a existência de pelo menos duas classificações para o uso do verbo em ASL, que seriam: os não-direcionais e os direcionais (multidirecionais), sendo esse conceito introduzido por Woodward (1975), Friedman (1976) e Fischer e Gough (1978).

Para Padden (1981, p. 255, tradução minha, grifos e acréscimos meus), essas estruturas da ASL se assemelham às encontradas no grego moderno: "[...] observe que tanto o grego quanto a ASL não têm formas infinitivas; a forma de citação do verbo em grego é pessoa; na ASL é pessoa [**pessoa e número do sujeito**] SU e 2pessoa final [**objeto direto**] DO [...]"[83].

Na Libras, assim como em todas as línguas (Orais ou de Sinais), podem ser elaboradas análises linguísticas de todos os níveis de estratificação[84], como a fonética e a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Ao associar as LS a um *status* linguístico, torna-se factível investigá-las sob a perspectiva sistêmico-funcional. Faz sentido, então, observá-la a partir das metafunções criadas por Halliday (1994).

Neste subtítulo, destaco a função interpessoal, sob a qual pode-se verificar aspectos viso-espaciais que garantam a construção das relações interpessoais, em que os significados

[83] **No original:** *[...] note that both Greek and ASL lack infinitive forms; the citation form of the verb in Greek is person; in ASL it is person SU and 2person final DO [...]* (Padden, 1981, p. 255).

[84] Os utilizados para explicitar os estratos estão relacionados às áreas de investigação de que os pesquisadores se apropriaram, baseando-se em outras teorias de estudos linguísticos.

potenciais podem ser trocados (NEGOCIAÇÃO) ou movimentados (FUNÇÃO DA FALA), com o intuito de promover a solidariedade no estrato semântico-discursivo dos contextos e da ideologia, realizados e instanciados por orações na léxico-gramática e na grafo-fonologia.

O caráter simultâneo dessas línguas encaixa-se de forma harmoniosa com a visão holística da LSF, na qual as metafunções e os estratos também são vistos de forma coexistente para expressar sistemas sociossemióticos que envolvem, por exemplo, as interações comunicativas produzindo a cooperação. Rudge (2022, p. 39, tradução minha), como já pontuado, descreve que a

> [...] "cooperação", tal como aqui se pretende, vai além de noções genéricas como concordando entre si para evitar uma discussão. Em vez disso, a cooperação é usada no sentido de negociações ativas e contínuas entre as partes das trocas comunicativas, permitindo fenômenos como solicitações, demandas e apresentações de informações (e quaisquer respostas resultantes) em um contexto [85].

De acordo com Martin e White (2005), a variável de registro 'relações' pode ser identificada por duas chaves, sendo elas respectivamente: o poder (dimensão vertical) e a solidariedade (dimensão horizontal). Para Poynton (1985), o poder é estabelecido pela 'reciprocidade', enquanto a solidariedade é perpassada pelos princípios da 'proliferação' e da 'contração'.

> O ponto geral aqui é que, no que diz respeito à solidariedade, quanto melhor você conhece alguém, mais sentimentos você compartilhará e menos você precisa dizer para compartilhá-los. E proliferação e contração são melhor lidas como recursos semióticos para negociar intimidade e distância, já que relacionamentos são processos dinâmicos que se desenrolam ao longo do tempo [...]"[86] (Martin; White, 2005, p. 31, tradução minha).

Em consequência, infiro que o sistema léxico-gramatical de MODO contribui para a Instanciação da AFILIAÇÃO, por meio da polaridade (positiva e negativa), que se dá partir das ENMs ou MNMs de forma incorporada ou lexicalizada, pelas quais também foi possível investigar acoplamentos ligados ao subsistema semântico-discursivo de Atitude. Também

---

[85] **No original:** *[...] 'Cooperation', such as it is intended here, goes beyond generic notions such as agreeing with one another to avoid an argument. Rather, cooperation is used in the sense of active and ongoing negotiations between parties in communicative exchanges, allowing phenomena such as requests, demands and presentations of information (and any resultant responses) in a context [...]* (Rudge, 2022, p. 39).

[86] **No original:** *[...] the general point here is that as far as solidarity is concerned, the better you know someone the more feelings you will share and the less you need to say to share them. And proliferation and contraction are best read as semiotic resources for negotiating intimacy and distance, since relationships are dynamic processes unfolding over time [...]* (Martin; White, 2005, p. 31).

surgiram elementos que evidenciaram o uso da modalidade[87] e dos Modos oracionais, pois, como visto no capítulo 2, a funcionalidade das orações ocorre no estrato léxico-gramatical, no qual há três Modos oracionais, que são: o interrogativo, o declarativo (indicativo) e o imperativo[88] (Fuzer; Cabral, 2014).

Ao refletir sobre as trocas e as movimentações de significados potenciais no estrato semântico-discursivo, à luz da AFILIAÇÃO, foram descritos recursos linguísticos em Libras que possibilitaram o gerenciamento (*manage*) dos vínculos, acoplando a esses Modos elementos avaliativos para efetivar a comunicação e a solidariedade entre os participantes do diálogo, como será visto no capítulo 6. Além disso, os recursos viso-espaciais descritos nas análises contribuíram para o início de um detalhamento sistêmico-funcional relacionado à Libras.

Os estudos gramaticais das LS propiciaram o despertar para as possibilidades de construção léxico-gramatical de estruturas e recursos viso-espaciais que ampliam as discussões sobre a complexidade dessas línguas. Essas organizações tanto simultâneas quanto sequenciais utilizam o espaço para instanciar significados, que também é conhecida como sintaxe espacial.

As contribuições de autores como Siple (1978), Lillo-Martin (1986), Fischer (1990), Bellugi *et al*. (1990), Wilbur (2003), Liddell (2003), Sandler e Lillo-Martin (2006) auxiliaram as discussões brasileiras sobre a estrutura das LS que aqui são encontradas e, em maior número, aparecem as investigações, como o deste livro, que se voltam à Libras.

No Brasil, pesquisadores como Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019), entre tantos outros, se debruçam sobre a gramática da Libras. Felipe (2001) atribui aos verbos em Libras, duas categorias: os verbos com concordância e os verbos sem concordância. Os primeiros "[...] flexionam para pessoa, número e aspecto, por meio do movimento das mãos e posição das palmas. Esses são verbos que codificam o papel sintático dos argumentos [...]" (Oliveira; Cunha, 2009, p. 07). Já os verbos simples, da segunda categoria, não flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Segundo as autoras, todos os verbos sinalizados ancorados no corpo são classificados como verbos simples. No entanto, "[...] há também alguns que são feitos no espaço neutro [...]" (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009, p. 36).

Evidencio, também, as postulações de Quadros e Karnopp (2004) ao destacarem alguns 'mecanismos espaciais'[89] que subsidiam a formação oracional em Libras, como: (a) execução

[87] São necessárias pesquisas futuras para entender de forma mais consistente as formulações oracionais modais em Libras, pois aqui o foco se mantém no estrato semântico-discursivo.

[88] Devido ao contexto de situação, esse Modo não será discutido nas análises. Sua ocorrência apareceu no *corpus* associado à modalização que uma das participantes instancia.

[89] Em pesquisas futuras, o uso desses 'mecanismos' poderá ser analisado de forma mais consistente.

de um Sinal em um local específico; (b) direcionamento da cabeça[90] e dos olhos; (c) apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico; (d) uso de pronome; (e) uso de classificadores e (f) utilização de verbos com concordância. Diante disso, as autoras asseveram que

> [...] na língua de sinais brasileira, os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, sendo que tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso. Quando os referentes estão presentes, pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente. [...] (Quadros; Karnopp, 2004, p. 130).

Essa alegação coaduna à teoria dos "Espaços Mentais" (Fauconnier, 1985). Eles são inerentes ao momento da sinalização e fazem parte da construção estrutural do discurso. Liddell (2003), entre outros autores, evidenciaram, baseados na linguística cognitiva – LC, uma proposta segmental para aspectos fonológicos das LS. Para ele, há a presença de três usos específicos do espaço: o real, o *token* e o sub-rogado.

O espaço real é definido por Liddell (2003) como aquele que representa a situação em que o sinalizante se encontra durante o enunciado. Esse espaço é constituído "a partir de nossa experiência sensório-perceptual imediata e associada a nosso conhecimento de mundo" (Bolgueroni; Viotti, 2013, p. 21). Já o espaço do evento (Oakley, 1998), está ligado ao que o locutor intenciona passar para o interlocutor, ou seja, a interação entre os personagens, o tempo, o ambiente onde há o acontecimento. Esses, por sua vez, se dão por dois usos idealizados do espaço: o *token*, em que "[...] a sinalização ocorre em um espaço mais limitado [...]" (Araújo, 2016, p. 36); e o sub-rogado, no qual os participantes da interação podem instanciar pessoas, eventos, objetos não fisicamente presentes no turno de sinalização, como se esses ali se tornassem reais por uma "representação mental" (Araújo, 2016, p. 18).

Ademais, outros destaques de elementos viso-espaciais que corroboram a NEGOCIAÇÃO são os que permitem o acoplamento de vínculos associados ao subsistema interpessoal de Gradação ligado à AVALIATIVIDADE. Em sua pesquisa, Santos e Xavier (2019, p. 58) observaram a elaboração da intensificação, em Libras, tendo "[...] como foco a duplicação de mãos como um dos recursos para a sua expressão. Tal estudo revelou que a duplicação não é obrigatória, mas apontou [...] mudanças nas características manuais e não-manuais dos sinais". De acordo com Martin e White (2005), a intensificação (*intensification*) e a quantificação

[90] Nota-se que o papel desempenhado pelo pescoço ainda é um assunto que não ganhou destaque em pesquisas de LS. Por esse motivo, proponho, nas análises elaboradas no Capítulo 6 desta tese, uma descrição da função desse órgão que auxilia a movimentação da cabeça para formar significados e Modos oracionais.

(*quantification*) são recursos interpessoais de gradabilidade textual que servem para enfatizar os elementos atitudinais. Esses dispositivos foram usados para discutir os recursos de moderação (*tempering/promoting*) e serão aprofundados nos Capítulos 4 e 6 deste livro.

Além disso, na sequência, serão desenvolvidas discussões teóricas sobre a AFILIAÇÃO e como esta pode ser observada na sinalização em LS; bem como sobre o espaço de sinalização, que pode servir para a criação de vínculos à luz de uma perspectiva sociossemiótica, os quais serão descritos a seguir.

CAPÍTULO 4

POR QUE ESTUDAR AFILIAÇÃO (*AFFILIATION*)

Ao refletir sobre as construções socioculturais voltadas à interação humana, é possível perceber que "[...] Mesmo a conversa espontânea mais informal tem suas estratégias e estilos de significado. Nunca estamos selecionando com total liberdade todos os recursos do nosso sistema linguístico [...][91]" (Halliday; Hasan, 1985, p. 40, tradução minha).

A produção e o uso da língua e/ou da linguagem, como visto até aqui, podem ser considerados multifacetados, apresentando-se sob várias nuances. A língua ou a linguagem, de acordo com a LSF, se materializa a partir da necessidade de expressão das experiências cotidianas dos seres humanos e, para tal, torna-se necessária a interação.

> [...] Se quisermos entender as relações encenadas por tal criação de significado, precisamos de maneiras sistemáticas explicar o papel da linguagem na criação de vínculos sociais. AFILIAÇÃO é mais do que conectar; é negociar significados dentro de gêneros de uso da linguagem [...][92] (Zappavigna, 2011, p. 804, tradução minha).

Logo, a AFILIAÇÃO só é percebida por meio da interação, o que implica que ela ocorre, para os estudiosos em LSF, associada à metafunção interpessoal e por meio da interação dos participantes envolvidos no diálogo, seja ele escrito, falado ou sinalizado. Diante disso, Martin e White (2005, p. 34, tradução minha) afirmam que "[...] a NEGOCIAÇÃO complementa a avaliação ao focar nos aspectos interativos do discurso, FUNÇÃO DA FALA e estrutura de troca [...][93]".

É possível identificar, então, que os autores, na busca por discutir as relações dadas na interação, apontam a existência do envolvimento enquanto uma espécie de "recurso não graduável"[94], que complementa a avaliação da/pela linguagem em que os interactantes objetivam a solidariedade (Martin; White, 2005, p. 33, tradução minha), como pode ser visto na Figura 52.

---

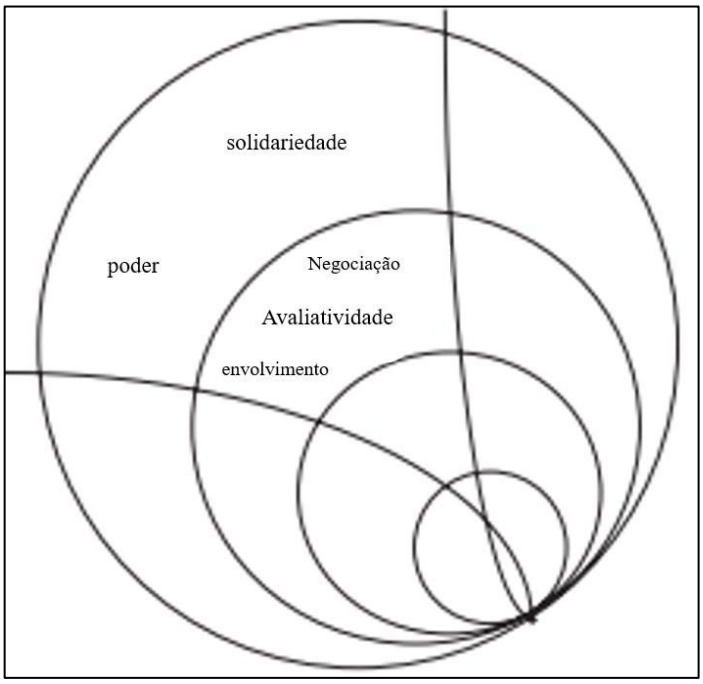
[91] **No original:** *[...] Even the most informal spontaneous conversation has its strategies and styles of meaning. We are never selecting with complete freedom all the resources of our linguistic system* (Halliday; Hasan, 1985, p. 40).

[92] **No original:** *[...] If we are to understand the relationships enacted by such meaning-making we require systematic ways of accounting for the role of language in creating social bonds. Affiliation is about more than connecting; it is about negotiating meanings within genres of language use [...]* (Zappavigna, 2011, p. 804).

[93] **No original:** *[...] NEGOTIATION complements appraisal by focussing on the interactive aspects of discourse, speech function and exchange structure [...]* (Martin; White, 2005, p. 34).

[94] **No original:** *non-gradable resources* (Martin; White, 2005, p. 33).

Figura 52: Sistemas interpessoais semântico-discursivos e variáveis das relações.



Fonte: Retirado e traduzido de Martin e White (2005, p. 34).

Em contrapartida, a AFILIAÇÃO se apresenta como uma sinalização de pertencimento a um determinado grupo, motivada pelo surgimento de "recursos lexicais"[95] (Martin; White, 2005, p. 33, tradução minha) que constroem a identidade coletiva. Por meio desses recursos, o envolvimento pode ser ajustado evidenciando relações de poder que não podem ser ignoradas; porém, os autores em pauta não aprofundam nesse assunto. Isso valida a complexidade das relações humanas em construção de si (identidades) e inseridas em um fluxo de organização social, pelas quais, coletivamente (AFILIAÇÃO) e imbuídas de experiências interpessoais, se aproximam ou distanciam utilizando os recursos multimodais da linguagem que o corpo possibilita desenvolver.

A funcionalidade da fala/escrita abre um leque de opções aos interlocutores, que, por sua vez, realizam escolhas gramaticais e semânticas para manter as relações, assim como para negociar os significados instanciados e realizados por algum tipo de sistema sociossemiótico. Eggins e Slade (1997, p. 7, tradução minha), ao analisar a estrutura da conversação entre os falantes, apontam que essa não é uma tarefa tão fácil. As autoras tratam "[...] a conversa como uma troca de significados, como texto, e reconhecemos seu papel privilegiado na construção de identidades sociais e relações interpessoais"[96].

[95] **No original:** *lexical resources* (Martin; White, 2005, p. 33).
[96] **No original:** *[...] We treat conversation as an exchange of meanings, as text, and recognize its privileged role in the construction of social identities and interpersonal relations [...]* (Eggins; Slade, 1997, p. 7).

Diante disso, segundo Halliday (1978, p. 40, tradução minha), "[...] é natural conceber o texto antes de tudo como conversa [...][97]", ou seja, as trocas comunicativas ocorrem sustentadas pela Instanciação das experiências sociais e individuais em contextos de situação e de cultura, nos quais as orações carregam significados potenciais que possibilitam aos seres humanos interagir e desenvolver a vida em sociedade.

Essas trocas tornam-se analisáveis por meio da produção de vínculos, que, em uma perspectiva sociossemiótica, afastam-se da representação biológica e fundamentam a constituição dos papéis sociais. Como afirma Knight (2010b), por meio da interação social, a AFILIAÇÃO favorece a visibilidade do contínuo de Individuação a partir da formação de uma rede de vínculos. O que, segundo a autora, se mostra como uma alternativa viável para modelar as relações interativas na busca por mapear os vínculos, que servem ao propósito de identificação dos princípios de formação de comunidades e da relação dessas para a construção de identidades e de cultura.

Esse tipo de relação, como discorre Knight, estabelece um tipo de padrão vinculativo que se torna orbital e resulta em um potencial criador de cultura, pois a rede de vínculos é muito flexível e os alinhamentos/não alinhamentos permitem o surgimento da rede ideológica ocasionada por ter menos vínculos, já que há uma seleção dada por oposição.

> A AFILIAÇÃO poderia talvez ser visualizada e descrita similarmente a um sistema solar onde elementos são conectados pela gravidade. Nestes termos, o vínculo particular que é construído em conversa atrai outros vínculos conectados em redes que giram em torno dele, e vínculos ideológicos menos densos são conectados a estes, orbitando em torno de nossas redes de vínculos pessoais[98] (Knight, 2010b, p. 284, tradução minha).

Nesse sentido, esta pesquisa almeja contribuir para os estudos sistêmico-funcionais brasileiros, investigando essa relação vinculativa do discurso, bem como produzindo e fornecendo um caminho para investigações futuras voltadas para a compreensão das línguas de sinais em uma perspectiva sociossemiótica. Um estudo sobre a AFILIAÇÃO também se torna relevante para a desmistificação dessas modalidades viso-espaciais e abre um leque de possibilidades para investigar os 'mecanismos', as 'estratégias', ou seja, os recursos interpessoais, como é o foco aqui, os ideacionais e os textuais que circundam as comunidades

[97] **No original:** *[...] It is natural to conceive of text first and foremost as conversation [...]* (Halliday, 1978, p. 40).
[98] **No original:** *[...] AFFILIATION could perhaps be visualised and described similarly to a solar system where elements are connected by gravity. In these terms, the particular bond that is construed in talk attracts other connected bonds in networks that revolve around it, and less dense ideological bonds are connected to these, orbiting around our personal bond networks [...]* (Knight, 2010b, p. 284).

Surdas brasileiras que utilizam a Libras ou as que usam outras línguas de sinais emergentes[99], como as mapeadas por Silva (2021).

4.1 A AFILIAÇÃO no âmbito da LSF

A AFILIAÇÃO (*Affiliattion*) é um termo utilizado por Martin (2009) para descrever os processos sociais de NEGOCIAÇÃO de valores compartilhados no texto, pelos quais o indivíduo constrói sua identidade em uma determinada comunidade utilizando os acoplamentos (*couplings*[100]), conforme indicado por Martin (2000). Como também assevera Knight (2010b, p. 204-205, tradução minha), a

> [...] AFILIAÇÃO é responsável por como os falantes podem apresentar acoplamentos que são às vezes discordantes conforme um texto se desenrola e administram a tensão para manter a conversa e a solidariedade que eles estão alcançando juntos. Especificamente, diz respeito a como nos identificamos como membros de diferentes comunidades de uma cultura (ou de diferentes culturas). Essa identificação envolve a NEGOCIAÇÃO de coisas, experiências, ideias e pessoas que importam para, ou são valorizadas por comunidades específicas. O processo de AFILIAÇÃO ocorre na logogênese de um texto, pois os falantes negociam constantemente acoplamentos em relação às suas várias afiliações como membros da comunidade.[101]

A AFILIAÇÃO, como visto, descreve de que forma as pessoas se correlacionam no mundo social por meio da adesão a um determinado discurso (Knight, 2010b), ou seja, é por meio dela que em LSF, interpessoalmente, busca-se compreender os significados instanciados e realizados pela relação dada entre o sistema de IDEAÇÃO e a AVALIATIVIDADE[102], que contribuem para a produção do potencial de NEGOCIAÇÃO (Zappavigna; Inwood, 2021).

Dito de outro modo, "A ideia é tentar distinguir o repertório de um indivíduo de outros" (Damasceno, 2021, p. 38), sendo por meio dela que os vínculos (*bonds*/*bonding*) se manifestam

---

[99] Termo utilizado por Vilhalva (2009) para definir a pluralidade das línguas de sinais que existem no Brasil. Nesta direção, observa que a Libras é a língua dos centros urbanos e é reconhecida legalmente enquanto meio de expressão da comunidade Surda brasileira.

[100] Damasceno (2021) propõe o uso da expressão "atrelagem" enquanto tradução para a língua portuguesa. Porém, me pareceu mais adequado utilizar o termo "acoplamento" para o mesmo recurso linguístico, que foi o indicado por Sartin e Vian Jr. (2022).

[101] **No original:** *[...] Affiliation accounts for how speakers can present couplings that are at times discordant as a text unfolds and manage the tension to maintain the talk and the solidarity that they are achieving together. Specifically, it concerns how we identify as co-members of different communities of a culture (or of different cultures). This identifying involves the negotiation of things, experiences, ideas and persons that matter to, or are valued by, particular communities. The process of affiliating occurs in the logogenesis of a text as speakers constantly negotiate couplings in relation to their varying affiliations as community members [...]* (Knight, 2010b, p. 204-205).

[102] Knight (2010a, 2010b) aponta ligação entre a IDEAÇÃO e os domínios atitudinais, mas, como será visto mais à frente, a AFILIAÇÃO na perspectiva de Zappavigna e Martin (2018) extrapola esse conceito ampliando os acoplamentos a todo Sistema de AVALIATIVIDADE.

enquanto unidades semióticas sociais, servindo como uma espécie de dispositivo que captura os significados que estão sendo negociados e se associam uns ao outros, por meio do dialogismo, considerando os vínculos sob uma perspectiva mais voltada à NEGOCIAÇÃO dos significados.

Nesse sentido, vale salientar que é possível perceber, em LSF, que há duas perspectivas. A primeira se vincula aos estudos de Halliday e Hasan (1989) e Zappavigna (2012), em que há uma hierarquia de base semântica para a Individuação, promovendo a AFILIAÇÃO como um sistema dialógico; enquanto a segunda a observa como mecanismos nos quais ocorrem os acoplamentos entre o sistema de AVALIATIVIDADE e de IDEAÇÃO (Knight, 2010a, 2010b).

A AFILIAÇÃO pode ser evidenciada por recursos interpessoais que compõem o sistema semântico-discursivo de NEGOCIAÇÃO, ocorrendo no centro logogênico do texto quando os falantes de determinado sistema linguístico se relacionam com outros membros de uma comunidade, seja na própria ou em outra. Sempre que uma adesão discursiva é negociada (por ex., sorrisos), pode-se, por meio da AFILIAÇÃO, perceber os valores dos sistemas construídos por seus interactantes (Knight, 2010b).

Os mecanismos do Sistema de AFILIAÇÃO que são projetados nos discursos são permeados pela intertextualidade, principalmente em um ambiente de conversação. Para a LSF, de acordo com a metafunção interpessoal, o que se produz por meio da interação são as respostas de solidariedade em um ato comunicativo linguístico: "[...] as pessoas usam estilos ou variedades diferentes de linguagem para diferentes propósitos. Elas usam diferentes variedades de linguagem para representar e reconhecer identidades diferentes, em diferentes contextos [...][103]" (Gee, 2005, p. 20, tradução minha).

Deste modo, para compreender a AFILIAÇÃO, é necessário identificar, segundo Martin (2009), a existência de um mecanismo chamado Individuação (*individuation*), que são recursos semióticos compartilhados pelos falantes de determinada língua, em um meio sociocultural específico, que resultam na elaboração discursiva, criando uma relação de AFILIAÇÃO.

> [...] a experiência é compreendida no curso de, e através de, ser representada interpessoalmente – e, similarmente, as relações interpessoais são representadas no curso de, e através de, serem construídas ideacionalmente. A gramática flui esses dois modos de significado juntos em um único fluxo, de modo que tudo o que dizemos (ou escrevemos, ou ouvimos, ou lemos) "significa" em ambas as funções ao mesmo tempo. Assim, cada instância de prática semiótica – cada "ato de significado" – envolve tanto falar sobre o

[103] **No original:** *[...] people use different styles or varieties of language for different purposes. They use different varieties of language to enact and recognize different identities in different settings [...]* (Gee, 2005, p. 20).

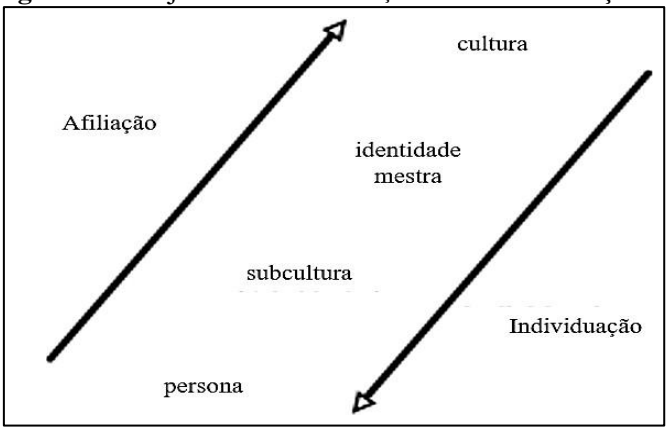
> mundo quanto agir sobre aqueles nele[104] (Halliday, 1996, p. 8, tradução minha).

A AFILIAÇÃO no discurso pode ser entendida por meio dessa Individuação associada à noção de Instanciação, que permite estabelecer a relação entre os interactantes. Portanto, em uma visão mais ampla acerca da linguagem tanto como sistema de escolhas quanto texto, é que se pode analisar a materialização linguística produzida em determinado discurso, bem como a relação entre contexto de cultura e contexto de situação (Vian Jr., 2009).

Logo, a AFILIAÇÃO serve para explicar como os usuários de determinada língua e cultura podem, vinculativamente, se aproximar ou se distanciar para construir social e discursivamente as relações, à medida que o texto se desenrola, ocasionando uma espécie de gerenciamento dialógico das experiências e tornando o discurso pesquisável, mesmo que esteja em formato escrito, como comprovou Zappavigna (2014, 2015) ao analisar *microblogs* e o uso das *hashtags*.

Isso ocorre pelo fato de que a produção dos significados é realizada socialmente, os quais se constituem como uma rede de interligações de aspectos culturais em cada contexto de situação no qual o discurso se realiza, que Martin (2010) aponta como trajetórias, sendo elas: a AFILIAÇÃO e a Individuação. Como pode ser observado na Figura 53, essas possibilitam ao indivíduo identificar as similaridades e as especificidades dos contextos:

Figura 53: Trajetórias de AFILIAÇÃO e de Individuação.[105]



Fonte: Retirado e traduzido de Martin (2010, p. 24).

[104] **No original:** *[...] experience is understood in the course of, and through, being represented interpersonally – and, similarly, interpersonal relations are represented in the course of, and through, being constructed ideationall y. Grammar flows these two modes of meaning together in a single stream, so that everything we say (or write, or hear, or read) 'means' in both functions at once. Thus, every instance of semiotic practice – every 'act of meaning' – involves both talking about the world and acting upon those in it [...]* (Halliday, 1996, p. 8).

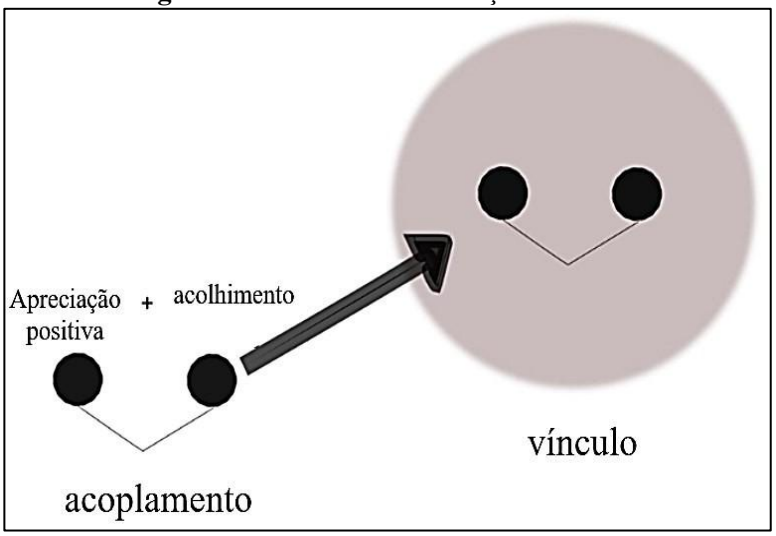
[105] Martin (2009) utiliza, para explicar o trajeto, o termo "*allocation*" (alocação); como salientam Sartin e Vian Jr. (2022, p. 234), o termo "corresponde a ambos os recursos semióticos que estão distribuídos entre os usuários". Porém, Martin (2010) já percebe que o foco está na realização, o que o faz substituí-lo por "Individuação" considerando a multiplicidade das experiências no contínuo.

Em relação a essas similaridades e especificidades, os vínculos se tornam uma espécie de unidade sociossemiótica discursiva que se movimenta no limiar do contínuo de AFILIAÇÃO. Nota-se, na Figura 53, que os vínculos se direcionam à construção de um emparelhamento discursivo das experiências sociais dos indivíduos, tornando-os partícipes de uma cultura; ao passo que, se o olhar assume uma via contrária à dita anteriormente, é possível, por meio da LSF, vislumbrar que esses vínculos contribuem para a constituição da Individuação, resultando na produção da *persona*, ou seja, das características experienciais individuais do ser integrante de uma comunidade. No próximo subtítulo, explorarei o conceito de formação dos vínculos enquanto elementos que produzem a discursividade do interlocutor em uma interação comunicativa.

4.2 Unidade social mínima: vínculos

Ao iniciar uma interação, os participantes atribuem valores baseados em suas experiências comunitárias. E, por meio delas, é que os falantes/sinalizantes constroem laços sociais que tornam possível uma determinada conexão em uma esfera social, pois "[...] um vínculo é a menor unidade social que pode ser negociada discursivamente [...][106]" (Knight, 2010b, p. 207, tradução minha). Na Figura 54, é evidenciada a estrutura semântico-discursiva formativa de um vínculo:

Figura 54: Estrutura de formação do vínculo.



Fonte: Traduzido e adaptado de Knight (2010b, p. 207).

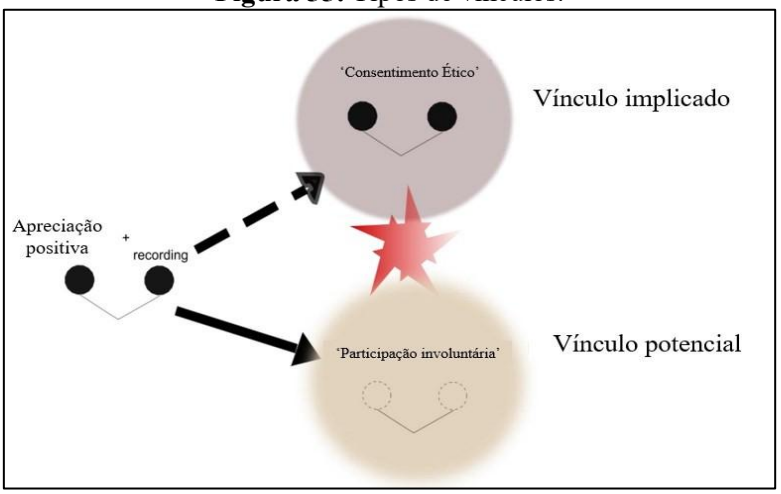
[106] **No original:** *[...] A bond is the smallest social unit that can be negotiated discursively [...]* (Knight, 2010b, p. 207).

Para entender as manobras pelas quais se formam os vínculos, é preciso, primeiramente, compreender que esses assumem uma característica logogenética, uma vez que "a logogênese (*logogenesis*) [...] se refere à realização dos significados em sua distribuição ao longo da escala temporal do texto" (Teixeira, 2017, p. 49). O tempo, portanto, assume um papel fundamental para a construção dos vínculos que são constantemente negociados em um contínuo a partir da Instanciação do texto e vão sendo formados pelos acoplamentos.

Na complexidade das relações, as associações valorativas que os participantes do diálogo vão elaborando podem produzir alguns tipos de tensão social, que também podem ser vistos como uma ruga[107], isto é, uma espécie de desdobramento sob o qual o vínculo inicial não pode ser compartilhado. Como aponta Knight (2010b) em seu estudo sobre o humor, o riso também pode assumir essa função de desprendimento do significado potencial negociado em uma determinada conversa.

A autora, ao utilizar o humor, infere que há dois tipos de vínculos: um constituído por uma borda mais definida, mais sólida, em que se tem o **vínculo implicado**; e outro que aparece com a circunferência mais diluída, difusa, revelando a existência de um **vínculo potencial**. Esse último possui, por meio dos acoplamentos, uma identificação mais fácil, já que se encontra na superfície do texto e pode ser representado por uma seta mais densa; enquanto o implicado se caracteriza por significados que já se encontram subjacentes, sendo aqueles que são negociados de forma implícita e é evidenciado por uma seta fragmentada (ver Figura 55).

Figura 55: Tipos de vínculos.



Fonte: Retirado e traduzido de Knight (2010b, p. 210).

[107] Nesta tese, traduzi o termo de língua inglesa "*wrinkles*" (Knight, 2010b) como 'ruga', posto que a autora o utiliza para conceituar a criação de uma espécie de linha que mantém uma ligação de movimentação do vínculo, na qual há um certo desprendimento do foco inicial vinculativo conversacional, o que resulta, por exemplo, na produção de humor nas interações.

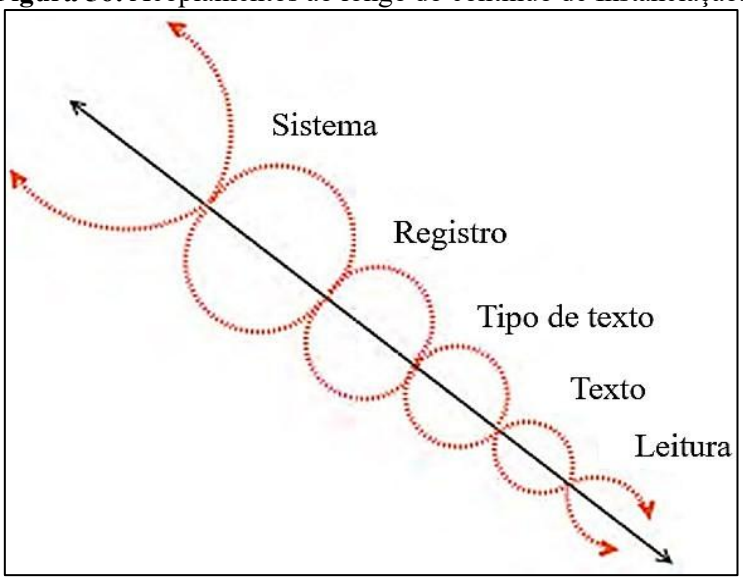
Ainda sobre a questão do surgimento dos vínculos, vale destacar que as rugas contribuem para que a NEGOCIAÇÃO dos significados tome um caminho distinto do que estava sendo proposto inicialmente. Essa tensão social gera, portanto, segundo Knight (2010b), uma desvinculação que foi simbolizada, na Figura 55, por uma explosão em tom vermelho, indicando que houve algum tipo de ruptura semântica e, consequentemente, discursiva entre os interlocutores. Nesse sentido, a fim de enveredar pelo conhecimento sistêmico da AFILIAÇÃO, buscarei no próximo subitem explicitar o funcionamento dos acoplamentos.

4.3 Acoplamentos: Domínios sociossemióticos interpessoais

Os acoplamentos, segundo Knight (2010b), são introduzidos como uma condição simbiótica de significados linguísticos combinativos particulares que se tornam relevantes em uma cultura. Além disso, Zappavigna, Dewy e Martin (2008) afirmam que os acoplamentos não são planos, pois são um tipo de ligação ocorrida entre dois significados em qualquer ponto do contínuo de Instanciação que contribui para a realização do texto. Segundo eles, para Martin (2000), essas ligações ocorrem em diferentes instâncias semânticas dentro de textos, tipos de textos e registros, dependendo dos elementos linguísticos que são negociados.

A Figura 56, analogicamente, captura essa correlação dos vínculos, na qual o co-texto e o contexto se entrelaçam por seu potencial de significação e não apenas por uma questão de acoplamentos simples por meio da estrutura de dupla hélice, construída em vermelho:

Figura 56: Acoplamentos ao longo do contínuo de Instanciação.

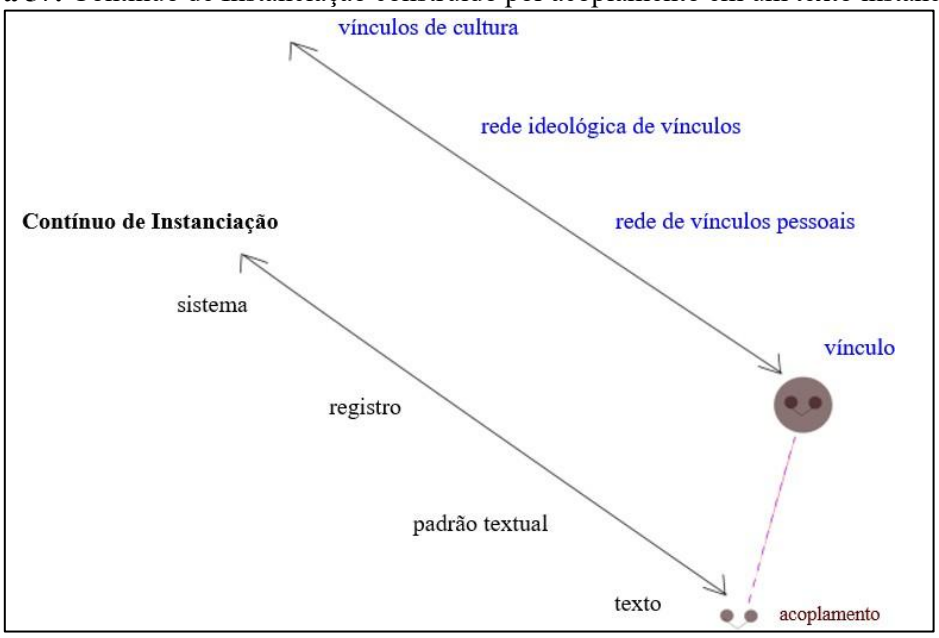


Fonte: Retirado e traduzido de Zappavigna, Dwyer e Martin (2008, p. 171).

A seta de duas pontas (em preto) refere-se ao contínuo – uma linha temporal que possibilita a NEGOCIAÇÃO constante – e, também, sugere que o potencial de significados pode ser restringido de acordo com a posição que o acoplamento assume no espaço semântico. O contínuo pode ser observado, direcionalmente, em um sentido que vai do nível de leitura para o nível de sistema, em que o vínculo e seus acoplamentos podem ser visualizados, o que é chamado de Instanciação, ou do sistema para a leitura, ou seja, do que é visto para o que se torna específico, entendido como Individuação.

As pesquisas desenvolvidas sobre AFILIAÇÃO em LSF apontam que, por conta das multiplicidades de variáveis, a associação de padrões de acoplamentos "síndromes" torna-se difícil, posto que esses se dão entre os sistemas semântico-discursivos de IDEAÇÃO e AVALIATIVIDADE que resultam na produção dos vínculos, que, por sua vez, formam redes tanto no nível pessoal quanto ideológico, as quais socialmente originam os vínculos culturais, como pode ser percebido na Figura 57.

Figura 57: Contínuo de Instanciação construído por acoplamento em um texto instanciado.



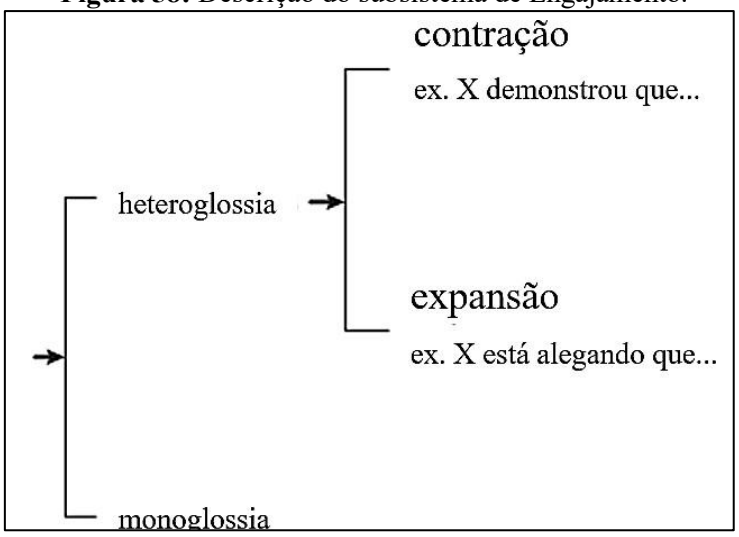
Fonte: Retirado e traduzido de Knight (2010b, p. 249).

Ainda considerando a Figura 57, discursivamente o vínculo pode ser entendido como uma unidade primária que carrega os acoplamentos. Nesse sentido, quando um acoplamento não é reconhecido entre os interlocutores, produz uma reação não construtiva de vínculos, o que não se converte em uma NEGOCIAÇÃO afiliativa, conforme Knight (2010b).

Diante disso, do ponto de vista dialógico, a heterogeneidade das vozes que permeiam os discursos atua como peças fundamentais para a expansão dos significados expressos e negociados pelos indivíduos, ocasionando um alinhamento e/ou acoplamento de valores dos

envolvidos nas trocas realizadas pelo uso da linguagem. Aqui, então, se observa o entrelaçamento do subsistema de Engajamento ao vínculo quando se tornam expressos os recursos, sejam eles monoglóssicos ou heteroglóssicos, ampliando o caráter dialógico dos significados potenciais que geram um fluxo comunitário promovendo uma sintonia entre os que partilham ou entram em contato com o que está sendo ou foi instanciado, como mostrado na Figura 58.

Figura 58: Descrição do subsistema de Engajamento.

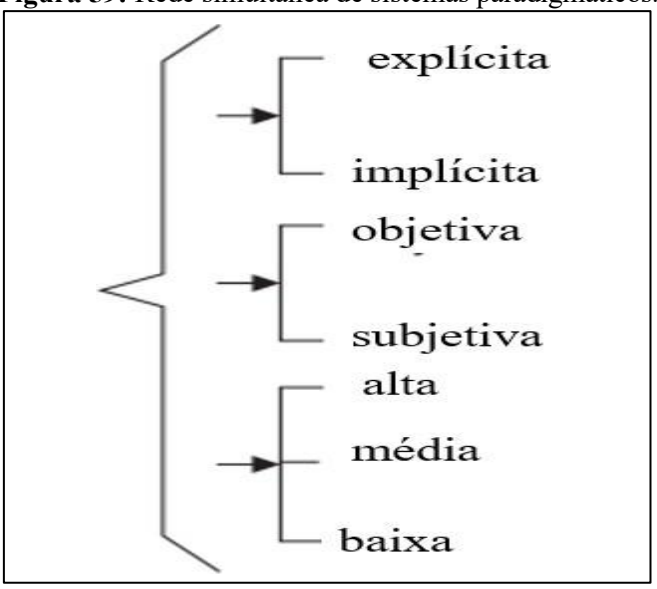


Fonte: Traduzido e adaptado de Martin e White (2005, p. 104).

Portanto, para entender melhor a AFILIAÇÃO, é preciso voltar ao conceito paradigmático de linguagem e como ele pode ser apresentado em LSF. Halliday e Matthiessen (2014) pontuam que essas relações podem ser exibidas a partir do uso de chaves ({) ao invés de tabela, como é comum em outras teorias, o que possibilita enxergar a simultaneidade da linguagem, já que essas chaves representam o termo **ou** e as setas permitem a visualização dos detalhamentos. As linhas e as colunas são entendidas como características possíveis em um determinado sistema de escolhas.

Essa multidimensionalidade paradigmática sistêmica se apresenta de uma forma mais complexa no significado potencial que está sendo construído pelos interlocutores, pois, ao lidar com os vínculos e acoplamentos propiciados em um espaço dialógico, é preciso entender que os significados ali negociados perpassam primariamente uma convenção no eixo do paradigma, como exposto na Figura 59.

Figura 59: Rede simultânea de sistemas paradigmáticos.



Fonte: Retirado e traduzido de Martin e White (2005, p. 15).

Os valores sociais (alto, médio e baixo) e a orientação (objetiva, subjetiva) se movimentam no paradigmático, ao mesmo tempo em que os usuários de uma determinada língua ou linguagem assumem convicções/experiências que podem ser apresentadas implícita ou explicitamente. Isso, do ponto de vista interpessoal e semântico-discursivo, faz com que surjam estratégias linguísticas instanciadas e realizadas na materialidade que é o texto.

Também, de acordo com Han (2015), ao estabelecer relações dialógicas que tendem ao alinhamento, considerando para tal o subsistema de Engajamento, as atribuições, enquanto expansivas, são recursos dialógicos utilizados para alinhar. Já, na contração dialógica, o alinhamento ocorre principalmente ligado à Refutação e a outros recursos como o reforço e a justificativa, enquanto o não-alinhamento se dá pela Refutação e pela Negação. Ademais, na expansão dialógica, é possível observar o não-alinhamento acontecendo por meio do distanciamento. E ainda, segundo o autor, a esses domínios do Engajamento podem ser acoplados elementos Atitudinais.

No Quadro 03 é apresentado o subsistema de Engajamento; porém, como a AVALIATIVIDADE não será o foco desta pesquisa, não aprofundarei neste subsistema[108]:

Quadro 03: Expansão e contração dialógicas.[109]

[108] Para entender mais sobre tal subsistema, recomendo a leitura da tese *Setembro Azul*: análise do discurso de 9 professores surdos a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (2019), de Neigrames. Disponível em: https://repositorio.ufcat.edu.br/items/e8dd82c5-c37d-4657-a2cf-f3c6a11c5618/full. Acesso em: 10 abr. 2024.

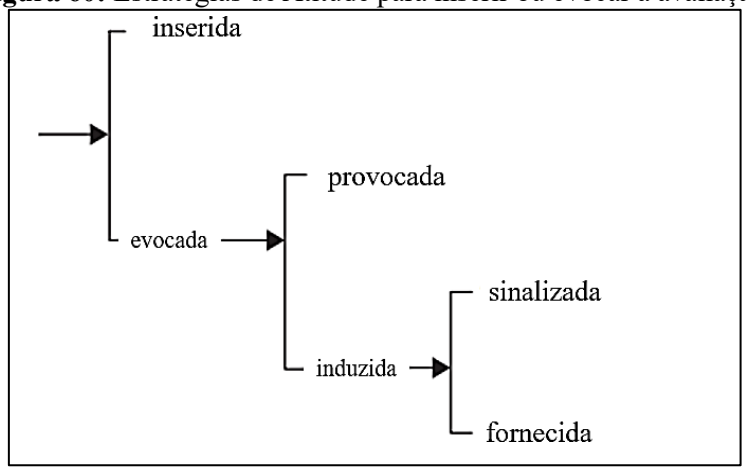
[109] Houve adequação ao Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

EXPANSÃO DIALÓGICA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LEXEMAS – SIGNIFICAÇÃO
CONTRAÇÃO DIALÓGICA	REFUTAÇÃO	Negação	Não, nem, nunca, jamais
		Contraexpectativa	Embora, mas, entretanto,
	RATIFICAÇÃO	Expectativa confirmada	Claramente, notoriamente, obviamente, visivelmente
		Pronunciamento	Argumentar, defender,
		Endosso	Salientar, apontar, asseverar, atestar, mostrar
EXPANSÃO DIALÓGICA	ACOLHIMENTO	Probabilidade	É possível, pode, provável, factível
	ATRIBUIÇÃO	Reconhecimento	Conforme, segundo, em concordância
		Distanciamento	Alegar, de acordo, como afirma

Fonte: Retirado de Neigrames (2019, p. 56), baseado em Martin e White (2005).

Frente ao exposto e considerando o conceito apresentado por Han (2015), é factível compreender que os acoplamentos se formam em torno do vínculo, por meio do subsistema de Atitude. Eles podem ocorrer de forma inserida, quando explícita, ou de forma evocada, quando implícita. Na segunda, a evocada, a avaliação pode, pela intenção dos interlocutores, ser provocada ou induzida na busca por realizar a solidariedade na troca de significados, bem como o conteúdo avaliativo pode ser fornecido, diretamente ou sinalizado, quando a avaliação está sendo sugerida, ocorrendo de forma indireta, como pode ser constatado na Figura 60.

Figura 60: Estratégias de Atitude para inserir ou evocar a avaliação.



Fonte: Traduzido e adaptado de Martin e White (2005, p. 67).

Além disso, como será detalhadamente tratado no próximo subtítulo, também Zappavigna e Martin (2018) compreendem que é possível haver acoplamentos ligados ao subsistema de Gradação. Nesse subsistema, como explicam os autores, a "gradação de acordo com a prototipicidade opera como fenômenos que são escalados por referência ao grau em que

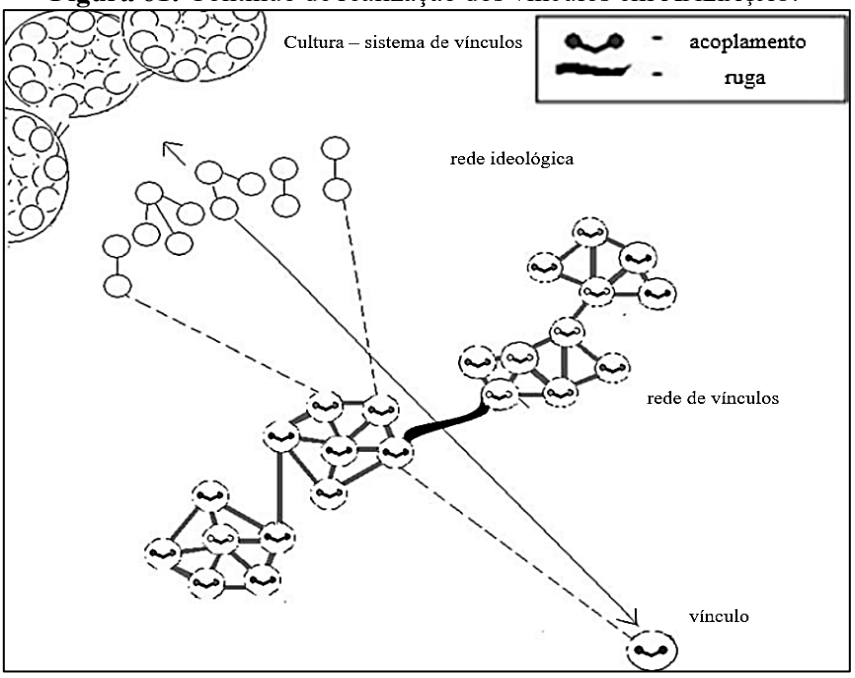
correspondem a alguma suposta instância central ou exemplar de uma categoria semântica[110]" (Martin; White, 2025, p. 137, tradução minha). Os autores ainda destacam que ela está associada à escala dos significados, nos quais é observada uma classificação baseada na intensidade ou na quantidade, na prototipicidade classificatória e na precisão dos limites traçados das categorias. E, para tal, são utilizados recursos chamados de força e foco.

Para entender melhor o que é e como funciona a AFILIAÇÃO, serão desenvolvidas nos subtítulos a seguir as duas principais perspectivas discutidas em LSF, sendo a primeira ligada aos estudos de Knight e a segunda a de Zappavigna, as quais fornecem bases sólidas para a elaboração deste livro.

4.4 A AFILIAÇÃO na perspectiva de Knight

Knight (2010b), ao explorar o delinear da AFILIAÇÃO, propõe observá-la tendo como ponto de partida dois grandes grupos/conceitos, dos quais a LSF pode se apropriar para analisar a relação existente na interação dialógica[111] humana. São eles: o acoplamento (*coupling*) e o vínculo (*bonding*) (ver Figura 61).

Figura 61: Contínuo de realização dos vínculos em AFILIAÇÃO.



Fonte: Retirado e traduzido de Knight (2010a, p. 45).

[110] **No original:** *[...] Graduation according to prototypicality operates as phenomena are scaled by reference to the degree to which they match some supposed core or exemplary instance of a semantic category [...]* (Martin; White, 2025, p. 137).

[111] Aqui me refiro ao conceito de diálogo propriamente dito, e não ao cunhado por Mikhail Bakhtin e que está relacionado ao dialogismo discursivo, que é inerente à polifonia.

De acordo com a autora, os acoplamentos estão voltados à integração dos significados semióticos sociais a outros sistemas, já os vínculos são unidades semióticas sociais que estão ligadas a respostas de solidariedade.

Para ela, a AFILIAÇÃO serve para explicar a identificação dos participantes de uma determinada comunidade através de vínculos, resultando em uma comunicação comunitária, pois, "[...] por meio desse modelo, as pessoas são conceituadas como complexos interagentes semióticos socialmente vinculados que atraem e repelem redes sociais em uma NEGOCIAÇÃO constante de identidade compartilhada [...][112]" (Knight, 2010a, p. 35, tradução minha).

Nesse sentido, a AFILIAÇÃO assume um caminho oposto à Individuação, conceito cunhado por Matthiessen (2004), no qual "[...] este parâmetro teórico apresenta uma perspectiva sobre identidade que é informada por noções de ideologia e se relaciona especificamente com a forma como os indivíduos podem exibir acesso diferencial aos recursos linguísticos da cultura [...][113]" (Knight, 2010a, p. 36, tradução minha).

A plasticidade da identidade pode ser refletida no discurso, pois, como apontam Benwell e Stokoe (2006), ela é construída socialmente de forma ativa, contínua e dinâmica. Para os autores, esta é uma formação dada retoricamente por meio de um movimento externo e interno do "eu", no qual a *performance* torna-se um fenômeno público que pode ser interpretado pelos outros (ver Figura 62).

Figura 62: Espaço para NEGOCIAÇÃO de identidade.



Fonte: Retirado e traduzido de Knight (2010b, p. 229).

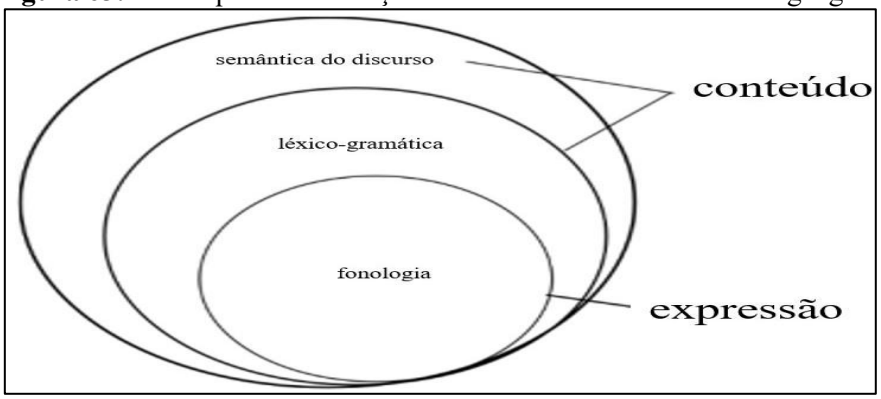
A autora também admite que a "LSF estratifica o plano de conteúdo em semântica do discurso (significado) e léxico-gramática (redação), enquanto o plano de expressão diz respeito

[112] **No original:** *[...] Through this model, persons are conceptualized as complex socially-bound semiotic interactants attracting and repelling social networks in a constant negotiation of shared identity [...]* (Knight, 2010a, p. 35).

[113] **No original:** *[...] This theoretical parameter presents a perspective on identity that is informed by notions of ideology and relates specifically to how individuals may display differential access to the linguistic resources of the culture [...]* (Knight, 2010a, p. 36).

aos recursos envolvidos na sonorização e no escrever (ou gesticular em língua de sinais)[114]" (Knight, 2010b, p. 45, tradução minha), como pode ser percebido na Figura 63.

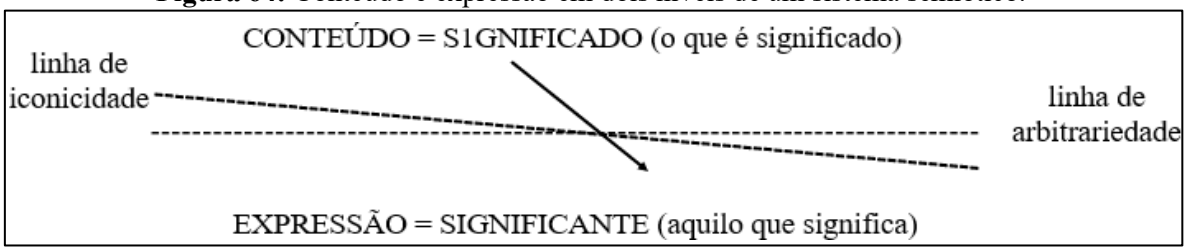
Figura 63: Hierarquia da realização no contexto social acima da linguagem.



Fonte: Retirado e traduzido de Knight (2010b, p. 45).

Isso implica que, de acordo com essa teoria, os recursos fonológicos e grafológicos (escrita) manteriam uma relação arbitrária entre o plano de expressão e o de conteúdo: "[...] os signos em um sistema semiótico são uma fusão ou emparelhamento de um conteúdo (significado) e uma expressão (realização ou codificação desse significado) [...]"[115] (Eggins, 2004, p. 14, tradução minha). Porém, ao tratar especificamente sobre esses recursos em LS, nota-se a relevância da iconicidade na formação de um determinado signo linguístico envolvido pelo sistema semiótico da constituição da língua/linguagem, como apresentado na Figura 64.

Figura 64: Conteúdo e expressão em dois níveis de um sistema semiótico.



Fonte: Traduzido e adaptado de Eggins (2004, p. 15).

Mas voltando ao que Knight (2010b) expõe acerca da interação dialógica a partir dos Acoplamentos[116] de significados, entendendo-os como um alinhamento entre os sistemas semântico-discursivos de IDEAÇÃO e de AVALIATIVIDADE, é possível perceber que a autora focou sua pesquisa na tentativa de compreender como o sorriso pode se tornar um elemento

[114] **No original:** *[...] SFL stratifies the content plane into discourse semantics (meaning) and lexicogrammar (wording), while the expression plane concerns those resources involved in sounding and writing (or gesturing in sign language) [...]* (Knight, 2010, p. 45).

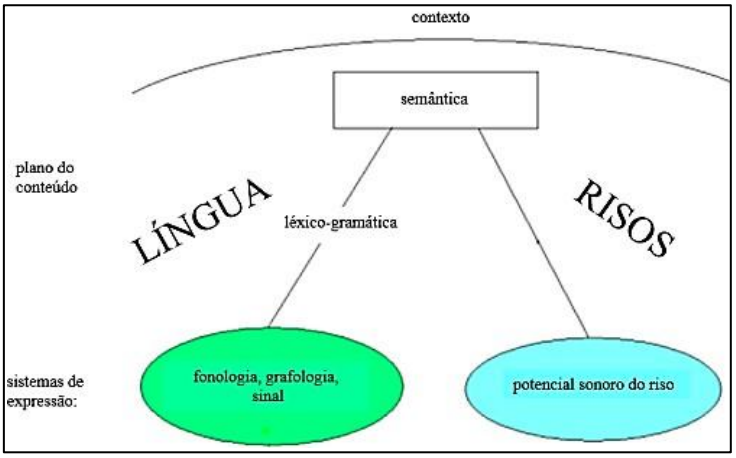
[115] **No original:** *[...] thus, signs in a semiotic system are a fusion or pairing of a content (meaning) and an expression (realization or encoding of rhat meaning) [...]* (Eggins, 2004, p. 14).

[116] Damasceno (2021) utiliza o termo "atrelamento"; porém, nesta pesquisa, opto por utilizar o termo cunhado por Almeida e Vian Jr. (2022): "acoplamento".

afiliativo em discursos humorísticos; para tal, ela utilizou análises que envolvem o subsistema de Atitude na busca por identificar o espaço heteroglóssico. Segundo Martin (2000) e Eggins e Slade (1997), essas são estruturas mais elaboradas de troca ou sequências de turnos, ou seja, essa é uma relação interativa cíclica dos discursos proferidos pelos interactantes, a fim de proporcionar a troca de significados em um determinado contexto de situação.

Knight (2010b, p. 103, tradução minha) afirma que "[...] o riso é inerentemente social e, nas interações sociais naturalistas, é muitas vezes afetado pela dinâmica do modo presencial, pela necessidade de interagir amigavelmente com os outros [...][117]". A autora identificou o ato de sorrir como um elemento sociossemiótico que possui uma funcionalidade complexa, pois está ligado às experiências macroculturais, as quais sugerem respostas imediatas ao texto em seu microcontexto. O humor é, assim, o resultado de uma fusão de dois estratos, o semântico-discursivo e o léxico-gramatical; logo, a linguagem e o sorriso são tidos como unidades sociossemióticas do estrato semântico-discursivo, como está esquematizado na Figura 65.

Figura 65: O riso como sistema semiótico e sua fusão com a linguagem no estrato semântico-discursivo.



Fonte: Retirado, traduzido e adaptado de Knight (2010b, p.107).

Portanto, para indicar a AFILIAÇÃO baseada no humor, Knight (2010a, 2010b) parte do princípio de que os indivíduos utilizam determinadas estratégias para que esse fenômeno sociossemiótico ocorra, dado que, segundo a autora, "os vínculos podem ser apresentados e reagidos de diferentes maneiras ou por meio de diferentes estratégias na conversa[118]" (Knight (2010b, p. 216, tradução minha).

[117] **No original:** *[...] laughter is inherently social and, in naturalistic social interactions, it is often affected by the dynamics of the face-to-face mode, by the need to interact amicably with others [...]* (Knight, 2010, p. 103).
[118] **No original:** *[...] Bonds may be presented and reacted to in different ways or through different strategies in talk [...]* (Knight (2010b, p. 216).

No Brasil, fundamentados no modelo proposto por Knight (2010a, 2010b), Sartin e Vian Jr. (2022)[119], ao analisarem a interação em *blogs* de professores de inglês, utilizam o termo **mecanismos de AFILIAÇÃO** para designar/nomear, em língua portuguesa, as estratégias propostas pela autora, sendo elas: **por pertencimento** (*Communing Affiliation*), **por riso** (*Laughing Affiliation*) e **por reprovação** (*Condemning Affiliation*), conforme Quadro 04.

Quadro 04: Mecanismos de AFILIAÇÃO.

Estratégias	Afiliação por Pertencimento	Afiliação por Riso	Afiliação por Reprovação
Estratégia de ação em relação ao vínculo	Compartilhar uma conexão ou reunião em torno de um ícone de ligação (Stenglin 2004)	Adiar um vínculo potencial não compartilhado; compartilhar em torno de um vínculo suspeito.	Rejeitar um vínculo potencial não compartilhado para compartilhar em torno de um vínculo compartilhado
Tipo de tensão	-	Rugas	Ofensa
Característica discurso	Reunião/agrupamento	Humor	Fofoca

Fonte: Adaptado e traduzido de Knight (2010b, p. 217) por Sartin e Vian Jr. (2022, p. 237).

Dialogicamente, os mecanismos são utilizados em torno de um determinado vínculo, a fim de gerar um senso de pertencimento e de adesão ao que está sendo expresso pelo interlocutor que assume o turno de fala. Além disso, outros mecanismos podem surgir a partir dos tipos de tensão provenientes do discurso primário, sendo eles: a ruga e a ofensa. Da primeira advém o riso e a segunda, do distanciamento ao vínculo.

A autora amplia o conceito iniciado por Eggins (2004), em que foi possível observar que os risos servem não somente para causar efeitos de felicidade, mas também indicam uma relação de informalidade. Para Knight (2010a, 2010b), os risos possibilitam o adiamento do vínculo potencial imediato; então, ela entende o riso como um sistema semiótico específico que gera seus próprios significados no contexto.

Ainda conforme a autora, a ofensa ocorre quando há uma rejeição aos significados que inicialmente o interactante apresenta para serem negociados. Por conseguinte, esses mecanismos modelam os discursos, implicando-lhes as seguintes características: de **adesão**, quando existe uma reunião/um agrupamento indicando compatibilidade de ideias; de **humor**, ao existir uma ruga, na qual o significado é moderado pelos envolvidos no diálogo; e de **fofoca**, quando o vínculo do que está sendo dito é repudiado (Knight, 2010b).

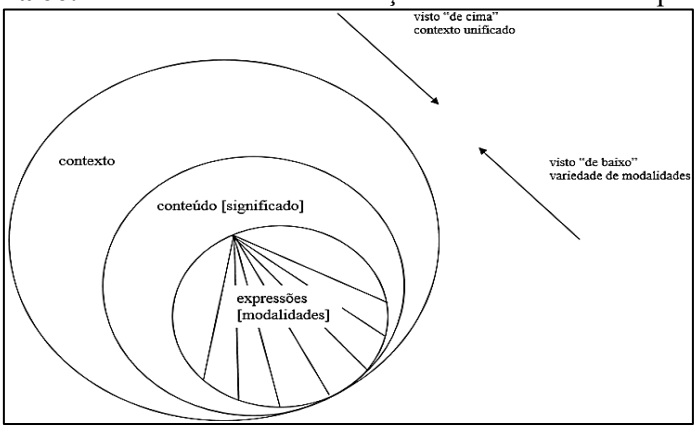
Por esse motivo, ao realizar uma análise em LS, considerando o ato de sorrir e outros sistemas sociais semióticos, noto dois posicionamentos teóricos distintos: em um, há a co-

[119] O sobrenome Sartin e Almeida referem-se à mesma autora.

dependência dos sistemas semióticos relacionada ao significado linguístico (Matthiessen, 2007a), enquanto, em outro, existem sistemas semióticos distintos da linguagem que realizam seus próprios significados em um contexto (Knight, 2010a, 2010b). Ambas as perspectivas podem ser utilizadas para as análises em LS, uma vez que o riso se dá de forma simultânea, mesclada ou incorporada ao diálogo, em caráter fonológico, léxico-gramatical e semântico, a partir do uso das ENMs ou de MNMs.

Segundo Matthiesen (2007a), sistemas semióticos são inerentes aos sistemas multimodais e podem ser observados "de baixo para cima", ponto de vista em que os estratos grafo-fonológico e léxico-gramatical fornecem recursos expressivos que podem ser modelados explicitamente, o que possibilita o encontro de padrões para construir os significados dentro do plano do conteúdo. Enquanto na perspectiva "de cima para baixo" os sistemas semióticos com diferentes modalidades de expressão são coordenados e integrados, criando o significado no contexto (ver Figura 66).

Figura 66: Multimodalidade: diferenças entre conteúdo e expressão.



Fonte: Retirado e traduzido de Matthiessen (2007a, p. 3).

Isso permite, consoante o autor, um terceiro ponto de vista, no qual esses sistemas podem ser correlacionados, já que, por meio da linguagem, um complementa o outro e toma um caminho unificado.

Ao considerar o exposto, noto, de acordo com Knight (2010b), que a flexibilidade é, em si, um princípio que promove a construção de identidades. Essas se tornam complexas devido à pluralidade das relações comunitárias dos indivíduos, por exemplo: suas crenças e os valores sociais, de modo que a AFILIAÇÃO **por pertencimento** se apresenta dentro do grupo (*in-group*), no qual essa identificação ocorre à medida que há uma conexão com as comunidades que compartilham e mantêm esses valores. A AFILIAÇÃO **por reprovação** acontece fora do grupo (*out-group*), proporcionando que outro grupo seja rejeitado reconhecendo-o como externo. Diferentemente, a AFILIAÇÃO **por riso** mantém o vínculo aberto, possibilitando uma expansão

dos significados e mesclando as identidades dos interactantes, que vão se tornando co-construídas.

Ao "[...] localizar a AFILIAÇÃO dentro da estrutura da linguística funcional sistêmica envolve construir os níveis de comunidade e identidade que são relevantes para entender como os atores sociais negociam o processo afiliativo e fornecem uma descrição detalhada dessas relações [...][120]" (Knight, 2010b, p. 235, tradução minha). Também vale ressaltar que a autora entende a AFILIAÇÃO, em LSF, como uma teoria que pode ser vista a partir das lentes hallidayanas. Em contrapartida, também utilizando a LSF em seus estudos, Zappavigna vem desenvolvendo uma nova visão acerca da AFILIAÇÃO em LSF, a qual apresentarei no próximo subtítulo.

4.5 A AFILIAÇÃO na perspectiva de Zappavigna

Ao estudar o conceito de AFILIAÇÃO apresentado por Knight, observo também que, a partir dos estudos de Michele Zappavigna, há um novo ponto de vista, pois, em suas investigações sobre a AFILIAÇÃO, a autora extrapola o uso somente teórico do termo. A AFILIAÇÃO passa a ser entendida como um sistema dialógico, inserido na semântica do discurso, que busca a troca de significados, ou seja, esse sistema pode ser encontrado no âmbito da NEGOCIAÇÃO.

Zappavigna (2011, 2015, 2018) formula, propõe e apresenta uma rede de sistemas, em que busca explorar o Ambiente de AFILIAÇÃO ou Ambiente Afiliativo (*Ambient Affiliation*) e o dialogismo, evidenciando as escolhas linguísticas realizadas por meio das *hashtags* (#). Em suas pesquisas sobre os *tweets*, a autora verificou que, de acordo com o modelo de Knight, eles assumiram valores propostos, mas que não foram compartilhados porque não houve respostas. Neste sentido, foi necessário observar que existem outros mecanismos que possibilitam a AFILIAÇÃO em redes sociais, porque essas possuem formas diferentes de reconhecimento social (Zappavigna; Martin, 2018).

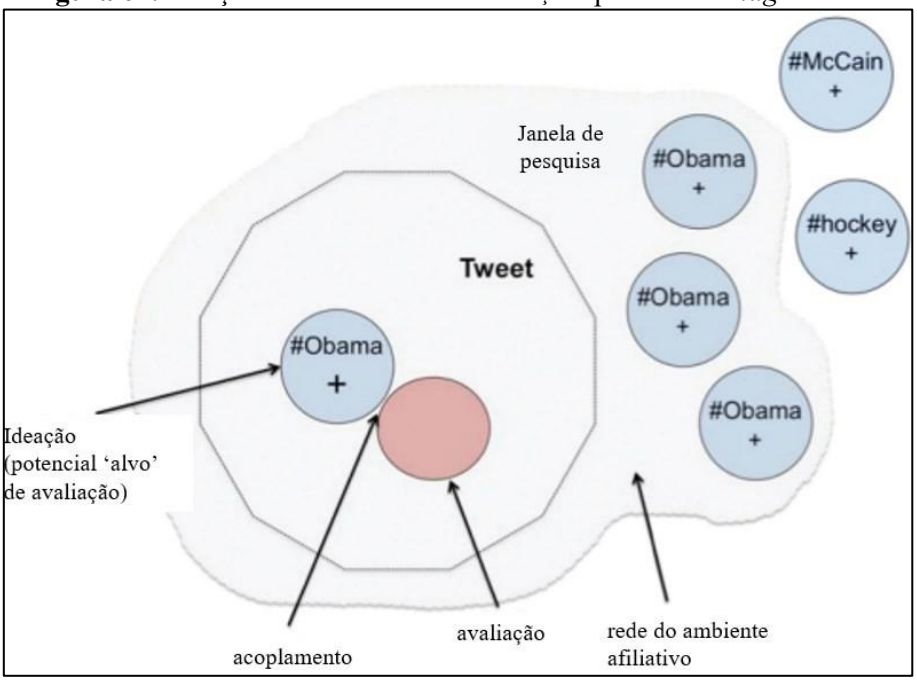
Ademais, para Zappavigna (2015, n.p., tradução minha), "[...] as conexões são 'ambientais' no sentido de que outros usuários estão potencialmente co-presentes (Goffman, 1972) na rede social, mas não necessariamente vinculados por meio de conexões explícitas entre

[120] **No original**: *[...] To locate affiliation within the framework of systemic functional linguistics involves building the levels of community and identity that are relevant as social persons negotiate the affiliative process and providing a detailed description of these relations [...]* (Knight, 2010b, p. 235).

contas de usuários ou por trocas conversacionais diretas [...]"[121]. Apesar dos esforços da autora fixarem-se em conversas eletrônicas, considero que é preciso expandir a aplicação da ideia de Ambiente de AFILIAÇÃO, sobretudo quando observada a troca de significados em LS enquanto língua viso-espacial.

Como pode ser percebido na Figura 67, esse Ambiente Afiliativo é resultante de uma expansão do potencial de significação, dado que as *hastags* fornecem um modo prático e ágil de agrupamento dos discursos eletrônicos produzidos em uma determinada rede social, no caso da autora o *Twitter*, depois alterado para X.

Figura 67: Criação do Ambiente de AFILIAÇÃO por meio da *tag* #Obama.



Fonte: Traduzido e adaptado de Zappavigna (2011, p. 801).

Como visto na Figura, para que houvesse um Ambiente Afiliativo (*Ambient Afilliation*), foi primeiramente necessário que um dos interlocutores concretizasse suas experiências socioculturais por meio da *tag* #Obama. Depois, a busca por vínculo ao discurso foi dada pelo uso da cerquilha (#), que, no contexto de situação, abriu possibilidades de interação ao que foi ideacionado, que em seu cerne já continha algum tipo de avaliação.

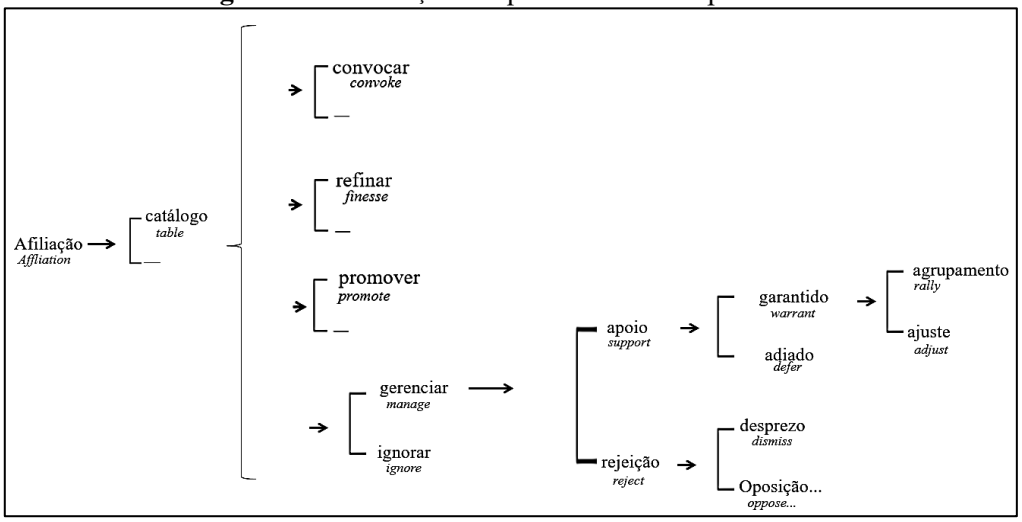
Desse modo, o acoplamento dos significados produziu, em usuários da rede social, por meio da janela de pesquisa, o vínculo que está relacionado com o contexto de cultura, formando uma adesão ao *tweet* gerado pelo interlocutor inicial. Esse processamento de informação

[121] **No original:** *[...] The connections are 'ambient' in the sense that other users are potentially co-present (Goffman, 1972) within the social network, but not necessarily linked together through explicit connections between user accounts, or by direct conversational exchanges [...]* (Zappavigna, 2015, n.p.).

possibilitou a formação de um Ambiente Afiliativo, no qual os significados foram trocados e inclusive expandidos, gerando novas *tags* a eles associados.

Pensando nisso, Zappavigna e Martin (2018) elaboraram um primeiro modelo exploratório de rede de sistemas voltados para o entendimento da AFILIAÇÃO. Esse modelo tornou possível ampliar os conceitos sistêmico-funcionais iniciados por Knight (2010a, 2010b), de modo que, em sua tese, Zappavigna (2018) o evidenciou de forma mais completa, como pode ser notado na Figura 68:

Figura 68: AFILIAÇÃO enquanto sistema exploratório.



Fonte: Traduzido e adaptado de Zappavigna (2018, p. 130).

Como apresentado na Figura, para que ocorra a AFILIAÇÃO, é necessário que haja um catálogo (*table*) em que o interactante irá produzir o significado a ser negociado. Isso quer dizer que a seleção dos termos a serem expressos está ligada ao contexto de situação e ao contexto de cultura, nos quais o participante do diálogo está inserido. A partir daí, o que se busca é o vínculo ao que foi exposto pelo indivíduo. Esses vínculos possuem, então, a função de concordar, **por pertencimento** (*Communing Affiliation*), de postergar, **por riso** (*Laughing Affiliation*), ou rejeitar, **por reprovação** (*Condemning Affiliation*), o que foi dito, expresso ou sinalizado, acoplando significados ideacionais e interpessoais.

Quando há o vínculo **por pertencimento** é possível que o interlocutor convoque (*convoke*), refine (*finesse*) ou promova (*promote*) os significados visíveis aos demais interactantes que tiveram contato com a mensagem expressa.

Nessa construção relacional, em uma troca dialógica, há a necessidade de gerenciar (*manage*) o que está sendo negociado, ou o interlocutor ao qual se dirige e/ou tem contato com a mensagem pode ignorá-la (*ignore*). Quando gerenciada, o interactante pode demonstrar apoio (*support*) ou desenvolver algum tipo de rejeição (*reject*)/reprovação ao que lhe foi apresentado.

Nesse sentido, o apoio pode ser garantido (*warrant*) ou adiado (*defer*), ocorrendo o primeiro em dois tipos, o agrupamento (*rally*) e o ajuste (*adjust*). Para Zappavigna e Martin (2018), esses são recursos que podem modificar a Atitude na AFILIAÇÃO ou de outros sistemas, pois, havendo a rejeição/reprovação, ela se dá pelo descartar (*dismiss*) ou por oposição (*oppose*).

Os autores também propõem que a AFILIAÇÃO **por pertencimento** pode ser vista como um sistema discursivo, para descrever os valores alinhavéis na NEGOCIAÇÃO, que podem ser observados em três aspectos, posto que ocorrem simultaneamente (Zappavigna; Martin, 2018, p. 5). São eles: (a) direcionado às comunidades específicas – **convocação** (*convoking*) – que se dá pela troca de valores envolvidos em acoplamentos que evidenciam a união, observando como os significados são construídos e o papel do vínculo a favor de aprimorar/gerenciar o domínio e a extensão do que está sendo instanciado socialmente; (b) relação com outros valores potenciais – **refinamento** (*finessing*) – que está associado ao posicionamento voltado ao acoplamento primário, considerando a possibilidade de que haja outros potenciais de acoplamentos por meio da heteroglossia; e (c) múltiplas formas que a interpessoalidade pode ser destacada – **promoção** (*promoting*) ou **moderação** (*tempering*)[122] –. O sistema discursivo é realizado tipograficamente por meio da Gradação, visando enfatizar a interpessoalidade dos acoplamentos, de modo que

> [...] três sistemas de significado estão envolvidos: CONVOCAÇÃO, REFINAMENTO e PROMOÇÃO, um acoplamento, como mostrado na rede de sistemas [...], usada para representar as escolhas potenciais de significado [...] essas três escolhas são simultâneas ao invés de mutuamente exclusivas [...][123] (Zappavigna; Martin, 2018, p. 8, tradução minha).

Ao considerar as afirmações acima, proponho neste livro que os três 'mecanismos' na visão de Knight (2010a, 2010b) sejam entendidos como sistemas discursivos e que seus valores sejam percebidos como subsistemas que se encontram alojados em um sistema dialógico maior: a AFILIAÇÃO.

> [...] por outro lado, a caracterização de sistemas em línguas específicas em LSF convencionalmente começa com sistemas fechados como representações de fenômenos gramaticais e, embora os sistemas fechados da gramática

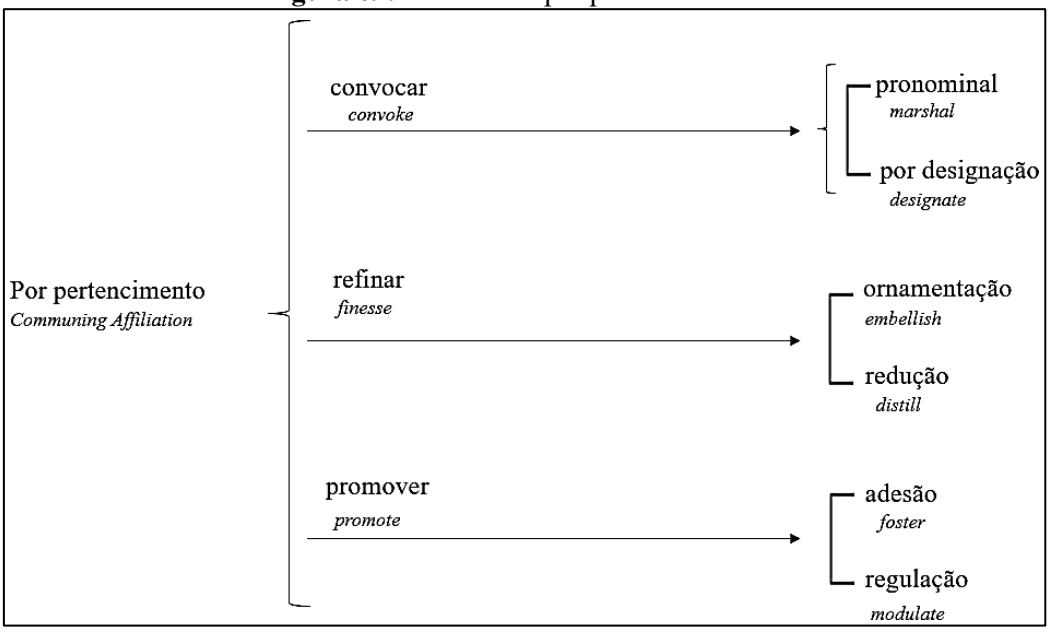
[122] Inwood e Zappavigna (2021) renomearam *promoting* por uma necessidade de escalonamento em outros contextos que vão além do uso de *hashtags* e que tornam o vínculo aparentemente mais perceptível. Considerando isso, nesta tese, *promoting* e *tempering* serão utilizados como sinônimos para entender os acoplamentos gerados pela gradabilidade na AFILIAÇÃO.

[123] **No original:** *[...] Three systems of meaning are involved; CONVOKING, FINESSING and PROMOTING a coupling, as shown in the system network [...], used to represent the potential choices in meaning [...] that these three choices are simultaneous rather than mutually exclusive [...]* (Zappavigna; Martin, 2018, p. 8).

> tenham sido frequentemente contrastados com relações de conjuntos abertos do léxico, no início Halliday (1961) descreveu "o sonho do gramático" como a extensão das redes de sistemas para abranger o léxico como gramática "mais refinada" [...][124] (Asp, 2017, p. 29, tradução minha).

O sistema de AFILIAÇÃO, conforme salientam Makki e Zappavigna (2021), baseia-se no mesmo princípio apresentado por Asp (2017). Porém, sendo **por pertencimento**, tratado como um sistema por Zappavigna e Martin (2018), considero ser mais coerente teoricamente tratá-lo como um dos subsistemas de AFILIAÇÃO, seguindo o mesmo detalhamento apresentado pelos autores, como pode ser identificado na Figura 69.

Figura 69: Subsistema por pertencimento.



Fonte: Traduzido e adaptado de Makki e Zappavigna (2021, p. 9).

Assim sendo, segundo os autores, a **convocação** atua na criação de significados, os quais utilizam recursos para manter o vínculo em torno de um acoplamento. Esse subsistema abrange escolhas pronominais (*marshal*), reunindo pessoas em grupos por meio de alinhamento de valores tais como 'nós', 'eles', entre outros, como no caso dos vocativos; e por designação (*designate*), quando ocorre a nomeação marcando a relevância para uma determinada comunidade.

Outro subsistema é o **refinamento**, que se relaciona ao acoplamento das vozes, em seu sentido bakhtiniano, quando há proposições, sendo possível por meio dele verificar nas

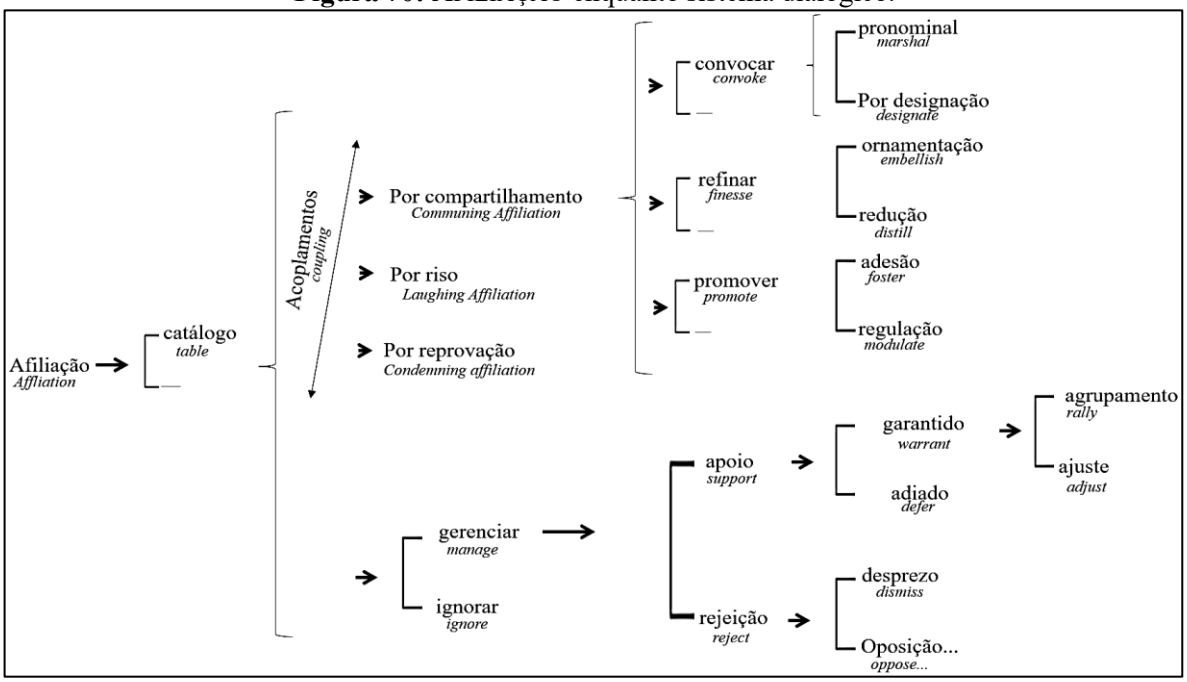
[124] **No original:** *[...] on the other hand, the characterisation of systems in particular languages in SFL conventionally begins with closed systems as representations of grammatical phenomena and, although the closed systems of the grammar have often been contrasted with open set relations of the lexicon, early on Halliday (1961) described 'the grammarian's dream' as the extension of system networks to encompass the lexicon as 'most delicate' grammar [...]* (Asp, 2017, p. 29).

modulações a presença da monoglossia e da heteroglossia nos significados negociados. O acoplamento possibilita a contração e a expansão dialógica, que são o foco do subsistema de Engajamento presente no sistema de AVALIATIVIDADE. Para tal, utiliza-se como recursos a ornamentação (*embellish*), que está vinculada ao ato de tornar o discurso mais atrativo instanciando outras vozes, a expansão dialógica, para florear o discurso, e a redução (*distill*) por meio das contrações dialógicas.

E o último subsistema é a **promoção**, na qual a interpessoalidade mantém o fluxo social, o que se dá, conforme os autores, pelo acoplamento dos significados na Gradação, ou seja, ela mantém a força e o foco tipograficamente intensificando os elementos atitudinais que estão sendo negociados. Para que isso ocorra, esse subsistema utiliza dois recursos: a adesão (*foster*) e a regulação (*modulate*).

Dessa forma, pode ser contemplado um novo olhar sobre a AFILIAÇÃO, visto que a oração funciona como uma "chave funcional" (Zappavigna, 2011) a serviço dos interactantes, para construir as relações interpessoais almejando a solidariedade por intermédio da troca, da NEGOCIAÇÃO dos significados potenciais. Por esse motivo, considerando todo o exposto acima, trago uma compilação baseada nas pesquisas utilizadas até aqui para apresentar uma visão da AFILIAÇÃO como Sistema, como pode ser visto na Figura 70.

Figura 70: AFILIAÇÃO enquanto sistema dialógico.



Fonte: Adaptado de Zappavigna e Martin (2018), Zappavigna (2018), Makki e Zappavigna (2021), Inwood e Zappavigna (2021) e Almeida e Vian Jr. (2022).

Diante disso, é importante destacar que a cultura, consoante Zappavigna (2011), torna-se uma rede semiótica pela qual os vínculos, imbuídos dos acoplamentos, podem ser

investigados por meio de sua localização no contínuo de Instanciação ou de Individuação e de sua função na realização. Ao vislumbrar a AFILIAÇÃO como sistema, possibilita ir além de uma noção filosófica de pertencimento social, pois a materialização dos significados linguísticos traz à luz a produção dos vínculos e acoplamentos que tornam possível a compreensão discursiva e sociossemiótica da linguagem nas organizações relacionais humanas.

Com base nos estudos e investigações que foram desenvolvidos até o presente momento, proponho, nesta pesquisa, desenvolver análises em AFILIAÇÃO envolvendo uma língua de cunho viso-espacial, observando em sua estrutura o caráter interpessoal a partir do estrato semântico-discursivo da interpessoalidade, analisando os recursos e os dispositivos que se formam para possibilitar a troca de significação na formação de um ambiente dialógico, visando realizar as análises baseadas no sistema apresentado na Figura 70.

Na subseção a seguir, desenvolverei o conceito elaborado por Zappavigna de Ambiente de AFILIAÇÃO voltado para as LS, utilizando a Libras como ponto de partida.

4.5.1 Ambiente de Afiliação em Línguas de Sinais

Neste Capítulo, foram desenvolvidas as análises baseadas na AFILIAÇÃO. Inicialmente, realizei um mapeamento dos elementos que se voltam à construção do Ambiente de AFILIAÇÃO em LS e, em seguida, reuni esforços quanto ao estabelecimento de uma arquitetura do diálogo em Libras baseada nos vínculos afiliativos. Concordo, também, com as ideias de Rudge (2018, p. 35, tradução minha), ao dizer que as "[...] línguas de sinais operam em uma modalidade diferente de línguas faladas e escritas, e há certos elementos específicos de modalidade que também precisam ser considerados [...][125]". E a partir da arquitetura do diálogo em Libras é que desenvolverei as análises que serão apresentadas no Capítulo 6 deste livro, nas quais os recursos viso-espaciais servirão de suporte para verificar as escolhas afiliativas realizadas no estrato semântico-discursivo da Libras.

Pesquisas contemporâneas têm se debruçado na tentativa de aprofundar os conhecimentos relacionados às estruturas das LS baseados na descrição dessas línguas. Desde Stokoe (1960), o olhar científico vem sendo cada vez mais utilizado para colocar em evidência o *status* linguístico da modalidade viso-espacial como forma de comunicação humana. Nesta subseção, são desenvolvidos alguns apontamentos iniciais sobre o uso do espaço de sinalização e sua constituição para a formação do Ambiente de AFILIAÇÃO em LS usando a Libras como

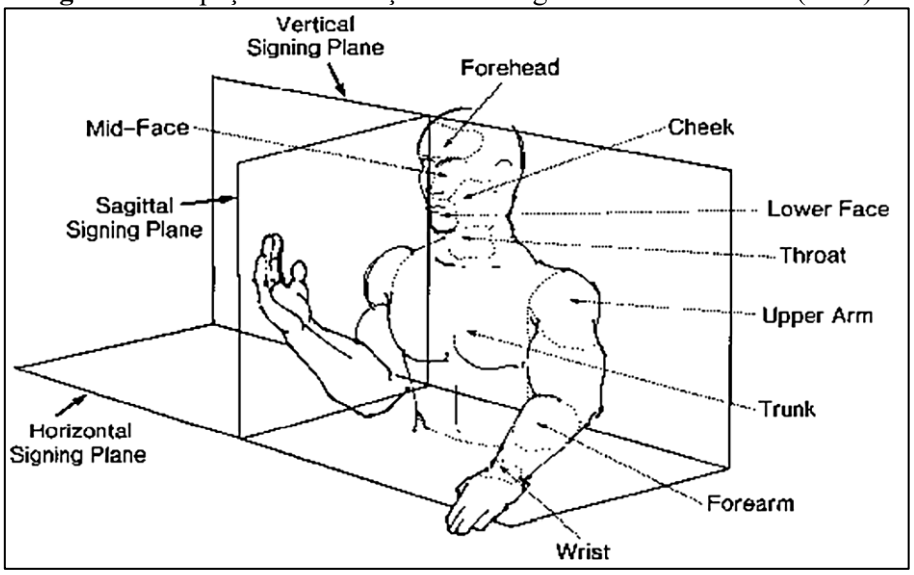
[125] **No original:** *[...] sign languages operate in a different modality to spoken and written languages, and there are certain modality-specific elements that also need to be considered [...]* (Rudge, 2018, p. 35).

sistema sociossemiótico, pois nesse espaço ocorre a chamada "encontrabilidade"[126] comunicativa (Zappavigna, 2011, p. 789, tradução minha) em LS, neste caso em Libras.

> No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso de sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador), observando várias restrições [ ]" (Quadros; Karnopp, 2004, p. 127).

Inicialmente, vale ressaltar que essa é uma língua que se torna visível pela forma articulatória amplamente externa a todo o corpo humano, que não se restringe por funções majoritariamente internas de um determinado conjunto de órgãos, como se vê no uso do aparelho fonador em LO, como pode ser verificado na Figura 71.

Figura 71: Espaço de sinalização e PAs segundo Rodda e Grove (1987).



Fonte: Retirado de Rodda e Grove (1987, p. 132).

Por esse motivo, o canal de produção dos significados é o espaço comunicativo, também conhecido como espaço de sinalização, que passa, portanto, por uma restrição associada à acuidade visual que foi metrificada em investigações como as de Liddell e Johnson (1989). Eles trazem a seguinte descrição:

> [...] distinguimos quatro graus de distância para a frente para localizações espaciais: proximal [p], indicando uma localização a algumas polegadas da localização do corpo; medial [m], uma posição aproximadamente a um cotovelo de distância da localização do corpo; distal [d], um comprimento confortável de um braço do corpo; e estendida [e], um comprimento de um

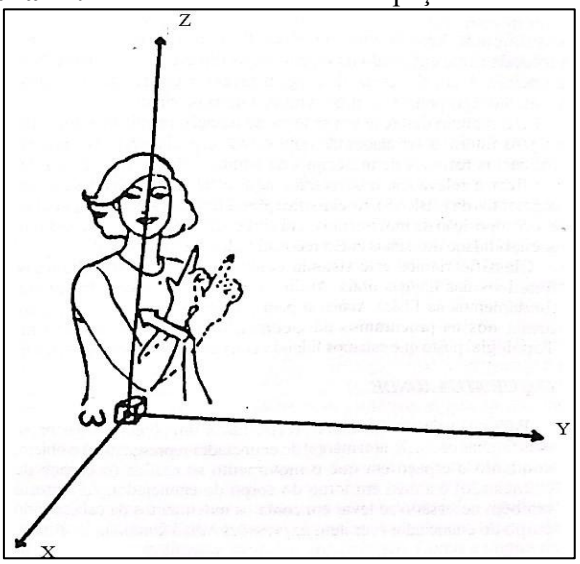
[126] **No original:** *findability* (Zappavigna, 2011, p. 789).

> braço inteiro da localização do corpo. [...].[127] (Liddell; Johnson, 1989, p. 230, tradução minha).

Os estudos em ASL têm auxiliado no avanço da discussão, da descrição e do detalhamento dos aspectos gramaticais das LS, como pôde ser visto no Capítulo 3. No Brasil, Ferreira (2010, p. 214), ao iniciar as considerações sobre o espaço de sinalização, também chamado de *Setting*, propôs a convenção de um raio (r) que se direciona ao receptor a partir da estrutura corporal do enunciador e que envolve o alcance das mãos.

A autora convencionou, então, a existência de três eixos, tendo como ponto inicial o centro umbilical (W). No primeiro eixo (WX), o deslocamento da sinalização se daria para a frente do interlocutor; no segundo eixo (WY), a produção viso-espacial se modificaria para a lateral esquerda; e, no terceiro e último eixo (WZ), converter-se-ia para cima, ou seja, tornar-se-ia paralela ao tronco do indivíduo, que sinaliza indicando uma liberdade de movimentação articulatória no *Setting*, como pode ser identificado na Figura 72.

Figura 72: Três eixos escalares do espaço de sinalização.

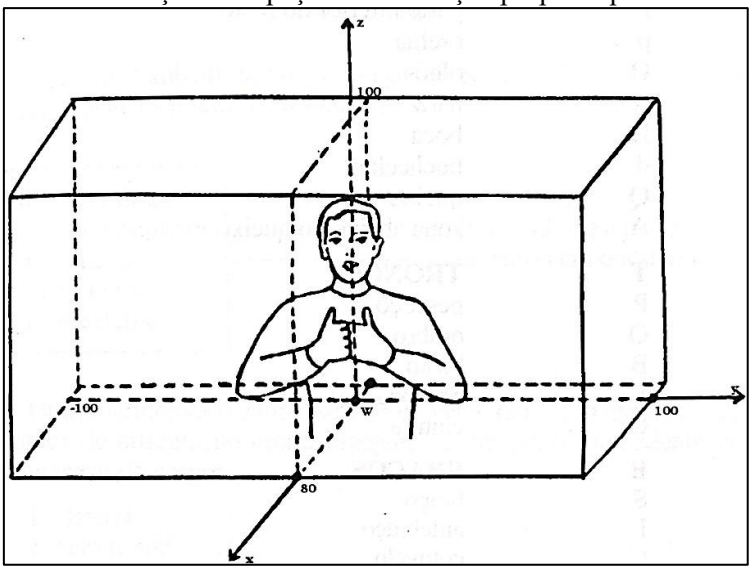


Fonte: Retirado de Ferreira (2010, p. 214).

Isso, segundo a autora, possibilitou a realização de uma metrificação do espaço de execução das LS, no caso desta pesquisa da Libras. Nesse espaço, em um eixo matemático, é possível verificar as seguintes medidas: no eixo (WX), -20cm, +80cm; em (WY), -100cm, +100cm; e, em (WZ), -20cm, +100 cm, como pode ser observado na Figura 73.

[127] **No original:** *[...] We currently distinguish four degrees of forward distance for spatial locations: proximal [p], indicating a location within a few inches of the body location; medial [m], a position roughly an elbow's length from the body location; distal [d], a comfortable arm's length from the body; and extended [e], a full arms length from the body location. [...]* (Liddell; Johnson 1989, p. 230).

Figura 73: Metrificação do espaço de sinalização proposto por Ferreira (2010).



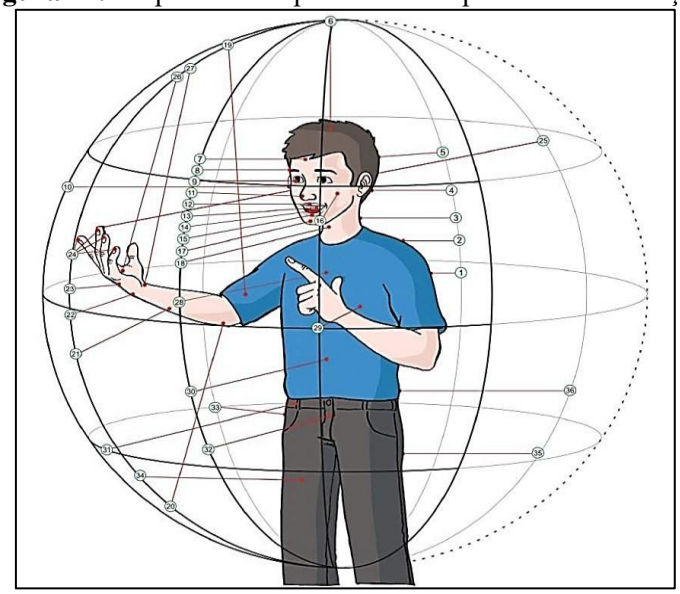
Fonte: Retirado de Ferreira (2010, p. 215).

A autora também destaca que "pode-se delimitar dentro deste espaço um número finito e razoavelmente limitado de pontos, que são denominados pontos de articulação" (Ferreira 2010, p. 215). Ainda indica que, em alguns casos, para a execução do sinal, o ponto não é relevante, chamando-o de espaço neutro. Porém, com os avanços das pesquisas em LS, se observou que o espaço neutro contribui sintática e semanticamente para a produção dos significados potenciais nessas línguas.

Considerando os conceitos cunhados por Halliday (1989) sobre contextos, é factível inferir que o contexto de situação pode modificar o uso do *Setting*. Isso quer dizer que, em uma perspectiva sistêmico-funcional, a noção de metrificação matemática do espaço torna-se inviável, porque este é flexível, redimensionável e adequável à função experiencial dos interlocutores ou às variáveis que se apresentam no ato de fala, como, por exemplo, as regras sociais que tangem a formalidade e a informalidade, a produção artística e literária em LS, entre outras.

Reafirmo que "O uso do espaço é uma característica fundamental nas línguas viso-espaciais e está presente em todos os níveis de análise" (Pizzio *et al.*, 2009, n.p.). Ao observar os aspectos fonológicos do uso espacial, Faria Nascimento (2009) propõe, tendo em vista a Libras, um mapeamento dos pontos de articulação (PAs) dessa língua, utilizando um formato de representação gráfica esférica imaginária traçando linhas, em vermelho, que se ligam à numeração dessas locações, em círculos verdes, pelas quais a autora tornou possível verificar uma ampliação do uso desse parâmetro considerando o espaço de sinalização, se comparada à Ferreira (2010), conforme representado na Figura 74.

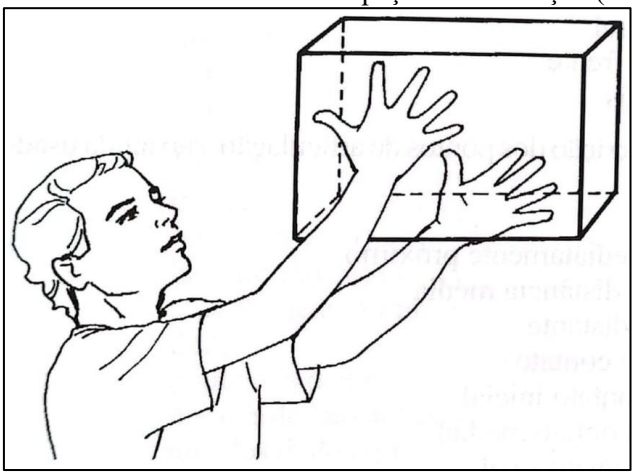
Figura 74: Proposta de mapeamento dos pontos de articulação.



Fonte: Retirado de Faria Nascimento (2009, p. 196).

Mediante as possibilidades de uso do espaço de sinalização, Liddell e Johnson (1989), bem como Ferreira (2010), atentam-se que um recurso visual denominado **redução** pode ser empregado na comunicação em LS, já que, na realização dos sinais no espaço, há a possibilidade de que tanto o significado potencial lexical quanto o sintático possam ser redirecionados (ver Figura 75).

Figura 75: Redimensionamento do espaço de sinalização (redução).



Fonte: Retirado de Ferreira (2010, p. 218).

Diante disso, semanticamente, a teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1985, 2005; Liddell, 2003) sustenta a formação do Ambiente de AFILIAÇÃO em LS, pois é por meio deles que na sinalização os participantes podem instanciar suas experiências, que vão além da presença física de pessoas, objetos etc., ou seja, do espaço real. A ideia de um espaço mental para a expressão linguística não é exclusiva das LS, como aponta Liddell (2003), mas ele se

constitui um recurso viso-espacial dado pelo processamento cognitivo experiencial e possibilita a NEGOCIAÇÃO de significados potenciais.

Apesar de Liddell (1995) considerar essas estruturas conceituais distintas das estruturas linguísticas, ao olhá-las por um viés sistêmico-funcional, observo que tais espaços se constituem como uma forma de organização do processamento experiencial que propicia aos sinalizantes instanciarem a LS, para transmitir informações, solicitar bens e serviços, bem como trazer outras vozes ao discurso, dentre outros objetivos comunicacionais.

O espaço mental real, como indica Araújo (2016, p. 35), é construído pelo uso do "ambiente físico imediato", no qual são realizadas as marcações em primeira pessoa, quem emite a mensagem, e em segunda pessoa, quem recebe a informação. Já o espaço mental semântico *token* é uma forma recursiva mais restritiva de uso da sinalização, pois, como destaca Araújo (2016, p.36-37),

> [...] no espaço mental *token,* a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam pessoas do ato de fala, "eu-tu". Esta forma prevê o uso do espaço que fica em frente ao corpo do sinalizador como se pudesse visualizar um tabuleiro com pequenas "peças" de representação [...].

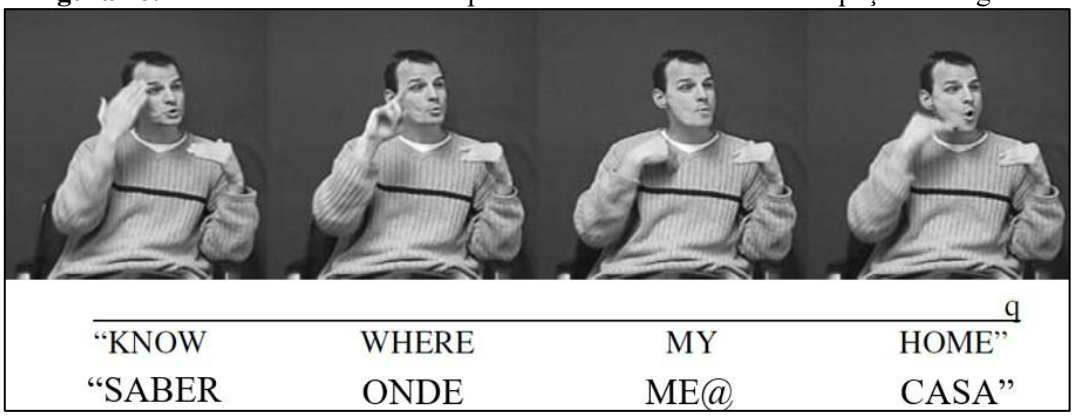
No espaço mental semântico sub-rogado, os participantes do diálogo utilizam recursos linguísticos viso-espaciais léxico-gramaticais – os quais proponho nomear conceitualmente como 'domínios' e, entre eles, está a apontação (dêixis), a indexicalização e a referenciação – para instanciar os acontecimentos ligados a um determinado fluxo temporal, seja ele passado, presente ou futuro. Ao buscar a troca de significados potenciais em LS, o indivíduo que assume o papel de sinalização pode adicionar informações, como produção de personagens, descrição de um objeto ou evento, que possibilitam a execução de recursos de anáfora na narrativa em Sinais.

> [...] O uso dos espaços é observado no momento em que o sinalizador se relaciona com o espaço físico que está ao seu redor e também à sua frente. O sinalizador pode, por exemplo, representar situações da narrativa, assumir as atitudes de um personagem, marcar pontos no espaço, estabelecendo assim os personagens de uma narrativa e também as pessoas do discurso [...] (Araújo, 2016, p. 19).

Além disso, o espaço semântico sub-rogado, conforme Liddell (2003, p. 153, tradução minha), "[...] também é significativo na medida em que fornece uma instância parcialmente

visível do evento que está sendo descrito [...]"[128]. Ainda de acordo com o autor, esse espaço oferece possibilidades de representações ilimitadas e pode ser usado para controlar a organização dos referentes na sinalização, que inclusive pode se dar apenas pelo uso das ENMs. Nesse sentido, o uso dos 'domínios' auxilia na distribuição do fluxo de significados que objetivam construir a mensagem. O direcionamento do olhar também funciona para sub-rogar um determinado espaço por meio de *index*, como pode ser visto na Figura 76:

Figura 76: Direcionamento do olhar para instanciar o referente no espaço sub-rogado.



Fonte: Traduzido e adaptado de Liddell (2003, p. 159).

O sinalizante em ASL realiza um questionamento a um participante fictício que é instanciado por uma marcação indexicalizada, referenciando-o como se este estivesse presente na conversa. Segundo Siple (2000, p. 128), a comunicação face a face possibilita que três tipos de informação sejam negociados, que seriam, respectivamente, a mensagem linguística, as estratégias culturais específicas e as informações emocionais. A partir disso, semântico-discursivamente, pode-se observar que há uma espécie de alinhamento de valores partindo da NEGOCIAÇÃO de significados funcionais da língua e seus estratos.

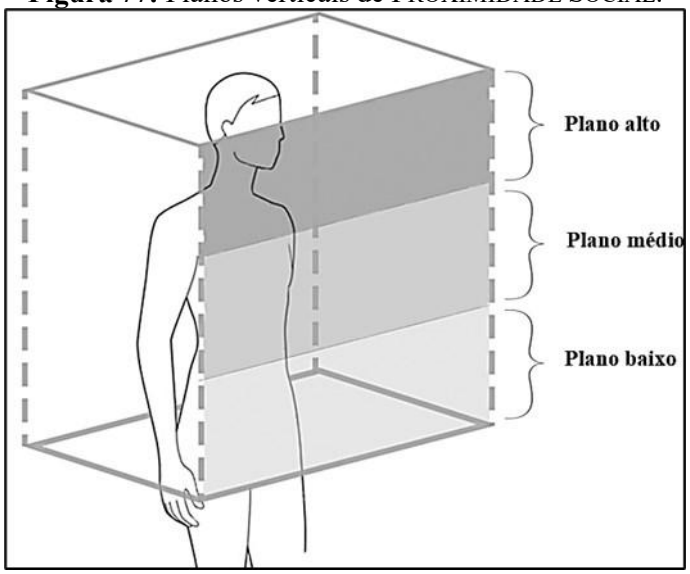
Outro ponto que merece atenção quando o assunto é o Ambiente de AFILIAÇÃO se volta ao acoplamento de vínculos relacionados ao "poder", uma vez que este funciona como uma chave de dimensão vertical nas relações (Martin; White, 2005). Se os participantes se alinham no nível da troca, resulta na construção de igualdade por meio de suas escolhas semântico-discursivas, ou, se há uma desigualdade quando não há um alinhamento, suas escolhas são diferentes. Como considera Poynton (1985), o poder possui como variável crítica a reciprocidade.

Rugde (2018, 2022), ao analisar a Língua de Sinais Britânica – BSL, propõe o sistema de PROXIMIDADE SOCIAL baseado no uso vertical do espaço. Para ele, as relações de apontação

[128] **No original:** *[...] The surrogate space is also meaningful in that it provides a partially visible instance of the event being described […]* (Liddell, 2003, p. 153).

e de referenciação (‘domínios’) se dariam por meio de três planos: alto, médio e baixo, conforme Figura 77.

Figura 77: Planos verticais de PROXIMIDADE SOCIAL.



Fonte: Traduzido e retirado de Rudge (2022, p. 64).

O autor também alerta para o fato de que esses ‘domínios’ devem ser tratados com cautela, já que servem para destacar outros elementos de aspecto físico, não estando, portanto, ligados às relações interpessoais de superioridade ou de subordinação. Como ele explica, “[...] a PROXIMIDADE SOCIAL, em vez disso, coloca em primeiro plano o relacionamento percebido e contextualmente vinculado entre a pessoa que se comunica e aqueles que estão sendo comunicados, co-presentes ou não [...]”[129] (Rudge, 2022, p. 62). E o autor localiza esse sistema interpessoal junto ao estrato léxico-gramatical.

Em minhas análises, ao verificar a produção de vínculos e acoplamentos pelos quais a AFILIAÇÃO acontece, proponho que esse sistema seja teoricamente realocado para o estrato semântico-discursivo, pois a PROXIMIDADE SOCIAL em LS pode ser realizada por meio da AFILIAÇÃO, porque há o acolhimento da AVALIATIVIDADE para formar o vínculo. Nesse sentido, recursos como a nomeação ligadas à convocação (*convoke*) por designação (*designate*) impelem o pertencimento à comunidade Surda, demonstrando uma dinâmica social desses indivíduos. Também a ornamentação (*embellish*) pode ser inserida para estreitar ou afastar o vínculo por meio da heteroglossia, quando há a expansão ou a contração dialógica; e, ainda, a

[129] **No original:** *[...] SOCIAL PROXIMITY instead foregrounds the perceived, contextually bound relationship between the person communicating and those being communicated about, co-present or otherwise […]* (Rudge, 2022, p. 62).

gradabilidade do tipo força e foco, em que a intensificação e a quantificação sustentam os vínculos que são moderados (*tempering/promoting*).

Ademais, no nível léxico-gramatical, a polaridade serve para marcar a PROXIMIDADE SOCIAL, pois, ao instanciar os significados potenciais por meio dos Sinais e das orações, associando a eles também o uso dos Espaços Mentais e os 'domínios' visuais dêixis, indexicalização e referenciação, os sinalizantes apropriam-se da visualidade linguística para revelar a interpessoalidade no discurso.

No próximo Capítulo, serão evidenciados os percursos metodológicos que ampararam esta pesquisa. Inicialmente, apresentarei uma caracterização da pesquisa, seguida da definição de elementos, como contexto de situação e contexto de cultura, que auxiliaram na delimitação do *corpus* de análise.

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA

Este Capítulo se destina à exposição dos procedimentos e critérios que contribuíram para a realização desta pesquisa, sejam de cunho teórico e/ou analítico. Ele está dividido em subtítulos que apresentam a estrutura/o caminho que possibilitou construir este estudo de Doutorado.

Na caracterização da pesquisa, são observados elementos de sustentação ligados ao levantamento bibliográfico, à seleção do *corpus*, entre outros, além da descrição do contexto de cultura e do contexto de situação. Já os procedimentos de análise, contemplam aspectos mais detalhados da seleção do *corpus*, do tratamento de dados, das transcrições e das traduções da Libras para a língua portuguesa e vice e versa.

A escolha do *corpus* se justifica pelo fato de que a Libras, mesmo após seu reconhecimento linguístico e uso institucionalizado, constitui-se como um sistema sociossemiótico minoritário de comunicação. Seu registro, apesar dos avanços legislativos, ainda encontra uma série de desafios metodológicos; e, neste livro, procuro contribuir do ponto de vista sistêmico-funcional para análises dessa língua. A ideia aqui, como será descrito nos subtítulos, não é criar um modelo novo de armazenamento de dados, mas avançar, apoiar e sustentar modelos já existentes de registro; e reafirmar, como a partir deles, é possível gerar novas pesquisas, destacando a profundidade e a complexidade dessa língua.

Também é relevante evidenciar que, ao longo deste Capítulo, o termo ***corpus*** aparece com duas funções distintas: à primeira vista, é usado para se referir ao nome do projeto "*Corpus* de Libras", do qual os dados para análise foram retirados; e, em momento posterior, está relacionado especificamente ao objeto de análise desta investigação, sendo tratado como "*corpus* desta/da pesquisa".

5.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa tem como principal base teórica a Linguística Sistêmico-Funcional em sua perspectiva holística e sociossemiótica, a partir de uma das metafunções elaboradas por Halliday (1994), a Interpessoal. Trata-se de uma investigação qualitativa que, de acordo com Doürnyei (2007), é centrada na busca por utilizar metodologias descritivas para a realização das análises dos dados coletados.

Foi realizado um levantamento bibliográfico, a fim de estabelecer um panorama de estudos relacionados ao processo histórico de inserção de Surdos na sociedade e do surgimento da Libras, bem como de pesquisas voltadas ao desenvolvimento da LSF enquanto arcabouço teórico-metodológico para análises em LS.

Para isso, utilizei quatro agências de fomento: o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, o Banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações – TEDE, através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD e o *Google* Acadêmico. Além de outros materiais, sejam livros impressos ou digitais (*e-books*) que abordam a temática da AFILIAÇÃO à luz da LSF.

A escolha pela utilização de dois vídeos selecionados a partir do projeto "*Corpus* de Libras" se deu pela celeridade, pela credibilidade dos pesquisadores envolvidos em sua elaboração, pela forma como a coleta dos vídeos foram realizadas e pelo fato de que ele pode ser empregado como uma revisão bibliográfica. Isso quer dizer que os participantes do projeto consentiram que, por meio do *site*, suas imagens se tornassem públicas, o que dispensou a necessidade de protocolar esta pesquisa na plataforma Brasil e da emissão de um parecer assinado pelo Comitê de Ética.

A coleta de dados foi realizada levando em consideração a pertinência (Halliday, 1994) e a agnação[130] (Halliday; Matthiessen, 2014). Esse registro se faz necessário devido às características viso-espaciais estabelecidas nas construções dos discursos enunciados pelos

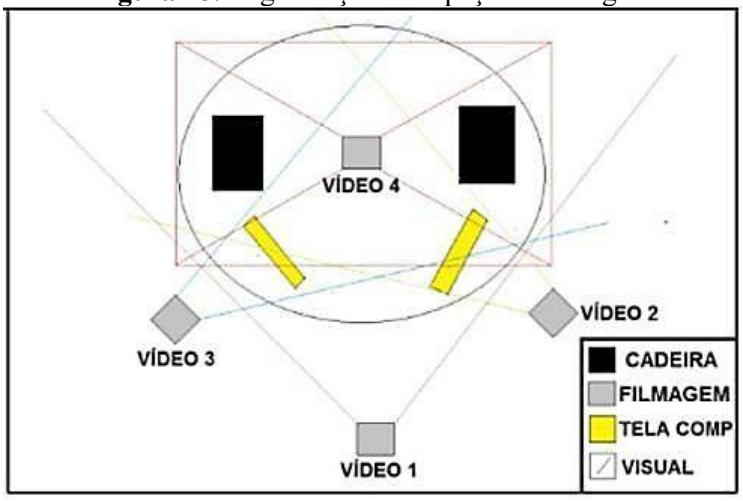
[130] Conforme apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 49), o termo **agnação** deriva do latim *agnatus* e "passa, nessa quarta edição, de forma introdutória, a ocupar um lugar não somente na estrutura, mas de categoria no sistema". Ele vai de encontro ao conceito de emparelhamento, ou melhor, de possibilidades de distinção e/ou oposição em relação às opções que se apresentam, em um determinado sistema, tornando possível sua realização por meio de probabilidades (Halliday, 2002), e foi introduzido na linguística por Gleason (1965). Desse modo, a "[...] agnação é sempre definida sistemicamente por referência à organização ao longo do eixo sistêmico ou paradigmático dentro da unidade em alguma classificação [...] dentro de algum estrato [...] em algum grau de instanciação [...]. A agnação é representada por meio da rede do sistema [...] e esta rede do sistema define diferentes graus de agnação. Duas expressões podem estar intimamente relacionadas dentro de um sistema muito delicado de opções na rede ou podem estar mais distantemente relacionadas dentro de um sistema muito delicado de opções. Elas podem até não estar relacionadas dentro de um ambiente específico e apenas estar relacionadas dentro de um ambiente mais amplo. Por exemplo, duas expressões podem não ser léxico-gramaticamente agnadas, apenas semanticamente agnadas [...]; ou podem não ser semanticamente agnadas, apenas contextualmente agnadas" (Matthiessen, 2001, p. 2-81, tradução minha).
No original: *[...] agnation is always defined systemically by reference to organization along the systemic or paradigmatic axis within the unit at some rank [...] within some stratum [...] at some degree of instantiation [...]. Agnation is represented by means of the system network [...] and this system network defines different degrees of agnation. Two expressions may be closely related within a very delicate system of options in the network or they may be more distantly related within a very indelicate system of options. They may even be unrelated within a particular environment and only be related within a wider environment. For example, two expressions may not be lexicogrammatically agnate, only semantically agnate [...]; or they may not be semantically agnate, only contextually agnate* (Matthiessen, 2001, p. 2-81).

sujeitos participantes, que liberaram seu uso de imagem de forma gratuita na composição do "*Corpus* de Libras".

O projeto "*Corpus* de Libras" pode ser encontrado no *site* https://corpuslibras.ufsc.br/; ele é formado por três projetos do Inventário de Libras, sendo eles: (a) Inventário Nacional de Libras; (b) materiais de produção acadêmica produzidos com o apoio de vários grupos de diferentes universidades; e (c) Antologias Literárias em Libras.

Neste estudo, utilizo especificamente o "Inventário Libras", no qual foi possível encontrar filmagens de entrevistas com assuntos diversos. Outro ponto que também considerei relevante foi que, para realizar as filmagens do projeto "*Corpus* de Libras", foram posicionadas quatro câmeras: na primeira, é possível ver o enquadre dos dois participantes; nas câmeras dois e três, respectivamente, a da direita foi reservada ao entrevistado e na da esquerda fica alocado o entrevistador de forma individual; já a câmera quatro foi posicionada acima dos participantes. Vejamos esse jogo de câmeras na Figura 78:

Figura 78: Organização do espaço de filmagem.



Fonte: Retirado de Royer (2019, p. 84).

De acordo com a autora, para a execução do projeto, a compilação dos dados coletados passou por um método de armazenamento, transcrição e agrupamento dos vídeos conforme o assunto tratado em cada filmagem, além da faixa etária dos entrevistados. Segundo Royer (2019, p. 85),

> Foram criados os modelos de nomeação dos documentos em formato de vídeo e em formato (mpg4) de documento de transcrição (eaf). Foi estabelecido o modelo de referência aos dados: (cidade_grupoX_duplaX_títulos_tema_videoX) com dezessete temas, com seis duplas agrupados em três grupos por faixa etária [...].

Após todas essas explicações sobre o projeto, reforço que foram utilizadas gravações realizadas com a primeira câmera, a segunda e a terceira, a fim de explorar os elementos viso-espaciais da Libras para a descrição da AFILIAÇÃO que está presente nos discursos desses participantes que utilizam LS.

Na sequência, após a apresentação inicial dos recursos que formaram a base desta pesquisa, discrimino os procedimentos de análise. Busco desenvolver a compreensão sobre o contexto de situação, com suas variáveis que formam o registro a que me dedico a analisar neste livro, e o contexto de cultura, associado à entrevista, uma Estrutura Potencial de Gênero – EPG.

5.2 Contexto de situação: o registro e suas variáveis na formação do *corpus* de pesquisa

Nesta pesquisa, a variável "campo" indica as experiências voltadas às relações/ interações sociais de pessoas surdas e inclui seu papel enquanto indivíduos com necessidade de inserção em várias camadas da sociedade, desde o âmbito familiar até o desenvolvimento de habilidades que propiciam a conexão com o meio no qual se encontram introduzidos. E, por extensão, envolve a construção de sua identidade como cidadãos brasileiros, principalmente voltados às questões linguísticas viso-espaciais, já que os sinalizantes de LS consistem em uma parcela minoritária, se comparados ao uso da oralidade como meio majoritário relacionado ao uso da população humana.

Já na variável "relações", os/as participantes que aparecem à esquerda do vídeo assumem o papel do entrevistador, ou seja, quem realiza as orações interrogativas instigando aos interactantes promoverem respostas de solidariedade, enquanto os/as participantes à direita se responsabilizam em fornecer as informações a partir da Instanciação de orações em Modo declarativo. Também se torna importante acentuar que a formulação de sentenças em Modo imperativo não ocorre, devido ao objetivo dos diálogos.

Além disso, foi observado que os/as participantes da esquerda realizam em alguns momentos comentários que se vinculam ao Modo declarativo, e que os/as participantes da direita produzem sentenças em Modo interrogativo quando julgam que há necessidade de validação do entendimento dos/as participantes da direita. Levando em conta ainda a distância social, pode-se averiguar que esta é média ou mínima, em razão do ambiente em que se dá o diálogo que está sendo filmado, uma universidade.

A variável Modo compreende a Instanciação dos sinais, isto é, as sentenças que constituem tanto a NEGOCIAÇÃO dos significados quanto a AFILIAÇÃO nos discursos que foram produzidas em LS, mais especificamente em Libras. Para tal, os/as participantes utilizam os

padrões fonológicos e sintáticos desta língua para fabricar seus discursos, ou seja, a utilizam como canal para partilhar suas experiências sociais. Por esse motivo, tendo por base tudo o que já foi exposto até aqui, escolhi detalhar passo a passo as etapas para compilação do *corpus* de pesquisa, iniciando com a apresentação do projeto e a dos procedimentos de análise na sequência.

5.2.1 *Corpus* da pesquisa

Neste subtítulo, exponho como foram realizados (a) a construção do *corpus*, (b) a escolha dos vídeos, (c) o processo de transcrição em Glosas e (d) a tradução do material. Discorro especialmente sobre os elementos de tratamento dos dados, as traduções dos conceitos e termos em LSF, assim como a respeito das traduções teóricas para a língua portuguesa.

Considerando a limitação temporal da pesquisa, foram selecionados os dois primeiros vídeos que o *site* disponibiliza ao usuário do "*Corpus* de Libras", como pode ser observado no Quadro 05:

Quadro 05: Seleção do *corpus* desta pesquisa.

Seleção dos dois primeiros vídeos disponíveis na página projeto	Audiodescrição[131]
	Em plano aberto, duas mulheres estão sentadas de frente uma para outra dialogando em Libras. O ambiente é aberto com paredes azul escuro e chão preto. Uma das mulheres tem os cabelos pretos em rabo de cavalo, usa uma blusa de manga comprida preta e calça jeans clara, ela segura um caderno (PE1)[132]. A segunda mulher é loira, tem os cabelos compridos soltos e usa uma camisa de manga comprida marrom, com calça jeans cinza e uma bota também marrom (PD1).

[131] Audiodescrição realizada pelo autor.
[132] As siglas colocadas ao final de cada audiodescrição das(os) participantes envolvidas(os) na entrevista serão explicadas adiante, no item 4.2.2.

	Audiodescrição do vídeo FLN G1 D1 Entrevista 2: Em plano aberto, duas mulheres estão sentadas de frente uma para outra dialogando em Libras. O ambiente é aberto com paredes azul escuro e chão preto. Uma das mulheres tem os cabelos pretos em rabo de cavalo, usa uma blusa de manga comprida preta e calça jeans clara, ela segura um caderno (PE2). A segunda mulher tem os cabelos pretos, curtos e cacheados, usa óculos de armação preta e veste camiseta de manga curta e calça, ambas pretas (PD2).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ressalto, ainda, ao observar o Quadro 05, a relevância da elaboração de textos e documentos, bem como artigos científicos, entre outros, que sejam pensados, elaborados e/ou produzidos em LS que contribuam para a comunidade científica, além de promover um acervo de uso dessas línguas viso-espaciais.

5.2.1.1 Libras e Língua Portuguesa: o uso do sistema de Glosas

A partir da seleção desse *corpus* de pesquisa, foi realizada a transcrição dos vídeos por meio de Glosas (Sinais/palavras), realizando adaptações na técnica de escrita proposta por Ferreira (2010), Felipe (1998) e Felipe e Monteiro (2006). No Quadro 06, trago um detalhamento dessa adaptação com exemplos retirados do Capítulo de análise:

Quadro 06: Detalhamento de Glosas para transcrição.

Definições	Glosas
Glosas unidas pelo símbolo de acentuação gráfica circunflexo '^' para indicar que o Sinal é composto.	Ex.: TUDO^BEM
O uso do símbolo arroba '@' foi definido quando a sinalização não realiza a incorporação de sinal marcador de gênero.	Ex.: SURD@
Quando realizada a datilologia foi transcrita letra por letra separada por hífen '-'.	Ex.: N-I-C-O-L-Y
Em algumas situações foram utilizados Sinais próprios, para descrição destes Sinais foi utilizado a chave '{}'.	Ex.: SINAL {letra U boca}
A polaridade negativa dos Sinais, realizada pela incorporação de negação, foi representada pela palavra 'não' posterior ao sinal base.	Ex.: PRECISAR não
As expressões faciais e corporais utilizadas em estrutura léxico-gramaticais em função declarativa ou imperativa que traziam marcações afirmativas ou negativas, bem como orações interrogativas foram representadas na transcrição pela abreviação da palavra em subscrito.	Ex.: NOME SEU QUAL (int.)
O uso de plural durante a sinalização foi representado com símbolo de adição '+' subsequente ao sinal repetido.	Ex.: FOTO ++
Da mesma forma, a incorporação de numeral foi destacada pela precedência por extenso do numeral.	Ex.: umANO QUASE doisANO
Os processos (verbos) direcionais foram transcritos utilizando a menção ao sujeito ligada ao processo.	Ex.: AJUDAReu
Sinais monomanuais que foram realizados pelas duas mãos foram representados com a inicial das mãos, sendo mão direita 'md' e mão esquerda 'me'.	EX.: FALAR (md e me)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Paiva *et al.* (2016, p. 21) definem que "glosas são palavras de uma determinada língua oral grafadas com letras maiúsculas que representam sinais manuais de sentido próximo", consistindo em um método de representação grafológica por meio de palavras da língua falada ou sinalizada correspondente. Considerando, portanto, as LS, essa estratégia busca estabelecer uma relação entre sinais e palavras, muitas vezes utilizando uma forma de notação que facilita a compreensão das LS para falantes de línguas orais que não as conhecem.

No entanto, pressupondo as especificidades dos dados, foi preciso utilizar uma padronização já aceita por pesquisadores da área de Libras com algumas adequações ao sistema já mencionado. Atentei-me ao pensamento de McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 267) acerca de que,

> [...] para a apresentação e análise de trechos de discurso espontâneo ou semiespontâneo, o sistema de glosas simples é bastante limitado. Por mais criativos que sejam os recursos utilizados para a complementação das informações trazidas pelo sistema de glosas, na maioria das vezes, os fenômenos sob análise acabam por não ser registrados de forma sistemática, prejudicando a sustentação empírica dos trabalhos.

Isso indica que o uso de glosas, no contexto de transcrição de LS, pode resultar numa contração, uma diminuição de suas características linguísticas. Por essa razão, foi necessário ampliar o entendimento sobre essa questão, lançando mão de estudos tradutórios para efetivar graficamente[133] em LP os conteúdos expressos em Sinais. De acordo com esses autores,

> É comum verificar, em trabalhos que trazem uma tradução livre junto à transcrição por glosas, que há várias informações na tradução que, aparentemente, não têm equivalente na transcrição. São informações presentes no discurso original que vão continuar a escapar de análise sistemática enquanto não estiverem registradas em algum tipo de transcrição ou descrição formal (McCleary; Viotti; Leite, p. 267).

Assim, neste livro, devido à generalização do uso de traduções livres junto às glosas, como sublinham os autores citados, também recorri à aplicação desse método. Trouxe para o tratamento do *corpus* a chamada tradução interlinguística, que será abordada no próximo subitem.

5.2.1.2 Tradução interlinguística

[133] Nesta pesquisa, optei por não me associar a algum tipo de escrita para transcrição dos Sinais. Entendo e apresento mais à frente algumas propostas grafológicas que circundam o cenário mundial e o contexto brasileiro; entretanto, a LP se tornou mais plausível para este estudo. Ademais, compreendo que tais propostas podem contribuir para pesquisas futuras em LSF, quando o foco se tornar o estrato grafo-fonológico das LS.

Além da transcrição realizada utilizando o sistema de glosas, foi feita também a tradução interlinguística dos vídeos. Essa tradução se fez necessária, uma vez que, segundo McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 268), "[...] não existe um sistema de escrita de línguas de sinais que seja amplamente aceito e que possa servir de base para o desenvolvimento de um sistema de transcrição apropriado". A esse respeito, Gontijo, Marques-Santos e Barros (2021, p. 68) apresentam quatro propostas relacionadas à escrita de LS no Brasil (ver Quadro 07):

Quadro 07: Propostas de escrita para LS no Brasil.

SingWriting – **SW**	Criado pela dinamarquesa Valerie Sutton e introduzido como escrita de LS no ano de 1996	1974
Escrita de Língua de Sinais – **ELiS**	Elaborada por Mariângela Estelita de Barros.	1997/2007
Sistema de Escrita da Libras – **SEL**	Desenvolvida por Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira.	2009/2011
Escrita Visogramada das Línguas de Sinais – **VisoGrafia**	Organizada por Claudio Alves Benassi.	2016/2017

Fonte: Retirado de Gontijo, Marques-Santos e Barros (2021, p. 68).

Ponderando sobre essa inexistência de consenso na escrita da LS brasileira, as traduções se deram com base nos mesmos moldes usados por mim na minha pesquisa de Mestrado. Utilizei-me dos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, que "sugere uma tradução que envolve o eixo paradigmático e semiótico, entendendo as diferenças léxico-gramaticais existentes entre língua fonte e língua alvo" (Marques-Santos, 2019, p. 116).

É oportuno salientar que, como qualquer língua, a Libras possui algumas variações linguísticas e sinais regionais; e, como o *corpus* selecionado é o de Santa Catarina, quando houve alguma dificuldade no meu entendimento pela falta de conhecimento do léxico utilizado, servi-me do auxílio de glossários e dicionários bilíngues, como: Capovilla *et al.* (2017a, 2017b, 2017c), Lira e Souza (INES, 2005), *Glossário Libras* (UFSC, 2006). Quando as consultas nesses materiais formais não surtiram efeito, parti para o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs, solicitando apoio em grupos de *WhatsApp* destinados a esse fim.

Jakobson (1959) propôs uma tipologia da tradução que envolve três tipos de atividade: (a) **intralingual**, quando a tradução envolve uma só língua; (b) **interlingual**, que envolve duas ou mais línguas e (c) **intersemiótica**, que relaciona gêneros/signos linguísticos distintos. Neste estudo, ciente de que a LSF não foi cunhada por um teórico brasileiro e pelo próprio *corpus* de pesquisa, realizei uma tradução interlingual dos dados em Libras para a LP.

Esse tipo de tradução envolve variados elementos linguísticos e extralinguísticos, que exigem do profissional muita atenção e conhecimento prático, pois "as palavras e até mesmo as frases estão sujeitas a ambiguidades e seu sentido depende de outras palavras e frases associadas a elas, o que faz da tradução uma atividade interpretativa, seletiva, reflexiva e complexa" (Martins dos Santos, 2020, p. 30).

A tradução foi realizada por mim, que sou TILS certificado pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa – Prolibras, graduado e licenciado em Letras: Libras, Mestre em Estudos da Linguagem, com experiência em tradução/interpretação de Libras e oito anos de atuação no ensino superior. A revisão da tradução foi realizada por outro TILS, com doze anos de experiência, também graduado e licenciado em Letras: Libras, Mestre e Doutor em Estudos de Linguagem, e igualmente certificado pelo Prolibras.

5.2.2 Tratamento dos dados

Nas informações disponibilizadas no *site* https://corpuslibras.ufsc.br/, em cada vídeo, aparecem os nomes reais dos envolvidos na entrevista. Ao ponderar sobre os riscos e os benefícios, seguindo os princípios científicos e respeitando os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, de acordo com a Resolução CNS nº 466 de 2012, o item III.2.i orienta que o pesquisador deve:

> [...] prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros; [...] (CNS, 2012, *online*).

Então, devido à utilização das imagens retiradas do "*Corpus* de Libras", enquanto material de revisão bibliográfica, foi verificada a necessidade de, baseado em questões éticas, assegurar uma diminuição dos impactos voltados à confidencialidade dos participantes. Pensando nisso e apoiado nos princípios éticos, entendo que esta pesquisa trará benefícios à comunidade Surda brasileira, os quais serão amplamente divulgados tanto no repositório do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL, da UFCAT, quanto por outras formas de publicização desta pesquisa, seja em eventos, referenciação em artigos, livros, *e-books*, etc.

Por esses motivos mencionados e para facilitar o entendimento sobre qual participante está elaborando o discurso, compreendi que era preciso identificá-los sequencialmente tanto pelo vídeo selecionado (V), como pelo lado que os participantes do projeto estão posicionados para estabelecer a troca das informações, em que o participante da esquerda (PE) sempre assume o papel do(a) entrevistador(a) e o(a) participante da direita (PD) exerce a função do/a entrevistado/a. Desse modo, como exposto no Quadro 08, elaborei siglas para caracterizar os interactantes:

Quadro 08: Identificação dos(as) participantes da entrevista.

Vídeos	Participantes da Entrevista	
	Entrevistador/a (Esquerda)	Entrevistado/a (Direita)
Vídeo 1	V1PE1	V1PD1
Vídeo 2	V2PE2	V2PD2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que, nos Capítulos relacionados à teoria da LSF, em que houve a necessidade de trazer exemplos de orações em Libras, tratei de compilá-los e sistematizá-los à luz dessa teoria. Para tal, recorri a outras pesquisas para retirar exemplos imagéticos, uma vez que essa é uma língua de elementos viso-espaciais e, também, para corroborar análises já existentes. Parti do item "Antologia de Poesia SC", exposto na janela de títulos de acesso aos dados em Libras, mais especificamente de vídeos filmados pelo professor Rimar Ramalho Segala[134]. Esses vídeos não compõem a análise voltada para a AFILIAÇÃO, mas com eles objetivo embasar outros sistemas da interpessoalidade.

Fundamentado na demanda de transpor os dados do *corpus* para a língua portuguesa, esse procedimento foi realizado por mim em três etapas: em primeiro lugar, foram feitos cortes de imagens com sequências sintáticas; logo após, foi realizada a transcrição por meio do sistema de glosas e a última etapa consistiu na tradução interlinguística dos trechos selecionados.

Devido à agnação, tal procedimento envolveu diversos reajustes tradutórios, com atenção especial visando maior adequação dos significados potenciais na transposição dos depoimentos entre a Libras e o português escrito, segundo minha experiência linguística

[134] Professor Surdo Doutor em Linguística pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é Professor Assistente II do Departamento de Psicologia no Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Tornou-se um Surdo conhecido no Brasil, sobretudo por integrar a *Cia. Arte e Silêncio*, fundada em 2003 por filhos e netos de Surdos que promoviam a visibilidade do povo Surdo por meio da Libras. Informações disponíveis em: https://youtu.be/YmYJVQ2Vxh4; http://lattes.cnpq.br/4770939741538780; https://culturasurda.net/2011/12/12/cia-arte-e-silencio/. Acesso em: 01 dez. 2024.

enquanto falante nativo dessa última como primeira língua – L1 e da primeira como segunda língua – L2.

Ao proceder com esses ajustes tradutórios mais apurados, houve a necessidade de revisão sistemática em todas as etapas. Além do pesquisador, participaram desse procedimento dois profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras – TILS atuantes no ensino superior na primeira etapa; na segunda e na terceira etapas, foi necessária a atuação de outro TILS de ensino superior com experiência na produção e na utilização do sistema de glosas e de tradução. Para, a partir dessas, produzir orações adequadas à estrutura sintática da língua portuguesa, na tentativa de conferir maior confiabilidade, credibilidade e precisão no tratamento dos dados. Permitindo, assim, uma análise mais robusta das experiências individuais no contexto de situação estudado.

Na sequência, apresento os procedimentos para a transposição viso-espacial da Libras para o componente grafológico da língua portuguesa.

5.2.2.1 Termos em LSF e citações teóricas

As traduções foram realizadas em dois momentos distintos. No primeiro momento, baseei-me na "Lista de Termos da Linguística Sistêmico-Funcional em Português Brasileiro: Léxico-Gramática", desenvolvida por Cabral *et al.* (2021). Essa Lista foi formada por uma operação de múltiplas mãos de pesquisadores sistemicistas brasileiros. Além disso, como este livro se volta para estudos no estrato semântico-discursivo da Libras, alguns termos foram selecionados a partir de minhas leituras de artigos, dissertações, teses, livros, entre outros, e, caso ainda não houvesse tradução para a língua portuguesa brasileira – LPB, foi solicitada uma revisão do termo ao co-orientador e à orientadora.

No segundo momento, quanto às traduções dos trechos selecionados para compor as citações diretas voltadas à base teórico-metodológica da LSF e/ou das LS, foi realizada uma tradução inicial que posteriormente foi revisada pelo co-orientador e pela orientadora. Depois, os trechos também passaram por correção gramatical de um profissional da área de Letras que tem contato com a LSF. Na sequência, vejamos como foram elaboradas as transcrições e as traduções dos vídeos em Libras.

5.2.2.2 Procedimentos de análise

O foco desta análise é investigar as escolhas de AFILIAÇÃO nos discursos que foram filmados e fazem parte do projeto "*Corpus* de Libras". Esses mecanismos proporcionaram a identificação dos itens léxico-gramaticais em Libras, os quais foram instanciados nos diálogos estabelecidos pelos participantes desse projeto, a partir das trocas de informações e/ou bens e serviços ocasionadas pelas respostas de solidariedade, que ocorrem em cada contexto de situação filmado.

Para subsidiar os exercícios de análises e transcrições, num primeiro momento, os dados da pesquisa foram organizados, por meio do recorte e da seleção das imagens que representam prototipicamente um(a) determinado(a) sinal ou ação pertinente à construção da oração viso-espacial. Com o auxílio de *prints* de tela, foi possível pausar, congelar e recortar imagens das filmagens de forma gratuita, o que possibilitou subsidiar os dados qualitativos e seu levantamento (Freitag, 2014).

As análises foram elaboradas a partir das categorias sistêmicas de AFILIAÇÃO. Ademais, mantendo uma organização hierárquica em primeiro plano, foram empregados os recortes dos vídeos em formato sequencial, contemplando a formação oracional segundo os preceitos léxico-gramaticais da TRANSITIVIDADE, em LSF, quanto à presença do participante (sujeito), processo (verbo) e circunstância (complemento) na oração[135].

Em um segundo momento, foi realizada a descrição dos elementos viso-espaciais, seguindo as nomenclaturas indicadas tanto no Capítulo 1 quanto neste Capítulo 4 do livro. Também, houve a necessidade de um terceiro momento, no qual esses elementos foram explicados de acordo com sua função semântico-discursiva dialógica, a fim de buscar um detalhamento dos procedimentos linguísticos que caracterizam a AFILIAÇÃO.

Ainda foram usados alguns símbolos para compor as marcações de análise, como: (a) aspas simples (‘’), para marcar o trecho que foi objeto de análise; (b) a função **negrito**, para evidenciar termos teóricos para os recursos viso-espaciais e para AFILIAÇÃO; e (c) as marcações em colchete [ ], que indicam a presença de elipse nas orações selecionadas e foram descritas no corpo da análise.

5.3 Contexto de cultura: a entrevista enquanto Estrutura Potencial de Gênero – EPG

Vale salientar que a definição de "entrevista", para os vídeos utilizados na pesquisa, não foi realizada por mim enquanto pesquisador, mas sim pela equipe organizadora do projeto

[135] Utilizei termos da Gramática Tradicional – GT, para situar potenciais leitores que não estão familiarizados com os termos sistêmico-funcionais.

"*Corpus* de Libras". Essa categorização consta no título de descrição do vídeo, conforme marcação expressa (em amarelo) na Figura 79:

Figura 79: Capa dos vídeos do Inventário de Libras.



Fonte: Disponível em: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Invent%C3%A1rio%20Libras. Acesso em: 12 out. 2024.

Em sua perspectiva teórico-metodológica, Halliday, ao longo da elaboração dos conceitos basilares da LSF, compreende que há estratos que vão além da Instanciação das orações. Segundo ele, a construção dos significados não está fixa somente na gramática ou, por outro lado, apenas no nível discursivo.

A LSF, por sua vez, procura explorar os sistemas sociossemióticos e como eles são produzidos no mundo, pois o indivíduo inserido em uma determinada comunidade gera sentidos e definições baseadas na organização da vida daquela comunidade e/ou sociedade à qual ele pertence. Sob a perspectiva da visão sistêmico-funcional, o foco está inserido no uso social da língua, ou seja, um pesquisador sistemicista busca na sociedade elementos já consolidados para, a partir daí, investigar padrões de expressão da linguagem.

Logo, para entender a noção de formação do Gênero em LSF, primeiramente, faz-se necessária a apropriação do conceito cunhado por Hasan (1989, p. 108, tradução minha), no qual a autora indica a formação de uma "estrutura semântica potencial gênero-específica"[136]. Notei que os vídeos apresentados no projeto "*Corpus* de Libras" podem ser interpretados de acordo com uma visão teleológica de gênero; "[...] tais estruturas, todavia, podem ser realizadas em estágios seqüenciáveis não necessariamente idênticos, com variáveis de acordo com o contexto de cultura onde o texto é produzido [...]" (Vian Jr., 1997, p. 44).

[136] **No original:** *genre-specific semantic potential* (Hasan, 1989, p. 108).

A EPG da entrevista reflete o caráter sociossemiótico das relações humanas na esfera do contexto de cultura. E, devido à característica polissêmica da palavra “entrevista”,

> A primeira questão a ser abordada é a definição do termo ‘entrevista’, que pode designar diversas interações sociais e suas respectivas finalidades interativas, caracterizando gêneros diferentes, todavia reunidos sob a mesma terminologia. Nas interações humanas, há entrevistas com vistas à seleção de candidatos a emprego, para diagnósticos psicológicos ou clínicos ou, ainda, como instrumento metodológico de pesquisa. Podemos dizer, então, que o termo ‘entrevista’ circula em esferas discursivas como a do trabalho, a acadêmica e a jornalística, podendo se referir a gêneros diferenciados, mas que recebem a mesma nomeação (Silva, 2007, p. 80).

Entendo, portanto, que ainda há muito o que investigar sobre a efetivação das entrevistas enquanto Gênero propriamente ditas. Mas, como está sendo possível perceber dentro dos moldes da LSF, existe um forte potencial para que elas sejam compreendidas como estruturas relativamente estáveis que podem constituir-se como Gênero, conforme aponta a perspectiva trazida por Bakhtin (2003), que influencia a noção de Martin (1992).

Outros estudos, como o de Medina (2002), Lage (2004), Guedes Caputo (2006), Sousa (2005), Vannuchi (2006), Cunha (2023) e Pinto (2007), no âmbito da Comunicação Social como ciência, nas esferas jornalísticas etc., assumem o conceito de entrevista tanto em um caráter técnico quanto de interação discursiva, ou até mesmo a veem como Gênero. Como explica Hoffnagel (2005, p. 182),

> A entrevista é um gênero primordialmente oral. Nas várias listas de gêneros entrevista, a maioria refere a interações orais (entrevista com médico, entrevista para conseguir emprego, entrevista coletiva, etc.), e mesmo com respeito à entrevista jornalística, pensamos primeiro nas entrevistas ao vivo dos programas de televisão e rádio. Quando publicada em jornais e revistas, na maioria das vezes, a entrevista foi feita oralmente e depois transcrita para a publicação.

Para este estudo, trago então uma seleção do *corpus* baseada na EPG da entrevista, primeiramente enquanto técnica e instrumento, porque, como entendem Marconi e Lakatos (2003, p. 195), ela “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Conforme indicam as autoras, a entrevista atua como um procedimento que auxilia na elaboração de diagnósticos ou consiste num método interventivo para a compreensão de um determinado distúrbio social. Por meio dela, nota-se que há a possibilidade de atingir objetivos mais gerais e, para Selltiz (1965, p. 95-286), a entrevista deve apresentar:

> **a) Averiguação de "fatos".** Descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são capazes de compreendê-las.
> **b) Determinação das opiniões sobre os "fatos".** Conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam.
> **c) Determinação de sentimentos.** Compreender a conduta de alguém através de seus sentimentos e anseios.
> **d) Descoberta de planos de ação.** Descobrir, por meio das definições individuais dadas, qual a conduta adequada em determinadas situações, a fim de prever qual seria a sua. As definições adequadas da ação apresentam em geral dois componentes: os padrões éticos do que deveria ter sido feito e considerações práticas do que é *possível* fazer.
> **e) Conduta atual ou do passado.** Inferir que conduta a pessoa terá no futuro, conhecendo a maneira pela qual ela se comportou no passado ou se comporta no presente, em determinadas situações.
> **f) Motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.** Descobrir quais fatores podem influenciar as opiniões, sentimentos e conduta e por quê. (grifos do autor).

Ao observar, portanto, o expresso acima, considerei ser necessário um segundo momento reflexivo sobre o funcionamento das entrevistas como interação discursiva, visando a um modelo de constructo hierárquico fundamentado na comunicação de uma determinada comunidade discursiva, segundo Swales (1990, 1992)[137]. Ao analisar os vídeos selecionados, percebi que eles se encaixam nos padrões sustentados por Bonini (2000), como descrito na Figura 80:

Figura 80: Modelo discursivo de entrevista como Gênero.

Categoria 1 - introdutória
- saudação
- definição do objetivo da interação*
- pedido de cooperação
- configuração da cooperação*
Categoria 2 - tópica
- pergunta*
- interrupção
- resposta (com ou sem emissão de reguladores verbais)*
Categoria 3 - de fechamento
- manifestação de aceitação do que foi dito
- agradecimento
- fechamento da entrevista
- sinal de cortesia

Fonte: Retirado e adaptado de Bonini (2000, p. 6).

[137] Swales (1990, p. 22), ao adotar uma perspectiva social sobre como um determinado grupo de pessoas pode se organizar e produzir um conjunto de ideias, que "[...] nos levam a perguntar como uma comunidade discursiva específica usa suas convenções discursivas para iniciar novos membros ou como o discurso de outra pessoa retifica valores ou crenças específicas [...]" (tradução minha), elege esse termo para designar um conceito de grupo social que vai além da visão sociolinguística relacionada às comunidades de fala, tornando-o poderoso e útil.
No original: *[...] they point us towards asking how a particular discourse community uses its discoursal conventions to initiate new members or how the discourse of another reifies particular values or beliefs [...]* (Swales, 1990, p. 22).

Tendo em vista o uso do projeto "*Corpus* de Libras", verifiquei que as entrevistas cumprem os critérios sinalizados, como obrigatórios, para a formação dessas como Gênero. Na Figura 80, os elementos fixos foram marcados pelo uso do asterisco (*). Outros elementos poderiam ainda ser adicionados a esse esquema; todavia, como o próprio autor afirma, apesar de suas análises servirem ao propósito de exploratoriamente classificar entrevistas via e-mail como um Gênero, notei que há uma carência de estudos que lidam com as negociações realizadas em entrevistas para servirem ao escopo de sua constituição como um Gênero de fato, uma vez que sua EPG pareceu ser bastante fértil para tais investigações.

Por essa razão e também por entender que será uma questão a ser trabalhada em outras pesquisas, foi que senti a necessidade de me lançar ao desafio de investigar a utilização da Libras, em um ambiente semi-controlado, filmado e organizado, para atender à especificidade viso-espacial de uma LS. Para a LSF, não há a crença de que um determinado texto deve ser desprezado, já que esse se constitui como uma expressão sociossemiótica de um determinado indivíduo ou grupo, como aponta Duarte (2004, p. 214):

> Persistem entre nós certas crenças segundo as quais a entrevista, sobretudo aberta ou semi-estruturada, é um procedimento de coleta de informações pouco confiável e excessivamente subjetivo, pelo qual optam pesquisadores com pequena bagagem teórica, que dele fazem uso de forma bem menos rigorosa do que seria desejável.

Porém, como assevera a autora, na verdade esse tipo de pensamento não é real, e o pesquisador precisa ficar mais atento à sua subjetividade e como aliá-la ao processo investigativo, de forma a produzir análises interpretativas mais fidedignas, éticas e confiáveis. Segundo ela, essa

> é tarefa complicada e exige muito cuidado com a interpretação, a construção de categorias e, principalmente, com uma tendência bastante comum entre pesquisadores de debruçar-se sobre o material empírico procurando "extrair" dali elementos que confirmem suas hipóteses de trabalho e/ou os pressupostos de suas teorias de referência (Duarte, 2004. p. 217).

Tomar depoimentos como fonte de investigação implica um processo delicado e complexo de extração e interpretação de informações. Depoimentos são, por natureza, subjetivos e pessoais, refletindo as experiências, as percepções e os sentimentos individuais dos entrevistados. No entanto, ao aplicar certos princípios baseados na ética, o investigador pode transformar a subjetividade e a pessoalidade dos depoimentos em uma fonte valiosa para compreender a lógica das relações sociais.

Dessa forma, os depoimentos tornam-se reflexos das interações e das estruturas que constituem a vida em grupo, ou seja, eles transcendem as impressões dos indivíduos e possibilitam alcançar o âmbito das dinâmicas sociais. Após traçar todo esse percurso metodológico, no próximo Capítulo, desenvolverei análises ligadas ao sistema dialógico de AFILIAÇÃO, demonstrando a formação do Ambiente Afiliativo ou Ambiente de AFILIAÇÃO (*Ambiente Affiliation*) e como este pode ser percebido em LS, mais especificamente em Libras.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DO *CORPUS*

Para este Capítulo, foram selecionados excertos referentes a dois vídeos disponibilizados gratuitamente pelo projeto "*Corpus* de Libras". Inicialmente, no subtítulo 6.1, destaco o gerenciamento (*manage*) do diálogo, como apontam Zappavigna e Martin (2018), para estudar os elementos viso-espaciais que corroboram a criação do Ambiente de AFILIAÇÃO (*Ambient Affiliation*). Em seguida, partindo do princípio de Knight (2010a, 2010b), também são construídas análises considerando o que a autora denominou como subsistemas potenciais ('mecanismos') que possibilitam a verificação da AFILIAÇÃO como um sistema interpessoal dialógico, os quais podem ser observados nos subtítulos 6.2 AFILIAÇÃO por pertencimento (*Communing Affiliation*), 6.5 AFILIAÇÃO por riso (*Laughing Affiliation*) e 6.6 AFILIAÇÃO por reprovação (*Condemning Affiliation*).

Especificamente, sobre o estou chamando de subsistema por pertencimento, baseado nos constructos teóricos elaborados por Zappavigna (2018) e Makki e Zappavigna (2021), foco minha atenção em explorá-lo utilizando a Libras como materialidade linguística, cujos 'mecanismos' estão detalhados no subitem 6.2, como mencionado. Nesse subitem são discutidas a convocação (*Convoking*) 6.2.1 Pronominal (*marshal*) e 6.2.2 Por designação (*designate*). Também serão contempladas, no capítulo, a 6.3 AFILIAÇÃO por refinamento (*Finessing*) e a 6.5 AFILIAÇÃO por promoção/moderação (*promoting/tempering*). Esses mecanismos permitiram o desenvolvimento de pressupostos descritivos em LS, para a compreensão das trocas (NEGOCIAÇÃO) alinhadas à movimentação (FUNÇÃO DA FALA) que se dão no estrato semântico-discursivo.

6.1 Gerenciamento (*manage*) do diálogo

Ao desenvolver uma análise voltada para a AFILIAÇÃO em LS, como a pretendida neste livro, é necessário identificar que, no contexto de situação, as participantes da entrevista foram colocadas frente a frente. E, uma vez que a Libras é uma língua viso-espacial, há a necessidade de que os envolvidos no diálogo tenham acesso ao espaço de sinalização, para que os significados instanciados sejam trocados sem que haja perda dessas informações, o qual é restringido por dois fatores: (a) a fisiologia humana e (b) a acuidade visual. Esse espaço, fonológica e morfologicamente, é conhecido também como espaço neutro.

No caso em análise, a partir das filmagens, o que se pode observar é que o **espaço de sinalização** para a constituição do diálogo, primeiramente, se forma pela intencionalidade das trocas a serem realizadas. Em segundo plano, para a formação do ambiente de AFILIAÇÃO em LS, é possível caracterizar três aspectos associados ao comportamento dos/as participantes, sendo eles: a **posição do corpo**, a **posição da cabeça**, o **direcionamento do olhar** e o **ajuste dos braços**.

No que se refere à **posição do corpo**, nota-se que o tronco assume uma determinada posição em relação ao referente ou ao interactante, como no caso, permitindo que o outro explore visualmente as informações/os bens e serviços que estão sendo instanciados em sua área de acuidade visual.

Além disso, dependendo do Modo oracional que o participante da interação utiliza, há uma projeção ou retração do corpo. Para orações declarativas não exclamativas, foi visto que as participantes do diálogo adotaram um posicionamento neutro; porém, ao expressarem sentenças em Modo declarativo exclamativo, foi averiguado que as participantes exercem uma retração; enquanto, para frases em Modo interrogativo, foram exercidas projeções de um corpo em direção ao outro. Já no Modo imperativo, pôde ser vista tanto a retração quanto a projeção e isso se dá pela direcionalidade verbal existente em LS.

Outros dois pontos que podem ser associados a essa questão de retração e projeção estão ligados à polaridade, em que o positivo (sim) inclina-se à projeção e o negativo (não) à retração. E a intensificação pode ampliar os movimentos em orações negativas, fazendo com que, ao invés da retração, o sinalizante execute uma projeção.

Vale destacar que a simultaneidade das LS é uma característica muito relevante para o entendimento da posição do corpo no espaço, pois é permitido ao sinalizante inserir em seu discurso outros participantes que podem tanto dialogar com o outro quanto dialogar entre si. E isso só é possível por meio da troca de papéis na sinalização, que é chamada de '*Role Play*' ou sistema de rolagem, porque possibilita a incorporação de personagens e auxilia na produção do referente.

Quanto à **posição da cabeça**, foi percebido que, para a formação do ambiente de AFILIAÇÃO, a produção dos Modos oracionais e de polaridade foi fortemente organizada por movimentos do pescoço, da articulação das sobrancelhas e da boca, associados à direção do olhar e à contração (ato de esticar/relaxar) dos músculos do pescoço, que incide na proeminência do queixo (ver Figuras 81, 82 e 83). Isso faz com que, em Libras, o Modo oracional seja diferenciado: para as orações declarativas, há o relaxamento; para as exclamativas, tem a contração muscular; e, para as interrogativas e as imperativas, aplica-se o

esticamento. Ademais, os movimentos do pescoço são responsáveis por auxiliar a cabeça na produção da polaridade, como demonstrado nas figuras seguintes.

Figura 81: Declarativa não exclamativa polaridade positiva.



Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020). Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 23 nov. 2024.

A articulação das sobrancelhas também auxilia simultaneamente a composição dos Modos oracionais e a polaridade: quando elas assumem a condição neutra, têm-se orações declarativas positivas; com a contração para cima, há a construção de sentenças declarativas exclamativas e, também, observa-se a presença de polaridade positiva; já com a contração para o centro, em direção ao nariz, indicam o Modo interrogativo e o imperativo.

A **direção do olhar**, em um ambiente de AFILIAÇÃO, além de ajudar léxico-gramaticalmente na construção do referente, produz o envolvimento dos participantes no diálogo. E a articulação da boca que se vincula ao Sinal também é responsável, junto com o movimento das sobrancelhas e a direção do olhar por trazer no discurso marcas da modalidade.

As orações realizadas em Modo declarativo exclamativo, em LS, são construídas por uma alteração no movimento do tronco e da cabeça que se inclinam para trás, enquanto a boca assume uma característica prosódica abrindo ou se fechando. Já os olhos, apresentam-se com intensidade de abertura ou de fechamento acompanhando a articulação das sobrancelhas, que se arqueiam incidindo em um franzimento da testa. Os movimentos e as articulações que promovem a exclamação acompanham toda a oração (ver Figura 82) e, como apresenta Anater (2009), os Marcadores Não-Manuais – MNMs possuem função gramatical, por meio da qual são instanciados os Modos oracionais.

Figura 82: Declarativa exclamativa polaridade positiva.



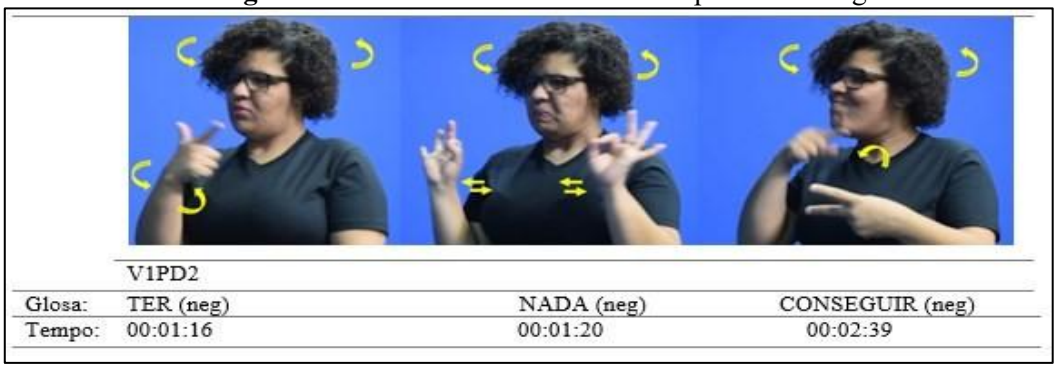
	V1PE1	V1PD1	V2PE2	V2PD2
Glosa:	Ah (excl.)	Nossa (excl.)	Ótimo (excl.)	Tomara (excl.)
Tempo:	00:05:21	00:07:44	00:05:06	00:07:36

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020). Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 23 nov. 2024.

Os recursos léxico-gramaticais indicadores de polaridade são observados nessa análise, permitindo uma reflexão acerca de como ocorre a interação das participantes do diálogo e como elas instanciam recursos viso-espaciais da Libras, para trocar e movimentar significados e, consequentemente, realizar seus propósitos comunicativos no evento interativo.

Na Figura 83, foram selecionados exemplos de uso da polaridade negativa. Desse modo, em LS, a polaridade está atrelada a uma movimentação horizontal do músculo do pescoço associado à cabeça, permitindo uma simultaneidade de elementos segmentais, como assevera Ferreira (2010).

Figura 83: Declarativa não exclamativa polaridade negativa.



	V1PD2		
Glosa:	TER (neg)	NADA (neg)	CONSEGUIR (neg)
Tempo:	00:01:16	00:01:20	00:02:39

Fonte: Retirado de Quadros *et al*. (2020). Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 23 nov. 2024.

O quarto e último aspecto que auxilia na formação do ambiente de AFILIAÇÃO está voltado para a **extensão dos braços**, no qual o sinalizante o modifica de acordo com o referente e pode, ainda, tanto realizar amplificações ou diminuições dos significados instanciados. Na Figura 84, pode ser observado que as extensões dos braços executadas pelas participantes em seus diálogos adequaram-se, principalmente, quanto ao uso de: (a) processo[138] com

[138] Observei que, apesar de a nomenclatura tratá-los como verbos, aqui há o deslocamento de um ponto no espaço para outro, indicando o valor experiencial que parte da alteração de locação geográfica, o que se constitui, para

concordância[139] locativa V1PE1; (b) fonologia do Sinal V1PD1 e V2PD2; e (c) uso do sistema de pronominalização, quando este se refere ao outro, seja ele pessoal, possessivo ou demonstrativo. Um exemplo desse tipo de ajuste é mostrado em V2PE2.

Figura 84: Extensão dos braços no ambiente de sinalização.



	V1PE1	V1PD1	V1PE2	V1PD2
Tradução (LP):	MUDAR	INTERAGIR	VOCÊ	EVOLUIR
Tempo:	00:01:09	00:02:52	00:00:16	00:05:39

Fonte: Retirado de Quadros *et al*. (2020). Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 23 nov. 2024.

Outro ponto que, também, foi apurado está associado à retração do braço em direção ao corpo do sinalizante. Essa condição pode ser dada: (a) pela fonologia do Sinal V1PE1, (b) pela morfologia do Sinal V2PD2, (c) pela referenciação V1PD1 e (d) pelo uso de classificadores, como visto em V2PE2, como pode ser compreendido pela visualização da Figura 85.

Figura 85: Retração do braço na sinalização.



	V1PE1	V1PD1	V1PE2	V1PD2
Glosa:	SENTIR	LIBRAS (me)	GOLA CL	ME DAR
Tempo:	00:07:24	00:02:56	00:00:38	00:00:33

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020). Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 23 nov. 2024.

Foi possível observar, ainda, que na comunicação em Libras os braços tendem a ficar em estado de repouso, quando as sinalizantes terminam seu turno de fala e que a interação dialógica se dá por conta da direção do olhar e de ENMs. Foi percebido também que, durante

a LSF, como um processo material. Em Quadros e Karnopp (2004, 118), esse seria um "verbo locativo" que possui em sua estrutura um afixo locativo.

[139] Considero que a questão sobre a diferenciação dada por Quadros e Karnopp (2004) sobre a direcionalidade dos "verbos" pode ser questionada, devido à iconicidade e à organização morfológica, em que afixação marca não apenas a flexão de possa, número e aspecto, mas também a locação. Por esse motivo, nesta tese, utilizo o termo **processo com concordância locativa**.

esse momento em que as participantes se encontram em suspensão de seu turno de fala, as ENMs servem para marcar a polaridade, a interrogação e declarações exclamativas, o que manteve a atenção das participantes que estavam em turno de sinalização, conforme aponta a Figura 86.

Figura 86: Momento de repouso do turno de sinalização.



	V1PE1	V1PD1	V1PE2	V1PD2
Glosa:	repouso	repouso	repouso	repouso
Tempo:	00:02:54	00:00:03	00:02:50	00:05:41

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020). Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 23 nov. 2024.

Quanto à realização do ambiente de AFILIAÇÃO utilizando uma LS, o que se pode depreender é que este funciona não somente pelo uso das mãos, mas também pelo uso do espaço de sinalização coadunado à posição do corpo, à posição da cabeça, ao direcionamento do olhar e ao ajuste dos braços. Isso possibilita o uso de ENMs e/ou MNMs, que auxiliam na formulação dos Modos oracionais que proporcionam a troca (NEGOCIAÇÃO) e a movimentação (FUNÇÃO DA FALA) dos significados potenciais.

Nos próximos subtítulos, serão analisados excertos que corroboram o entendimento sobre a AFILIAÇÃO, seja ela por pertencimento, por riso e por reprovação. De forma mais detalhada, na sequência, abordarei as estratégias e os recursos viso-espaciais que se voltam ao pertencimento como exercício analítico.

6.2 AFILIAÇÃO por pertencimento (*Communing Affiliation*): convocação (*convoking*)

As análises evidenciam que, nas entrevistas, a delimitação organizacional do ambiente de gravação promove uma marcação objetiva dos papéis desempenhados pelas sinalizantes, em que V1PE1 e V2PE2[140] assumem uma posição arguitiva. Isso as colocas em posição de condução do diálogo.

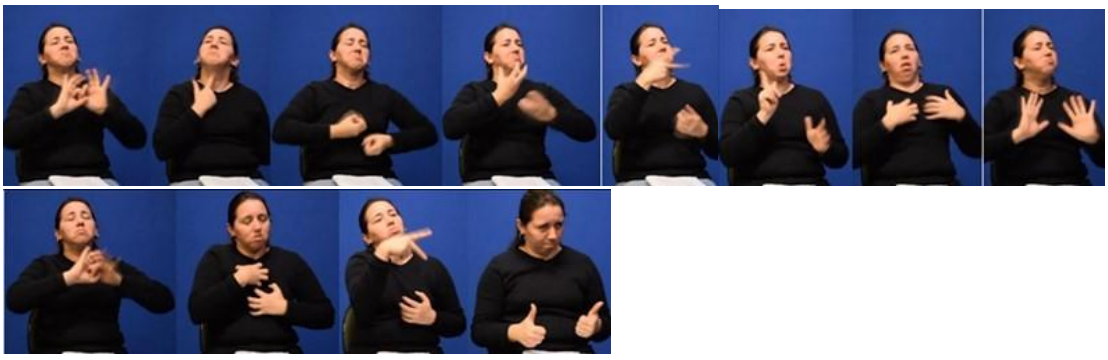
[140] A mesma sinalizante assume o papel inicial do diálogo, que possui uma estrutura e um roteiro, ou seja, é uma interação semicontrolada.

A ideia de promoção da visibilidade Surda faz com que, nessa interação, a apresentação da sinalizante seja ocultada. Como pode ser observado no **Excerto 1**, a realização da oração 'TUDO^BEM (int.)' mostra a complexidade estabelecida pelo uso das ENMs. Em seguida, a entrevistadora V1PE1 continua a interação utilizando o riso como um traço prosódico ligado à oração 'BOM^VIND@ PRAZER'.

Excerto 1:



TUDO^BEM (int.) BOM^VIND@ PRAZER. AQUI TEMA QUÊ (int.), ENTREVISTA.



VOCÊ LIVRE VONTADE EXPRESSAR SUA. PRECISAR não ANGÚSTIA, LIVRE SUA JEITO COMO (int.), OK (int.).

Tradução (LP): – Tudo bem com você? Seja bem-vinda a nossa entrevista. Fique à vontade para se expressar do seu jeito, ok?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:05	Tempo Final: 00:00:014	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020)[141].

[141] Disponível em: https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Invent%C3%A1rio%20Libras. Acesso em: 07 nov. 2024.

No início dessas análises, já é possível constatar que o riso, quando utilizado em produções linguísticas baseadas em LS, assume não somente características sociossemióticas ligadas ao humor[142], como expõe Knight (2010). Ao sinalizar essa oração de forma interrogativa, a participante utiliza simultaneamente duas expressões, sendo uma fonológica expressa pelo riso vinculado ao Sinal e outra em que projeta tanto a cabeça quanto o corpo em direção à segunda participante do diálogo, V1PD1.

Ao expressar a oração 'AQUI TEMA QUÊ (int.), ENTREVISTA', V1PE1 traz a heteroglossia em seu discurso. Nessa oração, a participante iniciante do diálogo refina (*finesse*) seu discurso, situando-o em uma perspectiva científica para o qual o diálogo estava sendo gravado. Além disso, vê-se que através dessa explicação a entrevistadora, por meio do encaixamento oracional, ornamenta (*embellish*) seu discurso elevando socialmente o *status* da conversa.

Outro ponto que merece ser destacado é a escolha de uso do Sinal 'TUDO^BEM' e sua partícula gestual 'BEM', que geralmente assume uma condição monomanual e, devido a seu valor cultural, pode assumir outras formas agnatas na tradução, como 'OK (int.).', em que morfologicamente foi utilizado com a condição de simetria. Isso ocasiona, em primeira instância, uma ornamentação do Sinal e, se observado ao longo da Gradação textual, assume um aspecto de promoção/moderação (*promoting/tempering*) do tipo regulação (*modulate*) quando associado a ENMs interrogativas.

A coordenação dos significados trocados no discurso aparece sempre encaixada no discurso, por meio do uso pronominal, ou em orações do tipo declarativo, como pôde ser constatado no **Excerto 1**: 'VOCÊ LIVRE VONTADE EXPRESSAR SUA. PRECISAR não ANGÚSTIA, LIVRE SUA JEITO'. O gerenciamento foi percebido em três momentos distintos, em que o primeiro, como foi mostrado, se deu por meio do encaixamento oracional declarativo; já o segundo, ocorreu em forma de convocação (*convoking*), sendo ele produzido em Modo oracional interrogativo, pelo uso de um Sinal icônico traduzido como 'OK (int.).', que funciona como vocativo; e o terceiro recurso utilizado apareceu quando a referida participante utilizou o pronome possessivo 'SUA', o que também, do ponto de vista dialógico, favorece o ajuste (*adjust*).

Outra forma de gerenciamento, conforme apresentado no **Excerto 2**, está relacionada ao uso do Sinal 'CERTO (int)', em Modo interrogativo, que funciona como um vocativo, pelo qual a participante pretende instigar a solidariedade de V1PD1:

[142] Faz-se necessário estudos futuros para compreender as relações humorísticas e as negociações de significados interpessoais, em textos que utilizam as LS para a produção de humor, como um outro sistema sociossemiótico vinculado à comunicação de pessoas Surdas.

Excerto 2:



DO QUE ANTIGA CASA^ESTUDAR CERTO (int) SENTIR NÃO LÁ POR QUE NÃO (int).
Tradução (LP): – Do que a antiga escola? Por que não?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:03:03	Tempo Final: 00:03:08	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ao fazer uso de um vocativo, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 159),

> o falante está representando a participação do destinatário ou destinatários na troca. Isso pode servir para identificar a pessoa específica a quem se dirige, ou para chamar a atenção dessa pessoa; mas em muitos contextos dialógicos a função do Vocativo é mais negociativa [...][143] (tradução minha).

Ao sinalizar essa declaração, V1PE1 procura gerenciar o diálogo e manter o apoio da outra interactante ao instigá-la a rememorar experiências sociais mais gerais por meio dos Sinais ‘DO QUE ANTIGA’. Diante disso, noto a modificação do participante oracional

[143] **No original:** *[...] In using a Vocative the speaker is enacting the participation of the addressee or addressees in the exchange. This may serve to identify the particular person being addressed, or to call for that person's attention; but in many dialogic contexts the function of the Vocative is more negotiatory [...]* (Halliday; Matthiessen, 2014, p.159).

‘CASA^ESTUDAR’ (escola) para ‘VOCÊ’ (PRO)[144], quando a sinalizante direciona o olhar à outra pessoa envolvida na conversa e movimenta o pescoço.

Ainda se verifica, no **Excerto 2**, que o uso da polaridade negativa possibilita o gerenciamento dos significados a serem trocados discursivamente. V1PE1, ao instanciar o processo mental emotivo ‘SENTIR’ seguido do adjunto modal de polaridade negativa ‘NÃO’ e do pronome demonstrativo ‘LÁ’, convoca V1PD1 a produzir uma solidariedade por meio de acoplamento de vínculos atitudinais. Por esse motivo, pode-se depreender que a polaridade atua como um dispositivo que auxilia o gerenciamento dos vínculos e, no caso em análise, o vínculo estabelecido por meio da negação foi usado para apoiar o que estava sendo exposto por V1PE1.

No **Excerto 3**, a polaridade também aparece e está associada ao processo mental cognitivo ‘ENTENDERnão’, que é instanciado por uma modificação do Movimento – M, ressaltando a condição morfológica que assume a polaridade negativa por meio de sua incorporação ao processo (verbo) e que, semântico-discursivamente, acopla significados interpessoais voltados ao subsistema de Atitude por Julgamento do tipo Capacidade. A negação é um recurso que se mostrou produtivo para o gerenciamento, visando algum tipo de solidariedade no diálogo, manter o apoio.

Excerto 3:



EL@ ENTENDERnão LIBRAS VOCÊ(int)
Tradução (LP): - Entendem você usando Libras?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:07:18	Tempo Final: 00:07:20	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

[144] O uso desta sigla como forma de indicação pronominal será abordado no subitem 6.2.1.

Outro ponto relevante ao gerenciamento e à convocação está no uso do Modo interrogativo concomitantemente ligado à pronominalização. No **Excerto 3**, ao instanciar o pronome pessoal em terceira pessoa do singular, 'EL@', pelo direcionamento da mão para o espaço lateral, vê-se que a ENM interrogativa funciona como um apoio para manter o vínculo por meio da direção do olhar, da posição da cabeça e do corpo à outra participante do diálogo. E que, pelo uso do pronome pessoal 'VOCÊ' (PRO), com apontamento direto ao referente real, consolida o apoio convocando V1PD1 a prosseguir envolvendo-se na conversa (entrevista).

No **Excerto 4**, o uso do processo mental cognitivo 'ENTENDER (afi)'[145] também serve como validação de manutenção da troca de significados. A polaridade positiva inerente ao processo reflete explicitamente o gerenciamento dado por apoio. V2PE2, por meio do movimento do pescoço que estende e contrai, possibilita o balanço afirmativo da cabeça. Também é perceptível a projeção do tronco e da cabeça em direção à V2PD2, além do direcionamento do olhar e do uso do morfema-boca, "com influência da articulação do português" (Pêgo, 2013, p. 80), pois poderia ser realizado a partir das experiências sociais e comunicativas da sinalizante com a LO, neste caso a LP, efetuando um acoplamento autoavaliativo atitudinal de Julgamento por Capacidade.

Excerto 4:



ENTENDER (afi)		
Tradução (LP): – Entendi.		
Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PE2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:08:35	Tempo Final: 00:08:36	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

[145] Do ponto de vista léxico-gramatical associado à transitividade, houve aqui uma elipse do pronome [EU]. Porém, essa questão sugere a necessidade de detalhamento (*delicacy*), que não será tratada nesta tese, mas deve ser discutida em pesquisas futuras para ampliar as análises sobre convocação do tipo pronominal.

Após as análises dos excertos 1, 2 e 3, ficou evidenciado que a AFILIAÇÃO pode ser gerenciada por elementos viso-espaciais da Libras. Nas subseções a seguir, aprofundarei na busca por examinar como o subsistema por pertencimento pode ser observado em uma LS. Inicialmente, desenvolverei a convocação e suas subclassificações, para, logo depois, investigar os recursos de refinamento e de promoção. Ademais, em uma análise introdutória, também destacarei os subsistemas de AFILIAÇÃO por riso e por reprovação. Posto isso, no próximo item, avanço em minhas análises sobre a convocação pronominal em Libras.

6.2.1 Convocação pronominal (*marshal*)

Um dos primeiros estudos sobre sistema de pronomes, em LS, foi realizado por Friedman (1975) e, em ASL, a autora verificou a seletividade de CMs para a execução desse recurso linguístico. Lidell (2003, p. 66, tradução minha) explica que "[...] as mãos são capazes de fazer distinções espaciais intrincadas e visíveis. As línguas de sinais exploram essa capacidade permitindo que os sinais sejam direcionados e colocados no espaço de forma significativa [...]"[146] e destaca que a direcionalidade do apontamento operacionaliza movimentos diretos (PRO$^{\rightarrow}$) e laterais (PRO-PL $\circlearrowleft$) em relação ao destinatário.

Na Libras, Felipe (2007, p. 38) classifica os pronomes pessoais em "primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS- GRUPO, NÓS/NÓS-TOD@S" (Ver Quadro 09); enquanto que Moreira (2007, p. 38), baseada nos estudos de Liddell, afirma que "[...] nas línguas de sinais, como nas línguas orais, os pronomes pessoais mapeiam a entidade de sua estrutura semântica com uma entidade do espaço mental correspondente à realidade [...]" e, a partir disso, faz uma descrição das formas pronominais (ver Quadro 09). Moreira também constatou que os pronomes de não-primeira pessoa (PRO-PL $\circlearrowleft$), em Libras, são elaborados de maneira diferente dos descritos em ASL por Liddell (2003).

[146] **No original:** *[...] the hands are capable of making intricate, visible, spatial distinctions. Sign languages exploit this capability by allowing signs to be directed and placed in space meaningfully [...]* (Liddell, 2003, p. 66).

Quadro 09: Descrição dos pronomes em Libras.

Formas de primeira pessoa em Libras

	Formas de primeira pessoa	Descrição dos sinais[122]	Tradução para o português
Singular	PRO-**1**	Mão dominante[123], com apenas o dedo indicador esticado; região ulnar da mão paralela ao chão; mover[124] o dedo indicador em direção ao esterno até tocá-lo.	*Eu*
Plural – DUAL	PRO-DUAL-**1**	Mão dominante, com apenas os dedos indicador e médio esticados; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; palma da mão voltada para o sinalizador; mover o punho para apontar os dedos ora para o sinalizador, ora para a direção de mais um participante da situação.	*Nós dois*
Plural – MULT	PRO-MULT-**1** (3 e 4)	Essa forma pronominal é realizada com a mão dominante com os dedos indicador, médio e anular esticados (forma da mão em 3) ou apenas com o polegar fechado e os demais dedos esticados (forma da mão em 4). Os sinais com essa forma incorporam o número de pessoas a que se referem. Para fazer esse sinal, é preciso mover a mão, fazendo um movimento circular próximo ao sinalizador. A palma da mão sempre deve estar voltada para o sinalizador.	*Nós três/quatro*
Plural – PL	PRO-PL-**1**	Mão dominante, apenas com o dedo indicador esticado; palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um arco para frente e tocar um dos ombros com a ponta do dedo indicador.	*Nós*

Formas de não - primeira pessoa em Libras

	Formas de não-primeira pessoa	Descrição	Tradução para o português
Singular	PRO	Mão dominante, com apenas o dedo indicador esticado; região ulnar da mão paralela ao chão; dedo indicador apontado para um local no espaço físico que esteja associado à representação mental do enunciatário ou de uma terceira pessoa.	*Você/ele/ela*
Plural – DUAL	PRO-DUAL	Mão dominante, com apenas os dedos indicador e médio esticados; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; a palma da mão e a ponta dos dedos devem estar voltadas para fora do sinalizador e apontar para dois participantes da situação.	*Vocês dois/eles/elas dois/duas*
Plural – MULT	PRO-MULT (3 e 4)	Essa forma também é realizada com a mão dominante com apenas os dedos indicador, médio e anular esticados (forma da mão em 3) ou com apenas o polegar esticado e os demais dedos esticados (forma da mão em 4); mover a mão com uma certa distância do sinalizador. O sinal se refere a três ou quatro participantes e não inclui, nesse grupo, quem sinaliza. A ponta dos dedos deve estar direcionada para as entidades referidas.	*Vocês três/quarto/eles/elas/ três/quatro*
Plural – PL	PRO-PL	Mão dominante, com apenas o dedo indicador esticado; mover a mão, apontando o dedo para vários locais, no espaço físico, associados às conceitualizações das entidades que se quer indicar.	*Vocês/eles/elas*

Fonte: Retirado e adaptado de Moreira (2007, p. 85-86).

Retomando a análise, ao iniciar o diálogo em Modo interrogativo, no **Excerto 5**, V1PE1 visa promover a AFILIAÇÃO por pertencimento do tipo convocação, por meio da oração interrogativa 'ENTÃO, NOME VOCÊ (int.).'. Embora traduzida em LP como '– Qual o seu nome?', nota-se que a participante convoca a outra interlocutora por meio de pronome em primeira pessoa (PRO-1) realizado por apontamento, também conhecido como dêixis.

Excerto 5:



ENTÃO, NOME VOCÊ (int.).

Tradução (LP): – Qual o seu nome?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1 | Participante: V1PE1 | Categoria: Entrevista

Tempo Inicial: 00:00:14 | Tempo Final: 00:00:016

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Como já explicado, o princípio da dêixis começa a ser usado na Fase I, desde a protolíngua, pelo qual a criança reflete seu desenvolvimento até chegar na Fase II, em que o

utiliza com maior propriedade. Na fase III, no período adulto, o indivíduo passa a usar essa apontação incorporada às regras léxico-gramaticais das LS como, por exemplo, o uso dos pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e, também, de referenciação.

Por meio de utilização da dêixis, V1PE1 instancia o pronome pessoal de não-primeira pessoa 'VOCÊ' (PRO), solicitando a troca de informações, o que viabiliza à V1PD1 desenvolver uma resposta de solidariedade, uma vez que o significado instanciado está em movimento, ou seja, não se apresenta de forma fixa nesse contexto de situação. A semântica do discurso passa então a ser gerenciada, posto que o Modo interrogativo incitou a produção linguística da outra pessoa envolvida na interação comunicativa.

A entrevistadora, ao usar o pronome, realizou uma abertura inicial, que visou gerar algum tipo de resposta, seja ela negativa ou positiva. Neste caso, como pode ser averiguado no **Excerto 6**, a polaridade positiva foi dada por V1PD1 ao instanciar o sinal 'TUDO^BEM', que possui, como já mencionado, carga polar positiva. Por meio do uso fonológico da ENM, nota-se o riso, que serve para acoplar a Atitude por Afeto do tipo Felicidade, indicando o apoio pelo qual se mantém o vínculo na comunicação.

Excerto 6:



TUDO^BEM





MEU NOME N-I-C-O-L-Y

Tradução (LP): Tudo bem. Meu nome é Nicoly.

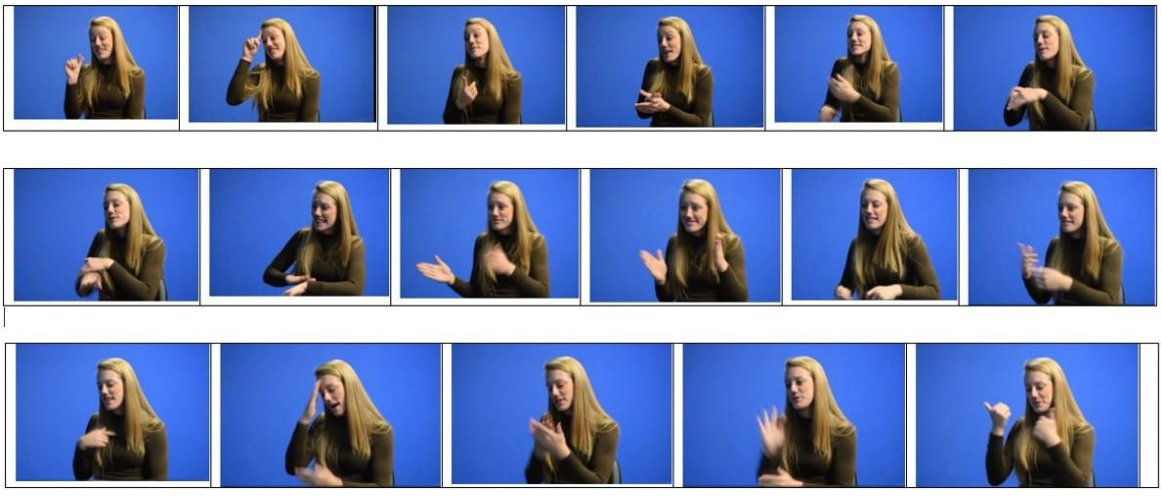
Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:16	Tempo Final: 00:00:19	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Uníssono ao que continua sendo apresentado no **Excerto 6**, comprova-se o vínculo por meio do uso do pronome possessivo 'MEU' associado ao Sinal 'NOME', seguido da soletração manual, também conhecida como datilologia, 'N-I-C-O-L-Y', que é considerada um empréstimo linguístico da LP.

É possível observar, ainda, que a resposta de solidariedade foi realizada em Modo declarativo não exclamativo, devido à neutralidade de projeção do corpo. Já em relação à direção do olhar, nota-se que V1PD1 procura promover a adesão de V1PE1, quando dirige a cabeça fitando os olhos na Instanciação das configurações de mão que se referem às letras em LP.

Excerto 7:



DIFÍCIL VIDA COMEÇAR DEPOIS ACOSTUMAR TEMPO PERÍODO PERDID@ PASSAR PASSARtempo EU ACREDITAR FUTURO MELHORAR.

Tradução (LP): – Foi difícil no começo, mas com o tempo me acostumei, acredito que futuramente isso vai melhorar.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:09:59	Tempo Final: 00:10:09	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

No **Excerto 7**, é possível perceber que V1PD1 faz o uso desse recurso, para se autorreferenciar e buscar manter o vínculo no diálogo. Nota-se que a utilização do sistema pronominal indexaliza, por meio da dêixis 'EU' (PRO-1), tornando um participante/lugar/objeto um referente que é destacado convocando a outra participante a direcionar o olhar.

Outro grupo pronominal que se mostra muito eficiente, para manter o vínculo na entrevista, é o dos pronomes demonstrativos. Esse conjunto pronominal também é instanciado simultaneamente pela dêixis[147], por indexicalização e por referência, no espaço de sinalização, como pode ser identificado no **Excerto 8**:

Excerto 8:



MÃE ACEITARnão EU FILH@ JUNTO^IR ESSA ACEITARnão NÃO EU NÃO^ É IR LÁ DENTRO JUNTO

Tradução (LP): – Minha mãe não aceitou que eu frequentasse essa instituição.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PD2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:08:23	Tempo Final: 00:08:28	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

[147] Outro ponto que precisa ser pesquisado e discutido, em pesquisas futuras, está relacionado ao uso de dêixis, de index e de referenciação, para construir o vínculo em análises de LS que, por questões metodológicas, não serão desenvolvidas neste estudo.

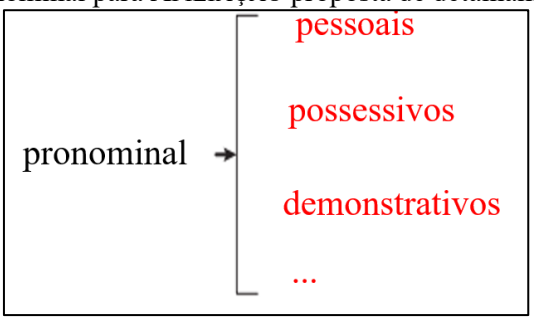
Após realizar uma marcação no espaço designando[148] uma instituição, V2PD2 expressa ‘FILH@ JUNTO^IR’ em que se refere ao posicionamento de sua mãe ao verificar que a instituição orientada para a matrícula de sua filha seria destinada às pessoas com transtornos mentais. O uso do pronome demonstrativo ‘ESSA’, instanciado por dêixis, apresenta o vínculo que a mãe, participante oracional, estabelece com a instituição.

Esse episódio revela um acoplamento atitudinal de Apreciação por reação-impacto negativo, que também pode ser verificado pelas ENMs, mais especificamente pela articulação das sobrancelhas, que se contraem aliadas ao movimento horizontal retilíneo repetitivo do pescoço e da cabeça, indicando a polaridade negativa inserida no Modo declarativo não exclamativo instanciado pela participante.

Além disso, percebe-se que V2PD2 utiliza recursos de Gradação do tipo intensificação, ao repetir o Sinal ‘ACEITARnão’, incluindo tensão ao fato de que está sendo exposta quando movimenta os ombros para cima de forma mais enérgica.

Dessa maneira, nos excertos analisados, três grupos de pronomes em Libras mostraram-se eficientes para o desenvolvimento da AFILIAÇÃO por convocação pronominal, são eles: os pronomes pessoais, os pronomes possessivos e os pronomes demonstrativos (ver Figura 87). Vale salientar que esses dados são preliminares e o sistema deve ser aplicado a outros contextos comunicativos, para verificação de ampliação do uso de outras classes pronominais em LS.

Figura 87: Uso pronominal para AFILIAÇÃO proposta de detalhamento usando Libras.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda consoante à Figura 87, as análises evidenciaram que esses grupos pronominais só permitiram a convocação por estarem intrinsecamente ligados a três ‘domínios’[149] visuais recorrentes: a dêixis, a indexicalização e a referenciação.

[148] A designação será discutida no próximo subtítulo de forma mais consistente.

[149] Nesta tese, tendo como ponto de partida a AFILIAÇÃO dada pelo uso pronominal, considerei tratar esses elementos como ‘domínios’ que possibilitam a convocação. Pesquisas futuras podem revelar a possibilidade de entendê-los como sistemas sociossemióticos em LS.

6.2.2 Convocação por designação (*designate*)

A AFILIAÇÃO por pertencimento do tipo convocação por designação, segundo Makki e Zappavigna (2021), se volta à produção de vínculos afiliativos por meio da nomeação. Dessa forma, nas análises a seguir, demonstro como, em Libras, a convocação por esse recurso permite que as trocas de significação ocorram entre as participantes do diálogo.

Diferentemente de um diálogo em LO, em que basta pronunciar ou escrever o nome do indivíduo, em LS, há um segundo momento que marca essa estrutura apresentativa inicial. Após a datilologia do nome, V1PE1 assume o papel de entrevistadora quando manifesta o Modo interrogativo 'SINAL VOCÊ (int)' realizado pelo uso de ENM, na qual efetua a flexão do pescoço para cima, o que projeta o queixo para cima, a contração das sobrancelhas, a projeção do corpo em direção à participante V1PD1, buscando incitar uma resposta de solidariedade.

Para a reafirmação desse direcionamento da pergunta, a entrevistadora insere o uso do pronome pessoal 'VOCÊ' (PRO), indicando que sequencialmente em LS, no caso em Libras, a convocação pode ser evidenciada por um uso correlato dos dois aspectos: ao instanciar os Sinais, a participante marca tanto pelo uso das ENMs quanto pelo direcionamento lexical dado pela regulação do braço, ligado ao pronome, para buscar a AFILIAÇÃO da participante que recebe a mensagem, como pode ser visto no **Excerto 9**.

Excerto 9:



SINAL VOCÊ (int)		
Tradução (LP): - Qual o seu sinal?		
Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:19	Tempo Final: 00:00:20	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Esse tipo de pergunta demonstra implicitamente os valores sociais do indivíduo no diálogo, uma vez que o Sinal-nome impele à pessoa algum grau de comprometimento ou de inserção com a comunidade Surda na qual participa.

> Além de serem atribuídos a membros da comunidade surda, os sinais-nomes também podem ser dados a qualquer pessoa que, mesmo não interagindo diretamente com essa comunidade, necessite ser sistematicamente referenciada, como, por exemplo, presidentes de países, atores, pessoas de destaque local, nacional ou internacional, e até mesmo personagens fictícios, como os de histórias em quadrinhos (Barros, 2018, p. 41).

Com base nessa afirmação, observo que é comum, em interações cotidianas, os Surdos realizarem uma prática cultural que demonstra o pertencimento a uma determinada comunidade. Isso funciona como um rito de legitimação e aceitação de um determinado indivíduo, com o qual a pessoa Surda partilhou ou partilhará suas experiências visuais, sua cultura Surda e que recebe o nome de "batismo".

Esse fenômeno pode ser compreendido por meio dos estudos de Strobel (2008), nos quais a autora aponta a existência de **artefatos culturais** que formariam essa cultura Surda, sendo eles: a experiência visual, o linguístico, o familiar, a literatura Surda, a vida social, a vida esportiva, as artes visuais, a política e os materiais.

Para Martin e White (2005), o nosso posicionamento começa no nascimento e vai sendo condicionado pelo acesso às hierarquias, as quais permitem que sejam desenvolvidas ou não determinadas habilidades que funcionam como uma base para a AFILIAÇÃO.

Seguindo os princípios da LSF, conforme apontam os autores, noto que a nomeação encontra-se vinculada ao sistema semântico-discursivo de Envolvimento[150], posto que "[...] nomear é um ato linguístico-social básico que nos permite falar sobre as coisas do mundo, mesmo que estejam ausentes, ou que sejam intangíveis [...]" (Barros, 2018, p. 41). Em sua proposta taxonômica, Barros conclui que o Sinal-nome é do tipo hábito, como pode ser visto no **Excerto 10**:

[150] Nesta pesquisa, por questões de delimitação, este sistema não será desenvolvido, sendo necessário desenvolvê-lo em investigações futuras.

Excerto 10:



SINAL {letra U boca} N

Tradução (LP): Meu sinal é esse.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:20	Tempo Final: 00:00:21	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

A nomeação, conforme Poynton (1985, 1989), é um recurso comunicativo que pode servir para expressar duas variáveis presentes na relação, sendo elas: o poder e a solidariedade, respectivamente, em uma dimensão vertical e em uma dimensão horizontal.

Isso implica que, ao receber o Sinal, a participante também se aproxima de uma comunidade que a acolhe como indivíduo efetivamente integrado às particularidades sociointerativas e culturais desse grupo, gerando um vínculo por pertencimento.

Excerto 11:



PORQUE PASSADO EU FOTO ++ TAMBÉM BATOM SEMPRE BATOM.



Tradução (LP): – Recebi este sinal pois eu fotografava bastante e sempre estava de batom, por isso os surdos me deram este sinal.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:23	Tempo Final: 00:00:33	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Nota-se, no **Excerto 11**, que a dinâmica do diálogo é mantida por meio do uso de uma explicação, na qual V1PD1 apresenta o motivo de seu Sinal-nome. Aqui pode-se verificar que a participante instanciou o contexto de situação segundo suas experiências com outros Surdos. Por conseguinte, entende-se que a visualidade de seu comportamento social contribuiu para a elaboração de seu Sinal, que trouxe em sua constituição não apenas a marca do nome de registro civil pelo uso de empréstimo linguístico parcial da LP, mas também agregou sua identidade.

Excerto 12:



{letra U boca} N, {letra U boca} Ndêixis

Tradução (LP): A letra U na boca e o N por conta do meu nome, [...].

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:35	Tempo Final: 00:00:41	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Conforme visto no **Excerto 12**, ao explicar o contexto de situação em que o Sinal-nome foi instanciado, V1PD1 procura desenvolver uma descrição baseada em sua experiência social. Como forma de convocar a outra participante do diálogo, utiliza atrelada à letra manual 'N', um empréstimo linguístico da LP, dois elementos visuais que permitem prender a atenção da outra interactante, que são: a referenciação e a dêixis.

Ao modificar a posição do braço, V1PD1 coloca em destaque o Sinal que está em execução, o que revela também a designação definida pela CM. Diante disso, o apontamento é realizado em direção à mão que se torna referente, enquanto o braço direito sai da posição de descanso para produzir uma CM que passa a ser dominante, pois visa estabelecer um contato com a direção do olhar de quem está presente na interação.

Excerto 13:



POR QUE {letra U boca} N (int)
Tradução (LP): – Por que você recebeu este sinal?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:21	Tempo Final: 00:00:22	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

No **Excerto 13**, nota-se que a entrevistadora demonstra um tipo de PROXIMIDADE SOCIAL[151], ao questionar 'POR QUE {letra U boca} N (int)'. De acordo com Poynton (1985, 1989),

[151] Rudge (2022) inicia um esboço desse sistema marcado na interpessoalidade. O autor indica o uso gramatical do espaço de sinalização, mas o coloca no estrato léxico-gramatical. É preciso, então, novas investigações para verificar a produtividade da PROXIMIDADE SOCIAL como sistema, considerando as variáveis apresentadas, poder e solidariedade.

quanto mais íntimo for o relacionamento estabelecido, a nomeação tende a ser mais concisa, ao passo que, quando há um distanciamento, os nomes tendem a ser maiores.

Nesse excerto, V1PE1 procura manter o diálogo e a produção do vínculo por meio da designação, produzindo um espelhamento do Sinal expresso por V1PD1 e incorporando a ele ENMs para manter uma estrutura oracional interrogativa. A estratégia comunicativa utilizada visa possibilitar, como apontam Martin e White (2005), um tipo de reciprocidade que indica a preservação do vínculo discursivo entre as participantes.

Outro ponto que torna relevante a questão da PROXIMIDADE SOCIAL está relacionado também ao vínculo estabelecido por meio da AFILIAÇÃO. A designação dada para si mesma realizada por V1PD1 evidencia seu afastamento de V1PE1 enquanto entrevistadora. Isso pode ser percebido, no **Excerto 14**, quando a entrevistadora, para estabelecer o vínculo no diálogo, reproduz o Sinal-nome indicado pela entrevistada.

Excerto 14:



(afi) {letra U boca} U N U (int)
Tradução (LP): – Ah! Letra N na boca, U, N?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:32	Tempo Final: 00:00:34	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ao modificar o posicionamento da mão, a participante direciona o olhar e a cabeça para o Sinal que está executando e, em seguida, dirige-se à outra sinalizante convocando uma resposta de solidariedade, seja positiva ou negativa, ao que está expressando.

Outro ponto que evidencia a convocação por designação está associado ao uso da **datilologia** (ver **Excerto 15**). Ao conceituar esse termo, Castro Júnior *et al.* (2023, p. 137) descrevem que "A datilologia é muito utilizada pelos Surdos e sinalizantes da Libras no Brasil.

É o alfabeto manual usado para expressar nomes de pessoas, localidades, termos de outras línguas e termos que não apresentam um sinal-termo correspondente na Libras".

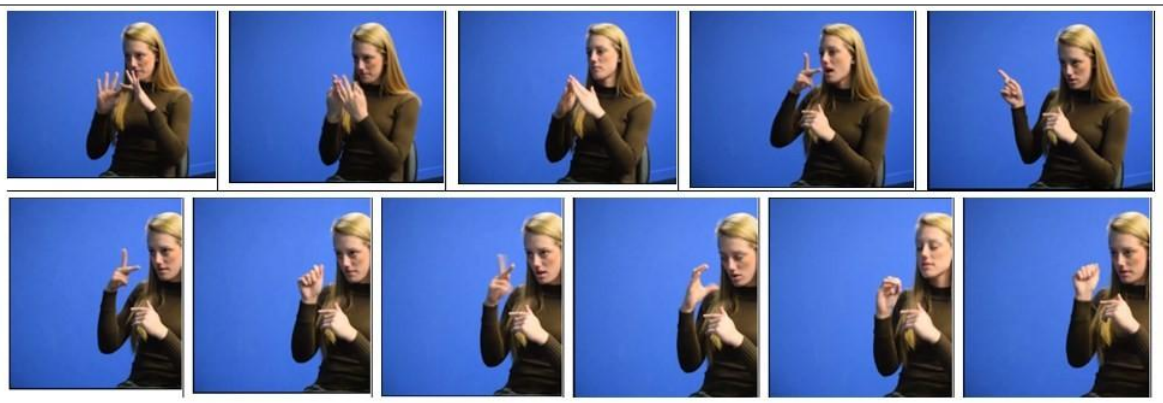
Os autores sugerem que a datilologia é "desejável em Libras" e propõem, partindo de uma visão lexicográfica, um caminho evolutivo para seu uso, sendo ele: "[...] empréstimo linguístico → datilologia → sinais soletrados → sinal na Libras → variantes em Libras → padronização → convencionalização" (Castro Júnior *et al.*, 2023, p. 142).

Como pode ser visto no **Excerto 15**, a datilologia também pode funcionar para evidenciar o pertencimento e convocar a troca de significados por designação:

Excerto 15:



MORAR FLORIANOPOLIS EU



FAMÍLIA MORA PALHOÇA LÁ P-A-L-H-O-Ç-A,



MAS EU MORAR AQUI FLORIANÓPOLIS.

Tradução (LP): – Eu moro em Florianópolis e minha família mora em Palhoça, mas, eu moro aqui em Florianópolis.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:58	Tempo Final: 00:01:07	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ao sinalizar ‘PALHOÇA LÁ P-A-L-H-O-Ç-A’, V1PD1 não somente utiliza esse recurso para especificar o Sinal realizado, mas também instancia por meio de empréstimo linguístico total CMs que buscam aproximar ao significado potencial mais genérico para manter o apoio a seu discurso.

Ademais, por meio da datilologia, pode-se verificar que a participante implicitamente evoca o distanciamento comunitário de V1PE1. Esse recurso funciona aqui para estabelecer um vínculo de não PROXIMIDADE SOCIAL no diálogo. Ao explorar o uso da datilologia, nota-se que, após expressar o Sinal específico da cidade, V1PD1 associa um pronome demonstrativo indexicalizado indicando a localização geográfica do município, o qual foi sinalizado anteriormente.

Também se observa que ela usa a dêixis para continuar a convocação, ao alterar o movimento do pescoço que se contrai e, consequentemente, gera uma retração do queixo, que aparece alinhado ao direcionamento do olhar. E, só então, ela executa a datilologia redirecionando o olhar para suas mãos, gerenciando a AFILIAÇÃO.

É oportuno mencionar que a convocação por designação pode ocorrer por meio de nomeação específica, criada a partir das experiências de inserção cultural Surda em que o indivíduo recebe um Sinal-nome. Do mesmo modo, outro grupo de sinais também parece fomentar a criação de vínculos por designação, que são conhecidos como Sinais-termo.

Essa nomenclatura foi criada por Faulstich (2012) e, à luz de estudos lexicográficos, essa palavra refere-se à necessidade distintiva de sinais instanciados para exercer uma significação intrínseca a contextos de situação e de cultura ligados a áreas de conhecimento mais particulares. Como afirma Tuxi (2017, p. 51),

> [...] a distinção entre sinal e sinal-termo demonstra que o sinal surge a partir da necessidade linguística da língua comum; por outro lado, o sinal-termo advém da premência de um sinal representar e conceituar os vocábulos na LS, dentro do contexto das áreas específicas e tecnológicas, com base em conceitos abstratos e definições de determinado objeto da área de especialidade [...].

Considerando essa explicação, no **Excerto 16**, verifica-se que V2PD2 ao expressar ‘OUTR@ FONOAUDIOLOG@’ especifica por designação de sinalização do Sinal-termo voltado à

atuação profissional, pois provavelmente infere que, por ser Surda, havia a necessidade de uma verificação mais especializada de sua condição. Há uma indeterminação da pessoa que lhe orientou a procura de uma instituição que a atenderia. E, ao instanciar sua experiência em contato com outro individuo, é possível perceber a elipse de gênero, o que também pode servir para indicar a PROXIMIDADE SOCIAL.

Excerto 16:



OUTR@ FONOAUDIOLOG@ DAReu TER UMA IATEL VAGA LÁ.



AGRADECERel@ MÃE AGRADECERel@ AJUDAReu CONSEGUIR IR PASSAR TEMPO CONSEGUIR MATRICULAR DESENVOLVER ATÉ HOJE CONSEGUIR DESENVOLVER ACESSIBILIDADE.

Tradução (LP): – Um outro fonoaudiólogo explicou que havia uma, o IATEL. Meu pai o agradeceu pela ajuda e um tempo depois fomos até lá, conseguimos a matrícula. Eu passei a me desenvolver e estou até hoje me desenvolvendo por meio da acessibilidade.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PD2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:08:36	Tempo Final: 00:08:49	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Nesse excerto, ainda se vê o uso da elipse, que também pode funcionar como uma estrutura que permite à sinalizante declarar seu envolvimento em duas perspectivas. A primeira

voltada para a intimidade com a outra participante, V2PE2, já que o gênero estaria implícito[152], uma vez que a entrevistadora se mantém convocada ao episódio que está sendo narrado. Neste caso, o vínculo pode ser observado pelo comportamento de V2PE2, que está em posição de repouso da sinalização, mas utiliza ENMs, a projeção do pescoço estende-se ao queixo aliada à direção do olhar e à articulação da sobrancelha. Já na segunda perspectiva, V2PD2 pode assumir um distanciamento da experiência, marcando, assim, a imprecisão do gênero.

Outro Sinal-termo toponímico, 'IATEL'[153], é realizado por V2PD2 e constata-se que o processo relacional possessivo 'TER' adquire uma posição transitiva alterada. Em Libras, esse tipo de organização da oração é dado por meio da topicalização[154], como corroboram Quadros e Karnopp (2004). Na oração, ao sinalizar o nome da instituição, observa-se o uso de 'VAGA LÁ.', em que o primeiro Sinal já apresenta uma modificação locativa, que é reafirmada, consequentemente, pelo pronome demonstrativo, o que evita o empilhamento no espaço (Lourenço, 2015), exibindo uma adequação da referenciação.

O **Excerto 16**, também, evidencia o uso da referência como modificador dos elementos oracionais viso-espaciais nominais. E, no nível léxico-gramatical, a concordância não se restringe ao processo (verbo), como muitas pesquisas em LS afirmam, mas assume uma característica indexicalizada remetendo o Sinal à localidade que foi usada como ponto para criar a referência no espaço mental (Liddell, 1995)[155].

Simultaneamente, as ENMs funcionam como estratégia para garantir a convocação, porque a direcionalidade do olhar prossegue fixa à outra participante. Saple (1978, p. 96) entende que, "[...] quando surdos sinalizadores estão conversando, o receptor tende a olhar para o rosto do remetente. Os movimentos oculares que ocorrem tendem a ser pequenas excursões sobre o rosto do sinalizador [...][156]". Ampliando o que assegura a autora, esta não é uma estratégia restrita somente aos Surdos, mas é compartilhada por todos os integrantes das comunidades Surdas que utilizam como meio de expressão as LS. Percebe-se, então, o

---

[152] Vejo que essa questão voltada para o uso de elipse em atos comunicativos em LS, também, deve ser investigada em novas pesquisas.

[153] IATEL – Instituto de Audição de Terapias Integrativas e da Linguagem.

[154] A topicalição, em LSF, está relacionada à metafunção textual e ao sistema léxico-gramatical de TEMA E REMA, e não se constitui como um Modo oracional. Como indicam Halliday e Matthiessen (2014, p. 89), "[...] o rótulo 'Tópico' geralmente se refere a apenas um tipo particular de Tema, o 'Tema tópico' [...]".
No original: *[...] The label 'Topic' usually refers to only one particular kind of Theme, the 'topical Theme' [...]*. Porém, essa discussão não se constitui como recorte analítico para esta pesquisa e poderá ser desenvolvida em outros estudos.

[155] De modo que são necessárias mais investigações sobre esse assunto utilizando outros contextos de situação para fortalecer ou refutar essa afirmação.

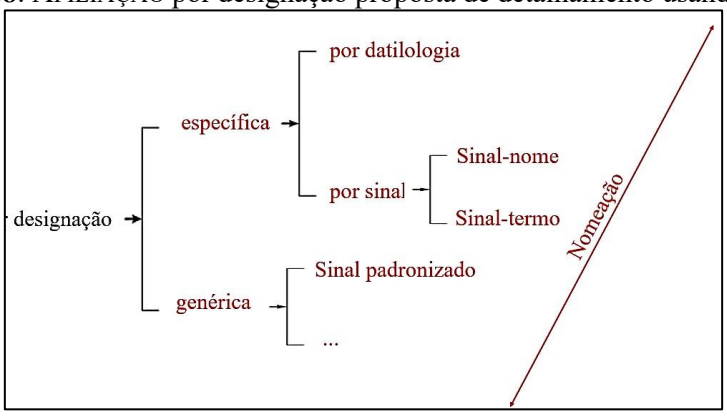
[156] **No original:** *[...] When deaf signers are conversing, the receiver tends to look at the sender's face. Eye movements that about the signer's face [...]* (Siple, 1978, p. 96).

gerenciamento que ocorre tanto no nível da troca (NEGOCIAÇÃO) quanto no da movimentação (FUNÇÃO DA FALA) de significados potenciais na interação conversacional em LS, que é garantido pelo uso gramatical do morfema-boca (Pêgo, 2013).

Outro tipo de convocação dada por designação que pode ser encontrada, no **Excerto 16**, está ligada ao uso de Sinais padronizados, ou seja, termos mais gerais da língua. Ao utilizar sinais como 'MATRICULAR' e 'ACESSIBILIDADE', V2PD2 preserva a atenção de V2PE2, que, por meio do uso de ENMs, indica a polaridade positiva, garantindo explicitamente a continuidade do discurso que está sendo sinalizado pela participante que está em seu turno de uso da língua. Logo, é possível observar o papel das ENMs para manter o vínculo não apenas por meio da direcionalidade à outra participante, mas também o direcionamento ao próprio Sinal executado. O corpo assume um papel de ajuste por meio da movimentação dos ombros e do pescoço, o que resulta no direcionamento da cabeça.

Diante do exposto, pareceu-me plausível propor um detalhamento do subsistema de convocação voltado às LS. Na Libras, a AFILIAÇÃO por designação mostrou-se factível quando o vínculo acoplou significados potenciais, que também ajudaram a perceber o sistema de PROXIMIDADE SOCIAL idealizado por Rudge (2022) para além do uso espacial. A nomeação realizada nas sinalizações evidenciou a AFILIAÇÃO como um sistema dialógico produtivo na interação em Libras. Os recursos visuais – como a datilologia, Sinais-nome e Sinais-termo – destacaram preliminarmente uma marcação específica para a convocação. Além disso, Sinais padronizados abriram a possibilidade para a verificação da convocação por termos mais genéricos da língua, quando associados a uma entidade que pode ser instanciada diretamente, ou pode ser apontada marcando a referenciação, conforme observado na Figura 88.

Figura 88: AFILIAÇÃO por designação proposta de detalhamento usando Libras.



Fonte: Elaborada pelo autor.

No próximo subtítulo, serão desenvolvidas análises de AFILIAÇÃO levando em conta o acoplamento do subsistema de Engajamento para criação ou continuidade do vínculo. A ideia

é mostrar como as vozes, sejam elas heteroglóssicas ou monoglóssicas, servem para alinhar a comunicação e efetivar o pertencimento.

6.3 AFILIAÇÃO por refinamento (*finessing*)

O refinamento (finessing) está ligado ao posicionamento dialógico dos participantes na interação discursiva. Ao refinar uma mensagem visando criar ou manter a AFILIAÇÃO, percebe-se que há outras possbilidades de trocas de significação por meio de outros vínculos potenciais. Como afirmam Makki e Zappavigna (2021, p. 10, tradução minha), "[...] um acoplamento refere-se à modulação de um acoplamento com referência a outras posturas e vozes que podem estar presentes [...]"[157]. Os autores também declaram que o refinamento pode ocorrer junto à promoção/moderação[158] (*promoting*/*tempering*).

Ao refinar um acoplamento, um indivíduo reconhece "[...] outras comunidades de valores [...]"[159] (Han, 2015, p. 78, tradução minha). Isso envolve a aplicação de recursos semântico-discursivos que expandem ou contraem um determinado posicionamento dialógico, inserindo-se em uma comunidade/grupo (*Ingroups*) ou distanciando-se de uma determinada comunidade/grupo (*outgroups*).

Em LSF, como destaca Zappavigna (2018), esse tipo de acoplamento é possível pela interpolação de outras vozes discursivas, ou seja, a heteroglossia serve para alinhar ou não-alinhar relacionamentos sociais (Han, 2015). Ela funciona intersubjetivamente criando uma abertura dialógica, em que se expande a possibilidade de alternativas discursivas (expansão dialógica), bem como serve ao propósito de restringir, desafiar ou afastar essas vozes (contração dialógica) (Martin; White, 2005).

Assim, aqui se verifica o uso analítico do subsistema de Engajamento, no qual os significados potenciais são envolvidos pelas vozes dialógicas, no sentido bakhtiniano do termo. Martin e White (2005, p.97, tradução minha) orientam que o "[...] Engajamento são aqueles significados que de várias maneiras constroem para o texto um pano de fundo heteroglóssico de declarações anteriores, pontos de vista alternativos e respostas antecipadas"[160]. Ninin e Barbara (2013, p. 130),

---

[157] **No original:** *[...] a coupling refers to the modulation of a coupling with reference to other stances and voices which may be present [...]* (Makki; Zappavigna, 2021, p. 10).
[158] No próximo item de análise, esses conceitos serão vistos de forma mais detalhada.
[159] **No original:** *[...] other communities of values [...]* (Han, 2015, p. 78).
[160] **No original:** *[...] engagement those meanings which in various ways construe for the text a heteroglossic backdrop of prior utterances, alternative viewpoints and anticipated responses [...]* (Martin; White, 2005, p. 97).

> [...] recorrendo a diferentes enunciados, apresentando a voz textual a partir de múltiplas perspectivas individuais e sociais, o subsistema de engajamento responsabiliza-se, portanto, por posicionamentos assumidos pela voz textual, dialógicos e heteroglóssicos, para possibilitar responsividade por parte do ouvinte/leitor [...].

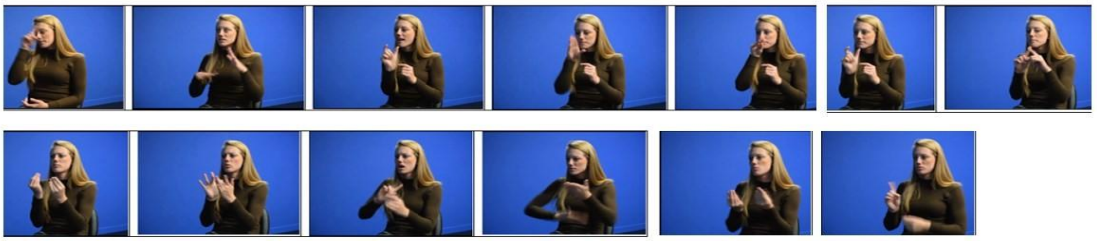
Isso posto, ao estudar as vozes inerentes ao discurso (a heteroglossia), White (2003) e Martin e White (2005) também indicam a existência de um recurso dialógico que inviabiliza a reprodução de outras vozes no texto, seja ele escrito ou falado, que é denominada monoglossia, que consiste em espaços que restringem as possibilidades e "não dão margem à dialogia" (Vian Jr., 2011, p. 35). Considerando, portanto, o subsistema de Engajamento e o acoplamento de vozes discursivas para a criação dos vínculos, no **Excerto 17**, observa-se os recursos utilizados por V1PD1 para ornamentar e gerenciar (*manage*) o diálogo.

Ao sinalizar, V1PD1 utiliza 'DIFÍCIL (pensativa) AS VEZES PALAVRA FALAR PALAVRA ++', para instanciar sua experiência de interação social. Ela acopla uma avaliação modalizada negativa de Apreciação do tipo valoração, por meio do atributo 'DIFÍCIL', que aparece com uma polaridade positiva incorporada ao Sinal que realiza a função do processo relacional identificativo 'é', para destacar seu vínculo e seu contato com o grupo de ouvintes e com a LP.

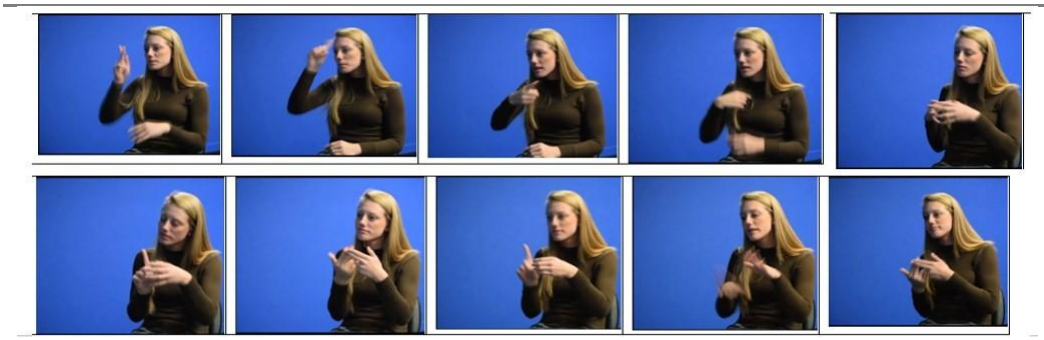
Como forma de enriquecer o discurso, uma estratégia é usada, segundo Zappavigna (2018), Makki e Zappavigna (2021), para ornamentar (*embellish*) os significados que estão sendo trocados. No caso, o adjunto modal de usualidade 'ÀS VEZES' modalizando a experiência social da participante, que expressa a proposição estabelecida em seu ambiente acadêmico, como pode ser visto no trecho 'PROFESS@R MANDA EU GRUPO INSERIR', onde se tem uma expansão dialógica, pois a sinalizante exime-se de sua responsabilidade quanto à inserção em grupos de alunos para executar as atividades.

Percebe-se, também, pela voz do(a) professor(a) instanciada(a) por V1PD1, que há uma Atribuição por Reconhecimento quando se alinha ao que estava sendo sugerido. Isso revela a falta de formação profissional, para desenvolver as potencialidades de pessoas Surdas que interagem com o mundo por meio de suas experiências visuais, como evidenciam Vinãl Junior e Bento (2020, n.p.): em razão da "[...] formação docente deficitária, no que diz respeito à Libras, o aluno surdo tem uma aprendizagem limitada. Quando não consegue participar das aulas de forma produtiva, o surdo sente-se excluído, em vez de incluído. Isso resulta em desmotivação e falta de interesse [...]" pelos estudos e pela escola.

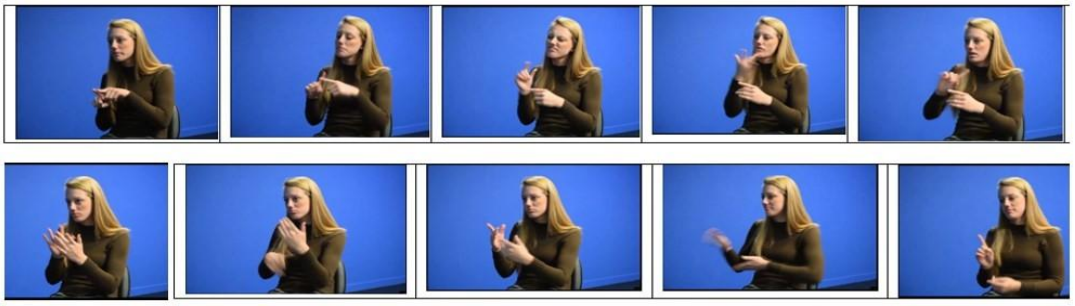
Excerto 17:



DIFÍCIL (pensativa) AS VEZES PALAVRA FALAR PALAVRA ++, MAS CONTATOnão INTERAÇÃO MUITO NÃO



ÀS VEZES PROFESS@R MANDA EU GRUPO INSERIR PROFESS@R PACIENCIA GRUPO PACIÊNCIA, AS VEZES EU PACIÊNCIA TAMBÉM,



MAS POUCO CONTATO DESENVOLVER INTERAÇÃO NÃO

Tradução (LP):– Foi difícil, o uso de palavras soltas e a falta de interação. Às vezes o professor mandava que eu me inserisse em grupos, eles tinham que ter paciência e eu também. Mas o contato era pouco, não desenvolvi muita interação.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:02:07	Tempo Final: 00:02:30	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Já ao utilizar o adjunto modal de polaridade negativa 'NÃO' para expressar sua interação com demais colegas, conforme destacado em 'CONTATOnão INTERAÇÃO MUITO NÃO' e 'MAS POUCO CONTATO DESENVOLVER INTERAÇÃO NÃO', infere-se que a participante evidencia uma contração dialógica, respectivamente, de Negação e de Contraexpectativa, pelas quais V1PE1 aplica em seu discurso uma redução (*distill*).

No **Excerto 17**, a situação que a interactante instancia revela as barreiras reais que os Surdos enfrentam no modelo atual de educação inclusiva e tem sido palco para pesquisas como as que realizei no Mestrado (Marques-Santos, 2019), que demonstram a pungente necessidade de mudança, pois "[...] à luz da inclusão [...]os Surdos, neste ambiente, tornam-se um ser 'emudecido', ou seja, não têm direito a uma voz ativa que lhes proporcione mudanças pedagógicas, metodológicas e atitudinais [...]" (Marques-Santos, 2019, p. 201).

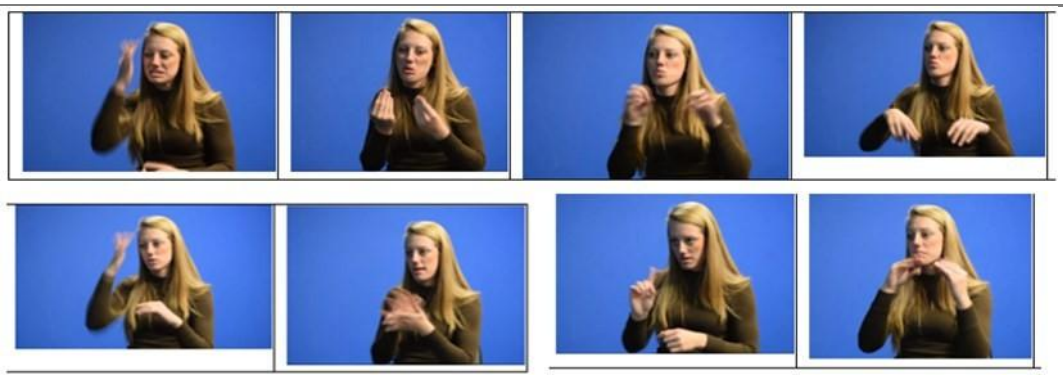
A perspectiva educacional bilíngue para Surdos constitui-se uma conquista da comunidade Surda brasileira, iniciada em 2002 pela homologação da Lei 10.436, respaldada pelo Decreto 5.626 em 2005 e por outras legislações em esferas municipais, estaduais e nacionais até culminarem na Lei 14.191 de 2021, que reconhece o bilinguismo como uma modalidade de ensino. Contudo, também é preciso ponderar que

> [...] A língua de sinais é a língua de instrução dos alunos surdos; enquanto a língua portuguesa mantém-se como a língua de instrução dos ouvintes. As relações de pertencimento precisam ser vivenciadas nesse espaço bilíngue complexo. A escola que se propõe executar a educação bilíngue (língua portuguesa e LIBRAS) vai precisar considerar essa complexidade no seu dia a dia, redesenhando os espaços escolares [...] (Quadros, 2008, p. 17).

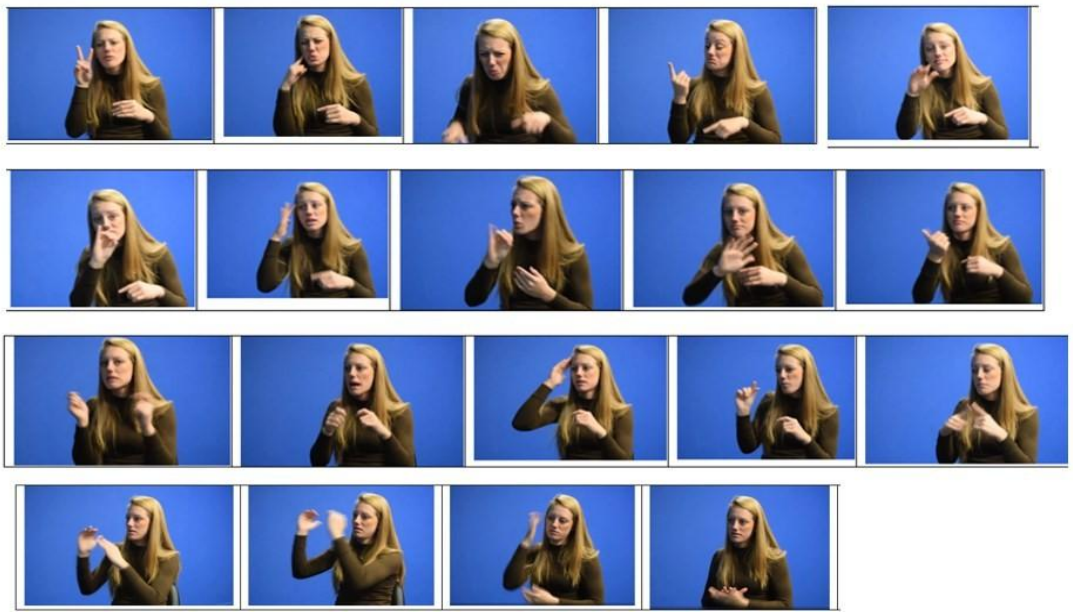
A situação dos Surdos, no Brasil, em relação ao uso da Libras como meio oficial de comunicação, como pretendido pela legislação, é heterogênea. A legitimação estatutária que prevê o uso dessa língua percorre várias camadas de desafios, não somente sobre sua inserção em espaços públicos de atendimento, mas também pela oferta de assistência a Surdos que utilizam outras LS, tidas como emergentes (Vilhalva, 2009; Silva, Quadros, 2019), bem como a pessoas Surdas que utilizam gestos para manter sua interação social.

No **Excerto 18**, V1PD1 instancia sua experiência comunicativa dada pelo uso da Libras e de gestos. Ao expressar 'NÃO SEI COMO', instancia um Autojulgamento de Capacidade negativa dada por incorporação da negação (Quadros, Karnopp, 2004) ao processo mental cognitivo 'EU NÃO SEI NADA NÃO', que também aparece com intensificação por repetição (*repetition*). Ao sinalizar 'EU ENSINAR N-U-N-C-A PASSADO', ela associa à polaridade negativa uma quantificação isolada (*isolated*) por excecução do sinal não-nativo rítmico, pelo qual instancia um Julgamento negativo de Normalidade. Esses recursos servem ao propósito da redução (*distill*), ao efetuar uma contração dialógica por Negação.

Excerto 18:



NÃO SEI COMO EU ENSINAR N-U-N-C-A PASSADO EU NÃO SEI NADA NÃO. ORALIZAVA MAIS.



EU VER SURD@ NOSSA (exp) SURD@ TAMBÉM PRIMO DOIS NOSSA FIM, DEPOIS EU CHAMEI DISSE OI EL@ ENTENDER NADA OI NOSSA EU FALAR OLÁ TUDO BEM, GESTOS APONTAMENTOS POSSIVEL ENTENDER POSSIVEL POUQUINHO, MAS SOCIEDADE SUPERIOR NÃO NADA ENTENDE, GESTOS.

Tradução (LP): – Eu nunca ensinei porque eu não sabia, eu usava mais a oralização. Quando eu descobri que tinha primo surdo eu tentei me comunicar, disse O-I em Libras, mas ele não entendeu, daí usamos gestos e apontamentos, é possível entender um pouco, mas no contexto superior, na sociedade não, são gestos.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:07:33	Tempo Final: 00:07:58	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Também foi possível encontrar, no **Excerto 18**, a ornamentação por expansão dialógica de Atribuição por Reconhecimento, quando, ao instanciar ‘ORALIZAVA MAIS’, a participante estabelece um vínculo que acopla a Atitude, neste caso, de Apreciação por composição

complexidade. Outro recurso utilizado por V1PD1, para a produção discursiva por expansão dialógica, está relacionado ao uso de processos verbais complementados por orações projetadas do tipo relato, em que a sinalizante busca detalhar uma experiência de embate comunicativo ligado ao uso de gestos e de Libras.

No complexo oracional 'EU VER SURD@ NOSSA (exp) SURD@ TAMBÉM PRIMO DOIS NOSSA FIM, [DEPOIS EU CHAMEI DISSE OI] [[EL@ ENTENDER NADA OI] [[NOSSA EU FALAR OLÁ TUDO BEM][GESTOS APONTAMENTOS POSSIVEL ENTENDER POSSIVEL POUQUINHO]', é possível observar o acoplamento de Julgamento do tipo Capacidade negativa, para externar o vínculo como participante oracional evocado, o que funciona para gerenciar o diálogo mantendo o apoio de V1PE1 pelo direcionamento do olhar e pelo uso das ENMs que regulam a solidariedade da participante envolvida na conversa.

Já a redução do vínculo pode ser percebida em relação à experiência comunicativa de V1PD1 e seu familiar também Surdo. Ao instanciar 'MAS SOCIEDADE SUPERIOR NÃO NADA ENTENDE, GESTOS', ela expressa uma contração dialógica do tipo Refutação por Negação.

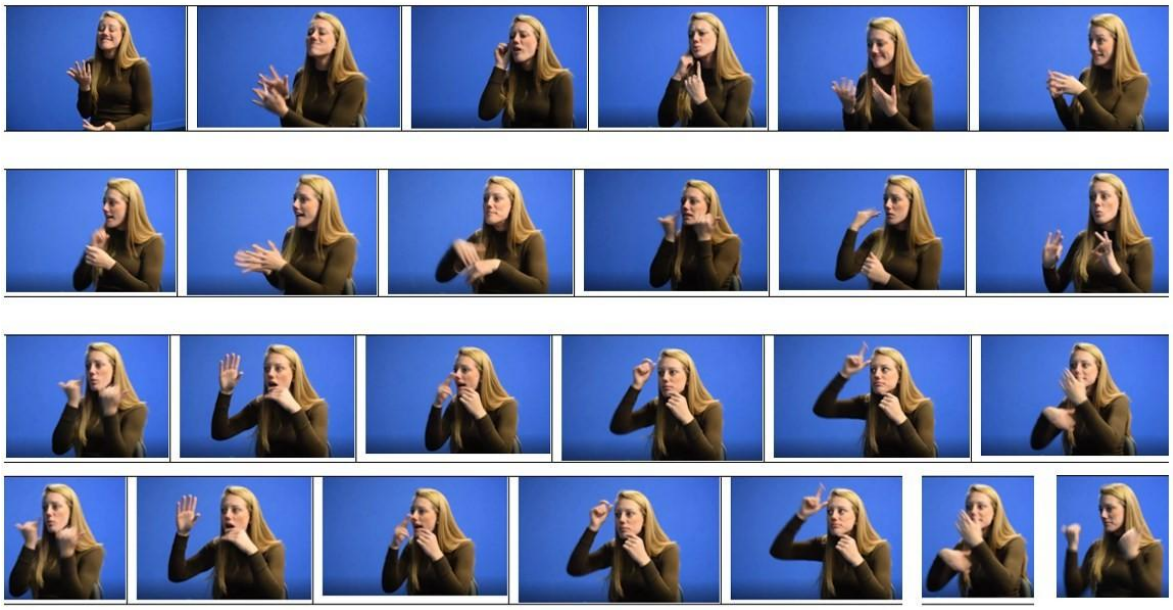
No **Excerto 19**, ao sinalizar 'EU ÚNIC@ SURD@ PIOR SEM JEITO', V1PD1 utiliza a articulação das sobrancelhas associada ao morfema-boca, para indicar a polaridade negativa estendida por toda a oração, intensificando o sentimento de forma incluída (*infused*). Além disso, nota-se o uso de intensificação isolada (*isolated*) pelo epíteto 'PIOR', que é operada por lexicalização (*Lexicalization*) da experiência vivida pela participante, que o utiliza alinhado ao atributo 'SEM JEITO' e 'PASSADO NADA INFORMAÇÃO', no qual por meio do uso isolado do quantificador 'NADA' a interactante realiza a contração dialógica, que se insere na categoria de Ratificação por Pronunciamento. Ela procura, em seu posicionamento, uma solidariedade de pertencimento ao grupo de ouvintes.

Infere-se, também, que há acoplamento de dois significados interpessoais de Atitude em forma de Autojulgamentos de polaridade negativa, quando sente-se alheia à interação social por uma sensação de desconforto, ou seja, estranhamento que inviabilizou a produção de vínculo, gerando uma avaliação por Normalidade que foi associada à Capacidade do ponto de vista linguístico, o que serviu como uma redução (*distill*) da AFILIAÇÃO.

Outra voz trazida por V1PD1 está alinhada à sua interação e inserção em uma comunidade Surda, 'GRUPO SURD@ LIBRAS'. Ao analisar a sinalização da referida participante, em que expõe 'MAIS INFORMAÇÃO', 'AGORA INFORMAÇÃO MAIS', identifica-se que a ornamentação (*embellish*) é mantida por escalonamento de intensificação, pois a "[...] escala localizada ou relativa com relação à intensidade é realizada por meio de comparativos e

superlativos [...]"[161] (Martin; White, 2005, p. 142, tradução minha). Ademais, vê-se o uso da repetição (*repetition*) como um recurso gradativo ligado ao uso do superlativo.

Excerto 19:



GESTO(neg). EU CONTATO SÓ OUVINTE, EU ÚNIC@ SURD@ PIOR SEM JEITO. GRUPO SURD@ LIBRAS MAIS INFORMAÇÃO, PASSADO NADA INFORMAÇÃO AGORA INFORMAÇÃO MAIS, PARECE CONHECIMENTO-EXPANDIR DESENVOLVER MELHOR.

Tradução (LP): – Não, eu tinha contato somente com ouvintes, era a única surda, ficava sem jeito. Agora com grupo de surdos e comunicação em Libras adquiro muito mais informação que não acontecia antes. Meu conhecimento se expandiu, avanço mais.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:03:09	Tempo Final: 00:03:26	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

No **Excerto 19**, ao instanciar o adjunto de comentário por presunção 'PARECE' aliado ao processo mental cognitivo com intensificação incluída 'CONHECIMENTO-EXPANDIR' e ao processo material geral 'DESENVOLVER' que aparece ligado ao epíteto 'MELHOR', a sinalizante

[161] **No original:** *[...] Localised or relative scaling with respect to intensity is realised via comparatives and superlatives [...]* (Martin; White, 2005, p. 142).

realiza uma expansão dialógica de Acolhimento, também marcado pelo uso positivo de ENM, neste caso o riso, acoplando quatro avaliações atitudinais simultâneas, sendo: Julgamento de Normalidade, ou seja, um vínculo por pertencimento à comunidade Surda; um Autojulgamento do tipo Capacidade, ao referir-se à sua evolução cognitivo-linguística; e uma avaliação de Afeto do tipo Felicidade, que também expressa Segurança de forma implícita.

Essa análise revelou a importância do uso das LS, para criar o vínculo por pertencimento pela inserção comunitária (*ingroup*), através do qual a cultura Surda (Strobel, 2008, 2009) é compartilhada e permite aos Surdos o desenvolvimento de habilidades sociais, linguísticas, cognitivas, entre outras.

Considerando, portanto, as análises verificadas nesta seção, foi visto que na interação em LS há um grande uso de recursos viso-espaciais semântico-discursivos em Libras que possibilitam a instanciação de vínculos em LS. Estratégias como ornamentar e reduzir o vínculo funcionaram para destacar os acoplamentos das vozes discursivas analisadas por meio do subsistema de Engajamento para estabelecer a AFILIAÇÃO. Observei, ainda, que há a necessidade de aplicação dessas classificações em outros contextos de situação utilizando as LS, para desenvolver e refinar as análises desse tipo de acoplamento de vínculo.

Na próxima subseção, será abordada outra estratégia de acoplamento dos vínculos ligados ao subsistema de Gradação para indicar a relação dialógica de pertencimento.

6.4 AFILIAÇÃO por moderação (*promote/tempering*)

Zappavigna e Makki (2021) e Inwood e Zappavigna (2021) adequaram o termo **promoção** (*promoting*) para **moderação** (*tempering*), que seria uma estratégia de progressão do texto que produz o aumento da visibilidade discursiva de um determinado vínculo, isto é, quando a AFILIAÇÃO pode ser realizada acoplando significados de gradabilidade, que é um subsistema da AVALIATIVIDADE denominado Gradação. Segundo Makki e Zappavigna (2021), esse recurso atua como uma orientação aos acoplamentos de IDEAÇÃO-Atitude, tornando mais proeminente um determinado fluxo social, o qual torna visível vozes discursivas potenciais, pois

> [...] a gradação está relacionada à gradabilidade. Para a atitude, uma vez que os recursos são inerentemente gradáveis, a gradação tem a ver com o ajuste do grau de uma avaliação – quão forte ou fraco é o sentimento. Esse tipo de graduação é chamado de "força"; as realizações incluem intensificação, morfologia comparativa e superlativa, repetição e várias características grafológicas e fonológicas (junto com o uso de léxico intensificado – detestar

> para realmente não gostar, e assim por diante) [...][162] (Martin; White, 2005, p. 37, tradução minha).

Para os autores, a Gradação pode ser dividida quanto à intensificação (força) e aos recursos que servem para o ajuste de limites (foco) que atuam na modulação dos significados voltados ao grau. Partindo, portanto, do valor semântico do grau, Martin e White (2005) entendem que a gradabilidade está presente tanto nos significados construídos pela Atitude, quanto pelo Engajamento construindo maiores e menores graus ligados à polaridade, ou seja, ao que é positivo e negativo, e isso se torna um ponto central para a avaliação.

O termo **foco** foi empregado pelos autores como uma forma de escalonar a semântica e a funcionalidade dialógicas e, para tal, o grau está associado à prototipicidade e à precisão[163] (*sharpen*) pela qual os limites da categoria são estabelecidos. Do ponto de vista tipográfico, os MNMs foram utilizados por V2PE2 para aderir (*foster*) e regular (*modulate*). Ao assumir o papel de recebimento da mensagem que está sendo sinalizada pela outra participante envolvida no diálogo, nota-se que V1PE1 posiciona seu corpo em um estado de relaxamento, no qual as mãos também ficam inertes.

Como forma de demonstrar atenção ao que está sendo expresso e manter o vínculo afiliativo, a entrevistadora, agora em papel de repouso do turno de sinalização, modera o discurso alheio ao usar MNMs como direcionar o olhar, projetar o pescoço para frente, cerrar os olhos e contrair as sobrancelhas, garantindo e, ao mesmo tempo, ajustando o vínculo no diálogo. Em seguida, observa-se que ela utiliza o expletivo não-manual traduzido em LP como ‘ah!’, Sinal pelo qual instancia um acoplamento atitudinal de estima social por Julgamento do tipo Normalidade, já que “[...] o julgamento de estima social envolve admiração e crítica sem implicações legais [...]” (Almeida, 2010, p. 53).

Em termos sistêmicos-funcionais, a normalidade é entendida como tipo de classificação semântico-discursiva para o comportamento socialmente recorrente, que sugere uma avaliação sobre o outro ou sobre mim mesmo (autojulgamento). Assim, o conceito de normalidade não está associado à dicotomia dada por um ideal patologizante e homogeneizador do corpo “normal/anormal” e se distancia da curva contemporânea socialmente construída pela incapacidade que “[...] chegou com a industrialização e com o conjunto de práticas e discursos

---

[162] **No original:** *[...] Graduation is concerned with gradability. For attitude, since the resources are inherently gradable, graduation has to do with adjusting the degree of an evaluation – how strong or weak the feeling is. This kind of graduation is called ‘force’; realisations include intensification, comparative and superlative morphology, repetition, and various graphological and phonological features (alongside the use of intensified lexis – loathe for really dislike, and so on) [...]* (Martin; White, 2005, p. 37).

[163] O uso do termo **precisão**, em LP, surge como alternativa tradutória para o conceito associado à palavra ***sharpen*** e foi selecionado a partir da pesquisa desenvolvida por Cruz (2012, p. 55).

que estão ligados às noções de nacionalidade, raça, gênero, criminalidade, orientação sexual e assim por diante no final do século XVIII e XIX [...]"[164] (Davis, 2006, p. 3, tradução minha).

Visando dar continuidade ao vínculo, no **Excerto 20**, a participante emprega o Sinal 'USAR (afi)' indicando o processo material que promove/modera a observação de V2PD2, por realizar, léxico-gramaticalmente, um morfema-boca que possui marcação prosódica segundo a investigação produzida por Pêgo (2013). Rapidamente, o foco à V2PD2 é retomado por meio da volta à posição estática e o redirecionamento da cabeça, do olhar e do queixo à participante presente no diálogo.

Excerto 20:



(afi) USAR (afi)
Tradução (LP): - Ah! Você usa (aparelho auditivo)

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PE2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:09:14	Tempo Final: 00:09:17	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Outro destaque importante, partindo da gradabilidade quanto ao uso dos MNMs, que está relacionado à regulação ocorre enquanto V2PE2 encontra-se em repouso de seu turno de sinalização no diálogo. As realizações dos aspectos não-manuais que, nesta tese, são vistos de forma preliminar, dada à riqueza desses marcadores viso-espaciais, podem ser percebidos no Excerto 21.

[164] **No original:** *[...] arrived with industrialization and with the set of practices and discourses that are linked to late eighteenth- and nineteenth-century notions of nationality, race, gender, criminality, sexual orientation, and so on [...]* (Davis, 2006, p. 3).

Excerto 21:



(afi) (neg)

Tradução (LP): Afirmação com a cabeça em concordância com a entrevistada, posteriormente negação.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PE2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:08:16	Tempo Final: 00:08:27	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Como se percebe, os MNMs responsáveis pela alteração dos Modos oracionais foram largamente utilizados pela participante, para regular os significados que estavam sendo trocados e, simultaneamente, movimentados tanto para si mesma, em suas próprias experiências linguísticas, quanto para demonstrar à outra interactante que o discurso sinalizado estava sendo compreendido. Por isso, no **Excerto 21**, percebe-se a produtividade dos movimentos do pescoço, que incidem na dinâmica de articulação da cabeça: a projeção ou retração do queixo, a utilização do morfema-boca, a direção do olhar e a flexão das sobrancelhas, os quais foram empregados para garantir a AFILIAÇÃO convocada. Expressaram, também, a polaridade tanto positiva quanto negativa ao que está sendo exposto.

Já no **Excerto 22**, a participante apresenta uma especificidade ligada ao termo **foco**. Na tradição gerativa dos estudos sintáticos de LS, as construções oracionais sinalizadas possuem um tipo de estruturação fixa, que tem se constituído como modelo organizativo sistemático, conhecido por "orações com foco". Consoante Quadros e Karnopp (2004, p. 152), "[...] construções com foco são aquelas que apresentam constituintes duplicados dentro da mesma oração. Essas 'Cópias' ocorrem quando o constituinte é enfatizado, mas de forma diferente da ênfase dada aos tópicos [...]".

Excerto 22:



VOCÊ SENTIR COMO AGORA VOCÊ AGORA DENTRO CORPO COMO UFSC DENTRO ESTUDAR LETRAS LIBRAS SENTIR COMO (int)
Tradução (LP): – E como você se sente agora estudando no curso de Letras Libras na Universidade?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:02:31	Tempo Final: 00:02:41	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Esse tipo de organização da oração léxico-gramaticalmente, em LSF, encontra-se inserido, como apontam Halliday e Matthiessen (2014), em discussões referentes à metafunção textual e o sistema de Informação (INFORMATION), que também aparecem em orações relacionais, nas quais o Tema é posto em evidência, pois concentra-se em estabelecer seu **foco** de informação (*information focus*) e aparece de forma marcada (*marked/unmarked*)[165].

Ao sinalizar 'VOCÊ SENTIR COMO AGORA VOCÊ AGORA DENTRO CORPO COMO', identifica-se que a participante utiliza a circunstância de Modo do tipo comparação 'COMO' para abrir espaço à reelaboração da experiência linguística. Inicialmente, o processo mental emotivo 'SENTIR' é instanciado prototipicamente, segundo a agnação em Libras, e observa-se também a condição de simetria atribuindo à sinalização de V2PE2 a intensidade por duplicação da CM.

Após a reincidência da circunstância evidenciada, a participante apoia-se em uma sinalização explicativa mais icônica, mais próxima dos conhecimentos protolinguísticos, ou

[165] Esse sistema não será desenvolvido nesta análise, sendo possível seu desenvolvimento em pesquisas futuras. Aqui, o **foco** é tratado em sua perspectiva semântico-discursiva como uma possibilidade de acoplamento de significados que se desenrolam por toda oração ou complexo oracional, possibilitando a regulação.

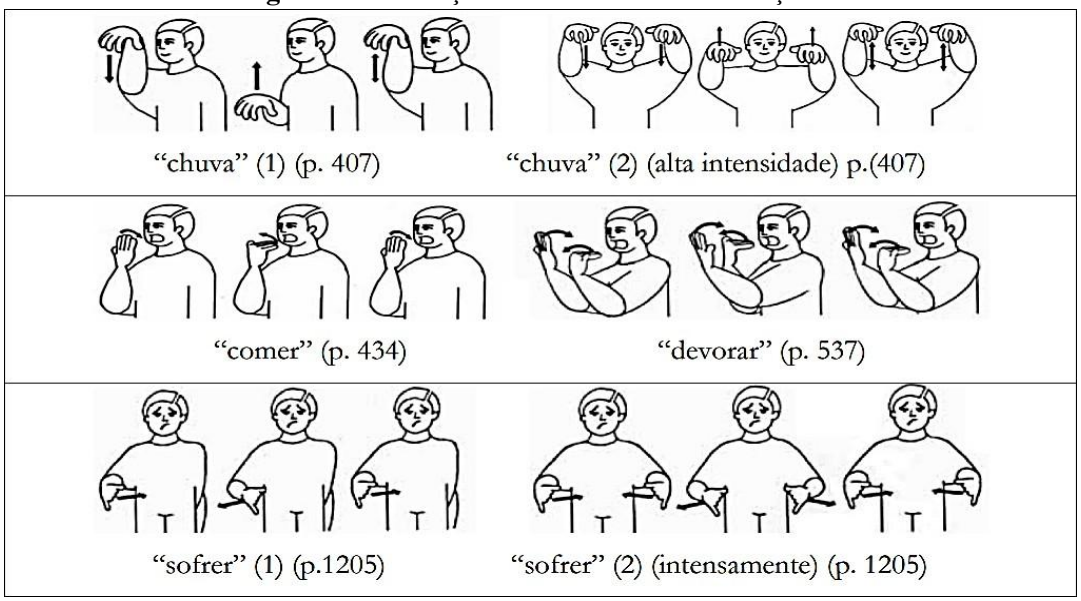
seja, ao usar ‘DENTRO CORPO’, ela suaviza (*soften*) o potencial de significado instanciando Sinais mais genéricos e de sentidos denotativos próximos à visualidade. Isso implica que, ao executar esse tipo de gradabilidade, a sinalizante recorre ao uso de escolhas lexicais maiores.

Em contrapartida, ao expressar o Sinal ‘UFSC’, a interactante realiza um sinal prototípico específico, havendo uma escolha baseada no princípio da precisão (*sharpen*), já que optou por não usar um termo geral, como, por exemplo, Universidade. A regulação ocorre quando a entrevistadora executa o próximo Sinal, ‘LETRAS LIBRAS’, que também mantém a precisão ao indicar de forma restritiva o curso que ela resolveu selecionar em seu discurso, visando, assim, se aproximar das experiências sociais de V2PD2, regulando o contexto sobre o qual a solidariedade deverá ser exercida. Novamente, o termo ‘SENTIR’ é utilizado com apenas uma das mãos, suavizando a experiência prototípica que está sendo promovida e buscando o estabelecimento do vínculo afiliativo.

Além da regulação, outra estratégia afiliativa de moderação está associada ao alinhamento semântico-discursivo que acopla os significados interpessoais relacionados à Gradação de força, que propus traduzir como adesão (*foster*). A adesão funciona como um recurso vinculativo que possibilita o aumento ou a diminuição dos sentidos atitudinais (Makki; Zappavigna, 2021). A **força**, como explicam Martin e White (2005), pode ser observada pela intensificação e pela quantidade.

A intensificação em Libras tem sido um assunto pouco abordado, como apontam Santos e Xavier (2018). Na Figura 89, de um lado, tem-se a representação do Sinal e, do outro, da sua intensificação:

Figura 89: Condição de simetria e intensificação.



Fonte: Retirada de Santos e Xavier (2018, p. 30).

Do ponto de vista articulatório, Capovilla e Raphael (2001a, 2001b), ao apresentarem os Sinais ‘CHUVA’, ‘COMER’ e ‘SOFRER’, como observado na Figura 89[166], descrevem o fenômeno de alteração morfológica do Sinal. As imagens elaboradas por esses autores expressam o que Quadros e Karnopp (2004) denominaram como condição de simetria.

Porém, ‘SOFRER’ é comumente realizado de forma bimanual, como demonstram Almeida e Maia Filho (2011, p. 77) e outros pesquisadores, bem como apresentam vários sinalizantes na plataforma digital *Youtube*. Concordo com Xavier (2006, p. 98) quando o autor indica que “[...] essa é uma questão que requer uma investigação mais aprofundada, dado o pouco conhecimento que se tem a respeito dos processos[167] gramaticais que atuam nas línguas sinalizadas e, em especial, na Libras[168] [...]”, de modo que, nos excertos expostos a seguir, explorarei o uso de recursos viso-espaciais para identificar o acoplamento de vínculos por adesão em Libras.

No **Excerto 23**, ao sinalizar a comunicação com seus pares linguísticos, V2PD2 utiliza recursos como adicionar a intensidade ao Sinal ‘LIBRAS’ por meio da velocidade adicionada ao Movimento – M e ao arqueamento das sobrancelhas. Além disso, a participante desloca os ombros em direção ao espaço referenciado anteriormente pelo uso do termo ‘GRUPO’. Há uma redução do espaço de execução da sinalização, indicando um grau de PROXIMIDADE SOCIAL que acopla Afeto do tipo Felicidade positiva por meio da ENM que a sinalizante instancia pelo riso. A redução do espaço associado ao direcionamento do olhar para V2PE2 também funciona para gerenciar o diálogo e manter o vínculo afiliativo.

Excerto 23:



[166] Nas imagens referentes aos Sinais, os autores utilizaram ‘(p.)’ ou ‘p.( )’, indicando a paginação em Capovilla e Raphael (2001a, 2001b).
[167] Aqui o termo **processos** não possui o significado terminológico sistêmico-funcional e poderia ser substituído sinonimamente pelas palavras **recursos** ou **estruturas**, entre outras.
[168] Houve a necessidade de alteração do termo **libras** por **Libras**.



TAMBÉM ORALIZAÇÃO TAMBÉM GESTOS ACOSTUMAR GRUPO SURD@ PASSADO TERnão LIBRAS TERnão GESTOS ESCONDER ORALIZAR AGUENTAR +++



MAE NÃO VAI GESTOS MÃE^PAI VAI LIVRE GESTOS ORALIZAÇÃO DOIS





QUERO DOIS LIBRAS DESENVOLVER, TAMBÉM FONOAUDIÓLOGO VÁRIOS TERAPIA COMO FALAR PASSARtempo ATÉ HOJE MELHORAR.



OBRIGADO MÃE CUIDAReu QUER MOTIVAReu MELHORAR.

Tradução (LP): – Eu usava a oralização e os gestos. Os grupos de surdos são acostumados a usar a oralização e os gestos, porque antes não tinha Libras, era aguentar a oralização e gestos escondidos. Mas minha mãe sempre me incentivava a usar gestos, meus pais deixavam livre para o uso dos dois. E eu quis os dois para me desenvolver, a Libras e também o fonoaudiólogo com as terapias de fala e com o tempo eu fui me desenvolvendo. Sou grata a minha mãe por cuidar de mim e por me incentivar a melhorar.

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PD2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:09:20	Tempo Final: 00:09:56	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ao instanciar os processos 'CUIDAReu' e 'INCENTIVAReu', infere-se que a intensificação também ocorre por repetição do movimento e da alteração da velocidade. No segundo processo acima destacado, pode-se perceber o papel desempenhado pela contração dos ombros, que incidem em uma alteração de posicionamento vertical do tronco. Juntos, eles se estendem para cima e são simultaneamente unidos à ENM por meio da junção dos lábios e da retração da boca que se estende para a bochecha.

Outro fator que, também, recebe atenção é a intensidade expressa pela condição de simetria aplicada ao Sinal 'MELHOR', ou seja, como expõem Santos e Xavier (2018), vê-se que a sinalizante utiliza alteração da condição morfológica do Sinal por meio da duplicação da mão, o que, no discurso de V2PD2, culminou em uma redução do uso das ENMs. Esses recursos

viso-espaciais expressam o acoplamento de Julgamento do tipo Tenacidade ao comportamento de sua mãe.

Ao observar o **Exceto 24**, é possível verificar a gradabilidade por quantificação ao V2PD2 sinalizar 'TRÊS HOMEM(diminutivo)' e que a idade também foi incluída no Sinal de marcação do gênero por redução morfológica do Ponto de Articulação – PA, associado à articulação das sobrancelhas unidas ao morfema-boca, o que indica a tenra idade de seu filho. Como pode ser notado, o riso persistentemente é explicitado desde a instanciação dos Sinais 'FILH@ NASCERpessoa', que revela o acoplamento de Afeto do tipo Felicidade positiva, pelo qual a participante gerencia o apoio de V2PE2.

Excerto 24:



TAMBEM EU FILH@ NASCERpessoa IDADE TRÊS HOMEM(diminutivo) EU ACREDITAR EL@ BILINGUISMO EL@ FILH@ VERDADE





PORQUE INSERIR CASA^ESTUDAR GRUPO LÁ FALTA BILINGUISMO CRIANÇA++ FALTA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL TERnão SÓ ADULTO. VAGA MAS EU INSERIR DESEJAR QUERER MELHORAR PORTUGUÊS, HISTÓRIA, LIBRAS VÁRIOS.
Tradução (LP): – Eu me casei, moro com meu esposo que também é surdo, também tenho um filho de 3 anos. Acredito que meu filho seja bilíngue, porque inseri-lo numa escola, mas falta escola bilíngue de educação fundamental para crianças, só tem para adultos. Mas consegui uma vaga para meu filho, mas falta o bilinguismo, minha intenção ao inseri-lo é o desenvolvimento no português, na história, na Libras e nas variadas áreas.
Título: FLN G1 D1 Entrevista 2 Participante: V2PD2 Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:10:28 Tempo Final: 00:11:05

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ademais, nesse excerto, V2PD2 recorre à intensificação por repetição (*repetition*) (Martin; White, 2005, p. 144). Os autores explicam que, ao usar esse recurso, a gradabilidade pode ocorrer por uma 'montagem de listas de termos' (*assembling of lists of terms*) ou por retomada do mesmo item lexical. No primeiro caso, como este é um método de relação semântica, foi possível perceber que a participante faz o uso de dois processos mentais desiderativos 'DESEJAR QUERER', para expressar o forte sentimento ligado ao Julgamento de Capacidade acadêmica do seu filho. Implicitamente, sendo Surda, carrega uma avaliação de Afeto do tipo Segurança, quando demonstra uma preocupação com a inserção social da criança,

para que essa possua acesso às duas comunidades, uma que utiliza LS e outra que interage por meio da oralidade.

Outro recurso, também, utilizado pela interlocutora foi a produção de 'boias de listagem' (*List buoys*), (Liddell, 2003), para estabelecer um vínculo ligado à quantificação e que aparece como uma Gradação isolada (*isolating*), já que não produzem modificação interna nos Sinais e funcionam para organizar o discurso. Como declara Liddell (2003, p. 223, tradução minha),

> Os sinalizadores frequentemente produzem sinais com a mão não-dominante que são mantidos em uma configuração estacionária enquanto a mão dominante continua produzindo sinais. Semanticamente, eles ajudam a guiar o discurso servindo como marcos conceituais enquanto o discurso continua. Como eles mantêm uma presença física que ajuda a guiar o discurso conforme ele prossegue [...][169].

Ao realizar o uso de 'boia de listagem', foi observado que o olhar de V2PD2 não se dirige à mão não-dominante. Como aponta Leite (2008, p. 229), ao utilizar esse tipo de recurso viso-espacial, os sinalizantes mantêm "[...] o direcionamento do olhar para o interlocutor quando o conteúdo das enumerações é descrito [...]".

Já ao instanciar a repetição do item lexical 'FALTA', a sinalizante acopla uma avaliação de polaridade negativa à pouca oferta de espaços educacionais bilingues. Ao realizar uma Apreciação do tipo composição complexidade, ela reforça seu pertencimento a um grupo social que utiliza uma língua minoritária, a Libras, e mantém o apoio a essa comunidade por destacar sua escolha por uma educação que atenda às especificidades linguísticas dos Surdos, o 'BILINGUISMO'. No Brasil, a Lei n 14.191/2021 reconheceu a modalidade educacional bilingue para Surdos, na qual a língua de instrução é a Libras e a LP é reconhecida como segunda língua – L2, sendo usada, nesse contexto, em sua forma escrita.

Segundo Martin e White (2005, p. 143), a intensificação pode ser incluída (*infused*), ou seja, "[...] não há uma forma lexical separada transmitindo o sentido de aumento ou redução de escala. Em vez disso, a escala é transmitida como apenas um aspecto do significado de um único termo [...]"[170].

Ainda analisando o mesmo Sinal do **Excerto 24**, vê-se que a mão dominante executa movimentos mais enérgicos, enquanto que, de forma simultânea, a interactante dirige o olhar

---

[169] **No original:** *[...] Signers frequently produce signs with the weak hand that are held in a stationary configuration as the strong hand continues producing signs. Semantically they help guide the discourse by serving as conceptual landmarks as the discourse continues. Since they maintain a physical presence that helps guide the discourse as it proceeds [...]* (Liddell, 2003, p. 223).

[170] **No original:** *[...] there is no separate lexical form conveying the sense of up-scaling or down-scaling. Rather the scaling is conveyed as but one aspect of the meaning of a single term [...]* (Martin; White, 2005, p. 143).

para as mãos que estão realizando o item lexical viso-espacial, no qual são incluídas as ENMs por meio da junção dos lábios, da retração da boca que se estende para a bochecha e, ao mesmo tempo, articula o pescoço, estendendo o movimento da cabeça para as laterais de maneira repetida, incorporando a polaridade negativa ao processo.

No **Excerto 25**, a quantificação por número foi realizada por V2PE2 pelo recurso de Gradação por 'montagem de listas de termos' (*assembling of lists of terms*):

Excerto 25:



(neg) NADA NENHUM (int)
Tradução (LP): – Ninguém?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PE2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:01:17	Tempo Final: 00:00:20	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ao expressar os Sinais '(neg) NADA NENHUM (int)', os termos se apresentaram como formas quantificadoras isoladas, porém simultaneamente há a inclusão de intensificação por meio de marcadores não-manuais – MNMs que acoplaram a polaridade pelo movimento do pescoço junto ao da cabeça, ao mesmo tempo que as ENMs produzem o Modo interrogativo funcionando para moderar o vínculo e gerar a solidariedade. Martin e White (2005, p. 152, tradução minha) descrevem que:

> [...] a força (tanto a intensificação quanto a quantificação) interage com a atitude para aumentar ou diminuir o 'volume' dessa atitude conforme as prosódias avaliativas são configuradas ao longo do texto. Há um efeito associado com relação ao alinhamento e à solidariedade. O aumento da atitude frequentemente atua para interpretar o falante/escritor como comprometido ao

> máximo com a posição de valor que está sendo avançada e, portanto, alinhando fortemente o leitor a essa posição de valor [...].[171]

De acordo com os autores, a força desempenha um papel de sinalização dos elementos da Atitude que não estão explícitos no texto/discurso. Nesse sentido, foi possível constatar que V1PE1 acopla uma avaliação implícita de Julgamento do tipo Normalidade, quando enfatiza o fato de que V2PD2 pertence a uma família que não possuía outros membros Surdos, isto é, que não partilhavam as mesmas experiências culturais e linguísticas por meio da visualidade, o que também funcionaria para regular a solidariedade possibilitando o gerenciamento, caso não fosse ignorada.

Outra forma de quantificação encontrada, como pode ser visto no **Excerto 26**, aparece ligada à utilização do processo material criativo geral 'CRESCERcriança':

Excerto 26:



VOCÊ ESTUDAR IATEL CRESCERcriança (int)
Tradução (LP): – Você estuda no IATEL desde criança?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 2	Participante: V2PE2	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:08:49	Tempo Final: 00:08:52	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

[171] **No original:** *[...] force (both intensification and quantification) interacts with attitude to either increase or decrease the 'volume' of that attitude as evaluative prosodies are set up across the text. There are associated effect with respect to alignment and solidarity. Upscaling of attitude frequently acts to construe the speaker/writer as maximally committed to the value position being advanced and hence as strongly aligning the reader into that value position [...]* (Martin; White, 2005, p. 152).

Ao gerenciar o diálogo pela produção de vínculos afiliativo, V2PE2 modera espaço-temporalmente a experiência acadêmica de V2PD2, pois, como orientam Martin e White (2005, p. 150-151, tradução minha),

> [....] as quantificações se graduam com relação a cálculos imprecisos de número (por exemplo, alguns, muitos), cálculos imprecisos de massa ou presença (por exemplo, pequeno, grande; fino, grosso; leve, pesado; escuro, brilhante) e cálculos imprecisos de extensão no tempo e no espaço, com tempo e espaço sendo medidos com relação à proximidade (por exemplo, próximo, distante; recente, antigo) ou distribuição (por exemplo, duradouro, curto prazo; amplo, esparso) [...][172].

Ao usar os movimentos de articulação das sobrancelhas e da boca, a participante V2PE2 apresenta um número impreciso temporal marcado pelo uso de ENMs, às quais ela inclui um significado potencial ao crescimento humano dado pelo Sinal manual. O escalonamento, portanto, possibilita que o vínculo seja mantido, fomentando a solidariedade pela movimentação e pelas trocas dialógicas com V2PD2.

Além dos recursos vistos até agora para evidenciar a AFILIAÇÃO por pertencimento, a seguir, apresento outra forma de associação dessa troca de significados. Os vínculos afiliativos baseados em Knight (2010a, 2010b) exploram o riso e a reprovação na interação, e esses serão vistos de forma introdutória, já que o contexto de situação desta tese está focado no estudo da AFILIAÇÃO por pertencimento. Nos vídeos analisados, os dois subsistemas que se seguem mostraram-se inexpressivos, sendo necessário aplicá-los, em pesquisas futuras, a outros contextos de situação.

6.5 AFILIAÇÃO por riso (*Laughing Affiliation*)

A AFILIAÇÃO, como trazida por Knight (2010a, 2010b), expressa o riso como um mecanismo que possibilita desvendar o humor como um sistema sociossemiótico. Porém, em LS, esse sistema torna-se complexo, devido à viso-espacialidade e aos recursos linguísticos desenvolvidos pelos utentes dessas línguas para a construção e a instanciação dos potenciais de significados.

---

[172] **No original:** *[...] Quantifications graduate with respect to imprecise reckonings of number (eg a few, many), imprecise reckonings of mass or presence (eg small,large; thin, thick; light, heavy; dim, bright) and imprecise reckonings of extent in time and space, with time and space being measured with respect to proximity (eg near, far; recent, ancient) or distribution (eg long-lasting, short-term; wide-spread, sparse)[...]* (Martin; White, 2005, p. 150-151).

As ENMs identificadas fonologicamente por Battison (1978), ao longo das pesquisas em LS, mostraram um recurso complexo que se encontra inserido em todos os estratos de organização da língua. E os Marcadores Não-Manuais – MNMs vêm sendo centro dos estudos de autores internacionais e autores nacionais, como descrito no capítulo 1 deste livro. Ainda sobre o papel exercido pelas ENMs, Felipe (2013, p. 77) pontua que, "[...] nas línguas de sinais, as expressões visuais gramático-discursivas são expressas através de MNMs[173] que, realizadas concomitantemente com o sinal ou frase, integram-se ao plano fonológico, morfossintático e semântico-discursivo delas [...]".

Também, de acordo com a autora, devido à complexidade desses MNMs, eles podem por meio de articuladores funcionar para indicar o tipo de frase, a topicalização, o foco, a concordância nominal e a verbal, o condicional, as orações relativas e os conectores interfrásticos. Em termos sistêmico-funcionais, estão ligados às metafunções e seus sistemas nos estratos desenvolvidos por Halliday e ainda precisam ser estudados segundo os preceitos teórico-metodológicos da teoria.

Ao observar a produção do morfema-boca, Pêgo (2013, p. 51) afirma que uma das funções exercidas por Sinais não-manuais, em ASL, seria o acompanhamento de itens lexicais específicos que atuariam como obrigatórios para produzir significação e esses desempenham estados afetivos e comportamentais, "[...] por exemplo, CRY, LAUGH e HAPPY (CHORAR, RIR e FELIZ) [.]". Isso revela que o riso assume, em LS, não somente um papel multimodal sociossemiótico, mas também pertence à própria estrutura linguística viso-espacial.

Do ponto de vista do estrato semântico-discursivo, esse estado, em LSF, não pode assumir uma perspectiva secundária, como meras expressões dissociadas da noção gramatical dessas línguas, posto que sistemas interpessoais como a AVALIATIVIDADE exploram o domínio da emoção, da ética e da estética. Nos estudos das LS, esses 'domínios' podem contribuir significativamente para a compreensão dessas línguas por meio de seus muitos sistemas. Do ponto de vista das movimentações FUNÇÕES DA FALA e NEGOCIAÇÃO, esses MNMs integram a produtividade das participantes do diálogo, visando o compartilhamento dos vínculos, pois, como assevera Felipe (2013, p. 84),

> [ ] Em uma conversação ou em um discurso argumentativo, as MNMs podem representar troca de papéis discursivos (*role shift*), divergência ou concordância de pontos de vista e posicionamento fático, marcados a partir do direcionamento do olhar, de pausa, aceno de cabeça, gestos corporais e também a partir de expressões afetivas [ ].

[173] Essa sigla pode ser lida como Marcadores Não-Manuais ou Marcações Não-Manuais. Adotei a primeira designação, enquanto Felipe adotou a segunda.

O **Excerto 27** evidencia a simultaneidade desses MNMs, porque se verifica que a entrevistadora utilizou esse tipo de recurso para tornar a AFILIAÇÃO garantida (*warrant*) e a produção dos epítetos, nesse contexto, funcionou como ajustes (*adjust*) mantidos pelo direcionamento da cabeça e do corpo associando-os à instanciação de Sinais manuais.

Excerto 27:



LEGAL, PERFEITO {letra U boca} N BONITO SABE (neg) MARCA VOCÊ {letra U boca} N, CERTO
Tradução (LP): – Que legal! Este sinal é bonito e é uma marca sua, né!?

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PE1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:41	Tempo Final: 00:00:45	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

A participante, ainda, utiliza ENMs positivas para expressar seus sentimentos em relação ao que V1PD1 sinalizou. Ela, por sua vez, assume o papel de sinalização acoplando uma avaliação do tipo Afeto, pois "[...] Opiniões sobre entidades são canonicamente atitudinais e envolvem sentimentos positivos e negativos; opiniões sobre proposições, por outro lado, são canonicamente epistêmicas e envolvem graus de certeza [...][174]" (Martin; White, 2005, p. 38, tradução minha).

No excerto analisado, considerando a visão dos autores citados, o riso apresenta uma espécie de valor vibracional agradável construída socialmente pela cultura. Como pôde ser visto, V1PE1 recorre à ENM usando o riso como forma de legitimar uma solidariedade positiva em V1PD1. Ao utilizar os Sinais 'LEGAL, PERFEITO {letra U boca} N BONITO', ela reforça por

[174] **No original:** *Opinions about entities are canonically attitudinal and involve positive and negative feelings; opinions about propositions on the other hand are canonically epistemic and involve degrees of certainty* (Martin; White, 2005, p. 38).

meio de epítetos de carga semântica positiva o que estava sendo expresso por V1PD1. Isso demonstra que houve uma capitação dos significados instanciados pela entrevistada. Aqui, nota-se o uso da AVALIATIVADADE mostrando que a troca e a movimentação estão sendo realizadas.

Um ponto que merece destaque é o fato de que a polaridade negativa incorporada ao processo mental cognitivo 'SABE (neg)' funciona, em seu aspecto morfológico, para negar uma experiência social vivida pela participante a que se destina a mensagem. Porém, ao realizar essa oração em Modo declarativo não-exclamativo, a participante apresenta o uso de ENM positiva evocando o gerenciamento do diálogo em seu caráter afirmativo.

Também, ao verificar a sinalização 'MARCA VOCÊ {letra U boca} N', depreende-se que o significado potencial sofre uma ruga, como pode ser constatado no **Excerto 28**, mesmo instanciando o vocativo 'CERTO' para manter o vínculo comunicativo na troca.

Excerto 28:



ENTÃO, FAZER QUE /sorriso/ (int)
Tradução (LP): – Fazer o quê? Rsrs

Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:00:46	Tempo Final: 00:00:47	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Diferentemente do que foi visto até agora sobre a AFILIAÇÃO por pertencimento e os traços decomposicionais das LS, o **Excerto 28** mostra o riso como uma forma de adiar (*defer*) a troca discursiva. Para Knight (2010b, p. 221, tradução minha), a "[...] AFILIAÇÃO por riso é sobre adiar, tanto em termos de como os falantes adiam o vínculo potencial risível quanto como eles adiam o vínculo implicado [...]"[175]. Os laços comunicativos gerenciados por V1PE1 passam

[175] **No original:** *[...] Laughing affiliation is about deferring, both in terms of how speakers defer the laughable potential bond and how they defer to the implicated bond [...]* (Knight, 2010b, p. 221).

a postergar a solidariedade, indicando apoio (*support*) ao expressar ‘ENTÃO, FAZER QUE /sorriso/ (int)’. Nota-se que ela utiliza o expletivo 'ENTÃO' associado à movimentação semicircular do pescoço, que possibilita a retração do queixo junto ao arqueamento das sobrancelhas e o cerramento dos olhos, que se mantêm direcionados à V1PE1.

Além disso, junto à sinalização ‘FAZER QUE’, ela destaca o movimento dos ombros para cima, enquanto o corpo assume uma posição retraída e marca uma tensão discursiva. Essa tensão torna evidente a ruga, que não consiste em uma ameaça, já que o riso funciona como uma forma de resolução da NEGOCIAÇÃO que está sendo realizada. Porém, esse recurso possibilitou a continuidade do diálogo, sendo as diferenças de percepção sobre o assunto abordado por V1PE1 deixadas de lado por V1PD1, o que conservou a solidariedade e o desenrolar das trocas que seguiram movimentando a conversa. Essa constatação corrobora Knight (2010b, p. 224), quando afirma que “[...] a ruga não ameaçadora que é causada por laços potenciais intrusos no humor pode ser reconhecida ou criada pelo falante na conversa. [...][176]”.

Os laços potenciais que causaram o riso serviram também para que V1PD1 gerenciasse os significados que estavam sendo tratados por V1PE1, pois serviu para que a entrevistadora mantivesse a sequência de novas proposições, uma vez que “[...] reconhecer uma ruga por outro membro de uma comunidade compartilhada com quem os interlocutores estão interagindo também é um método para gerenciar diferenças que poderiam potencialmente dividi-los [...][177]” (Knight, 2010b, p. 225). Isso, então, permitiu que a NEGOCIAÇÃO avançasse.

6.6 AFILIAÇÃO por reprovação (*Condemning Affiliation*)

Nos excertos analisados, ao considerar a NEGOCIAÇÃO dos significados potenciais entre as participantes, foi observado que houve uma AFILIAÇÃO por reprovação. Segundo Knight (2010b, p. 232), é por condenação que o participante conversacional “[...] cria uma séria tensão entre os vínculos, uma que viola os vínculos compartilhados dos interlocutores [...]” e, para manter a AFILIAÇÃO, como entende a autora, faz-se necessário que os interactantes rejeitem o vínculo acoplado que causou a violação fortalecendo o vínculo compartilhado.

Ao participar das entrevistas, verifica-se que há uma disposição implícita das participantes em continuar mantendo o vínculo, mesmo em momentos de repouso do turno de

[176] **No original:** *[...] The non-threatening wrinkle that is caused by intruding potential bonds in humour can be acknowledged or created by the speaker in the conversation [...]* (Knight, 2010b, p. 224).

[177] **No original:** *[...] Acknowledging a wrinkle by another member of a shared community with whom the interlocutors are interacting is also a method for managing differences that could potentially divide them [...]* (Knight, 2010b, p. 225).

sinalização. As ENMs ou os MNMs, mesmo quando usados em polaridade negativa, funcionaram tanto para rejeitar o discurso, quanto para promover uma regulação dos vínculos, bem como executar o refinamento por redução apoiando-se na heteroglossia por contração dialógica. **No excerto 29**, identifica-se a estratégia viso-espacial para reprovar o vínculo:

Excerto 29:



(neg)		
Tradução (LP): (negativa com a cabeça)		
Título: FLN G1 D1 Entrevista 1	Participante: V1PD1	Categoria: Entrevista
Tempo Inicial: 00:07:21	Tempo Final: 00:07:23	

Fonte: Retirado de Quadros *et al.* (2020).

Ao produzir a solidariedade ao sinalizado pela participante V1PE1, que usa o Modo interrogativo para expressar se o(a) primo(a) de V1PD1 entendia sua LS, já que esse(a) familiar utilizava gestos, V1PE1 busca gerenciar o diálogo.

Em contrapartida, V1PD1 utiliza-se de heteroglossia por negação, para rejeitar a proposição em Libras por meio do descarte (*dismiss*) que se dá pelo uso de MNMs com polaridade negativa, ao movimentar o pescoço incidindo no balançar da cabeça para as laterais, enquanto as mãos permanecem em repouso. Nota-se, ainda, que além de descartar os significados há uma ruga por meio do riso, que é instanciado de forma sutil, o que possibilitou à V1PE1 produzir outra pergunta.

Em síntese, ao analisar os vídeos produzidos pelo projeto "*Corpus* de Libras" por meio da LSF, mais especificamente pelo sistema de AFILIAÇÃO e seus subsistemas, como o denominei, percebi que ainda há grandes desafios ao se realizar análises em LS pelo viés

sistêmico-funcional. Sem dúvida, essa teoria abre possibilidades para descrever as línguas viso-espaciais de forma mais consistente e robusta. Ao avançar em discussões, como a que me propus ao longo deste livro, destaco a relevância de que pesquisadores sistemicistas em LS apliquem a teoria, nos mais diversos contextos de situação e de cultura, promovendo uma reflexão e uma revisão das verdades impostas academicamente. As análises elaboradas neste capítulo corroboram novos desafios, considerando a visão holística e sociossemiótica sistêmico-funcional para as investigações linguísticas, não somente da Libras, mas de outros sistemas viso-espaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Libras é uma língua viso-espacial que possui recursos linguísticos complexos e, desde 1995, vem sendo cada vez mais discutida no Brasil. O estudo dessa língua tem produzido mudanças significativas não somente para os Surdos, mas também para a sociedade brasileira, que passa a enxergar esse povo e seus direitos. Nesse cenário, a visibilidade dos movimentos Surdos e a luta por uma educação bilíngue que considere a Libras como língua de instrução têm ganhado notoriedade social no país.

Em meio a inúmeras correntes teóricas que têm buscado compreender a estrutura e a realidade das comunidades Surdas no Brasil, lancei-me ao desafio de desenvolver um estudo inédito utilizando a LSF. Ele traz reflexões acerca de um novo olhar que contribua tanto para o desbravar dessa língua quanto para os estudos sistêmicos-funcionais em meu país.

Entendo que existem muitas lacunas a serem esquadrinhadas pela aplicabilidade dessa teoria, que tem proporcionado o florescer de muitos caminhos a serem percorridos diligentemente. A proposta do uso teórico-metodológico em LO tornou-se central para pesquisadores de LP e suas nuances no Brasil. As postulações elaboradas por Halliday e seus ex-orientandos vêm encontrando solo fértil em muitos países.

Nesta tese, objetivei investigar como e quais elementos sociossemióticos visuais léxico-gramaticais e semântico-discursivos da Libras auxiliariam na produção de trocas dos significados interpessoais (Negociação) para a realização da AFILIAÇÃO, considerando o contexto de situação produzido por duas entrevistas em LS gravadas e disponibilizadas gratuitamente pelo projeto "*Corpus* de Libras" (Quadros *et al.*, 2020), da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Pretendi, também, de forma específica: (a) identificar os elementos léxico-gramaticais em LS, para auxiliar na descrição das orações viso-espaciais; (b) apresentar a interpessoalidade e como esta se instancia em contextos de interação em que os indivíduos utilizam LS e; (c) produzir reflexões acerca da AFILIAÇÃO, por meio de análises da interação estabelecida entre entrevistadores(as) e entrevistados(as), nos diálogos disponibilizados gratuitamente pelo projeto "*Corpus* de Libras", o que gerou três perguntas de pesquisa, às quais respondo a seguir.

(a) Quais elementos semântico-discursivos possibilitam a AFILIAÇÃO em um diálogo viso-espacial?

Os estudos sobre a AFILIAÇÃO ainda são escassos no âmbito geral da teoria sistêmico-funcional. As escolhas afiliativas vieram ganhando destaque após os estudos de Martin (2009), Knight (2010), Zappavigna (2011, 2014, 2015, 2018), entre outros. No Brasil, estudos como os de Damasceno (2021) e Sartin e Vian Jr. (2022), abriram as portas para que esse tema em LSF ganhasse visibilidade. Esta tese, então, emerge da necessidade de ampliação de discussões teórico-metodológicas que considerem a realidade linguística das LS, no caso a Libras. Este se constituiu um duplo desafio, uma vez que a aplicação da LSF para análises em LS assume, em primeiro lugar, uma necessidade pungente de análise dos recursos viso-espaciais em todos os seus estratos linguísticos e, em um segundo momento, a busca por desenvolver conceitos teóricos primariamente pensados para as LOs.

Do ponto de vista da AFILIAÇÃO, enquanto sistema dialógico ligado à interpessoalidade, foi observado que as LS possuem recursos visuais para a execução do gerenciamento da interação comunicativa. Os Modos oracionais declarativo não exclamativo, exclamativo e interrogativo, levando em conta o contexto de situação analisado, constituíram como formas eficientes de organização dos papéis de sinalização (papéis da fala) e contribuíram para a formação do Ambiente Afiliativo ou Ambiente de AFILIAÇÃO (*Ambient Afilliation*) dado pela interação das participantes do diálogo e o uso do espaço de sinalização para desenvolver as interações dialógicas.

No contexto de situação analisado, houve maior destaque das orações interrogativas, que se revelaram efetivas na busca por solidariedade. Esse padrão referente ao nível de movimentação (FUNÇÃO DA FALA) possibilitou o gerenciamento (*manage*) dos vínculos, na troca (NEGOCIAÇÃO) dos significados potenciais que funcionaram para estabelecer a comunicação entre os participantes, considerando a Estrutura Potencial de Gênero – EPG das entrevistas.

Também, ao refletir sobre as postulações dos autores citados, foi observada a pertinência de que, na visão sistêmico-funcional, a AFILIAÇÃO seja vista como um sistema ligado à interpessoalidade no nível da troca. Assim, os 'mecanismos' apresentados por Knight (2010a; 2010b) parecem ser compreendidos como subsistemas, sendo eles: **por pertencimento** (*Communing Affiliation*), **por riso** (*Laughing Affiliation*) e **por reprovação** (*Condemning Affiliation*), termos esses apresentados por Almeida e Vian Jr. (2022).

Percebi que a convocação (*convoking*), o refinamento (*finessing*) e a moderação (*promoting/tempering*) cumprem um papel funcional categórico e se mostraram promissores para o entendimento dos recursos visuais e espaciais associados às LS e ligados à organização dos diálogos. A categoria de **convocação** (*convoking*) e seus dispositivos afiliativos, tanto o

pronominal (*marshal*) quanto o **por designação** (*designate*), nas análises em LS, revelaram o uso de 'domínios' viso-espaciais, de caráter propositivo preliminar, que proporcionaram a realização dos vínculos que compõem essa categoria, sendo eles: a dêixis, a indexicalização e a referenciação, que poderão ser estudados em futuras pesquisas para verificar sua classificação segundo a LSF.

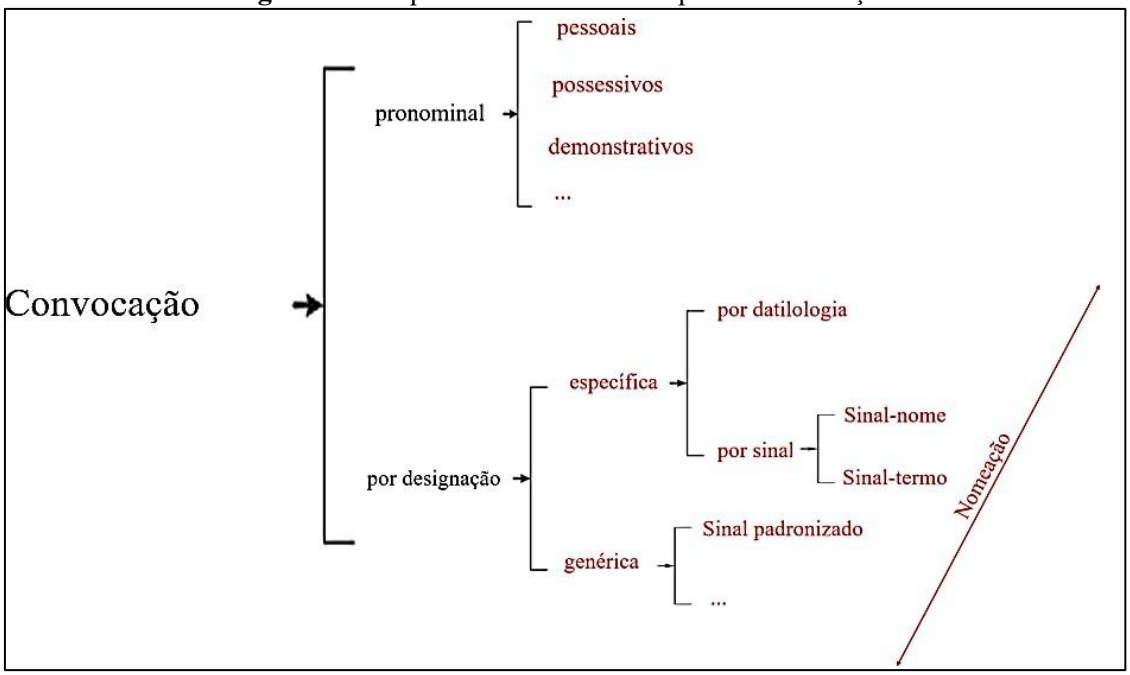
Os excertos selecionados para a análise de vínculos por **recurso linguístico pronominal** evidenciaram, no contexto de situação em pauta, três classes de pronomes mais recorrentes: os pessoais, os possessivos e os demonstrativos. Outro ponto que merece atenção foi o fato de que a configuração de mão – CM produzida por indicador esticado e demais dedos fechados, na maioria das vezes, foi utilizada com função pronominal possessiva, em detrimento da CM com dedo indicador esticado, médio esticado na diagonal, polegar apoiado no dedo médio e demais dedos fechados, o que possibilita à LSF questionar, inclusive, padrões em estratos menores desse sistema sociossemiótico linguístico.

Ainda considerando os 'domínios', constatei que outro grupo voltado à léxico-gramática das LS requer apreciação, quando buscada a manutenção dos vínculos **por pertencimento**, e que pode servir ao propósito do gerenciamento (*manage*) na interação por apoio (*support*), que são as circunstâncias em que aparecem advérbios de lugar. Mas, pelo foco desta pesquisa, essa relação não foi abordada de forma detalhada nesta tese, instigando a necessidade de novas pesquisas.

Já o recurso **por designação** (*designate*) mostrou, por meio da nomeação (*namming*), que as participantes das entrevistas realizaram vínculos por Sinais (nomes) específicos, para estabelecer vínculos ligados à sua identidade participativa em uma determinada comunidade; enquanto que Sinais (nomes) genéricos mostraram uma relação vinculativa baseada em experiências sociais diárias. Logo, em ambas as designações, foram sinalizadas escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas que vão além da marcação espacial e que ajudam a desvelar o grau de PROXIMIDADE SOCIAL (Rudge, 2022).

Por esse motivo, ao buscar compreender essa relação ligada aos vínculos que permitem a produção desse tipo de AFILIAÇÃO, na interação discursiva, é que proponho um detalhamento (*delicacy*) para a categorização desse sistema baseado no uso da Libras (ver Figura 90), entendendo que há a real carência de que novas pesquisas possam contribuir para a validação dos recursos apresentados.

Figura 90: Proposta de detalhamento para a convocação em LS.



Fonte: Elaborada pelo autor.

O **refinamento** (*finessing*), sendo este um recurso acoplado ao subsistema de Engajamento, devido à utilização das vozes heteroglóssicas produzidas pelas participantes do diálogo, serviu para, na maioria das vezes, realizar a ornamentação (*embellish*) e a redução (*distill*). Como apontam Martin e White (2005), é possível verificar que há a possibilidade de simultaneidade entre o Engajamento e a Gradação, ambos subsistemas da AVALIATIVIDADE, o que também foi percebido durante as análises. Nessa categoria, foram observados acoplamentos de expansão dialógica por Acolhimento e por Atribuição do tipo Reconhecimento que possibilitaram a ornamentação do discurso.

Além disso, pôde ser notado que o encaixamento oracional foi um dos recursos utilizados pelas participantes para trazer outras vozes discursivas às suas sinalizações. O complexo oracional dado por uso de relato também serviu como recurso para ornamentar e manter o apoio como solidariedade no diálogo. Já a redução, se deu por refutação dos tipos Negação e Contraexpectativa, que aparecem associadas à polaridade negativa e ao uso da conjunção adversativa 'MAS', mas entendo que há a necessidade de que esses dispositivos sejam estudados, subsequentemente, de forma mais detalhada.

Quanto à categoria de **moderação** (*tempering/promoting*) voltada ao acoplamento da Gradação, nos excertos analisados, a adesão (*foster*) e a regulação (*modulate*) foram realizadas por uso da gradabilidade, que consiste em um recurso de escalonamento dos significados

atitudinais e que permite às interactantes criar vínculos **por pertencimento** através de dois recursos, sendo eles: a intensificação (*intensification*) e a quantificação (*qualification*).

De acordo com Martin e White (2005), esses podem surgir de forma isolada (*isolated*) e, nas análises, ocorreram pelo uso da forma repetitiva (*repetition*) lexical (*lexical item*) ou pela 'montagem da lista de termos' (*assembling of lists of terms*), sendo que nesta última foi destacado o uso de um recurso viso-espacial conhecido como 'boias de listagem' (*List buoys*), conforme Liddell (2003). Também foram externadas gradações incluídas (*infused*), pelas quais se nota o uso de ENMs ou MNMs que acentuam a velocidade, a tensão por meio de articulação incisiva dos movimentos dos braços, do ombro, do pescoço e da cabeça, que também acoplam a polaridade ao mesmo tempo.

Além dessas análises, os subsistemas **por riso** e **por reprovação** foram mostrados de maneira concisa. Nos moldes trazidos por Knight (2010a, 2010b), o riso também serve ao propósito de adiar a realização do vínculo. Em LS, como observado nos excertos, esse recurso também serve a outras finalidades. Como foi visto nas discussões, por meio do riso, a polaridade positiva e a avaliação **por afeto** do tipo Felicidade também podem ser compreendidas. Ademais, o riso pode servir a fins fonológicos e léxico-gramaticais e, por esse motivo, é imprescindível que outros estudos sobre o tema sejam realizados.

Já o subsistema **por reprovação** é profundamente marcado pela polaridade negativa, que pode aparecer de forma lexicalizada ou incorporada ao processo e até mesmo ligada ao uso das ENMs ou de MNMs. Nos excertos, foi possível verificar o descarte (*dismis*s) do vínculo na conversa, por meio da solidariedade expressa por V1PD1, o que serviu para que V1PE1 produzisse novo questionamento para gerenciar a entrevista, impelindo a entrevistadora a buscar novos assuntos para manter o diálogo.

Ainda sobre a entrevista, devido ao caráter da EPG do *corpus* selecionado, notei a saliência do uso de ajustes (*adjust*) realizados principalmente pela participante que assume o papel de entrevistadora. Outro ponto que identifiquei está relacionado ao uso de ENMs ou MNMs, devido à inserção social das entrevistadas V1PD1 e V2PD2 em uma comunidade Surda. Foi percebido que a primeira participante, em contato tardio com seus pares linguísticos, realiza menos uso desse parâmetro; já a segunda participante, inserida em um ambiente que possibilitava a sinalização, possui forte uso desse recurso viso-espacial. Contudo, fazem-se necessárias outras investigações para observar se esta seria uma questão ligada a um vínculo por agrupamento (*rally*).

(b) Como a interpessoalidade pode ser compreendida na Libras?

Os estudos iniciados por esta pesquisa apontaram que, para a produção comunicativa em LS, especificamente em Libras, alguns recursos semântico-discursivos interpessoais foram instanciados e realizados, primariamente, no nível da troca e, secundariamente, no da movimentação. A formação dos vínculos na entrevista apresentou acoplamentos de significados interpessoais Atitudinais, ou seja, a AVALIATIVIDADE foi realizada para fins de instanciação das experiências na comunicação.

Ademais, por meio de ENMs e/ou MNMs, observei que o sistema de MODO foi operacionalizado, pois a polaridade também foi um recurso interpessoal instanciado na conversa, o que possibilitou o gerenciamento dos vínculos na comunicação. Elas também funcionaram como um mecanismo que auxiliou a distinção dos Modos oracionais. Ainda, como pôde ser visto nas análises, a modalidade auxiliou no **refinamento** do discurso, tornando possível o pertencimento afiliativo, ou seja, a geração ou a manutenção de vínculos no diálogo.

A PROXIMIDADE SOCIAL foi outro sistema que se mostrou pertinente, uma vez que, a **convocação**, o **refinamento** e a **moderação** trouxeram recursos linguísticos que permitiram sua validação no estrato semântico-discursivo, porém há a necessidade de que sejam elaborados mais estudos que possam detalhar esse sistema nas LS.

(c) Quais recursos interpessoais foram utilizados pelos Surdos para promover a Instanciação desses significados?

O uso dos parâmetros, conforme Stokoe (1960) e Battison (1974, 1978), foi altamente produtivo para o desenvolvimento das discussões a respeito da interpessoalidade na comunicação em Libras. Três deles mostraram-se proeminentes, no exercício da NEGOCIAÇÃO e da FUNÇÃO DE FALA, para fomentar a criação ou não dos vínculos de AFILIAÇÃO e os acoplamentos de significados semântico-discursivos. São eles: (a) o Ponto de Articulação – PA, pois seu uso léxico-gramatical sustentou a realização dos Modos oracionais, as trocas e as movimentações nos diálogos analisados, por meio do espaço de sinalização; (b) o Movimento – M, que, pela projeção do corpo, pela extensão do braço e pela aplicação da velocidade, possibilitou o gerenciamento dos vínculos e favoreceu a intensificação; e (c) as Expressões Não-Manuais – ENMs, que, devido à sua plasticidade, funcionou não somente do ponto de vista fonológico, mas também como Marcadores Não-Manuais – MNMs no estrato léxico-gramatical e semântico-discursivo, o que permitiu a instanciação da polaridade, da intensificação e da quantificação, que serviu, concomitantemente, ao propósito de apoio ou rejeição/reprovação afiliativos.

Outro destaque se deu pela constatação dos elementos viso-espaciais que possibilitaram a formação do Ambiente Afiliativo ou Ambiente de AFILIAÇÃO (*AMBIENT AFFILIATION*) (Zappavigna, 2018), que, no contexto de situação investigado, ocorreu pelo uso do espaço de sinalização (*Setting*) (Ferreira, 2010). Nesse, foram verificados o emprego da posição do corpo, a posição da cabeça, o direcionamento do olhar e o ajuste dos braços.

De forma mais assertiva, a direção dos olhos mostrou-se fortemente efetiva para a manutenção do vínculo dialógico, quando comparada a outros elementos visuais que foram reconhecidos. Além disso, o uso do pescoço também foi apontado como forma de desenvolvimento dos Modos oracionais e de polaridade. Entretanto, esse é um estudo que precisa de mais investigações, pois o papel do pescoço não tem ganhado a devida atenção dos estudiosos de LS e acaba sendo restrito a seu caráter fonológico.

Os espaços mentais, consoante Fauconnier (1985) e Liddell (2003), também tiveram relevância na constituição do Ambiente de AFILIAÇÃO, principalmente permitindo a utilização dos três 'domínios' viso-espaciais, já mencionados, que se mostraram profícuos à convocação. A dêixis ou o apontamento é um recurso protolinguístico que foi incorporado à léxico-gramática das LS na Fase III da evolução comunicativa humana e que simultaneamente estabelece uma relação com a indexalização e referenciação no espaço.

Ainda sobre o Ambiente Afiliativo, pondero que é preciso ampliar essa discussão aplicando as proposições desta tese em outros contextos de situação que utilizem as LS, voltando-se ao uso de '*Role Play*' (a troca de papéis na fala), a fim de corroborar estudos sobre essa modalidade linguística.

E, para finalizar este livro, expresso que esta pesquisa se constituiu como um pontapé inicial para minhas pesquisas acadêmicas enquanto sistemicista. Muitos desafios se apresentaram ao longo dessa jornada, mas o foco na interpessoalidade e seus estratos e sistemas me instigou a descobrir um novo horizonte de possibilidades investigativas, sobretudo utilizando a Libras. Entendo que inúmeras lacunas se apresentam aos pesquisadores de LSF, no Brasil; porém, aos que buscam/buscarão desenvolver estudos utilizando as LS este é um desafio ainda maior, já que a teoria foi articulada refletindo-se sobre estruturas sociossemióticas de LOs. Acredito que pesquisas futuras poderão ampliar a discussão acerca das possibilidades sistêmicas de análise não somente da Libras, mas também de outras LS emergentes em nosso país.

REFERÊNCIAS

ADAM, R. Language contact and borrowing. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). **Sign language**: an international handbook. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 841-861. Disponível em: https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110261325.841/html?srsltid=AfmBOorslPaDKfIXsGhjtRxdGBWANFwDN9QM-hQEABvKVu1X1k1dlKr8. Acesso em: 13 out. 2024.

ALISEDO, G. (Org.) **Dicionário Bilíngue de Lengua de Señas Uruguaya/Español**. Montevideo: Mastergraf SRL, 2007.

ALMEIDA, É. V.; MAIA FILHO, V. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora Mãos Sinais, 2011.

ALMEIDA, F. A. S. D. P. **Os elementos de Atitude no discurso do professor**: um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALVES, J. B.; PEDROSA, C. E. F. "Minha língua é a Libras": uma análise crítica dos discursos do povo surdo pelo reconhecimento de sua língua. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 17, p. 1-38, 2023a. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/69247. Acesso em: 16 dez. 2024.

ALVES, J. B.; PEDROSA, C. E. F. Um estudo das (re) construções identitárias de discentes surdos do curso de Letras Libras. **Revista Fórum Identidades**, v. 37, n. 1, p. 61-74, 2023b. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/v37p61. Acesso em: 13 nov. 2024.

ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo de caso longitudinal. 2009. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92684. Acesso em: 14 set. 2024.

ANDERSON, J. M.; EWEN, C. J. **Principles of dependency phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ANDERSON, J. N.; JONES, C. Three thesis concerning phonological representations. **Journal of linguistics**, v. 10, p. 1-26, 1974. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-linguistics/article/abs/three-theses-concerning-phonological-representations/AA7F99C2AFD4C903B4F08939734B6868. Acesso em: 14 set. 2024.

ANDERSON, J. N.; JONES, C. **Phonological structure and the history of English**. Amsterdam: North-Holland, 1977.

ARAÚJO, M. N. O. **Os espaços na Libras**. 2016. 143 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/22915. Acesso em: 18 out. 2024.

ARAÚJO, R. A.; DO PRADO, S. C. A proposta de redação do ENEM/2017: leitura e análise linguística. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, v. 16, n.p., 2018. Disponível em: https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/1129. Acesso em: 22 set. 2024.

ARROTEIA, J. **O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em língua de sinais brasileira (LSB)**. 2005. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/360710. Acesso em: 27 set. 2024.

ASP, E. What is a system? What is a function? A study in contrasts and convergences. *In*: BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (Eds.). **The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics**. New York, NY: Routledge, 2017. p. 27-41.

BAHAN, B. **Non manual realization of agreement in american sign language**. Dissertation (Ph.D.) – Boston University, Boston, 1996.

BAKER, M. C. **Incorporation**: A theory of grammatical function changing. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1988.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BARROS, M. E. **Elis – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91819. Acesso em: 19 nov. 2024.

BARROS, M. E. **ELiS – Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARROS, M. E. Taxonomia antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos sinais-nomes. **RE-UNIR**, v. 5, p. 40-62, 2018. Disponível em: https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/3092. Acesso em: 25 ago. 2024.

BATTISON, E. A. A New Look at the "Whitney" Milling Machine. **Technology and Culture**, v. 14, n. 4, p. 592-598, 1973. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3102445. Acesso em: 22 nov. 2024.

BATTISON, R. M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, Washington: Linstok Press, 1978.

BATTISON, R. M. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1-19, 1974. Disponível em: https://www.academia.edu/118766331/Phonological_Deletion_in_American_Sign_Language. Acesso em: 11 nov. 2024.

BATTISON, R. M.; MARKOWICZ, H.; WOODWARD, J. A good rule of thumb: Variable Phonology in American Sign Language. *In*: FASOLD, R. W.; SHUY, R. W. (Eds.).

Analyzing variation in language. Washing, D.C.: Georgetown University Press, 1975. p. 291-302.

BELLUGI, U.; LILLO-MARTIN, D.; O'GRADY, L.; VANHOEK, K. The development of spatialized syntactic mechanisms in American Sign Language. *In*: EDMONSON, W.; KARLSON, F. (Eds.). **The Forth International Symposium on Sign Language Research**. Hamburgo: Signum-Verlag Press, 1990. p. 16-25.

BENASSI, C. A.; PADILHA, S. J. Dupla articulação da língua de sinais: Linguística estruturalista e escrita de sinais na elucidação desse princípio. **Revista Diálogos (REVDIA)**, v. 8, p. 190-206, 2020. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/11285/7705. Acesso em: 14 out. 2024.

BENWELL, B.; STOKOE, E. **Discourse and identity**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

BERTHIER, F. **Les sourds-muets avant et depuis l'abbé de L'épée**. Paris: Ledoyen, 1840.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. C. Referência nominal em língua de sinais brasileira (libras). **Revista Todas as Letras**, v. 15, n. 1, p. 15-50, jan./jun. 2013. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/5270/4108. Acesso em: 03 jan. 2025.

BONINI, A. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. **Rev. de Letras**, v. 1/2, n. 22, p. 5-13, 2000. Disponível em: http://www.revistadeletras.ufc.br/rl22Art01.pdf. Acesso em: 04 dez. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº

10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 22 nov. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 ago. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12303.htm. Acesso em: 4 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 2 set. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 28 nov. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 4 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023**. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 out. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc. Acesso em: 21 dez. 2024.

BRENTARI, D. **A prosodic model of sign language phonology**. Cambridge: MIT Press, 1998.

BRENTARI, D.; PADDEN, C. Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Forcign Vocabulary in Sign Languages**: A Cross-linguistic Investigation of Word Formation. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p. 87-119.

BRENTARI, D.; COPPOLA, M.; MAZZONI, L.; GOLDIN-MEADOW, S. When does a system become phonological? Handshape production in gesturers, signers, and homesigners. **Natural language & linguistic theory**, v. 30, p. 1-31, 2012. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3665423/. Acesso em: 30 set. 2024.

BROWMAN, C. P.; GOLDSTEIN, L. Articulatory gestures as phonological units. **Phonology**, v. 6, n. 2, p. 201-251, 1989. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/phonology/article/abs/articulatory-gestures-as-phonological-units/17C721E71D13AF350A31665AB30B6410. Acesso em: 12 out. 2024.

CABRAL, S. R. S.; VIAN JUNIOR, O.; FUZER, C.; ROTTAVA, L.; SANTORUM, K. A. T. Lista de termos da linguística sistêmico-funcional em português brasileiro: léxico-gramática. **Organon**, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 483-495, jan./jun. 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/114042. Acesso em: 25 out. 2024.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe**: Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: Edusp, 2001a. v. I

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe**: Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: Edusp, 2001b. v. II.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W, D.; MARTINS, A. C.; TEMOTEO, J. G. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. São Paulo: Edusp, 2017a. v. 1.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W, D.; MARTINS, A. C.; TEMOTEO, J. G**. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. São Paulo: Edusp, 2017b. v. 2.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W, D.; MARTINS, A. C.; TEMOTEO, J. G. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. São Paulo: Edusp, 2017c. v. 3.

CARR, P. **A glossary of phonology**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2008.

CARVALHO, M. M. A relação da Libras com a Linguística Sistêmico Funcional (LSF): análise de imagens de sinais com base em variáveis do contexto de situação. **Belas Infiéis**, v. 9, n. 5, p. 55-73, 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/29368. Acesso em: 22 nov. 2024.

CASTRO JÚNIOR, G.; FAULSTICH, E.; PROMETI, D.; FRANCISCO, G. S. A. M. Gramática da datilologia em Libras. **Peer Review**, v. 5, n. 3, p. 135-150, 2023.Disponível em: https://www.academia.edu/119571864/Gram%C3%A1tica_da_datilologia_em_Libras. Acesso em: 14 nov. 2024.

CHOI, D.; PEREIRA, M. C. C.; VIEIRA, M. I.; GASPAR, P.; NAKASATO, R. (Orgs.). **Libras**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

CINTI, C. D. M.; RODRIGUES-PEREIRA, R. A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 2-26, 2022.

COCCO, C.; FUZER, C. O sistema discursivo de Negociação. *In*: FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (Orgs.). **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria, RS: UFSM; CAL; PPGL, 2023. p. 137-158.

CONDON, W. S.; OGSTON, W. D. Sound Film Analysis of Normal and Pathological Behavior Patterns. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 4, n. 143, p. 338-347,

oct. 1966. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/5958766/. Acesso em: 16 ago. 2024. doi: 10.1097/00005053-196610000-00005.

CONDON, W. S.; OGSTON, W. D. A segmentation of behavior. **Journal of Psychiatric Research**, v. 5, n. 3, p. 221-235, 1967. Disponível em: https://www.humintell.com/wp-content/uploads/2022/03/Condon-and-Ogston-1967.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução CNS nº 466 de 2012**. Disponível em:https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view. Acesso em: 03 dez. 2024.

COPPOLA, M. Gestures, homesign, sign language: Cultural and social factors driving lexical conventionalization. *In*: LE GUEN, O.; SAFAR, J.; COPPOLA, M. (Eds.). **Emerging sign languages of the americas**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2020. p. 349-390.

COPPOLA, M.; NEWPORT, E. L. Grammatical subjects in home sign: Abstract linguistic structure in adult primary gesture systems without linguistic input. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 102, n. 52, p. 19249-19253, 2005. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16357199/. Acesso em: 17 out. 2024.

CORRÊA, A. M. S.; SOUZA, D. B. Representação do método oralista no filme *E o seu nome é Jonas*: Uma análise ideológica do discurso. *In*: RAMOS, J. A.; MARCELINO, J. G. C.; OLIVEIRA, C. M. B.; SILVA, L. J. (Orgs.). **Estudos literários**: margens, feminismos e meio ambiente no texto literário. Paulo Afonso, BA: Centro Universitário do Rio São Francisco, 2023. p. 95-142. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/e_book_vol_1_xiii_flipa.pdf#page=97. Acesso em: 18 maio 2024.

CORREA, R. C. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89581. Acesso em: 17 out. 2024.

COSTA, R. C. R. **Proposta de instrumento para a avaliação fonológica da Língua Brasileira de Sinais**: FONOLIBRAS. 2012. 231f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17216. Acesso em: 13 set. 2024.

COSTA, R. C. R. Fonologia da língua de sinais: discorrendo acerca dos modelos fonológicos. **Letras & Letras**, v. 37, n. 2, p. 324-360, 2021. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/54167. Acesso em: 25 set. 2024.

CRUZ, A. A. A; CARNEIRO, B. G; LUDWIG, C. R. Educação Bilíngue de Surdos: reflexões para a implementação na rede municipal de Ensino de Palmas-TO. **Revista Triângulo**, v. 17, n. 2, p. 68-79, 2024. Disponível em: https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/7669. Acesso em: 23 set. 2024.

CRUZ, C. R. **Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua de Sinais Brasileira**. 2008.

196 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/5615. Acesso em: 29 set. 2024.

CRUZ, O. M. S. S. **A Avaliatividade em pareceres de revista científica de Linguística**: uma perspectiva sistêmico-funcional. 2012. 220f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13609. Acesso em: 16 ago. 2024.

CRUZ, O. M. S. S.; ALVES, C. M. J. A literatura surda e a Libras como mediadoras para o ensino de língua portuguesa a aprendizes surdos. **Linguagens & Cidadania**, v. 18, n. 1, n.p., 2016.

CRYSTAL, D.; CRAIG, E. Contrived sign language. *In*: SCHLESINGER, L. M.; NAMIR, L. (Eds.). **Sign Language of the Deaf**: Psychological, Linguistic, and Sociological Perspectives. New York: Academic Press, 1978. p. 141-168.

CUNHA, A. F.; MENDES, W. V. Os estudos sobre educação de surdos e a perspectiva teórica da linguística sistêmico-funcional: uma revisão de literatura no período de 2012 a 2022. **Educere – Revista da Educação da UNIPAR**, *[S. l.]*, v. 23, n. 1, p. 87-109, 2023. Disponível em: https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/9355. Acesso em: 19 set. 2024.

CUNHA, G. X. A pergunta no gênero entrevista com presidenciável: articulando gramática, texto e contexto. **Entrepalavras**, v. 13, n. 1, p. 97-122, 2023. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2580/967. Acesso em: 19 set. 2024.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DAMASCENO, L. A. **A negociação da identidade em Invisible Man**: uma perspectiva sistêmico-funcional. 2021. 94f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/3318. Acesso em: 16 out. 2024.

DAVIS, L. J. Constructing normalcy: the bell curve, the novel, and the invention of the disabled body in the Nineteenth Century. *In*: DAVIS, L. J. (Ed.). **The disability studies reader**. 2. nd. New York: Routledge, 2006. p. 3-16.

DIAS, O. B.; SCHMIDT, A. P. C. Material didático visual no ensino de inglês como língua adicional para estudantes Surdos. **Linguagens e Cidadania**, v. 20. n. esp., n.p., 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/34536. Acesso em: 20 out. 2023.

DIKKEN, M.; HULST, H. Segmental hierarchitecture. *In*: HULST, H. van der.; SMITH, N. (Eds.). **Features, segmental structures and harmony processes**: part I. Dordrecht: Foris Publications, 1988. p. 1-78.

DINIZ, H. G. **A história da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93667. Acesso em: 20 jan. 2024.

DÖRNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics**. Quantitative, Qualitative, and mixed methodologies. Oxford: OUP, 2007.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, v. 1, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216. Acesso em: 12 jul. 2024.

DURAND, J. (Org.). **Dependency and non-linear phonology**. London: Croom Helm, 1986.

EFRON, D. **Gesture, race and culture**: A tentative study of the spatio-temporal and "linguistic" aspects of the gestural behavior of eastern Jews and southern Italians in New York City, living under similar as well as different environmental conditions. The Hague, Paris: Mouton, 1972.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. 2 ed. London: Continuum, 2004.

EGGINS, S.; SLADE, D. **Analysing casual conversation**. London: Cassell, 1997.

EKMAN, P.; MATSUMOTO, D.; FRIESEN, W. V. Facial Expression in Affective Disorders. *In*: EKMAN, P.; ROSENBERG, E. L. (Eds.). **What the Face Reveals**: Basic and Applied Studies of Spontaneous Expression Using the Facial Action Coding System (FACS). Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 331-342.

EMMOREY, K. Do signers gesture? *In*: MESSING, L.; CAMPBELL, R. (Eds.). **Gesture, speech, and sign**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 133-159.

EWEN, C. J. Dependency relations in phonology. *In*: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 1995. p. 570-585.

FARIA NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/6547. Acesso em: 25 jun. 2024.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1985.

FAUCONNIER, G. Compression and emergent structure. **Language and Linguistics**, v. 6, n. 4, p. 523-538, 2005. Disponível em: https://pages.ucsd.edu/~scoulson/spaces/fauconnier05.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.

FAULSTICH, E. **Como ler, entender e redigir um texto**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. *In*: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**, Recife, p. 663-672, 1989.

FELIPE, T. A. **A coesão textual em narrativas pessoais na LSCB**. 1992. Monografia (Disciplina Análise do Discurso – Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

FELIPE, T. A. Por uma tipologia dos verbos da LSCB. *In*: **Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL**, Goiânia, p. 724-743, 1993.

FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. 1998. 143f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4401. Acesso em: 25 jan. 2024.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante/Cursista. Brasília, DF: MEC; SEESP; FNDE, 2001.

FELIPE, T. A. Sistema de flexão verbal na Libras: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. *In*: **Anais do Congresso Nacional do INES**, Rio de Janeiro, p. 37-58, 2002.

FELIPE, T. A. O processo de formação de palavras na LIBRAS. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas-SP, v. 7, n. 2, p. 199-216, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1676-25922006000000020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 set. 2024.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante/Cursista. 7. ed. Brasília, DF: MEC; SEESP; FNDE, 2007.

FELIPE, T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, p. 67-89, 2013. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/14141. Acesso em: 19 set. 2024.

FELIPE, T. A; GP-Libras-FENEIS. **Dicionário da Libras**. CD-ROM. 2005. Disponível em: http://www.librasemcontexto.org/. Acesso em: 20 jan. 2024.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto**: Curso básico: livro do professor. 6. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: https://jucienebertoldo.files.wordpress.com/2018/03/libras-emcontexto.pdf. Acesso em: 6 set. 2024.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Babel, 2010.

FERREIRA BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. *In*: FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Babel, 1995. p. 211-242.

FERREIRA, M. S.; NOGUEIRA, E. B. A.; MONTEIRO, K. B. F. O ensino remoto: percepções de professores e famílias de crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Imperatriz/MA. *In*: LACERDA, T. E.; JUNIOR, R. G. (Orgs.). **Educação remota em tempos de pandemia**: ensinar, aprender e ressignificar a

educação. Curitiba: Editora Bagai, 2021. p. 51-63. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/601699/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Remota%20em%20Tempos%20de%20Pandemia.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

FISCHER, S. The Head Parameter In ASL. SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research. Lappeenranta, Finland, Jul. 15-19 1987. *In*: EDMONDSON, W. H.; KARISSON, F. **SIGNUM**, Hamburg, v. 10, p.75-85, 1990.

FISCHER, S.; GOUGH, B. Verbs in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 1, n. 18, p. 17-48, 1978. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/i26203252. Acesso em: 26 jul. 23.

FRIEDMAN, L. A. Space, time, and person reference in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 4, p. 940-961, 1975. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/i217151. Acesso em: 17 nov. 2022.

FRIEDMAN, L. A. **Phonology of a soundless language**: phonological structure of the American sign language. 1976. 180f. Dissertation (Doctorate in Philosophy) – University of California, Berkeley, 1976. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/4zw7p9qg. Acesso em: 12. maio 2024.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (Orgs.). **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria: UFSM; CAL; PPGL, 2023.

GEE, J. **An Introduction to Discourse Analysis**. 2. nd. London: Routledge, 2005.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GESSER, A.; COSTA, M. J. D.; VIVIANI, Z. A. **Linguística Aplicada**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguisticaAplicadaAoEnsinoDeLinguas/assets/429/Texto_Base_Ling_Aplic.pdf. Acesso em: 09 fev. 2022.

GHIO, E. **Lingüística sistémico funcional**: aplicaciones a la lengua española. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral; Waldhuter Editores, 2008.

GLEASON, J. Out of the Irony of Words. **Transition**, n. 18, p. 34-38, 1965. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2934838. Acesso em: 16 out. 2024.

GODOI, G. **Os ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020. 385f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Agodoy-2020/Godoy_2020_Os_Kaapor_os_gestos_e_os_sinais.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

GOFFMAN, E. **Relations in public**. 2 ed. Nova Jersey: Transaction Books, 1972.

GOLDIN-MEADOW, S. **The resilience of language**. New York: Psychology Press, 2003.

GONTIJO, T. A. A.; BARROS, S. M.; MARQUES-SANTOS, L. E. **Representações surdas na desconstrução de práticas ouvintistas**: um estudo crítico-discursivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

GONTIJO, T. A. A; BARROS, S. M; PEREIRA, J. C. V. B. Representações discursivas de professores surdos formados em letras libras: uma análise crítica do discurso. **Revista Diálogos**, v. 8, n. 2, p. 263-281, 2020. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/11224. Acesso em: 12 ago. 2024.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: Uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

GREENHILL, S. Evolution and language: phylogenetic analyses. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, 2. nd., v. 8 p. 370-377, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304184029_Evolution_and_Language_Phylogenetic_Analyses. Acesso em: 27 set. 2024.

GUEDES CAPUTO, S. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **Learning how to mean**: explorations in the development of language. New York: Elsevier, 1977.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. On grammar and gramatics. *In*: HASAN, R.; CLORAN, C.; BUTT, D. G. (Eds.). **Functional descriptions**: theory in practice. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 1-38.

HALLIDAY, M. A. K. Introduction: a personal perspective. *In*: Webster, J. (Ed.). **On grammar**: in the Collected Works of M.A.K. Halliday. v.1. London, New York: Continuum, 2002. p.1-14.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 4. nd. Londres/Nova York: Routledge, 2014.

HAN, J. **Feminism is Not a Dirty Word**: Axiology, Ambient Affiliation and Dialogism in Discourses Surrounding Feminism in Microblogging. Monograph (Department of Linguistics) – University of Sidney, Sidney, Austrália. 2015.

HASAN, R. **Linguistics, Language and Verbal Art**. Londres: Deakin University Press, 1985.

HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, R. The conception of context in text. *In*: FRIES, P. H.; GREGORY, M. J. (Eds.). **Discourse in Society**: Systemic Functional Perspectives. Meaning and Choice in Language: Studies for Michael Halliday. Advances in Discourse Processes. v. I. Norwood: Ablex, 1995. p. 183-283.

HASAN, R. Speaking with reference do context. *In*: GHADESSY, M. (Eds.). **Text and context in functional linguistics**: systemic perspectives. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 219-328.

HASAN, R. The place of the context in a systemic functional model. *In*: Halliday, M.A.K., WEBSTER, J. (Eds.). **A companion to systemic functional linguistics**. Londres/Nova York: Continuum, 2009. p. 166-189.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 248.

HULST, H. van der. Atoms of segmental structures: components, gestures and dependency. **Phonology**, v. 6, n. 2, p. 253-284, 1989. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/phonology. Acesso em: 22 abr. 2022.

HULST, H. van der. Units in the analysis of signs. **Phonology**, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 209-241, 1993. Disponível em: https://harry-van-der-hulst.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/1733/2016/05/051-Units-in-the-analysis-of-sign.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

HULST, H. van der. Head-dependency relations in the representation of signs. *In*: BOS, H.; SCHERMER, T. (Eds.). **Sign language research 1994**: Proceedings of the 4th European congress on Sign language research. Münich 1-3 September 1994. Hamburg: Signum Press, 1995. p. 11-38.

INWOOD, O.; ZAPPAVIGNA, M. Ambient affiliation, misinformation and moral panic: Negotiating social bonds in a YouTube internet hoax. **Discourse & Communication**, v. 15, n. 3, p. 281-307, 2021. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1750481321989838. Acesso em: 22 fev. 2022.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. *In*: MARIM, J. R.; VASCONCELOS, C. A. (Orgs.). **História, religião e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. v.1. p. 165-181.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. **On translation**, v. 3, p. 30-39, 1959. Disponível em: https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/jakobson.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. 1994. 154f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

KARNOPP, L. B. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: estudo longitudinal de uma criança surda. 1999. 273f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60505/000862852.pdf?sequence=1&isAllowe Acesso em: 25 out. 2023.

KARNOPP, L. B. Aquisição da Linguagem de Sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL**, v. 3, n. 5, p. 1-12, 2005. Disponível em: https://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_5_entrevista_lodenir_karnopp.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

KEANE, J.; BRENTARI, D.; RIGGLE, J. Coarticulation in ASL fingerspelling. *In*: **Proceedings of the North East Linguistic Society**, n.p., 2012. Disponível em: https://pubs.jonkeane.com/pdfs/Keane2012aa.pdf. Acesso em: 05 jan. 2024.

KEGL, J.; WILBUR, R. Where does structure stop and style begin? Syntax, morphology, and phonology vs. stylistic variations in American Sign Language. **Chicago Linguistic Society**, p. 376-396, 1976. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285278398_Where_does_structure_stop_and_style_begin_Syntax_morphology_and_phonology_vs_Stylistic_variation_in_American_Sign_Language. Acesso em: 07 ago. 2022.

KENDON, A. Some relationships between body motion and speech. **Studies in dyadic communication**, v. 7, n. 177, p. 177-210, 1972. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/251620883_An_Agenda_for_Gesture_Studies. Acesso em: 27 set. 2024.

KENDON, A. Gesticulation and speech: Two aspects of the process of utterance. **The relationship of verbal and nonverbal communication**, v. 25, n. 1980, p. 207-227, 1980. Disponível em: https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110813098.207/pdf?licenseType=restricted. Acesso em: 27 set. 2024.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KNAPP, M. L; HALL, J. A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: JSN, 1999.

KNIGHT, N. K. Wrinkling complexity: Concepts of identity and affiliation in humour. *In*: MARTIN, J. R.; BEDNAREK, M. (Eds.). **New Discourse on Language**: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation. London: Continuum, 2010a. p.35-58.

KNIGHT, N. K. **Laughing our bonds off**: Conversational humour in relation to affiliation. 2010. 434f. Thesis (Doctorate in Philosophy) – Department of Linguistics. University of Sydney, Austrália, 2010b. Disponível em: https://ses.library.usyd.edu.au/handle/2123/6656. Acesso em: 23 jul. 2022.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: The grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2004.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/pt-br.php. Acesso em: 12. nov. 2023.

LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. *In*: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Eds.). **Language, gesture and space**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 19-42.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. **American Sign Language**: The Phonological Base" Sign Language Studies, v. 64, p. 197-277, 1989.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: the phonological base. *In*: VALLI, C.; LUCAS, C. (Eds.). **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Washington, DC: Clerc Books, Gallaudet University Press, 2000. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26204052. Acesso em: 30 mar. 2024.

LILLO-MARTIN, D. Two kinds of null arguments in American Sign Language. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 4, n. 4, p. 415-444, 1986. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4047639. Acesso em: 12 jul. 2024.

LIMA, A. M.; SOUZA, J. M. R.; DIOGO, S. M. R (Orgs.). **Letramentos**: diversidade e resistência. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais** – Libras. Versão 2.0. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: www.ines.org. br. e www.acessobrasil.org.br. Acesso em: 15 fev. 2024.

LOURENÇO, G. *Layering* de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras. *In*: **Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras**, p. 1-20, 2018.

LOURENÇO, G.; SILVA, G. Verbos manuais em Libras: uma análise sob a perspectiva da incorporação. *In*: LIMA, L.; FERREIRA, M.; BRAGA, E.; REIS, J.; AGUIAR, Z. **Anais do IX Congresso Internacional da Abralin**. Belém, p. 1716-1727, 2015.

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MACHADO, R. N.; QUADROS, R. M. Contato linguístico em Libras: um estudo descritivo da influência de outras línguas de sinais na Libras. **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, p. 170-197, 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33484/22622. Acesso em: 14 ago. 2024.

MAKKI, M.; ZAPPAVIGNA, M. Out-grouping and ambient affiliation in Donald Trump's tweets about Iran: Exploring the role of negative evaluation in enacting solidarity. **Pragmatics**, v. 32, n. 1, p. 104-130, 2021. Disponível em: https://www.benjamins.com/online/prag/articles/prag.20048.mak?q=%22Hostility%22&srsltid=AfmBOoocj2-oYKJevP6ZQveJHMXT9cjYeEoyS0EyXenv5TS8D-AsDPhu. Acesso em: 19 set. 2024.

MARCATO, S. A; ROCHA, H. V; LIMA, M. C. M. P. Ambiente Computacional para a Aprendizagem da Língua de Sinais. *In*: **Anais do II Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC99)**, p. 43, 1999.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARENTETTE, P. E. **It's in her hands**: A case study of the emergence of phonology in american sign language. 1995. 281f. Thesis (Doctorate in Philosophy) – McGill University, Montreal, 1995. Disponível em: https://escholarship.mcgill.ca/concern/theses/qr46r2647. Acesso em: 12 set. 2024.

MARQUES-SANTOS, L. E. **Avaliatividade em discursos de surdos no ensino médio**: uma análise Sistêmico-Funcional. 2019. 226f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufcat.edu.br/items/8dcf87f4-3945-4c1f-b2e6-78ae30308a98. Acesso em: 22. out. 2023.

MARQUES-SANTOS, L. E; ALMEIDA, F. A. S. D. P. Da inclusão para o bilinguismo: autojulgamento de surdos no ensino médio sob a perspectiva do sistema de avaliatividade. **The Especialist**, v. 41, n. 1, p. 1-19, 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/43432. Acesso em: 25 out. 2024.

MARQUES-SANTOS, L.; ALMEIDA, F. A. D. P.; GONTIJO, T. A. M. A.; BARROS, S. M. O que os Surdos Avaliam Sobre os Tradutores e Intérpretes de Línguas De Sinais (TILS) no Ensino Médio? Uma Análise Baseada na Atitude. GONTIJO, T. A. A; MARQUES-SANTOS, L.; BARROS, S. M. (Orgs.). **Discussões sobre os estudos de tradução e interpretação e a atuação dos TILS no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 55-76.

MARTIN, J. R. **English text**: system and structure. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: Appraisal system in English. *In*: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). **Evaluation in text**: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 142-175.

MARTIN, J. R. Realization, instantiation and individuation: some thoughts on identity in youth justice conferencing. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, n. 25 esp., p. 549-583, 2009. Disponível em:https://www.researchgate.net/publication/262761725_Realisation_instantiation_and_individuation_Some_thoughts_on_identity_in_youth_justice_conferencing. Acesso em: 25 out. 2024.

MARTIN, J. R. Semantic variation: Modelling realisation, instantiation and individuation in social semiosis. *In*: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. R. (Eds.). **New discourse on language**: Functional perspectives on multimodality, identity, and affiliation. London: Continuum, 2010. p. 1-48.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with Functional Grammar**: London: A Workbook Edward Arnold, 1997.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working whit discourse**: meaning beyond the clause. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Genre relations**: mapping culture. Londres: Equinox Publishing, 2008.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

MARTINS DOS SANTOS, W. **A Tradução português-libras em debates políticos televisionados no Brasil**: intermodalidade e competência interpretativa. 2020. 164f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216525. Acesso em: 22 ago. 2024.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. The environments of translation. *In*: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). **Exploring translation and multilingual text production**: beyond content. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-126.

MATTHIESSEN, C.M. I. M. Descriptive motifs and generalizations. *In*: CAFFAREL-CAYRON, A.; J. R. MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Eds.). **Language Typology**: A functional perspective. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. p. 537-673.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. The multimodal page: A systemic functional exploration. *In*: ROYCE, T. D.; BOWCHER, W. (Eds.). **New directions in the analysis of multimodal discourse**. New York: Routledge, 2007a. p. 1-62.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. The “architecture” of language according to systemic functional theory: developments since the 1970s. *In*: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C.;

WEBSTER, J. J. (Eds.). **Continuing discourse on language**: v. 2. London: Equinox, 2007b. p. 505-561.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **ALFA**: Revista de Linguística, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880. Acesso em: 26 dez. 2024.

McINTIRE, M. The acquisition of American Sign Language hand configurations. **Sign Language Studies**, v.1, n. 16, p. 247-266, 1977. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228377443_The_Acquisition_of_Sign_Language_The_Impact_of_Phonetic_Complexity_on_Phonology Acesso em: 25 out. 2024.

MCNEILL, D. Hand and mind. *In*: SEBEOK, T. A.; UMIKER-SEBEOK, J. **Advances in Visual Semiotics**: v. 18. Berlin: De Gruyter Mouton, 1992. p. 351-374.

MCNEILL, D. **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MEDINA, C. A. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MINISTÉRIO DE EDUCACIÓN DEL PERÚ (Minedu) – DIGEBE. **Lengua de Señas Peruana**: vocabulario basico. Lima, Peru: Finishing S.A.C, 2015.

MIRANDA, D. G. Reflexões sobre livro didático adaptado em Libras: sob a ótica da LSF à noção de multimodalidade. **Organon**, v. 36, n. 71, p. 338-354, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354302490_REFLEXOES_SOBRE_LIVRO_DIDATICO_ADAPTADO_EM_LIBRAS_SOB_A_OTICA_DA_LSF_A_NOCAO_DE_MULTIMODALIDADE. Acesso em: 12 jul. 2024.

MONTEIRO, M. S. Variação linguística em preposição na Libras: o caso dos sinais “sobre” e “contra” nos níveis léxico e fonológico. **Revista Espaço**, p. 179-203, 2019. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1552. Acesso em: Acesso em: 18 out. 2024.

MORAIS, F. B. C.; BRITO, G. A organização da mensagem em descrições produzidas por alunos surdos-aprendizes de língua portuguesa como L2. **E-Escrita**, v. 11, n. 2, p. 176-192, 2020. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/3969/pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

MORAIS, F. B. C.; CRUZ, O. M. S. Unidade didática e plano de atividades: uma prática de resistência pedagógica para o desenvolvimento de sentidos em libras e em língua portuguesa. **Fragmentum**, v. 55, p. 201-223, 2020a. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/43567. Acesso em: 18 out. 2024.

MORAIS, F. B. C.; CRUZ, O. M. S. S. As representações do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) na década de 1930: um estudo sistêmico-funcional. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 14, n. 27, p. 12-29, 2020b. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29146 Acesso em: 26 jun. 2024.

MOREIRA, R. L. **Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira**: pronomes pessoais e verbos indicadores. 2007. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/pt-br.php. Acesso em: 13 ago. 2023.

NASCIMENTO, A. K. P. Traduzindo sons em palavras nas legendas para surdos e ensurdecidos: uma abordagem com linguística de *corpus*. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, n. 02, p. 561-587, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tla/a/63cCgKm8PdmcdnHrXCYLp8j/?lang=pt# . Acesso em: 20. jan. 2024.

NASCIMENTO, J. R. Regionalismo na Libras: diferenças presentes na execução dos sinais?. **Revista Philologus**, v. 27, n. 79 Supl., p. 1306-1319, 2021. Disponível em: https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/124 Acesso em: 27 set. 2024.

NASCIMENTO, L. R. S.; CUNHA, J. P. L.; COSTA, E. S.; PEDROSA, C. E. F. Letramento acadêmico de alunos surdos em Linguística Sistêmico-Funcional por meio do Sutton-SignWriting. **Entretextos**, v. 24, n. 2, p. 171-192, 2024. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/download/50288/50717/277227. Acesso em: 27 dez. 2024.

NEIGRAMES, W. P. **Setembro Azul**: análise do discurso de 9 professores surdos a partir da Linguística Sistêmico-Funcional. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufcat.edu.br/items/e8dd82c5-c37d-4657-a2cf-f3c6a11c5618/full. Acesso em: 10 abr. 2024.

NEIGRAMES, W. P; MARQUES-SANTOS, L. E; ALMEIDA, F. A. S. D. O ensino de Libras e a Linguística Aplicada: uma ponte possível. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, v. 22, n. 1, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/54460. Acesso em: 19 set. 2024.

NEVES, P. E. S. **Narrativas da pessoa surda sobre a história de uma cidade mineira**: análise à luz da linguística sistêmico funcional. 2022. 79f. Dissertação (Mestrado em Estudos analítico-descritivos de língua/linguagem e suas tecnologias) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2022. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/55741. Acesso em: 27 out. 2023.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 52, p. 127-146, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tla/a/jKYpjsqXVZqzkZmdPcrqbKR/?lang=pt Acesso em: 27 set. 2024.

NÓBREGA, V. R. Sigmanulogia: uma transformação da teoria linguística da língua de sinais. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 198-218, 2016. Disponível em:https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2657 Acesso em: 26 dez. 2024.

OAKLEY, T. V. Conceptual Blending, Narrative Discourse, and Rhetoric. **Cognitive Linguistics**, v. 9, n. 4, p. 321-360, 1998. Disponível em: https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/cogl.1998.9.4.321/html. Acesso em: 15 ago. 2024.

OLIVEIRA, C. C; CUNHA, K. M. M. B. Concordância verbal em Língua de Sinais e suas implicações na escrita da segunda língua. **Eutomia**, v. 1, n. 03, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1830/pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

OLIVEIRA, L. F. **Elementos avaliativos em comentários de *blogs* de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliatividade**. 2017. 150f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/570/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_vers%C3%A3o_final_Lucas_Floriano.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

OLIVEIRA, L. F.; ALMEIDA, F. A. D. P. Português de surdos em *posts* no *Facebook*: uma análise sistêmico-funcional do discurso através do gênero midiático. **Muitas Vozes**, v. 6, n. 2, p. 349-362, 2017. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/8981 Acesso em: 25 out. 2024.

PADDEN, C. Some arguments for syntactic patterning in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 32, n. 1, p. 239-259, 1981. Disponível em: https://mitpress.mit.edu/9780262512213/the-syntax-of-american-sign-language/. Acesso em: 27 set. 2024.

PAINTER, C. **Into the mother tongue**: A case study in early language development. London: Frances Pinter, 1984.

PAINTER, C. The 'interpersonal first' principle in child language development. *In*: WILLIAMS, G; LUKIN, A. (Eds.). **The Development of Language**: Functional Perspectives on Species And Individuals. Londres: Continuum, 2004. p. 133-53.

PAINTER, C.; MARTIN, J. R. Intermodal complementarity: Modelling affordances across verbiage and image in children's picture books. *In*: **Studies in Systemic Functional Linguistics and Discourse Analysis** (III). Beijing: Higher Education Press, 2012. p. 132-158. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Intermodal-Complementarity%3A-modelling-affordances-Martin-Painter/b7d6e6b558ff5a200cddef9411990774954a8893. Acesso em: 27 set. 2024.

PAINTER, C.; MARTIN J.R.; UNSWORTH, L. **Reading visual narratives**: Image analyses of children's picture books. London: Equinox, 2013.

PAIVA, F. A. S.; MARTINHO, J. M.; BARBOSA, P. A.; BENETTI, A., SILVA, I. R. Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira: o caso de um avatar. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 12-48, 2016. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1440. Acesso em: 14 ago. 2024.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: um estudo do morfema-boca. 2013. 55f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/13303/1/2013_CarolinaFerreiraPego.pdf. Acesso em: 27 out. 2023.

PEIXOTO, R. C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos CEDES** (Impresso), v. 26, p. 205-229, 2006.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-75.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: O narrar e a política. **Ponto de Vista**, UFSC, Florianópolis, v. 05, p. 217-226, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282 Acesso em: 19 set. 2024.

PERLMUTTER, D. On the segmental representation of transitional and bidirectional movements in ASL phonology. *In*: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Eds.). **Theoretical issues in sign language research**. Vol. 1, Linguistics. Chicago: University of Chicago Press, 1990. p. 67-80.

PERLMUTTER, D. **Prosodic vs. segmental structure**: A moraic theory of American Sign Language syllable structure. San Diego: University of California, 1991.

PERLMUTTER, D. Sonority and syllable structure in American Sign Language. **Linguistic Inquiry**, v. 23, p. 407-442, 1992. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780121932701500169?via%3Dihub. Acesso em: 27 set. 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/B978-0-12-193270-1.50016-9.

PERLMUTTER, D. Why ASL syllable structure is like that of oral language. **Paper presented at the Workshop on Sign Language Morphology and Phonology**. Amsterdam and Leiden, 1993.

PESSÔA, V. C. L.; MORAIS, F. B. C. Escolhas linguísticas suavizando ideias negativas: o ensino de eufemismos em uma UD para aprendizes surdos. **Revista Dimensões Docentes**, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/dimensoesdocentes/article/view/136929/91669. Acesso em: 27 set. 2024.

PETITTO, L. A; MARENTETTE, P. F. Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language. **Science**, v. 251, n. 5000, p. 1493-1496, 1991. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2006424/ Acesso em: 25 out. 2024.

PINTO, C. M. Gênero entrevista: conceito e aplicação no ensino de português para estrangeiros. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. l, p. 183-203, jan./jun. 2007. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/958. Acesso em: 18 out. 2024.

PIZZIO, A. L.; CAMPELLO, A. R. S.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. **Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura

em Letras/Libras na Modalidade à Distância, 2009. 36 p. Apostila. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisIII/assets/263/TEXTO_BASE_-_DEFINITIVO_-_2010.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

POYNTON, C. **Language and gender**: Making the difference. Victoria: Deakin University Press, 1985.

POYNTON, C. **Language and gender**: Making the difference. Oxford: Oxford Univ. Press, 1989.

PRADO, L. C. **Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição**. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. Disponível em: https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/45. Acesso em: 16 jun. 2024.

QUADROS, R. M. A educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva no Brasil. Informativo Técnico-Científico. **Revista Espaço**, INES, Rio de Janeiro, n. 30, p. 12-17, 2008. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1110. Acesso em: 25 out. 2024.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Editora Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M; PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. A. **Corpus de Libras**. 2020. Disponível em: https://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 13 out. 2023.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; RESENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais: Sintaxe. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade à Distância, 2008. 37 p. Apostila. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais: Uso do espaço e sistema de transcrição (ELAN). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/Licenciatura e Bacharelado em Letras: Libras na Modalidade à Distância, Florianópolis-SC, 2009. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/19374.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais VI**. Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais: Sociolinguística, Psicolinguística e

Análise do Discurso. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade à Distância, 2010. 67 p. Apostila. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisVI/assets/619/TEXTO_BASE_-_LIBRAS_VIn.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

RAMOS, C. R. **LIBRAS**: A língua de sinais dos surdos brasileiros. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004. v. 2.

RAMOS, P.; COSTA-FERNANDEZ, E. M. A educação para a diversidade em busca de uma apreensão intercultural da Surdez. **Cadernos de gênero e diversidade**, Salvador, v. 4, n. 3, p. 221-243, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/27557. Acesso em: 14 ago. 2024.

REILLY, J. How Faces Come to Serve Grammar: the development of non-manual morphology in ASL. *In*: SCHICK, B.; MARSCHARK, M.; SPENCER, P. (Eds.). **Advances in the Development of Sign Language by Deaf Children**. New York: Oxford University Press, 2006. p. 262-290.

REILLY, J.; MCINTIRE, M.; BELLUGI, U. FACES: The Relationship between Language and Affect. *In*: VOLTERRA, V.; ERTING, C. (Eds.). **From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children**. Berlim: Springer-Verlag, 1990. p. 88-98.

REZENDE JUNIOR, F. F..; PINTO, P. L. F. Os surdos nos rastros da sua intelectualidade específica. *In*: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.). **Estudos Surdos** II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 190-211. Disponível em: http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudos-Surdos-II.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

ROCHA, S. M. da. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: MEC/INES, 2008.

ROCHA, S. M. **Instituto Nacional de Educação de Surdos**: uma iconografia dos seus 160 anos. Rio de Janeiro: MEC/INES, 2018.

RODDA, M.; GROVE, C. **Language, cognition and deafness**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1987.

ROMANHOL, T. dos A. S. **O discurso do professor acerca da disciplina de libras no ensino superior sob o olhar do sistema de avaliatividade**. 2018. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufcat.edu.br/items/20dddc12-c3b1-4f8a-9793-a8b18c6af186/full. Aceso em: 10 out. 2024.

ROSE, D. Reading genre: A new wave of analysis. **Linguistics and the Human Sciences**, v. 2, n. 2, p. 185-204, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254011813_Reading_Genre_A_New_Wave_of_Analysis. Acesso em: 18 out. 2024.

ROYER, M. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do *Corpus* da Grande Florianópolis**. 2019. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade

Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211385. Aceso em: 10 out. 2024.

RUDGE, L. A. Towards an understanding of contextual features that influence the linguistic formality of British Sign Language users. **Functional Linguistics**, v. 2, n. 11, p. 1-17, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288039790_Towards_an_understanding_of_contextual_features_that_influence_the_linguistic_formality_of_British_Sign_Language_users. Acesso em: 14 ago. 2024.

RUDGE, L. A. **Analysing British Sign Language through the lens of Systemic Functional Linguistics**. 2018. Thesis (Doctorate in Philosophy) – University of the West of England, Bristol, 2018.

RUDGE, L. A. **Exploring British Sign Language Via Systemic Functional Linguistics**: A Metafunctional Approach. New York: Bloomsbury Publishing, 2022.

SÁ, N. R. L. de. Convite a uma revisão da pedagogia para minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18/19, p. 87-92, 2003. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/940. Acesso em: 26 dez. 2024.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANDLER, W. The spreading hand autosegment of american sign language. **Sign Language Studies**, v. 50, n. 4, p.1-28, 1986. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002383098703000402. Acesso em: 19 set. 2024.

SANDLER, W. Assimilation and feature hierarchy ASL. *In*: BOSCH, A.; NEED, B.; SCHILLER, E. (Eds.). **Chicago linguistics society parasession on autosegmental phonology**. Chicago, IL: University of Chicago, 1987. p. 266-278.

SANDLER, W. **Phonological representation of the sign**: linearity and nonlinearity in american sign language. Dordrecht: Foris, 1989.

SANDLER, W. Temporal aspects and ASL Phonology. *In*: FISCHER, S.; SIPLE, P. (Eds.). **Theoretical issues in sign language research**: Vol. 1, Linguistics. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1990. p. 7-35. Disponível em: https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/T/bo3630320.html Acesso em: 14 ago. 2024.

SANDLER, W. Linearization of phonological tiers in ASL. *In*: COULTER, G. (Ed.). **Current Issues in ASL Phonology, Phonetics and Phonology**. New York: Academic Press, 1993. p. 103-129. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780121932701500108?via%3Dihub. Acesso em: 23 set. 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/C2013-0-07301-X.

SANDLER, W. Representing handshapes. *In*: EDMONDSON, W. H.; WILBUR, R. B. **International review of sign linguistics**. England: Psychology Press, 1996. p. 115-158.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANTANA, N. G. **Ensino de Libras e polarização docente**: um estudo sobre os posicionamentos dos professores na perspectiva da análise crítica do discurso, 2024. 246f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/20052. Acesso em: 23 set. 2024.

SANTOS BRITO, G.; CRUZ, O. M. S. S.; RIBEIRO, N. S. Discursos de graduandos surdos sobre o ensino de Português em tempos de pandemia: uma análise sistêmico-funcional. **Revista do GELNE**, v. 24, n. 2, p. 240-255, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29980. Acesso em: 12 jul. 2024.

SANTOS, T. S.; XAVIER, A. N. Modificação dos parâmetros articulatórios na expressão de intensidade em Libras. **XIX Semana de Letras da UFPR**, p. 29-40, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323253782_MODIFICACAO_DOS_PARAMETROS_ARTICULATORIOS_NA_EXPRESSAO_DE_INTENSIDADE_EM_LIBRAS. Acesso em: 12 jul. 2024.

SANTOS, T. S.; XAVIER, A. N. Os efeitos da intensificação no movimento da(s) mão(s) na produção de sinais da Libras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 57-75, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/ZkwFT3Nh3ncD4z8TpzjDK4d/. Acesso em: 12 out. 2024.

SARTIN, F. A. D. P. A.; VIAN JR., O. Interação em *blogs* de professores de inglês: um diálogo entre a teoria da AFILIAÇÃO e o sistema de AVALIATIVIDADE. **Entre Letras**, v. 13, n. 1, p. 229-250, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/13697. Acesso em: 27 set. 2024.

SEKINE, K.; ROSE, M. L.; FOSTER, A. M.; ATTARD, M. C.; LANYON, L. E. Gesture production in aphasic discourse: depth description and preliminary predictions. **Aphasology**, v. 27, n. 9, p. 1031-1049, 2013. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02687038.2013.803017. Acesso em: 12 ago. 2024.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S.; KIDDER, L. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, D. S. **Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros**: O caso da Cena (Jaicós-PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre-CE). 2021. 268f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229358. Acesso em: 13. set. 2023.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111- 22127, 2019. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/4167. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVA, E. C. M. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 34, n. 1, p. 305-330, 2018. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38996. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, J. B; QUADROS, R. M. Aspectos linguísticos das LS. *In*: QUADROS, R. M.; SILVA, J. B; ROYER, M.; SILVA, V. R. (Orgs.). **A Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023. v. 1. p. 29-61.

SILVA, N. R. **O gênero entrevista pingue-pongue**: enunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro. 2007. 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90539. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, S. A. **Conhecendo um pouco da história dos surdos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. 14 p. Apostila. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/52169015/conhecendo-um-pouco-a-historia-dos-surdos. Acesso em: 15 mar. 2022.

SIPLE, P. Visual constraints for sign language communication. **Sign Language Studies**, v. 19, n. 78, p. 95-110, 1978. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ183597. Acesso em: 26 dez. 2024.

SIPLE, P. Attentional Resources and Working Memory: A New Framework for the Study of the Impact of Deafness on Cognition. *In*: EMMOREY, K.; LANE, H. (Eds.). **The signs of language revisited**: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima. New York: Psychology Press, 2000. p. 115-134.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a educação e a psicologia dos surdos. *In*: SKLIAR (Org.). **Educação & Exclusão**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997. v. 1. p. 105-155.

SKLIAR, C. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SKLIAR, C. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SOUZA, A. **Processo de variação linguística**: breves considerações acerca de gírias e expressões idiomáticas interpretadas para Libras. 2021. 24f. Artigo (Especialização em Libras), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Patos-PB, 2021. Disponível em: https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1332. Acesso em: 14 set. 2024.

STOKOE, W. **Sign and Culture**: A Reader for Students of American Sign Language. Silver Spring, MD: Listok Press, 1960.

STOKOE, W; CASTERLINE, Dorothy C.; CRONEBERG, Carl G. **A dictionary of American sign language on linguistic principles**. Washington, DC: Gallaudet Press, 1965.

STROBEL, K. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. *In*: QUADROS, R. M. de.; PERLIN, G. (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 18-37.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, K. **Educação de surdos**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância, 2009. 49 p. Apostila. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 22 mar. 2024.

SUPALLA, T. **Structure and Acquisition of verbs of Motion and location in ASL**. 1982. 135f. Dissertation (Doctorate in Philosophy of Psychology) – University of California, San Diego, 1982. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232492331_Structure_and_acquisition_of_verbs_of_motion_and_location_in_American_Sign_Language. Acesso em: 27 dez. 2023.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. **Rethinking Genre Colloquium**, Otawa, Carleton University, p 687-698, 1992.

TAUB, S. **Language in the body**: Iconicity and Metaphor in American Sign Language. 1997. 370f. Thesis (Doctor of Philosophy in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/8d8508zc. Acesso em: 14 set. 2024.

TEIXEIRA, A. L. R. **Descrição sistêmico-funcional do verbo no português brasileiro orientada para os estudos da tradução**: o sistema de modificação da experiência. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-ANRH7T. Acesso em: 15 set. 2024.

THIBAULT, P. J. **Brain, mind and the signifying body**: An ecosocial semiotic theory. London: Continuum, 2004.

TUXI, P. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 2017. 278f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/23754. Acesso em: 14 out. 2024.

UFSC. **Glossário Libras** [recurso *online*]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: https://glossario.libras.ufsc.br. Acesso em: 12 mar. 2024.

UYECHI, L. Local and global signing space in American Sign Language. **North East Linguistics Society**, Massachusetts, Stanford University, v. 2, n. 24, p. 289-304, 1994.

UYECHI, L. **The symmetry of two-handed signs in American Sign Language**. Ms. (Linguistics) – University of New Mexico, New Mexico, 1995.
VAN LEEUWEN, T. **Speech, Music, Sound**. London: Macmillan, 1999.

VIAN JR, O. **Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais**. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/teses/TeseOrlando.PDF. Acesso em: 17 set. 2024.

VIAN JR, O. O sistema de Avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 25, n.1, p. 99-129, 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28207 Acesso em: 19 set. 2024.

VIAN JR, O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. *In*: VIAN JR, O; SOUZA, O. de; L. M, F.S. P. (Orgs.) **Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p.33-40.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92972. Acesso em: 24 ago. 2024.

VINÃL JUNIOR, J. V.; BENTO, A. K. S. O. Reflexões sobre a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista Sinalizar**, v. 5, n. 1, n.p., 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/60300 Acesso em: 14 ago. 2024.

VIOTTI, E. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Santa Catarina: Curso de Letras: Libras; UFSC, 2008.

WEBSTER, J. **Linguistic studies of text and discourse**. *[S.L.]*: Continuum, 2002.

WHITE, P. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *In*: MCK-OK, M.; M, J. **Negotiating heteroglossia**: social perspectives on evaluation. Text, v. 23, n. 2, p. 259-284, 2003. Disponível em: https://dokumen.pub/genre-and-register-related-discourse-features-in-contrast-1nbsped-9789027266804-9789027242754.html. Acesso em: 15 set. 2024.

WILBUR, R. **American Sign Language**: Liguistic and Appied Dimensins.Boston: Little Brown, 1985.

WILBUR, R.B.; PATSCHKE, C.G. Body leans and marking contrast in ASL. **Journal of Pragmatics**, v. 30, n. 1, p. 275–303, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/2947295/Body_leans_and_the_marking_of_contrast_in_American_Sign_Language. Acesso em: 26 jun. 2024.

WILBUR, R. B. Modality and the structure of language: Sign languages versus signed systems. *In*: MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. (Eds.). **Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education**. New York: Oxford University Press, 2003. p. 332–346.

WITKOSKI, S. A. A interface entre a família e o direito ao ensino bilíngue para sujeitos surdos: rompendo oposições binárias. **ETD-Educação Temática Digital, v.** 19, n. 3, 882-900, 2017. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646222. Acesso em: 17 out. 2024.

WOODWARD, J. C. **Variation in ASL syntax**. Washington, DC: Linguistics Department, Gallaudet College, 1975.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)**. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18122007-135347/pt-br.php. Acesso em: 14 abr. 2024.

ZAPPAVIGNA, M. Ambient affiliation: A linguistic perspective on Twitter. **New Media & Society**, v. 13, n. 5. p. 788-806, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258173684_Ambient_affiliation_A_linguistic_perspective_on_Twitter. Acesso em: 14 mar. 2024.

ZAPPAVIGNA, M. **Discourse of Twitter and Social Media**. *[S.L.]*: Bloomsbury Publihing, 2012.

ZAPPAVIGNA, M. **Enacting identity in microblogging through ambient affiliation**. *[S.L.]*: Discourse & communication, 2014.

ZAPPAVIGNA, M. Searchable talk: the linguistic functions of hashtags in tweets about Shapelle Corby. **Global Media Journal**. v. 9, n. 3, p. 1-18, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272642111_Searchable_talk_the_linguistic_functions_of_hashtags. Acesso em: 26 dez. 2024.

ZAPPAVIGNA, M. **Searchable talk**: Hashtags and social media metadiscourse. Bloomsbury Publishing, 2018.

ZAPPAVIGNA, M.; MARTIN, J. R. Communing affiliation: Social tagging as a resource for aligning around values in social media. **Discourse, context & media**, v. 22, n. 1, p. 4-12, 2018. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211695816301519?via%3Dihub. Acesso em: 26 dez. 2024.

ZAPPAVIGNA M.; DWYER.; P. MARTIN, J. R. Syndromes of meaning: Exploring patterned coupling in a NSW Youth Justice Conference. *In*: MAHBOOB, A.; KNIGHT, K. (Eds.). **Questioning Linguistics**. Newcastle: Cambridge Scholars, 2008. p. 103-117.